Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património

Andreia Catarina Magalhães Arezes

Elementos de Adorno Altimediévicos em Portugal (Séculos V a VIII).



Dissertação de Mestrado em Arqueologia (2º Ciclo)

Orientador: Professor Doutor Mário Jorge Barroca

Porto 2010

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Doutor Mário Jorge Barroca, orientador deste trabalho, que me guiou até ao tema e através dele, brindando-me com o seu saber e acompanhando todo o percurso trilhado com atenção e cuidado insuperáveis.

Agradeço também a todas as instituições públicas que me abriram as portas, facultando o acesso e o estudo de materiais metálicos dos seus acervos.

À Câmara Municipal de Ponte de Lima, na pessoa da Dra. Sandra Rodrigues.

À Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, na pessoa da Dra. Paula Ramalho.

Ao Museu Arqueológico do Carmo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, na pessoa do seu Director, Dr. José Arnaud e da Dra. Célia Pereira.

Ao Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, na pessoa da vereadora do pelouro de Cultura, Ana Clara Justino e da Dra. Susana Pombal.

Ao Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, na pessoa do Professor Doutor Jorge Guimarães da Costa Eiras e da Curadora, Maria José Cunha.

Ao Monográfico de Conimbriga (MMC), em Condeixa-a-Velha, na pessoa do seu Director, Vergílio Hipólito Correia.

Ao Museu Municipal Dr. Santos Rocha (MMSR), na Figueira da Foz, na pessoa da Chefe de Divisão, Dra. Ana Paula Cardoso e da Dra. Sónia Pinto.

Ao Museu Nacional de Arqueologia (MNA), em Lisboa, na pessoa do seu Director, Professor Doutor Luís Raposo e da Dra. Carla Martinho.

Ao Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR), no Porto, na pessoa da sua Directora, Dra. Maria João Vasconcelos e da Dra. Ana Paula Machado.

Ao Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa (MRADS), em Braga, na pessoa da sua Directora, Dra. Isabel Silva.

Ao Museus dos Serviços Geológicos (MSG), INETI, em Lisboa, na pessoa do seu Director, Professor Doutor Miguel Magalhães Ramalho.

Ao Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento (MSMS), em Guimarães, na pessoa do Presidente da Direcção, António Amaro das Neves.

Às empresas privadas de arqueologia, Archeo'Estudos, na pessoa da Dra. Heloísa Santos e Perennia Monumenta, na pessoa do Professor Doutor Francisco Reimão Queiroga, que nos facultaram o acesso a peças recolhidas no âmbito de trabalhos arqueológicos por elas desenvolvidos. A esta última agradeço também todo o apoio logístico proporcionado e a disponibilidade de Manuel Vitorino.

Ao Professor Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, pelas facilidades proporcionadas no acesso a alguns materiais.

À Professora Doutora Susana Oliveira Jorge e ao Dr. António Manuel Silva, a possibilidade de incluir neste trabalho uma peça que integra um artigo ainda no prelo.

A Maya Langley, que nos permitiu a observação dos elementos metálicos de Torre de Palma integrados na Colecção Americana conservada no Museu Nacional de Arqueologia e o estudo da única peça que se enquadrava no nosso âmbito de estudo.

Ao Sr. João Francisco, de Nisa, que nos autorizou o estudo de alguns objectos da sua colecção particular e à Joana Valdez, que nos facultou o contacto e proporcionou úteis informações.

À Sandra Santos e ao Alexandre Gonçalves, cuja ajuda e dedicação se revelaram inestimáveis.

À Eliana Sousa, à Alexandra Vieira e ao Sérgio Gomes, pela disponibilidade, apoio e força que sempre me transmitiram.

A todos os que, directa ou indirectamente, me ajudaram a superar as dificuldades que foram surgindo ao longo da construção deste trabalho.

Ao João, o meu pilar...

Resumo

A presente Dissertação pretende inventariar, sistematizar e estudar o conjunto de adornos metálicos alti-mediévicos conhecidos no território português. A nossa atenção incidiu sobre os elementos metálicos relacionados com o vestuário e o adorno do corpo, cronologicamente balizados entre os séculos V e VIII da nossa Era. Apesar de uma parte significativa dos materiais já se encontrar publicada, em estudos dispersos, faltava um inventário sistemático e uma visão de conjunto.

A maior parte dos referidos materiais encontra-se depositada em Museus ou noutras instituições públicas, procedendo fundamentalmente de necrópoles de inumação, mas também, em alguns casos, de povoados ou *villas* reocupadas. Muitos referem-se a achados isolados ou absolutamente descontextualizados. Através do inventário/catálogo realizado, onde se incluíram todas as ocorrências de que temos conhecimento, pretendemos proporcionar uma sistematização de tipologias, cronologias e características produtivas. Ao longo da Dissertação procuramos analisar a evolução de elementos de adorno, a sua variabilidade, a relação com práticas de vestuário e de inumação, não esquecendo o seu enquadramento nos acontecimentos políticos, sociais e religiosos da sua época.

Palavras-chave: Adornos metálicos; Alta Idade Média; Território Português; Suevos; Visigodos; Bizantinos.

“OLYMPIADE CCLXXXVII

48. […] C’est ainsi que, par les quatre fléaux du fer, de la faim, de la peste et des bêtes féroces, qui sévissaient partout dans le monde entier, s’accomplit ce qu’avait annoncé le Seigneur par ses prophètes”.

Crónica, de Idácio de Chaves
(Tranoy 1974: 116-117)

Índice

Agradecimentos 3

1. Introdução:
Objectivos. Problemas e limitações do trabalho. 9

2. Estudos visigóticos:
Um percurso pela historiografia peninsular. 14

3. Enquadramento histórico:
Contexto político, religioso e social da Hispania no contexto das "invasões".
3.1 - Suevos, alanos e vândalos. 20
3.2 - Visigodos. 31

4. O III Concílio de Toledo e o mundo funerário. 39

5. O vestuário. Problemas e simbologia dos adereços. 44

6. Estações portuguesas geradoras de materiais "germânicos".
6.1 - A norte do Douro. 53
6.2 - Entre o Douro e o Tejo. 61
6.3 - A Sul do Tejo. 72

7. Adornos metálicos. 88

7.1 - Placas de cinturão. 92

7.2 - Fíbulas. 99

7.3 - Fivelas. 105

7.4 - Fuzilhões. 111

7.5 - Anéis. 112

7.6 - Apliques. 117

7.7 - Botões. 118

7.8 - Braceletes. 119

7.9 - Brincos. 120

7.10 - Contas metálicas. 121

7.11 - Diademas. 122

7.12 - Adorno ou cabuchão. 124

8. Considerações finais. 126

Anexo I - Catálogo dos materiais.

Anexo II - Documentação gráfica.

Anexo III - Cartografias.

Anexo IV - Gráfico.

Bibliografia citada.

1. Introdução.

O presente estudo centra-se no período conturbado e turbulento que se sucede ao colapso do Império Romano do Ocidente, estendendo-se até à invasão muçulmana de 711. A base material, por seu turno, refere-se ao conjunto de adornos metálicos, relacionados com o vestuário e o corpo, conhecidos e conotados com a presença germânica em território português.

Neste sentido e em função do balizamento cronológico definido, o estudo abarca elementos que atestam a ocorrência das primeiras incursões, relacionadas com os movimentos migratórios anteriores a 409, objectos coevos das fases de ocupação efectiva dos povos "bárbaros" nos séculos V e VI e ainda os que denotam, na sequência da conversão de Recaredo e da anulação da proibição dos casamentos mistos, aquando do III Concílio de Toledo, a progressiva perda da individualidade germânica e a captação de influências múltiplas, nomeadamente bizantinas, com forte cunho mediterrânico.

De acordo com o que rapidamente nos foi possível comprovar, a indicação de cronologias válidas e o estabelecimento de correlações entre os objectos inventariados e determinados grupos "étnicos", levanta vários problemas e dúvidas. Com efeito, o período sobre o qual nos debruçamos, ainda mergulhado em laivos de obscuridade e complexas interrogações, sobretudo motivadas pela carência de investigações sistemáticas, enforma tempos fervilhantes e de interpenetração de culturas. Neste sentido, um dos objectivos que norteou a realização do presente estudo prendeu-se com a definição dos grupos produtores das peças observadas e com o estabelecimento de uma correlação entre a evolução dos metais de adorno e os acontecimentos históricos, sociais, económicos e políticos que, de modo subjacente, determinaram nítidas alterações tipológicas e estilísticas, traduzidas em realidades materiais renovadas.

O Catálogo que nos propusemos realizar e que constitui a base material do nosso estudo, foi elaborado fundamentalmente através de informações colhidas em fontes bibliográficas, que nos conduziram à realização de visitas a diferentes instituições, nomeadamente a museus. Nem sempre, porém, se revelou possível encontrar todas as peças acerca das quais haviam sido previamente encontradas referências. Porém e em

contrapartida, em alguns casos, a observação de materiais depositados em reservas permitiu-nos reconhecer certos objectos acerca dos quais não possuíamos qualquer indicação e incluí-los no presente trabalho.

Neste sentido, esta incursão no domínio dos elementos de adorno de origem germânica ou já enquadrada nos tempos de aculturação entre visigodos e hispano-romanos, afigura-se necessariamente lacunar. Haverá certamente, em colecções particulares ou noutras instituições, peças inéditas e que aqui não se incluem. Ainda assim, e dada a carência de publicações portuguesas de fundo debruçadas sobre as problemáticas do tema, socorremo-nos recorrentemente de notícias breves sobre sítios, bem mais abundantes, nas quais é referida a exumação de objectos conotados com a presença germânica. Nem sempre, porém, as indicações colhidas são acompanhadas de alguma imagem ou de uma descrição esclarecedora, que nos proporcione uma adequada percepção das peças em causa.

A acrescentar a esta primeira limitação, há que aludir não só ao carácter disperso dos materiais, mas também ao facto de a maior parte destes se encontrar destituído de qualquer informação acerca do seu contexto de procedência. Se, para muitas situações, se encontra definida a origem, fundamentalmente centrada em ambiência funerária, outras há em que a proveniência é absolutamente desconhecida. Tal circunstância restringe, necessariamente, as coordenadas de espaço e tempo em que pretendíamos movimentar-nos e, consequentemente, limita o significado arqueológico passível de ser retirado de objectos detectados *in situ*. Ainda assim, a importância intrínseca de alguns destes testemunhos, nomeadamente ao nível artístico ou estético, aliada às similitudes apresentadas face a outros elementos congéneres, oriundos de contextos bem definidos e datados, permitiu-nos, em alguns casos, ultrapassar parcialmente este problema concreto.

Neste sentido, a aproximação aos materiais estudados foi feita numa dupla perspectiva, estilística e tipológica, base a partir da qual se arrancou para a inferência de cronologias relativas. Se é certo que, para veicular propostas de trabalho, buscámos paralelos no conjunto da bibliografia disponível, circunstância que implicou o natural extravasamento dos limites geográficos da Península Ibérica, o nosso suporte radicou, fundamentalmente, nos materiais achados em necrópoles da actual Espanha e, em particular, nos procedentes da área da Meseta, onde a concentração quantitativa de

necrópoles e consequente volume dos achados contextualizados, se revela realmente digna de nota.

Neste ponto coloca-se uma nova questão. Até que ponto se afirma plausível estabelecer todo um ensaio de classificação e/ou sistematização para o território português com base em peças procedentes de outras realidades geográficas e correlacionadas com substratos tão divergentes?

A nossa opção e fundamentação metodológica prende-se, acima de tudo, com o facto de, apesar de todas as incontornáveis particularidades e especificidades regionais, a Península ter configurado, na sequência da anexação da *Gallaecia* por Leovigildo, um único espaço, um reino teoricamente submetido à égide de um só monarca, de um soberano fixado em Toledo, a partir de 567.

Por outro lado e, nos casos em que os paralelos foram encontrados, por exemplo, em locais situados na Europa central ou de leste, a legitimação que apresentamos radica no facto de os povos que legaram determinadas materialidades em paragens tão longínquas, terem acabado por penetrar em território peninsular, no seu trânsito migratório. Assim e considerando o facto de determinados achados efectuados em sítios exógenos se apresentarem bem estudados e datados, configurando um corpo de dados fiáveis, o esforço de estabelecimento de relações com os mesmos constitui não só uma mais-valia, como um caminho inevitável.

Não se esgotam porém, ainda, as dificuldades com que nos fomos deparando. De facto e prosseguindo neste domínio, refira-se todo o manancial de interrogações e problemáticas subjacentes a qualquer estudo que penetre no campo da arqueologia funerária.

Fundada num processo analítico que se debruça sobre cada sepultura e sobre o corpo de objectos que compõem o conjunto fúnebre, utiliza essa base material para daí extrair todas as implicações possíveis e que estendem ao âmbito da indumentária, às questões económicas, culturais, sociais e, claro, religiosas, entre outras. No entanto, a arqueologia funerária da Península Ibérica não prima, genericamente, pela evidência de conjuntos selados e bem definidos para o período cronológico que nos ocupa.

Neste sentido, este mundo, ainda pouco explorado, reveste-se de múltiplas dúvidas e incertezas, que os dados colhidos nas fontes escritas e nos testemunhos

arqueológicos não conseguiram ainda suprir. Algumas das incógnitas, com efeito, só poderão ser colmatadas no âmbito da realização de estudos de campo e investigações sistemáticas e direccionadas que, tendo formulado questões essenciais *a priori*, consigam deslindar no registo arqueológico e na evidência material as respostas adequadas.

De facto e mesmo em algumas das situações em que as necrópoles inscritas no intervalo cronológico que nos interessa foram sujeitas a processos de escavação, muitos foram desenvolvidos há várias décadas. Sem pretender com esta afirmação colocar em causa a qualidade desses trabalhos, é certo que as intervenções então realizadas implicaram o recurso a métodos muito diferentes dos actuais, orientados para determinados propósitos e vocacionados para responder a interrogações que, presumivelmente, não seriam hoje tidas como as mais pertinentes. Em contrapartida, o registo decorrente de algumas escavações pode testemunhar a inexistência ou obliteração de informações que poderiam ter sido capitalizadas e assumir um papel relevante nos intentos de compreensão do cosmos em análise.

De qualquer modo e atendendo à realidade concreta em que nos movimentamos, há uma evidência que se revelou de modo claro e que se afigura pertinente ressalvar. De facto, é manifesta a desproporção verificada entre a quantidade de achados que tivemos em mãos, mesmo que isolados e os conhecimentos relativos à existência de um *habitat* concreto relacionado ou de uma necrópole. Onde, pois, viveram os indivíduos que se ataviaram com os adornos que estudados? Onde foram sepultados?

Poderão os referidos achados isolados traduzir a presença de uma comunidade nas imediações e num período específico ou apontar no sentido de uma reutilização? Mais: a presença de um objecto conotado com um determinado grupo étnico implica necessariamente que um indivíduo a ele pertencente o tenha transportado e utilizado? Não poderá ter ocasionalmente ocorrido uma transição da pertença desses elementos de adorno entre membros de grupos distintos, motivada pelos contactos e assimilações tão frequentes?

Em suma, podemos desde já afirmar que o corpo material que nos ocupou se reporta, indubitavelmente, a um conjunto particularmente heterogéneo. O olhar sobre ele votado implicou, desde logo, uma tentativa de associação dos objectos em grupos

coerentes, em função do tipo de elemento em causa e, naturalmente, da atribuição de uma periodização cronológica válida.

Refira-se ainda, que nem todas as peças observadas foram incluídas no Catálogo em anexo nomeadamente. Alguns brincos anelares ou argolas, pulseiras/braceletes e certos anéis, pelo facto de suscitarem uma classificação duvidosa, foram excluídos por precaução. Com efeito, no caso de objectos descontextualizados, se as especificidades que apresentam não se assumirem como absolutamente características ou se, em paralelo, existirem tipologias similares que perduram longamente no tempo, a atribuição inequívoca de uma cronologia centrada no período de dominação germânica pode revelar-se problemática e pouco crível.

Ora, da compreensão da natureza complexa do contexto temporal em que mergulhamos e da percepção do facto de nele se cruzarem influências múltiplas, emergiu a noção de um quadro imbricado e pouco linear, que motivou a formulação de interrogações várias. Muitas, é certo, quedaram sem resposta. Outras, julgamos, viram aclarar-se algumas das questões que as rodeavam. De qualquer modo, este trabalho não enforma um fim propriamente dito. É apenas um caminho, entre muitos possíveis e destituído de conclusões imutáveis, encontrando-se por isso aberto à refutação e a novas contribuições que urge descortinar.

2. Estudos Visigóticos: um percurso pela historiografia peninsular.

O interesse pelo estudo dos materiais proporcionados pelo mundo funerário peninsular de época visigoda e pelas problemáticas associadas, arranca nos alvores do século XX, traduzindo-se na realização de numerosas escavações e, concomitantemente, na publicação de algumas obras essenciais, que lançaram os fundamentos historiográficos e arqueológicos que prevaleceram e orientaram a investigação neste campo ao longo de vários anos.

Neste domínio, há que começar por fazer referência a A. Götze, investigador a quem se deve a elaboração de um primeiro ensaio de sistematização dos broches de cinturão, intitulado *Gotische Schnallen*. Apesar de simples, o seu estudo, editado em 1907, possui a virtude de incluir, de modo organizado, todo o material conhecido até à data. Mais tarde, já na década de 20, Nils Åberg reúne vasta documentação acerca dos objectos de adorno pessoal, estabelecendo relações entre os achados danubianos e outras latitudes europeias e fornecendo, em paralelo, algumas hipóteses de enquadramento cronológico. O interesse do seu livro, *Die Franken und Völkerwanderungszeit,* radica, por um lado, no facto de incidir sobre os broches de cinturão característicos das populações visigodas e que haviam sido exumados na Meseta e, por outro, na transmissão de algumas indicações válidas e plenas de interesse acerca de objectos disseminados já no século VI e ao longo do VII (Ripoll López 1998: 33-34).

Mas a primeira incursão basilar no domínio da sistematização dos materiais arqueológicos hispânicos de época visigoda funda-se na obra do investigador alemão Hans Zeiss, intitulada *Die Grabfunde aus dem spanische Westgotenreich,* trazida à luz em 1934. Na origem da publicação deste catálogo, com vocação sistematizadora e contemporânea de uma nova fase de poder na Alemanha, encontram-se motivações ideológicas. Da ambiência nacional-socialista e da vigência do conceito de raça terá decorrido o despertar de um renovado interesse pela época visigoda e, em articulação com este fenómeno, a realização de múltiplos artigos e estudos sobre o tema. De facto, as teses pangermanistas parecem ter assumido, em todo o continente europeu, o papel de motor de muitas das investigações levadas a cabo, que, não obstante, encerram nos

esforços de classificação dos materiais, inegável validade (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006b: 723).

Ora, a obra de H. Zeiss configura um excelente e minucioso catálogo, onde figura todo o material conhecido até à data da publicação. Na síntese que nele se inclui, o autor veicula uma proposta de classificação tipológica e cronológica dos objectos, que ainda hoje mantém um valor inquestionável. Porém, revela-se actualmente lacunar, atendendo ao incremento do número de sítios identificados e dos achados exumados nas últimas décadas. Ainda assim e independentemente desta questão, a obra de Zeiss assume-se como um momento de charneira na investigação da arqueologia funerária hispânica dos séculos VI e VII.

Também o trabalho de J. Martínez Santa-Olalla, "Notas para un ensayo de sistematización de la arqueología visigoda en España", publicado no *Archivo Español de Arte y Arqueología* em 1934, constitui outra referência obrigatória neste breve percurso pelos estudos visigóticos, pelos esforços de sistematização desenvolvidos no referido âmbito. No entanto, centrado nas fíbulas de arco e nos broches de cinturão (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006 b: 723), não enforma grandes novidades, configurando antes uma espécie de "fusão" entre as contribuições de Götze e as de Hans Zeiss (Ripoll López 1998: 34-35).

Sensivelmente no mesmo período, o *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología de Valladolid* edita uma sequência de trabalhos intitulados "Papeletas sobre orfebrería bárbara", nos quais um outro autor, J. Supiot, analisa os materiais de época visigoda com base em critérios artísticos. Muito embora não discuta a natureza das peças analisadas, levanta algumas dúvidas relativamente às datações veiculadas por H. Zeiss para determinados broches de cinturão, as quais se fundam, sobretudo, no facto de os mais simples serem necessariamente tidos como mais antigos. Neste sentido, a pertinência da intervenção de J. Supiot reside precisamente no facto de questionar a validade de interpretações fundadas exclusivamente na análise estilística, salientando a necessidade de procurar fundamentá-las através da consideração de outros critérios mais fiáveis (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006b: 723-724).

Figura notável neste trajecto percorrido em traços muito gerais pela historiografia da investigação na geografia peninsular, é, indubitavelmente, Pedro de Palol Salellas,

responsável pela criação de uma nova "escola" a partir da década de cinquenta do século XX (Ripoll López 1998: 38). A ele se deve a explicação do fenómeno da continuidade vivida entre a antiguidade tardia e o mundo medieval, bem como a associação de conteúdo e consistência a conceitos como "visigodo" e "hispano-visigodo", este último definido e fundamentado numa célebre e incontornável conferência proferida por este investigador na *Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo,* em Spoleto (Palol Salellas 1956: 65-126). Foi também Palol Salellas quem reforçou a importância efectiva do enraizado substrato romano, contrapondo-o a um germanismo bem menos vincado, sem, porém, pretender negar a *barbaritas*. Os novos dados que proporcionou, demonstraram a necessidade de rever algumas das teorias em voga. Por seu turno, as suas próprias propostas de trabalho, fundamentalmente elaboradas a partir dos anos sessenta, encontraram eco em determinados sectores da investigação, acabando por se consolidar, em razão do número crescente de achados e do aprofundar dos contextos históricos (Ripoll López 1998: 39).

É também nessa mesma década que, em Portugal, país onde não se reconhece propriamente uma tradição de estudo dedicada a este período, D. Fernando de Almeida compõe uma obra ampla, "Arte Visigótica em Portugal" (1962: 5-278), a qual, publicada n' *O Archeólogo Português*, representa ainda um documento de referência para os investigadores das materialidades associadas à presença visigótica neste território. Com efeito, no seu trabalho de inventário procura reunir o conjunto dos achados arqueológicos recolhidos até ao momento da publicação, propósito para o qual se serviu das edições portuguesas mais completas ou relevantes que haviam já sido trazidas à luz, resultado de alguma investigação, das intervenções de campo dos arqueólogos seus predecessores ou, simplesmente, de descobertas fortuitas. Entre vários desses trabalhos, caberá, obrigatoriamente, citar a História de Portugal, editada em Barcelos a 1928, pois nela foi incluído, pela primeira vez neste tipo de obra, um capítulo integralmente dedicado à arte visigótica, produzido por Vergílio Correia. Se grande parte dele se direcciona para a análise das grandes linhas da arquitectura, para a caracterização dos monumentos mais paradigmáticos e elementos avulsos conhecidos, nos quais o autor reconheceu a herança das formas hispano-romanas, coadjuvada do gosto bárbaro, numa união de que resultaram fórmulas "degeneradas", mas ainda assim prenhes de fausto e esplendor,

debruça-se ainda sobre o núcleo de Mértola, onde a atenção maior recai no significativo conjunto de epígrafes funerárias, inicialmente dado a conhecer por Estácio da Veiga. Intuindo uma correlação ou analogia entre alguns motivos decorativos plasmados nos elementos arquitectónicos e os revelados por todo um conjunto de artefactos e, em particular, pelo desenho das incrustações de determinadas peças metálicas, V. Correia desemboca, enfim, no mundo da designada "nómada sumptuária" e da joalharia visigótica. Destrinçada a inspiração veiculada nos adornos, buscada na Pérsia Sassânida, na Cítia e no Cáucaso e enumerados os achados peninsulares mais paradigmáticos, efectuados sobretudo em torno de Toledo, termina com breve referência aos elementos até então conhecidos no território português, os quais haviam fundamentalmente decorrido dos trabalhos de Paula e Oliveira em Cascais.

Na sequência deste avanço que se pretendeu constituir como uma visão de síntese da arte visigótica, seguiram-se outros contributos, em regra motivados pela descoberta, mesmo que, fortuita e isolada, de novas peças, nomeadamente, de placas de cinturão ou fivelas. Neste âmbito se inclui a notícia relativa ao santuário de São Caetano, em Chaves (Cardozo 1942: 237-256), um artigo centrado na placa das Grutas do Poço Velho, em Cascais (Figueiredo; Paço 1947) e um outro, referente à peça de Fontalva, Elvas (Paço; Ferreira 1951: 416-425). A estes somaram-se os trabalhos que incidiram sobre o conjunto de Alcaria, em Caldas de Monchique (Viana *et. alli* 1949: 1-7), sobre a espada e as fivelas áureas do designado "tesouro" de Beja (Viana 1953: 181-191) e ainda sobre a necrópole de Beiral do Lima (Viana 1961: 1-11; est.I-V). Por seu turno, Fernando Russell Cortez, interessado no período e imbuído de motivações ideológicas, publicou os objectos de liturgia visigótica recolhidos em Portugal (1950: 52-92).

Valendo-se dos estudos citados, entre todo o manancial de obras já produzido e do próprio trabalho de D. Fernando de Almeida naqueles domínios, o âmbito da *Arte Visigótica* revela-se, neste sentido, particularmente lato, congregando vários "grupos" de objectos, caso de elementos arquitectónicos avulsos, mosaicos, cerâmicas e peças de "ourivesaria e glíptica" (Almeida 1962: 89), designação que o autor utiliza para penetrar nos domínios dos metais de adorno pessoal. Ora, para além da importância intrínseca do inventário, com imagens associadas, o interesse da obra para as questões que nos ocupam, radica na percepção da complexidade de influências que se cruzam nos objectos,

na tentativa de definir paralelos e de estabelecer periodizações válidas. Para tal, D. Fernando inspirou-se em investigadores como Nils Åberg ou Hans Zeiss, fazendo eco, em paralelo, dos autores que, do outro lado da fronteira, vinham já efectuando trabalhos relevantes neste campo, caso de J. Martínez Santa-Olalla, J. Supiot ou Pedro de Palol Salellas.

Avançando no percurso em torno da evolução da historiografia a nível peninsular, detenhamo-nos agora nos anos setenta, altura em que, primeiro, W. Hübener, no estudo "Zur Chronologie der Westgotenzeitlichen Grabfund in Spanien", publicado em 1972 na revista *Madrider Mitteilungen* e, posteriormente, G.G. König, no artigo "Die Westgoten", editado na obra *Kunst der Völkerwanderungszeit*, se dedicaram às problemáticas do mundo funerário da *Hispania*, votando um olhar diferente e renovado a uma série de questões relacionadas com as necrópoles visigóticas. Com os artigos que produziram, escassos, mas pertinentes, se fecha um ciclo e encerra uma linha de investigação alemã, que começava a implantar-se e a ganhar tradição neste campo do conhecimento (Ripoll López 1998: 39-40).

Mais tarde, em plena década de 80 do século XX, renasce o interesse pelo tema, traduzido na realização de novas propostas de classificação e sistematização dos objectos de época visigoda e na elaboração de estudos que interrogam algumas das dificuldades associadas a essa realidade material. Assim se pôde enfim penetrar em domínios ainda pouco explorados em latitudes peninsulares (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006 b: 723-724).

Nos últimos anos, sobretudo em razão da identificação de peças dispersas e de pequenas necrópoles, a atenção concedida ao mundo funerário da Antiguidade tardia e, em particular, da época visigoda, ganhou novo fôlego, perceptível até na quantidade de bibliografia que vem sendo publicada (Ripoll López 1998: 40), malgrado, essencialmente no actual território espanhol. O labor de alguns investigadores que se vêm debruçando sobre este campo tem motivado, aliás, o avanço de renovadas propostas de periodização. Uma das que se revela particularmente válida, por representar uma espécie de "súmula" crítica de toda uma série de trabalhos prévios, acrescida de importantes contributos ao nível da leitura e interpretação da informação inscrita nos materiais, refere-se à veiculada por G. Ripoll López. Com efeito, a investigadora elaborou um quadro de cronologias

relativas, fundado em estudos e materiais metálicos, respectivamente produzidos e exumados a partir de escavações antigas dos cemitérios peninsulares de tradição visigoda e, em particular, dos que se localizam na Meseta castelhana, caso de Castiltierra, Madrona e Duratón (Segóvia), Carpio de Tajo (Toledo) ou Herrera de Pisuerga (Palência), entre outros. Para concretizar o seu propósito procedeu, num primeiro momento, à selecção de "tipos" de placas de cinturão e de fíbulas recolhidos em estruturas de inumação detectadas nestas e noutras necrópoles, desde que tidas como achados selados. Daí partiu para a composição de uma tabela "...correlativo-complementaria", posteriormente convertida num quadro tipo-cronológico, no qual os objectos foram organizados em níveis, designação adoptada para traduzir, na esteira da óptica alemã, um "nível arqueológico", que não deverá ser necessariamente identificado com uma época, uma fase/etapa ou com um grupo (Ripoll López 1998: 44).

A tabela resultante do processo descrito representa, portanto, o estádio final das associações criadas entre fíbulas e placas de cinturão, sendo que, para os derradeiros níveis estabelecidos (IV e V), já influenciados pela ambiência mediterrânica, se centra fundamentalmente nestes últimos objectos, os elementos de cinturão, até porque se começava indelevelmente a afirmar a redução do número de fíbulas.

Registe-se, por último, que o quadro elaborado traduz uma análise comparativa fundada em todo um conjunto de estudos efectuados para outras regiões e contextos, nomeadamente para os cemitérios francos da região de Tréveris (Böhner 1958; 178: 7-12), para os sepulcros merovíngios (Périn 1980) ou para as peças hispânicas (Hübener 1991: 133-139) (Ripoll López 1998: 45). Neste sentido, esta proposta ganha contornos de síntese, pelo que assumimos a possibilidade de adequar alguns dos seus resultados à realidade enformada pelo território português e aos materiais que nele vêm sendo recolhidos.

3. Enquadramento histórico.

3.1 - Suevos, vândalos e alanos.

O conceito de "Bárbaro" foi recorrentemente associado a algo distante e estranho ou simplesmente oposto à tradição cultural greco-latina, aplicando-se, no domínio político, a todos os reinos ou povos que não foram submetidos à égide de Roma. Já no plano religioso e sobretudo a partir do século IV, a acepção da palavra foi levada às últimas consequências. De facto e desde o período de governo de Constantino, o Cristianismo, convertido então em religião oficial, passou a cultivar e reforçar uma ideia de superioridade romana face aos bárbaros. Assim, a própria grandeza e papel hegemónico de Roma, que começava a afirmar-se como um desígnio divino, surgia a par da propagação da fé, numa relação dialéctica em que a conversão dos dominados ao Cristianismo implicava a aceitação da autoridade de Roma. A barbárie assumia-se, neste sentido, como posição incompatível, não só com a Igreja, mas também com o Império. Aliás, é na esteira desta concepção que Prudêncio, autor que celebrou a vitória romana sobre Alarico e o subsequente massacre gótico, estabeleceu as mais duras alegações a respeito dos "estrangeiros". Na sua *Contra Symmachum,* não hesitou em estabelecer um paralelo claro entre o abismo que separa o romano do bárbaro daquele que existe entre o homem racional e o animal, entre o cristão e o pagão (Beltrán Torreira 1986: 53-54).

Ora, são grupos de "Bárbaros", vândalos, suevos e alanos, que no século V, marcam a Península Ibérica com a sua chegada e, no território coincidente com as províncias da *Lusitania* e *Gallaecia,* com a sua fixação prolongada. De facto, até ao Outono de 409 e, exceptuando o período compreendido entre os anos de 270 e 275, os habitantes destas zonas da antiga *Hispania*, haviam beneficiado da situação geográfica particular da península, propiciadora de um certo afastamento e isolamento, que os resguardou das investidas franco-alamanas, devastadoras na Itália do Norte, na Renânia, na Gália ou na Tarraconense.

Destes três grupos que atravessaram a parte ocidental dos Pirinéus, dois possuíam origem germânica: os vândalos, divididos em asdingos e silingos e os suevos, do ramo Quado da confederação; os alanos, por seu turno, tinham ascendência iraniana (Leguay

1993: 13). No entanto, convém igualmente salientar, que no processo de invasão participaram também fracções de outros povos, entre os quais se contavam grupos que haviam integrado a antiga federação gótica, caso dos gépidas e hérulos, a par dos *foederati* rebeldes da Panónia (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 183).

Unia-os o facto de terem integrado um vasto movimento migratório, que vinha impelindo para oeste os povos das florestas e das estepes (Leguay 1993: 13) e que teve duas consequências capitais, ao nível histórico e político: a queda do Império Romano do Ocidente e a emergência dos novos reinos bárbaros. Mas as migrações assumiram também um papel de primeira ordem nas mutações infligidas à sociedade, responsáveis pela transição do mundo antigo para o medieval (Orlandis 1981: 75). Aliás, para a Europa "civilizada", o fenómeno implicou uma pausa ao nível do desenvolvimento, pautando-se por um rol de profundas destruições sociais e económicas (Randsborg 1992: 24).

No entanto, já desde o século II o Império vinha sofrendo investidas, caso das invasões perpetradas por Címbrios e Teutões ou, em diversos momentos, mas já no século III, por hordas de Francos e Alamanos, que tirando partido do contexto de crise económica, social e política vivida, aproveitaram para o atacar, pilhar, arrasar campos e incendiar cidades sem defesa. Com efeito, foram dois os momentos fulcrais em que grupos de Francos e Alamanos investiram contra a *Hispania*. O primeiro deles ocorreu no tempo do imperador Galiano (253-268), mas não implicou a afectação directa do território actualmente compreendido por Portugal, antes ferindo com violência as zonas noroeste e ocidente da Espanha, devastando-as e cunhando-as com um clima de terrível insegurança. O segundo momento sobreveio possivelmente entre 270 e 275, traduzindo-se na penetração, através das gargantas pirenaicas, dos bandos de franco-alamanos na Meseta e terras da *Lusitania*, de tal decorrendo incêndios nos centros rurais e a irrupção de ondas de pânico entre as populações autóctones, que redundou na ocultação dos bens e tesouros monetários. Os finais do século III, porém, pautaram-se pelo afastamento do perigo e pelo regresso a um clima de paz, proporcionado pelas actuações vigorosas dos imperadores Aureliano (270-275), Diocleciano (284-305) e Constantino (306-337). Nesta fase de reconstrução, as províncias embarcaram num ciclo de ruralização e apostou-se na criação da figura do grande domínio. Ao nível das cidades e dos *vici,* caso

de *Bracara Augusta*, *Aquae Flaviae*, *Conimbriga*, *Ossonoba*, *Olisipo* ou *Myrtillis*, a protecção foi procurada nos velhos povoados castrejos ou na edificação de novas muralhas.

No entanto e até 409, afigurava-se limitado o conhecimento que os habitantes das províncias ocidentais possuíam acerca dos Germanos, o qual provinha, fundamentalmente, dos relatos dos combates que se travavam ainda no *limes* ou nas descrições transmitidas por "...mercadores, legionários desmobilizados, [...] escravos comprados ou pilhados nas margens do Reno e do Danúbio" (Leguay 1993: 14-16).

A ameaça, que não havia sido completamente anulada, acabou entretanto por ressurgir no derradeiro quartel do século IV, intensificando-se nos alvores da centúria subsequente e culminando, a 31 de Dezembro de 406, na eclosão da grande vaga migratória transrenana de alanos, vândalos e suevos, preâmbulo de intensas transformações e convulsões, primeiro na Gália, mais tarde na *Hispania.*

Foi das estepes da Ásia Central e das florestas e planícies da Europa Oriental que irromperam as chamadas "invasões bárbaras". De facto, hunos e eslavos, povos nómadas ou semi-nómadas, ao exercer forte pressão sobre os seus vizinhos, determinaram "...deslocações em cascata à escala europeia". Na raiz deste fenómeno poderão encontrar-se distintas causas: um excedente demográfico na Escandinávia e na Germânia, ainda que não muito acentuado, alterações climáticas e retrocesso das terras aráveis, com implicações ao nível dos recursos de subsistência, movimentos marítimos e problemas de assoreamento ou fomes constantes. Eventualmente, à conjuntura desfavorável poderiam acrescentar-se os aperfeiçoamentos no armamento ou a busca de riquezas ocidentais, de terras quentes e mais férteis (Leguay 1993: 16).

De qualquer modo e não obstante os contributos que vêm sendo proporcionados por novas leituras dos testemunhos da Antiguidade Tardia e pela própria arqueologia, quedam ainda por explicar muitos pormenores relacionados não só com as origens das hordas invasoras que chegaram à *Hispania*, mas também com as motivações que impulsionaram o fenómeno.

Ora, na Península, num contexto de evidente fragilidade defensiva, ao qual não foi alheio o abandono das passagens pirenaicas por parte do exército de "honoríacos" do anti-imperador Constantino III (Orlandis 2006: 20) irromperam, portanto, vândalos,

suevos e alanos. Quem eram e de onde procediam estes grupos? Os vândalos, oriundos das zonas inscritas no limite setentrional da Jutlândia, nas Terras Altas escandinavas, tiveram a designação à qual eram associados, ser, não raro, empregue pelos autores da Antiguidade, caso de Plínio o Velho ou de Tácito, numa abordagem genérica que pretendia designar um colectivo, uma confederação de Germanos oriundos de Leste e que abarcaria Burgúndios e Godos. Aliás, o sentido pejorativo e de "selvajaria inerente", segundo Tácito, colou-se a este povo inculto de "saqueadores" e foi sendo utilizado em diferentes períodos históricos. Da sua civilização primitiva, que precedeu a deslocação para a costa alemã do Báltico, conhecem-se alguns dados onomásticos e toponímicos, a par de testemunhos arqueológicos, fundamentalmente recolhidos em contextos sepulcrais. Relativamente à procedência dos suevos, configura-se uma situação ainda mais obscura, produto de parcas e contraditórias informações. Com efeito, a nebulosa Suévia ou *Suebia*, tem sido implantada pelos investigadores nas imediações da costa oriental do Mar Báltico, tido como o *mare suebicum* referido por Tácito na *Germania*, muito embora tal possibilidade careça ainda de clara fundamentação. Em tempos anteriores à nossa era, terão percorrido as orlas arborizadas e pantanosas do Elba médio e afluentes e, até à vaga das grandes migrações, continuado em trânsito incessante e confrontos permanentes. Com lutas como pano de fundo ou através da celebração de alianças, subjugaram ou assimilaram os vencidos, confrangendo-os à sua tutela. A penetração dos suevos na cena histórica, ocorrida pela primeira vez no ano 58 a.C., cunhou no Ocidente a consciência da idiossincrasia deste povo supostamente bruto e impiedoso, que Caius Julius Caesar considerou, na sua *Guerres des Gaules,* como o maior e mais belicoso da Germânia (Leguay 1993: 16-18). Dele e da designada *cultura sueva* têm entretanto sido trazidos à luz, resultado de trabalhos arqueológicos, alguns testemunhos materiais, muito embora nem sempre se revele claro como estabelecer uma separação inequívoca entre o que é suévico, burgúndio ou vândalo. Os bandos de alanos, menos representativos em termos numéricos, possuíam ascendência iraniana. Emigraram, porém, ainda antes dos inícios da era, para o Norte do Cáucaso ou Rússia Meridional, sendo frequentemente conotados com Sármatas e Roxolanos (Leguay 1993: 18-19). Amiano Marcelino, historiador latino que viveu sensivelmente entre o ano 330 e 400, refere-se-lhes sem hostilidade, elogiando a aparência física deste povo e as aptidões militares que o caracterizam, extensíveis

também às mulheres. Refere ainda que se movimentavam sempre em busca de pastos, sem cultivar a terra e que, por outro lado, não possuíam escravos. Muito embora tenham ocupado grandes extensões de terreno na Europa e na Ásia, não chegaram nunca a criar um verdadeiro império, sendo escassos os testemunhos arqueológicos que se encontram directamente associados à sua presença, à semelhança do que sucede com outros povos nómadas. É então cerca de 405/406, quando Honório se encontrava no poder, que grande parte das tribos alanas se vê envolvida num vasto plano de emigração. Unidas a uma extensa amálgama de grupos germânicos, cruzam o Reno gelado. Parte das tribos alanas fixa-se posteriormente no norte das Gálias, sob a égide de um régulo chamado Goar, na sequência da efectuação de um acordo com os romanos. Porém, os restantes contingentes, anti-romanos, prosseguem com os suevos na direcção da Península Ibérica, para tal atravessando os Pirinéus (Alberro 2004: 312-315).

A penetração efectiva dos "bárbaros" na Península terá ocorrido no dia 29 de Setembro ou no 13 de Outubro de 409, em acordo com a *Crónica* de Idácio (Tranoy 1981: 436), documento escrito que configura a fonte mais directa e incontornável para o estudo e compreensão deste fenómeno, não obstante encerrar algumas lacunas (Leguay 1993: 21). É certo que se caracteriza por um certo pendor localista e necessariamente afastado daquele que terá sido o desígnio inicial do autor: a elaboração de uma obra direccionada para um ideal de universalidade, o mesmo que animou os escritos de Eusébio de Cesareia ou de S. Jerónimo. No entanto, essa dimensão à partida limitadora, acabou por contribuir para lhe conferir o carácter basilar de que actualmente se reveste (Candelas Colodrón 2002: 287-288).

Ora, Idácio, autor ainda pouco conhecido, seria natural de um povoado da *civitas* Limicorum ou Lemica, actual Ginzo de Lima. Nascido numa família cristã endinheirada (Leguay 1993: 21), claramente vinculada à administração romana e integrada no quadro dos *potentiores* (Candelas Colodrón 2002: 288), enveredou pela carreira eclesiástica. Após alguns anos passados em estudos e peregrinações, que posteriormente lhe serviram como manancial de experiências singulares, com o qual instruiu os seus leitores, tornou-se, em 427, bispo da efémera diocese de *Aquae Flaviae*, a qual dirigiu até morrer.

Personalidade culta, possuía algumas noções de Grego e escrevia em Latim correcto, sendo conhecedor dos autores maiores da Antiguidade Clássica e dos Padres da

Igreja. Trocava correspondência com os mais ilustres prelados galegos e com outras personalidades, sendo que o próprio Papa Leão o Grande se encontrava a par da sua fama. A perspectiva que evidenciava relativamente aos suevos radicou sempre numa relação de conflitualidade, justificada sobretudo em função de algumas particularidades que lhe eram inerentes. Por um lado, a da fé católica que o dominava. Assim e enquanto *Servus Domini Nostri Iesu Christi,* imerso num contexto agitado e convulso, atacou reiteradamente as correntes heterodoxas que disseminavam a agitação e dividiam os crentes: o maniqueísmo e priscilianismo associado e, claro, o arianismo dos povos germânicos (Leguay 1993: 21-22). Por outro lado, a visão que votava aos suevos prendia-se também com a sua própria e sofrida experiência pessoal, sendo que da conjugação destas condições resultou um quadro algo sombrio, o reflexo de um mundo decadente (Beltrán Torreira 1986: 54)

Ainda assim, na sua *Crónica* surge evidenciado o comedimento e o pendor realista do discurso, sem ocultar, no entanto, a ansiedade e perturbação gerada pelos sucessos quotidianos e pela incerteza do porvir. Nota-se também a fidelidade indestrutível ao Império moribundo e ao conceito de romanidade e, consequentemente, a desconfiança "...de um homem culto e «civilizado» em relação aos suevos arianos, belicosos e bárbaros" (Leguay 1993: 22).

Ora, a narração do bispo, onde dá conta, em sequência cronológica, de todos os acontecimento que tiveram lugar desde a proclamação de Teodósio o Grande até 468/70, data provável da sua morte (Candelas Colodrón 2002: 287), proporciona também uma perspectiva inequívoca dos sentimentos de angústia e terror que se apoderaram das populações autóctones aquando das invasões germânicas, no decurso das quais, num contexto caótico, se perpetraram massacres e pilhagens. As cidades da *Lusitania* e da *Gallaecia,* em regra indefesas, assistiram à fuga dos seus habitantes para as montanhas ou para locais fortificados. Aliás, tal quadro parece encontrar concordância em alguns dados fornecidos por documentos históricos e que vêm entretanto sendo confirmados pelos testemunhos arqueológicos, traduzidos, a título de exemplo, nos vestígios de incêndios, como os ocorridos em Conimbriga ou na presença de tesouros monetários e jóias enterradas na precipitação das fugas, à semelhança do que ocorrera no século III (Leguay 1993: 26). Constituem casos paradigmáticos, na faixa compreendida entre o Minho e o

Douro, os achados dos tesouros do Monte do Castro, em Aboim das Choças (Arcos de Valdevez), o de Santo Ovídio (Ponte de Lima) ou do castro de Monte Mozinho (Penafiel) (Tranoy 1981: 436-437). Mas às razias dos Bárbaros somaram-se outros problemas: pestes funestas, fomes, especulação e extorsões dos *exactores.* Em suma, a inquietação generalizada afirmou-se como o fermento para as descrições apocalípticas traçadas por Idácio e Olimpiodoro. Ressalve-se, porém, que alguns dos pormenores mais funestos, como as alusões à prática de canibalismo, reiterados noutros períodos e espaços, em tempos de convulsão, devem ser encarados com reticências (Leguay 1993: 26-27).

Em paralelo à *Crónica*, são conhecidas outras fontes, mas mais parcelares, porque limitadas a referências sumárias aos invasores, feitas, no entanto, também por autores que testemunharam os acontecimentos da Antiguidade Tardia no ocidente. Entre aqueles que são considerados mais importantes, depois de Idácio, consta o anónimo produtor da *Chronica Gallica*, datada de 452, Isidoro de Sevilha (Alberro 2004: 313) ou Paulo Orósio, provavelmente nascido em Braga entre 380 e 390 (Hauschild 1986: 154). Este discípulo de Santo Agostinho e autor das *Histórias contra os pagãos,* escrita em 417, inscreve na sua obra algumas passagens menos críticas em relação ao Bárbaros; porém, não logra nunca esconder o ódio que lhes devota (Beltrán Torreira 1986: 54).

Para além destas, ainda é possível recolher informações noutras fontes, caso da *Chronica Caesaraugustana* (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006 b: 724) ou dos extractos epistolares produzidos por São Jerónimo. Os dados assim gerados, são porém escassos, excessivamente concisos e tendenciosos. Também Salviano, monge de Lérins, se pronunciou, reconhecendo na irrupção dos "bárbaros" um flagelo prenunciado pelas Escrituras, pois nas consequências que advieram das invasões, encontravam-se representadas as quatro pragas que, segundo Ezequiel, recairiam sobre Jerusalém. Era a punição, desencadeada pelos pecados dos homens.

Na procura das motivações que terão desencadeado a partida da Gália e o trânsito através dos desfiladeiros pirenaicos, em direcção à *Hispania,* haverá certamente que considerar o facto de aquela se encontrar debilitada e exangue nos alvores do século V, sem possibilidades de prover de alimentos quer os seus habitantes quer os invasores. Neste sentido e em comparação com a Gália, algumas zonas da *Hispania* denotavam, cerca de 409, encontrar-se bem cuidadas e exploradas, nomeadamente ao nível dos

abastados domínios latifundiários, parte considerável dos quais haviam sido criados no Baixo Império. De facto, os trabalhos arqueológicos realizados em algumas *villae* do território actualmente compreendido por Portugal têm evidenciado a riqueza que caracterizava os aglomerados rústicos nos tempos que precederam as invasões e que se traduzia em preocupações de conforto, na existência notável de infra-estruturas e na produção artística (Leguay 1993: 22-25). As maiores explorações localizavam-se no Alentejo e no Algarve, circunstância que resultou da conjugação de alguns factores, quer de ordem geográfica e ecológica (Almeida 1972: 116), havendo a este propósito, que realçar sítios como o de Torre de Palma, em Monforte ou Monte do Meio, em Beja, nomeadamente em razão dos admiráveis pavimentos de mosaicos policromos que ali foram achados (Leguay 1993: 23-24). Por seu turno e a Norte, existiam também algumas *villae* às quais se reconhece certa notoriedade, caso de Canelas (Poiares da Régua), Fonte do Milho (Peso da Régua) ou Freixo, no Marco de Canavezes (Almeida 1972: 117).

No entanto e com a insegurança que começava a prefigurar-se ainda antes da chegada dos suevos, gerada pelos constantes tumultos sociais, foi retomada a utilização dos velhos *oppida* ou criadas protecções físicas nas encostas ou nos cumes dos montes (Leguay 1993: 24-25), numa espécie de "castrificação" espacial, de que a Falperra constitui um exemplo (Almeida 1972: 119). Neste contexto, parte considerável dos domínios ainda em uso em 409, desapareceram pouco depois. Alguns, porém, foram mais tarde restaurados por chefes bárbaros, subsistindo até à invasão muçulmana ou mesmo até períodos posteriores, caso de Castelo de Vide, no distrito de Portalegre ou de Pisões, inscrito na via que estabelece ligação entre Beja e Faro. No entanto, outros desses sítios terão sofrido transformações relevantes, mesmo ao nível das funções desempenhadas: Arnal, em Leiria, acabou convertida em basílica, Odrinhas (Sintra), em cemitério e Vila de Frades em mosteiro primitivo (Leguay 1993: 25).

Outra problemática que se levanta e de extrema pertinência, prende-se com o número daqueles que chegaram à Península e com o impacto granjeado por esses contingentes barbáricos, variáveis essenciais na compreensão do significado das invasões ao nível demográfico e de todas as implicações de tal decorrentes (Orlandis 1981: 75). Na centúria seguinte às invasões, Procopius de Caesarea, eminente historiador bizantino, estimava que o número de alanos e vândalos tenha atingido cerca de 50 000 efectivos

(Alberro 2004: 313). Porém, séculos decorridos, os estudos de povoamento que foram sendo elaborados por diferentes autores interessados no tema, continuam a revelar-se pouco conclusivos, situação motivada não só pela obscuridade das fontes, mas também pelo desconhecimento das realidades arqueológicas, que não facultam dados estatísticos fiáveis (Ripoll López 1989b: 394).

Ora, expressões utilizadas por alguns autores como "hordas de bárbaros", "vaga de invasores" e "grandes invasões" remetem para efectivos muito abundantes, sem que, porém, existam informações concretas que confirmem este pressuposto. Aliás, em alguns estudos mais recentes vem sendo admitida a possibilidade de os contingentes bárbaros não terem ultrapassado os 5% da população total, o que representaria cerca de 200 000 pessoas (Leguay 1993: 27-28).

Neste sentido, algumas das imagens tradicionalmente associadas a este período conturbado, poderão necessitar de ser revistas, sem que, no entanto, se lhes retire o papel determinante de que se revestiram.

Dois anos volvidos sobre a penetração turbulenta na *Hispania*, é celebrado um acordo conciliador entre os invasores e os povoadores hispano-romanos, que estipula, conforme corroborado por Orósio, a divisão do território (Tranoy 1981: 437). Nessa partição, aos alanos é concedida a *Lusitania* e a parte ocidental da *Cartaginense*; os vândalos silingos, sob a égide do rei Fredbal, a *Baetica.* Aos vândalos asdingos, dirigidos pelo rei Guntarico, conjuntamente com os suevos e o seu soberano Hermerico, caberá a *Gallaecia.* Porém, no ano 419, estes dois grupos entraram em confronto armado, tendo os vândalos asdingos começado por granjear vantagem na contenda. No entanto, com a intervenção romana, foram forçados a abandonar a *Gallaecia* e a dirigir-se para a *Baetica,* onde se fixaram, até à extinção do grupo silingo (Alberro 2004: 3131-314).

Os suevos acabaram, pois, por granjear o domínio desta região, passando, aliás, a representar o único povo "bárbaro" fixado na *Hispania*. Enquanto, porém, o restante território peninsular retorna ao controle da autoridade romana, corporizada em Valentiniano III (Orlandis 2006: 33), os suevos encetavam a desvinculação progressiva de Roma e da ligação que havia sido estabelecido com a cabeça do Império. É ainda com Hermerico no comando, chefe que os havia conduzido no seu trânsito migratório, que, cerca de 430, se começam a delinear os contornos de um Reino Suévico propriamente

dito. No entanto, é apenas sob o governo de Réquila, filho de Hermerico, a quem sucedeu em 438, que este afirma de modo mais vincado a sua independência, numa altura em que o domínio de grande parte da Península recai já sobre os visigodos (Almeida 1972: 308). O Reino Suévico, com capital em *Bracara Augusta* e liderado pelas aristocracias indígenas e pagãs (Orlandis 2006: 35) persistiu, não obstante, até finais do século VI. Só então acaba por ser assimilado a Toledo (Rodríguez Resino 2003: 289), às mãos de Leovigildo, monarca que, com tal êxito político-militar, coroa o seu reinado e cumpre a meta de integrar todo o território peninsular sob uma só autoridade (Orlandis 2006: 76). Os contornos e história do *regnum* suévico, cujo apogeu terá ocorrido em meados do século V, permanecem ainda mal conhecidos, situação essencialmente motivada pela falta de documentação existente. A referida carência não é, no entanto, apanágio apenas da entidade política em questão. Com efeito, estende-se a vários domínios, circunstância que redunda na formulação das abundantes interrogações que rodeiam a evolução deste período. De facto, persistem dúvidas quanto ao modo como se terá processado a integração dos povos bárbaros ou quanto ao tipo de relação estabelecida entre estes e a sociedade galaico-romana, católica, pré-existente. Em paralelo, também o ritmo e o reconhecimento dos momentos chave que ditaram o fenómeno de aculturação ou o papel assumido pela cristianização se revestem ainda de incertezas (Rodríguez Resino 2003: 289), registando-se, aparentemente, uma coincidência espacial entre as zonas mais romanizadas e aquelas que absorveram de forma mais marcada o cristianismo (Almeida 1979: 308). Saliente-se, a este propósito, a existência de uma fonte, produzida durante o reinado de Miro (572-582), incontornável para o estabelecimento do mapa das dioceses e paróquias primitivas em que se terá repartido o território do *regnum*. Referimo-nos ao *Parochiale Suevicum*, documento que, segundo Pierre David, reflecte a reorganização espacial efectuada pelos bispos do tempo de Teodomiro, aos quais se fica a dever a divisão da velha *Gallaecia* em dois *concilia*: o metropolita de Braga e o de Lugo (Paiva 2000: 289).

Ora, apesar das persistentes lacunas de conhecimento, sabe-se que desde os meados do século VI, ainda antes do ocaso do Reino Suévico, se começa a notar o entrosar das relações inter-regionais e os constantes intercâmbios de pessoas, objectos e ideias entre a Península, o Norte de África, Bizâncio, Itália e o sul da Gália. Uma das

fontes essenciais para compreender os acontecimentos dessa centúria na Península Ibérica, consta da *Chronica* do escalabitano João de Bíclaro, nascido cerca de 540. De origem goda, cedo se entusiasmou pela cultura hispano-romana, tendo acabado por se converter ao catolicismo (Almeida 1986 a: 39). A *Chronica* que produziu, apesar de breve, proporciona um importante manancial de informação, onde se incluem referências aos acontecimentos capitais e às personalidades, seculares ou eclesiásticas, que mais influenciaram a *Hispania* visigoda. Talvez por isso tenha vindo a ser notada com alguma estranheza a omissão, na sua obra, da figura de S. Martinho de Dume, um dos mais distintos contemporâneos de Bíclaro (Ferreiro 1986: 145). Este, nascido entre 510 e 520, presumivelmente na longínqua Panónia, no seio de uma família abastada de funcionários romanos, beneficiou de uma importante educação religiosa e literária, tendo seguido o *cursus honorum*, em consonância com os costumes do tempo. À semelhança de outras figuras eminentes, também S. Martinho partiu para a Terra Santa, onde se familiarizou com a língua grega e se imbuiu dos cânones dos concílios ecuménicos e da patrística dos Padres do Oriente. Chegado a *Portucale* cerca de 550, por via marítima, fundou, escassos anos mais tarde, o centro monástico de Dume, a partir de onde fez irradiar a sua acção evangelizadora. Ilustre prelado, convertido em bispo metropolita de Braga, como culminar da sua notável carreira eclesiástica e vida edificante, revelou um espírito fecundo, que ficou associado à actividade proselítica desenvolvida entre os suevos, do seio dos quais procurou extirpar o arianismo. Celebrado, pelo seu saber e vasta cultura, por Gregório de Tours e Isidoro de Sevilha, foi autor de numerosos escritos (Leguay 1993: 80-82), entre os quais avulta o *De Correctione Rusticorum,* de vocação moralizadora.

Para a segunda metade do século VI, há que referir ainda a personagem de São Leandro, bispo de Sevilha. Tendo presidido ao III Concílio de Toledo, no qual se confirmou a conversão de Recaredo ao catolicismo, foi o mentor de uma importante escola, que alcançará o seu auge no tempo de Santo Isidoro, o irmão mais novo que lhe sucedeu no bispado. Isidoro, tido como um espírito superior, conselheiro de príncipes e grande conhecedor das letras latinas, possuía cultura admirável, de matriz bético-romana. Produziu obra diversificada, onde tocou os mais importantes domínios bíblico-litúrgicos e da erudição da época (Almeida 1986a: 40). No entanto, a sua *Historia Gothorum,*

Wandalorum et Suevorum, não obstante abarcar um avultado período de tempo, que se estende entre 256 e 621, revela-se incompleta e subjectiva no que à descrição dos suevos diz respeito (Leguay 1993: 58).

O conjunto das fontes documentais a que vimos aludindo, muito embora seja, necessariamente, susceptível de crítica, por que incompleto, parcelar ou tendencioso, particularidades de que resultam problemas de interpretação, não deixa no entanto de constituir uma base essencial para, por um lado, fixar algumas balizas cronológicas e, por outro, traçar um quadro dos momentos mais marcantes deste período conturbado.

De qualquer modo e no que à penetração dos visigodos diz respeito, haverá que recuar no tempo, para que se compreenda todo o complexo processo que culminou na criação do Reino de Toledo e, posteriormente, na "unificação" política do território peninsular.

3.2 - Visigodos.

Os Godos, oriundos do sul da Suécia, partiram em grande número do seu local de origem, ainda antes dos inícios da era cristã, na direcção da costa polaca do Báltico. Dali arrancou o longo périplo que os levou pela Europa oriental, percorrendo as vastas florestas e pântanos da bacia do Vístula e da Rússia, até culminar, nos alvores do século III, junto ao Mar Negro, entre o Don e o Danúbio. Dividiram-se então em dois grupos: o visigodo, que se arreigou na Dácia, a ocidente, sendo que a oriente, para além do Dniestr, se implantaram os ostrogodos, entrosando-se assim com os povos das estepes, sármatas e citas, com os descendentes dos gregos estabelecidos na Crimeia, com os eslavos e com os romanos do oriente. Cedo, porém, sob pressão dos hunos, turcos, segundo algumas opiniões ou antes mongóis ou húngaros (Kazanski 1991: 62), os ostrogodos, convertidos em vassalos daquele povo, foram impelidos a abandonar as "novas" terras, onde haviam captado originais influxos artísticos, novas práticas de guerra e consumado a conversão ao arianismo. Os visigodos, por seu turno, derrotados e desnorteados (Leguay 1993: 42), foram forçados a atravessar o Danúbio, rio que vinha assumindo o papel de fronteira com o mundo romano (Martínez Santa-Olalla 1934: 142-143). Ao retirarem-se, portanto, para o Império do Oriente, passaram a configurar uma ameaça constante (Leguay 1993: 42),

desencadeando uma série de lutas, de que a batalha de Adrianópolis ou Andrinopla constitui um exemplo maior. Travada a 9 de Agosto de 378, culminou na morte do Imperador Valente e numa vitória muito significativa para os visigodos. Seguiu-se um período de certa paz, durante o qual estes retomaram a qualidade de *foederati,* conforme anteriormente estabelecida por Constantino, de modo a firmar um compromisso de defesa das fronteiras do Império. No entanto, tal condição não foi adoptada como uma constante, antes se interrompendo e reassumindo em função das circunstâncias (Martínez Santa-Olalla 1934: 142-143). Neste sentido, rapidamente o conflito se reacendeu.

Em 410, Alarico saqueia Roma, ali semeando carnificinas e exaurindo a população, em episódios que permanecerão fixados na memória dos contemporâneos. Os desígnios entretanto nascidos, que pressupunham a expansão para o norte de África, através da Sicília, foram porém aniquilados, com a morte deste chefe (Kazanski 1991: 64). É, pois, sob o comando de Ataúlfo, seu sucessor, que os visigodos são conduzidos ao sul da Gália, fixando-se enfim na Aquitânia, onde fundam o reino de Toulouse.

Em 415, é precisamente Ataúlfo quem se introduz na *Hispania,* seguindo as suas ambições de expansão territorial. A Península surge então como palco das novas lutas visigodas, travadas, desta feita, com vândalos, alanos e suevos, povos que haviam penetrado naquele território em 409. Os dois primeiros foram vencidos: o soberano vândalo é aprisionado e entregue ao imperador Honório; o alano, por seu turno, perdeu a vida. Ficaram por bater os suevos, que, liderados por Hermerico, permanecem na *Gallaecia,* isolados face à progressiva força visigoda (Leguay 1993: 42-43). Ao abeirar-se a campanha que pretendia subjugá-los, o Império entregou aos visigodos o espaço compreendido entre o Loire e Garone, além de parte de Toulose. A ocorrência desta aproximação entre o Império Romano do Ocidente e os visigodos poderá explicar-se em função do perigo representado pela chegada das hostes lideradas por Átila. O último dos grandes chefes hunos, também chamado de "Praga de Deus", cabeça de um povo nascido, segundo Jordanes, da união entre demónios e feiticeiras (Kazanski 1991: 62), foi derrotado em Junho de 451 na Batalha dos Campos Catalaúnicos (Martínez Santa-Olalla 1934: 143), a qual ditou também a morte de Teodorico I, rei de Toulose (Thompson 1971: 25).

Refira-se, neste ponto, que não obstante o número considerável de godos que, entre o ocaso do século IV e a primeira metade da centúria subsequente, percorreram as terras do Império, os testemunhos arqueológicos por eles legados afirmam-se quantitativamente pouco significativos e claramente dispersos. Aliás, nas zonas afectadas pelas migrações, estas duas particularidades, associadas ao facto de os achados ocorrerem sobretudo em sítios ocupados por populações romanas, pressupõem o estabelecimento de relações estreitas entre os dois grupos e, consequentemente, a perda de especificidades etnográficas (Kazanski 1991: 65).

O Império Romano do Ocidente aproxima-se, entretanto, dos momentos de estertor final. No entanto, no período de tempo compreendido entre o perecimento de Valentiniano III, em 455 e a eclosão definitiva, aquando da deposição de Rómulo Augusto, em 476, a *Hispania* continuava sujeita à jurisdição de Roma, excepção feita aos espaços abarcados pelo Reino Suévico. Não obstante, a autoridade do Imperador no restante território peninsular, estaria já longe de ser efectiva (Orlandis 2006: 44).

De facto, desde 456 que Teodorico II, responsável pelas grandes campanhas que haviam penetrado profundamente na *Gallaecia* e culminado no aniquilamento do exército de Requiário, que grande parte da *Hispania* se encontrava nas mãos dos visigodos. A intensa destruição que infligiu ao *regnum* parecia, aliás, prefigurar a campanha que Leovigildo iria liderar na centúria seguinte e determinar, finalmente, a anexação (Leguay 1993: 53).

Com o assassinato de Teodorico II, perpetrado pelo irmão Eurico em 466, converteu-se este no primeiro rei propriamente dito dos visigodos e em figura incontornável do mundo bárbaro. Visceralmente religioso e legislador responsável pelo *Édito* de Eurico II, beneficiou da paz concertada com o Império e estendeu amplamente sua soberania. Quando morre, em 485, sucedeu no poder Alarico II, seu filho (Martínez Santa-Olalla 1934: 144) e herdeiro de um vasto reino, que compreendia ainda parte da Gália. Aliás, a contenda entre visigodos e francos, motivada pela luta de hegemonia a estender sobre aquele território, marcou, como pano de fundo, o seu reinado e revestiu-se de implicações decisivas para a *Hispania* (Orlandis 2006: 48). De facto, o seu período de governo encontra-se associado à deslocação maciça de godos na direcção da Península, movimentação incontornável, até porque o reino bárbaro que liderava começava a ser

pressionado a Norte pelos francos. É assim que, na recta final do século V, grandes contingentes de visigodos atravessam os Pirinéus, instalando-se na *Tarraconense* e na *Lusitania* (Almeida 1986a: 38) e dilatando o poder visigodo até à fronteira sueva. Ficava por conquistar apenas o litoral cantábrico e Vasco (Mesquíriz de Catalán 1965: 43). Não obstante, a ameaça franca ganhava contornos progressivamente mais alarmantes, consumando-se em 507 na batalha de Vouillé. Alarico II acabou derrotado e morto e o seu exército desbaratado (Thompson 1971: 15), de tal decorrendo não só a perda de territórios, que passaram a integrar o reino de Clóvis ou Clodoveu (Martínez Santa-Olalla 1934: 144), mas também a definição, para o povo visigodo, de um destino centrado na *Hispania* (Almeida 1986a: 38).

Neste ponto, afigura-se incontornável a referência a Teodorico o Grande, soberano do reino ostrogodo de Itália, fundado em 493. Para além da ajuda prestada pelo monarca aos visigodos na sequência de Vouillé, nomeadamente na libertação de Arles e na contenção dos francos, a sua acção mais marcante sobre o território peninsular foi exercida a um outro nível (Martínez Santa-Olalla 1934: 144). Com efeito, ao assumir, em nome do neto Amalarico, de quem era tutor, a regência do reino visigodo, não só lhe garantiu a sobrevivência, como lhe imprimiu o cunho de uma importante e decisiva influência ostrogoda (Orlandis 2006: 54). Só em 525, ao perecer Teodorico, subiu, enfim, ao poder, Amalarico, sobre quem passou a recair a responsabilidade de assegurar a paz. Amalarico, cristão ariano, procurou então aproximar-se da França merovíngia, selando tal desígnio através do matrimónio com a princesa Clotilde, católica e filha do soberano franco, Clodoveu (Martínez Santa-Olalla 1934: 144). No entanto, as diferenças religiosas entre ambos redundaram em maus tratos infligidos à rainha, motivando a ocorrência, em 531, ano da celebração do II Concílio de Toledo, de uma batalha que opôs Amalarico ao rei franco Childeberto, irmão de Clotilde. Sai derrotado o rei visigodo, que, ao ser assassinado nesse mesmo ano, firma uma ruptura dinástica (Orlandis 2006: 57).

Na sequência de tais acontecimentos, ascendeu ao trono Teudis, parente de Teodorico, a quem coube promover a defesa, face às investidas francas (Martínez Santa-Olalla 1934: 144) e, em paralelo, promover o lento processo de reabilitação do domínio

visigodo. Para tal, foi, por um lado, quebrando a influência ostrogoda e, por outro, propiciando o enraizamento dos novos núcleos de assentamento (Almeida 1986a: 38).

Já dos tempos de Atanagildo, magnata visigodo reconhecido em 555 e que procurou, em vão, ao longo do seu governo, expulsar os bizantinos que haviam chegado à *Hispania,* enviados pelo imperador Justiniano para o apoiar nas lutas intestinas contra Agila, há que destacar a acção desenvolvida ao nível da estabilização política e institucional da monarquia visigoda. Com efeito, é a ele que se fica a dever, em meados do século VI, a fixação da capital em Toledo, uma cidade central na Península, que conferiu, aliás e a partir desse momento capital, a designação pela qual passou a ser conhecido o próprio reino (Orlandis 2006: 63). No seguimento desta escolha, que denota uma clara opção continental e no intuito de contrariar o expansionismo e a crescente afirmação do Estado visigótico, tanto os reis francos como o Império bizantino desencadearam políticas de ingerência. Neste sentido, foi por um lado, concedido apoio ao reino suévico e à autonomia da Bética e, por outro, propiciada a criação da província do Sudeste, administrada por Bizâncio (Almeida 1986a: 38), afirmando-se como consequência directa desta circunstância, o favorecimento da captação de influxos orientais e norte-africanos para a geografia peninsular (Leguay 1993: 65).

Com a morte de Atanagildo, em 567, emergiu um problema sucessório, colmatado com a ascensão de Liuva, que rapidamente associou ao poder Leovigildo, seu irmão, encetando-se assim um breve período de bicéfala partilha de território. Acabou por ser nas mãos deste último, grande guerreiro e estadista, que, escassos anos depois, se unificou o reino Toledano (Orlandis 2006: 65) e se restauraram os seus antigos limites, conforme narrado pelo escalabitano João de Bíclaro (Thompson 1971: 76).

O reinado de Leovigildo revestiu-se de uma importância capital. Com efeito, o soberano logrou estabelecer, com mão de ferro, uma autoridade efectiva sobre todos os espaços submetidos à autoridade visigoda, para tal desenvolvendo campanhas que suscitaram a admiração do próprio Isidoro de Sevilha e das quais este deu conta na sua *Historia Gothorum, Wandalorum et Suevorum*. Leovigildo propôs-se, em paralelo e no intuito de alargar paulatinamente o seu poder a toda a extensão peninsular, anular o domínio suevo, no noroeste da *Hispania* e o bizantino, no sudeste (Orlandis 2006: 65). No entanto, os bizantinos só seriam expulsos definitivamente durante o reinado de

Suintila (Palol Salellas 1950b: 22), tendo permanecido algumas décadas mais em *Ossonoba,* o seu último reduto, sufragâneo da diocese de Mérida (Gomes 2002: 386).

Para Leovigildo, porém, o ano 578, na sequência de todos os esforços militares desenvolvidos, representou o momento áureo do seu reinado: a paz dominava, o poder visigodo encontrava-se firmado e, símbolo dessa fase brilhante, é fundada de raiz a cidade de *Recopolis*, em honra do príncipe Recaredo. Leovigildo absorveu também fortes influxos do modelo imperial bizantino, numa abertura que se irá traduzir de modo indelével nas manifestações artísticas expressas na aproximação aos finais do século VI (Orlandis 2006: 68), nomeadamente na cunhagem de *tremisses* pejados de simbólicas evocações (Leguay 1993: 69) ou, no âmbito que nos interessa particularmente neste trabalho, ao nível dos adornos metálicos de vestuário.

Outra das vertentes em que a sua acção se revelou fundamental prendeu-se exactamente com o propósito de unificação do reino, em três níveis basilares: o jurídico, o territorial e o religioso. Muito embora este último domínio tenha sido cumprido apenas no reinado de Recaredo, seu filho e sucessor, os dois primeiros tiveram na personalidade de Leovigildo uma figura mestra. Com efeito, é a este soberano que se deve a anulação da proibição dos casamentos mistos e, consequentemente, das barreiras que obstavam à constituição de um só povo, hispano-visigodo. Estava assim criado o contexto propício à unificação social (Orlandis 2006: 69), da qual acabará por decorrer a progressiva perda da individualidade germânica. No que à questão territorial diz respeito, a anexação do reino suévico, sob a forma de um notável êxito político-militar, representou o culminar do reinado de Leovigildo, no seu derradeiro ano de vida. O monarca logrou, portanto, a integração do território da *Gallaecia* e a submissão do *regnum* à monarquia Toledana, colocando um ponto final a 175 anos de independência (Orlandis 2006: 76; 79).

Com a sua morte, sucedeu-lhe pacificamente Recaredo, descrito por Santo Isidoro de Sevilha como um homem piedoso e votado à paz. A sua conversão ao catolicismo, decorrente tanto de um convencimento profundo como de circunstancialismos políticos e doutrinários (Leguay 1993: 73), foi assumido como um facto de extrema importância, que extravasou claramente o domínio religioso. Terá ocorrido, segundo João de Bíclaro, em 587. Dois anos mais tarde, em 589, a celebração do III Concílio de Toledo é aproveitada para solenizar a entrega de Recaredo à fé católica (Orlandis 2006: 82),

oficializando o retorno à ortodoxia, desferindo o anátema sobre os dogmas arianos e prenunciando a adopção da nova confissão pelo povo visigodo (Leguay 1993: 73). Os reflexos deste acontecimento far-se-ão sentir a nível político, artístico e, em última instância, no modo como os visigodos passarão a aguardar a passagem para o Além.

Não nos deteremos mais em pormenor sobre a continuidade do reino visigodo-católico. Entre 601, ano da morte de Recaredo e 711, perpassarão ainda pelo poder dezoito monarcas. O último, Rodrigo ou Roderico, sucessor de Witiza, reinará apenas cerca de um ano. Com efeito, a descendência do soberano falecido, insatisfeita com a designação de Rodrigo, entrou em contacto com os chefes muçulmanos norte-africanos, aos quais solicitou intervenção na *Hispania*, de modo a satisfazer os seus intentos políticos. Tal não configurava, aliás, uma situação inédita, registando-se, no passado, outras situações de pedidos de ajuda exterior, à semelhança do que sucedera com Atanagildo e os bizantinos. É neste contexto que, em Abril de 711, na sequência de uma primeira incursão exploratória, se processa o desembarque de um exército maioritariamente composto por berberes e liderado por Tarik, "valí" de Tânger. Escassos meses mais tarde, possivelmente a 23 de Julho, as margens do Guadalete assistem ao embate das forças de Roderico e Tarik, estas últimas entretanto reforçadas pelos contingentes de Musil, "valí" de África e seu superior. Com a derrota e morte de Roderico desaparece, enfim, o reino visigodo (Orlandis 2006: 133-134).

No entanto, a sociedade do século VII vinha já dando sinais de decadência. De facto, findo o período de apogeu atingido entre 642 e 653, durante o período de governo de Quindasvinto e Recesvinto, particularmente favorável à *Lusitania* e *Baetica* e ao florescimento das instituições, artes e cultura, começaram a evidenciar-se, a partir de 680, os indícios da crise (Leguay 1993: 58), que se foi avolumando até à queda definitiva. Com efeito, inúmeros problemas estruturais, referentes a antagonismos regionais, à inexistência de uma unificação efectiva da sociedade, a problemas de ordem meteorológica e biológica, catástrofes naturais, com destaque para as secas ou pragas de parasitas, e fomes daí decorrentes, propiciaram a criação de um contexto desfavorável e de desestabilização, que culminarão, pois, na eclosão da monarquia visigótica (Almeida 1986a: 42).

Emerge, desta visão panorâmica sobre os acontecimentos que precederam a chegada dos "bárbaros", sobre os sucessos mais marcantes que culminaram na criação dos reinos suevo e visigótico, que pautaram a sua vida e, enfim, ditaram a morte inevitável e o advento de um novo tempo, algumas considerações iniciais a retirar.

Com efeito, o impacte da chegada dos povos germânicos ao Império Romano do Ocidente não parece ter-se traduzido numa mudança radical ou na anulação completa do anterior modo de vida ou padrões civilizacionais, até porque a importância e força do substrato cultural romano se encontrava indelevelmente vincado (Gomes 2002: 386). Com efeito, esta época complexa não pode ser somente assimilada à ideia de ruptura, configurando também o resultado de continuidades e inovações que, arrancando no século V, terão evoluído até aos primeiros anos do século VIII (Ripoll López 1989b: 418).

4. O III Concílio de Toledo e o mundo funerário.

A realidade sobre a qual nos debruçamos transcorre num palco complexo, em que se entrecruzam diversas especificidades e influências, que remetem, nos domínios da morte, não só para o ascendente de crenças germânicas, religiosas e mitológicas, mas também, com nítida clareza, para as bases estabelecidas pelo cristianismo no Baixo Império. Com efeito, o papel assumido pelo processo de romanização assumiu-se como determinante a diversos níveis, como seja o da generalização da inumação nas províncias ocidentais (Abásolo Alvarez; Pérez Rodríguez-Aragón 1995: 294).

Face aos conhecimentos, ainda que lacunares, que vêm sendo divulgados a propósito das necrópoles, é significativo o vazio notado ao nível das informações relativas ao modo como se vivia neste período, muito embora, sobretudo a partir de meados dos anos 80, se tenham verificado progressos assinaláveis em Espanha, com a escavação de alguns sítios de *habitat*. Tal circunstância tem, pois, determinado uma redobrada atenção sobre os cemitérios coevos, até porque, presumivelmente, a identificação de uma necrópole ou conjunto funerário indicia a existência de um povoado, de um núcleo de exploração rural ou/e de um centro religioso (Ripoll López 1989b: 397-398).

A importância de um cemitério, neste âmbito, é clara. Com efeito, as sepulturas não representam despojos ou produtos inconscientes da sociedade. O corpo é cuidadosamente depositado, conjuntamente com os elementos que o acompanhavam, num processo em que os responsáveis pelas inumações faziam uma série de escolhas criteriosas. Neste sentido, um enterramento, à semelhança de um texto escrito, assume-se como o produto de uma actividade mental consciente e, como tal, sujeito a muitos problemas de interpretação e análise (James 1988: 23).

Edouard Salin, na obra que dedicou à civilização merovíngia, considerou que nas sepulturas radicava a possibilidade de reflectir, através dos objectos nelas depositados e dos ritos funerários adoptados, importantes indicações sobre o povoamento e, em paralelo, a faculdade de traduzir informações relativas às influências captadas ou ao desenvolvimento dos processos de aculturação (Ripoll López 1989b: 390-391). No caso concreto da *Hispania,* a "fusão" entre visigodos e hispano-romanos é precisamente

atestada através da evidência arqueológica colhida em contextos de inumação, nomeadamente se identificados em espaços rurais, sendo que, em meio urbano, a mescla e cruzamento de população é praticamente impossível de reconstituir (Ripoll López 1998: 31-32).

Ora, o primeiro momento marcante a ditar esse cruzamento radica na revogação da proibição dos casamentos mistos entre visigodos e hispano-romanos, concretizada por Leovigildo, no quadro da sua política de unificação social. Ressalve-se, no entanto, que certos indícios vêm atestando que o fenómeno de interpenetração dos dois grupos populacionais se teria iniciado em momento anterior ao da anulação do interdito (Orlandis 2006: 69). Com efeito, algumas das sepulturas onde é perceptível a mescla de peças com diferentes conotações "étnicas", resultado de reutilizações, heranças geracionais ou da penetração de produções inovadoras, serão anteriores no tempo à derrogação da legislação matrimonial. Independentemente, porém, do momento em que se tenha afirmado, é certo que este complexo processo de integração e de cruzamento de populações configura uma das vertente do caminho percorrido no sentido da almejada unidade peninsular, alcançada de forma mais ou menos definitiva no reinado de Recaredo.

De facto, as orientações confessionais que se digladiavam, tendo como pano de fundo continuadas lutas políticas, conduziram o monarca a arquitectar uma pretensa "unidade", fundada na conversão a uma única fé, a católica. Com efeito, a crença ariana dos visigodos representava uma fonte de oposição e demarcação relativamente aos hispano-romanos. Recaredo, ao promover a conversão oficial ao catolicismo, motivou o enfraquecimento desse factor diferenciador, suplantando assim todos os anteriores esforços de aproximação de ambas as doutrinas (Ripoll López 1998: 32).

Neste sentido, o ano de 589 d.C., data que marca a celebração do III Concílio de Toledo, assumiu uma importância incontornável, pois, ao estabelecer novas liberdades legais e teóricas, abriu caminho a renovadas concepções funerárias. Por isso, à medida que se ia concretizando a unificação entre visigodos e hispano-romanos, ia concomitantemente sendo anulada a necessidade da existência, em paralelo, de dois tipos de necrópoles distintos: por um lado, os de tradição germânica (*Reihengräberfelder),* onde era notada a presença de indivíduos que haviam penetrado na Península durante o

período das migrações e que denotavam um modo muito particular de organização dos espaços de enterramento; por outro, os de tradição romano-cristã, correspondentes a núcleos hispano-romanos, onde as concepções romanas e o substrato local se revelavam profundamente enraizadas (Ripoll López 1989b: 391).

A separação entre estes dois conjuntos de necrópoles emergia a vários níveis. O da simples implantação dos espaços funerários configurava um deles. De facto, muitos dos cemitérios visigodos ou de época visigoda localizavam-se nas proximidades de um caminho ou via de comunicação importante na Antiguidade, de modo a facilitar o contacto entre vivos e mortos (Hernández García 1998: 174). Podiam também, em alternativa, fixar-se nas imediações de um rio ou riacho, mas em situação um pouco mais elevada, sobre o fundo de um vale ou no alto de uma colina (Ripoll López 1989b: 402). De qualquer modo, o maior e incontornável imperativo impunha que as necrópoles se fixassem fora de muros, proporcionando assim o necessário afastamento entre os dois mundos, até porque a proximidade do corpo de um defunto representava uma contínua e indelével ameaça. Já no âmbito do próprio espaço cemiterial, os sepulcros surgiam alinhados, dispostos em fila, porém obedecendo a orientações diversas, sendo que, no interior de cada túmulo e traduzindo o reforço da inumação vestida, eram depositados os mais característicos elementos relacionados com a aplicação sobre a indumentária, numa aparente transposição da condição social do indivíduo para a morte (Barroca 1987: 72-73).

O início da sua ocupação terá ocorrido em finais do século V ou inícios do VI, perdurando até ao ocaso desta última centúria ou inclusive, penetrando nos primeiros anos do século VII (Ripoll López 1989b: 402). Estes cemitérios visigodos *stricto sensu* seriam atribuíveis aos grupos que, nos últimos anos do século V e, em particular, na sequência da batalha de Vouillé e da obliteração do Reino de Toulose, partiram das Gálias, fixando-se na Península Ibérica (Abásolo Alvarez; Pérez Rodríguez-Aragón 1995: 301). Nesta unidade geográfica, sítios como Pedrosa de la Vega (Palência), Duratón e Castiltierra (Segóvia) ou Carpio de Tajo (Toledo) configuram exemplos bem conseguidos da *Reinhengräberzivilisation* (Ripoll López 1989a: 455).

Relativamente ao segundo conjunto de cemitérios, os de tradição romano-cristã, refira-se que, acima de tudo, a sua implantação espacial era pensada em relação com a do

templo. Os indivíduos sepultados nestes contextos regiam-se pelas suas tradições romanas e não pelas germânicas, com as quais conviviam, mas sem se misturarem. Só com a unidade confessional estes dois grupos terão passado a inter-relacionar-se, convertendo-se, supostamente, num único. Neste corpo de necrópoles, integradas no século VI, algumas das quais terão perdurado ao longo do período de dominação visigoda, parte considerável das sepulturas apresentavam-se destituídas de mobiliário fúnebre (Abásolo Alvarez; Pérez Rodríguez-Aragón 1995: 301).

Registe-se, no entanto, que esta perspectiva, segundo a qual se assume que os *Reihengräberfelder* constituíam apanágio dos invasores germânicos e que os demais cemitérios deveriam ser associados aos descendentes dos romanos, não recebe aceitação generalizada. De facto, em concordância com o referido pressuposto, os sítios que combinavam características de ambos os grupos representariam a mistura racial das duas comunidades. Porém, começa a vislumbrar-se a possibilidade de explicar certas diferenças reconhecidas ao nível dos costumes de enterramento e traduzidas na evidência material, em função de diversas variáveis, relacionadas com especificidades regionais, cronológicas e sociais (James 1988: 25-26).

Ainda assim e não obstante se considerar a existência de algumas dificuldades inerentes à interpretação das realidades materiais e passíveis de serem equacionadas ao procurar determinar o percurso religioso de uma comunidade a partir da análise do cemitério onde os seus membros são depositados, cremos que, no estado actual dos conhecimentos, a consideração da dualidade funerária descrita se afigura incontornável enquanto base de trabalho.

Acresce, de qualquer modo, salientar que as implicações decorrentes da realização do III Concílio de Toledo e da subsequente unificação religiosa não se restringiram às questões relacionadas com o cosmos funerário. De facto, todo este processo religioso acarretou o abandono paulatino de costumes, da indumentária mais tradicional e de um conjunto de objectos de adorno pessoal, cuja utilização se encontrava associada ao povo visigodo. Assim e à medida que se verificava esse afastamento dos elementos característicos de ascendência germânica, abria-se a porta à penetração de um novo tipo de indumentária, conotada com a ambiência latino-mediterrânica. Esta "moda", disseminada por todo o território peninsular, motivou a redução da importância das

produções efectuadas pelos artesãos visigodos, que haviam concentrado a comercialização dos seus produtos sobretudo nas zonas centrais da *Hispania*. Em contrapartida, determinou o desenvolvimento de outros centros produtores hispânicos, onde o ascendente romano se manifestava bem vincado (Ripoll López 1998: 33).

Cremos, neste sentido, encontrar-se atestado que a aceitação dos casamentos mistos e o abandono oficial da fé ariana, aquando da celebração do III Concílio de Toledo, representam dois acontecimentos fulcrais, em que as questões religiosas configuram apenas uma das vertentes a analisar. De facto, as consequências derivadas e traduzidas em vários domínios, justificam a cisão de ordem histórica e arqueológica notada entre o século VI e o VII e indelevelmente plasmada nas realidades materiais perviventes.

5. O vestuário: problemas e simbologia dos adereços.

A indumentária assume-se, por essência, como algo muito próximo do homem, quase que intrínseco a ele, sendo que, em paralelo à funcionalidade de que naturalmente se reveste, confere identidade e reflecte poder (Pinasa 1992: 6). Capital económico primordial, afirma-se não só como elemento de discriminação social fortemente codificado, mas também enquanto veículo de expressão carregado de significados múltiplos (Piponnier; Mane 1995: 6).

Ora, as figurações do corpo vestido variam claramente em função das épocas e dos espaços, impondo-se essa variabilidade, em primeiro lugar, ao nível da quantidade de representações efectuadas. Por outro lado, a própria produção e os modos de expressão reflectem alguns pormenores inerentes a cada contexto ideológico subjacente (Piponnier; Mane 1995: 9-10).

É nesse sentido que se afirma a pertinência dos estudos relacionados com o vestuário, parte do património humano, no intento de aprofundar conhecimentos acerca das expressões da cultura material, veículo de transmissão de significados simbólicos e espirituais de uma civilização ou grupo particular (Pinasa 1992: 6)

São, porém, diversas as dificuldades inerentes à investigação debruçada sobre os elementos relacionados com a indumentária. Um dos problemas prende-se com a pervivência das fontes, visto que alguns suportes, como os têxteis e a madeira, perecem facilmente, devido à fragilidade que os caracteriza. Em paralelo e também a propósito dos suportes, acrescente-se que materiais como o mosaico ou o vitral, em razão das limitações inerentes ao trabalho sobre eles desenvolvido, obrigam a uma estilização pouco propícia a uma reconstituição minuciosa do vestuário (Piponnier; Mane 1995: 12). Outra questão refere-se à natureza das representações iconográficas, as quais, para períodos anteriores ao século XVII, advêm quase que integralmente de documentos arqueológicos, artísticos ou literários (Pinasa 1992: 6), pelo que deverão ser analisadas e interpretadas com precaução. Como tal, é fundamental contextualizá-las e criticar o seu valor documental, em função dos propósitos do autor e das técnicas utilizadas (Piponnier;

Mane 1995: 9-10), até porque os testemunhos de época não constituem transposições fiéis e inequívocas da realidade (Pinasa 1992: 7).

Face ao exposto, é óbvio que as reconstituições que vêm sendo propostas para o período de dominação germânica se confrontam com toda uma série de resistências, motivadas por lacunas várias, como as acima mencionadas, relativas ao domínio da iconografia. De facto, e a julgar pelos testemunhos materiais conhecidos e conservados, afigura-se que a arte hispano-visigoda não manifestou especial inclinação para a representação humana, nomeadamente dos monarcas que, ao longo dos séculos VI e VII, se sucederam no trono, ou de outros elementos da aristocracia, laica ou eclesiástica. A ausência deste tipo particular de iconografia, excepção feita às efígies monetárias, parece encontrar justificação no interesse que a arte figurativa votou a outros temas, sobretudo de matriz geométrica ou vegetalista. Mas também não será estranha a tendência iconoclasta que, na esteira da Querela, marcou a Alta Idade Média um pouco por todo o mundo ocidental. Com efeito, é apenas no terceiro terço do século X que surgem as primeiras reproduções destes reis na arte hispânica, veiculadas por dois manuscritos ilustrados, os códices Vigiliano e Emilianense, produzidos nos mosteiros riojanos de San Martín de Albelda e de San Millán de Cogolla, respectivamente. Depois e já em meados da centúria seguinte, é numa oficina deste último que se produz a arca relicário de San Millán, cujos marfins ostentam, entre várias outras, uma notável representação de Leovigildo.

No caso dos manuscritos, o mote que conduz à ilustração dos soberanos visigodos prende-se com a natureza dos textos transmitidos, todos compostos no século VII e relacionados com o Direito. Neste sentido, as imagens dos monarcas evocam o seu perfil de legisladores ou a celebração dos concílios de Toledo (Silva 1986: 537-538). De qualquer modo, estas figurações de soberanos são absolutamente restritas, deixando à margem o grosso da população, cujos tipos não surgem, naturalmente, abarcados neste tipo de documentação.

Não obstante, algumas fontes escritas, produzidas entre o século V e o VIII, dão conta de certos pormenores interessantes acerca do universo da indumentária e dos seus portadores. Autores como Sidónio Apolinário (430-489) ou Agatias, que viveu no século VI, referem-se aos "bárbaros" como homens de grande estatura, cabeleira ruiva e nuca

rapada, que envergavam sobre o corpo vestes muito particulares. Uma delas constava da túnica, de mangas curtas ou longas, que se estendia até aos joelhos, cingida ao corpo através de um cinturão. Elementos como este, sujeitos a mais ou menos modificações, terão, aliás, constituído a base do vestuário da época merovíngia na Europa central e ocidental (Boucher 1965: 143; 156).

Mas que tipo de informação traduz a análise da indumentária envergada? Quais as inferências susceptíveis de ser retiradas do uso de determinadas vestes e acessórios? Qual a mensagem veiculada pelo portador e que se impõe perante o olhar dos outros?

É certo que a riqueza da significação do vestuário está longe de se esgotar na definição do nível social, na pertença a um género ou na variabilidade regional, sendo que as clivagens mais profundas podem derivar do estatuto pessoal, herdado, adquirido ou escolhido. Progressivamente mais complexos, os elementos distintivos, que se multiplicam ao nível das vestes e acessórios ou adornos, sublinham a sensibilidade aos signos visuais e o gosto pela expressão codificada de situações e pessoas (Piponnier; Mane 1995: 186-187).

Neste sentido, qual a relevância a atribuir, concretamente, a um adereço metálico aplicado sobre a indumentária?

Afigura-se que os metais não ferrosos e, naturalmente, os preciosos, pela importância intrínseca de que se revestem, granjeiam um papel simbólico fundamental ao surgirem aplicados no equipamento militar ou na indumentária civil, mesmo que essa intervenção ocorra de modo marginal. Assim, e mesmo que em utilizações modestas, o seu carácter decorativo impõe-se, pelo que simples fivelas de sapatos ou apliques de cinturão, feitos em ligas de cobre e estanho, podem apresentar uma ornamentação elaborada ou procurar imitar o brilho e refinamento estético dos trabalhos de ourivesaria (Piponnier; Mane 1995: 36).

Por todos estes condicionalismos e pelas limitações inerentes à abordagem das problemáticas da indumentária se compreende que os contextos sepulcrais assumam um papel incontornável no que ao estudo do vestuário diz respeito. Com efeito, os túmulos afirmam-se como "documentos" em si mesmos, ao propiciar a recolha de informação preciosa, sobretudo no caso dos conjuntos femininos (Boucher 1965: 162). É certo, no entanto, que persistem ainda algumas dúvidas acerca da vinculação do uso de um

determinado tipo de objecto a um género específico, até porque a recorrente ausência de análises osteológicas tem sido contornada através de um método pouco científico e susceptível de acarretar deduções erróneas: a determinação do sexo do indivíduo inumado através dos adornos associados. De qualquer modo, afigura-se que os adereços mais opulentos e diversificados seriam depositados junto das mulheres (Morillo Cerdán 1989: 241-242).

Ora, no território de origem dos Godos e nos locais onde eles se fixaram, entre os finais do século V e ao longo do VI, a indumentária feminina primava pela utilização de grandes placas de cinturão e, em particular, de pares de fíbulas que suportavam, ao nível dos ombros, uma capa ou, em acordo com perspectivas mais recentemente veiculadas, vestes de tipo *peplos*. As mulheres godas continuavam, portanto, a envergar um tipo de vestuário que se encontrava em voga desde a época romana. Aliás, no decurso da quinta centúria e mesmo entre as que se encontravam fixadas no território merovíngio, foi notada uma clara propensão para o conservadorismo da "moda feminina" goda, particularidade responsável pela demarcação face à tendência manifestada por outros povos de origem germânica no reino franco. Assim, a mulher goda continuava a ser facilmente identificada como estrangeira, em função das diferenças evidenciadas pela sua indumentária (Bierbrauer 1997: 167-169). Por outro lado, na *Hispania*, a partir de meados ou da segunda metade do século V, alguns dos adereços utilizados pelos visigodos, nomeadamente as fíbulas de cabeça semi-circular e determinadas placas de cinturão, permitiam evocar paralelos inequívocos com a Europa Central, reflectindo a adopção, por parte da aristocracia bárbara, da "moda danubiana" (Kazanski 1991: 98).

Constava esta de um estilo de indumentária desenvolvida no *limes* por grupos de composição variada e que abarcavam germânicos, alano-sármatas, hunos e greco-romanos (Rodríguez Resino 2003: 285). Nascida na região do Danúbio médio, difundiu-se amplamente entre os grupos aristocráticos da Europa "bárbara", sensivelmente entre os finais do século IV e a primeira metade da centúria subsequente (Kazanski 1991: 72). No entanto, esta "moda" estava longe de configurar uma realidade simples e homogénea. Com efeito, os elementos que a integravam podem subdividir-se em conjuntos diferenciados, que se relacionam com culturas arqueológicas distintas e bem definidas (Rodríguez Resino 2003: 285). O primeiro desses conjuntos, reporta-se ao horizonte de

Tchernjahov, assim designado em função da necrópole epónima, localizada nas proximidades de Kiev (Pérez Rodríguez-Aragón 1996: 178). Nessa "cultura", por vezes associada à de *Sîntana de Murs,* característica dos povos federados (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 633) cruzavam-se elementos e influências variadas, não só germânicas, mas também citas, sármatas ou proto eslavas, com variantes noutras zonas periféricas (Pérez Rodríguez-Aragón 1996: 179). Ainda assim, a sua idiossincrasia é bem particular e, mesmo nos tempos de efectivo domínio huno, persistiram os traços que lhe eram mais característicos (Kazanski 1991: 68).

Nos finais do último terço do século V, ao transferir-se das estepes russas para a bacia carpática o cerne da federação huna (Kazanski 1991: 75), entretanto convertida num autêntico império, foi dado o mote para o arranque dos movimentos migratórios e, consequentemente, para a difusão dos elementos da cultura de *Tchernjahov-Sîntana de Murs* na zona danubiana e da "moda" associada, símbolo de uma cultura material própria da aristocracia sedentária dos povos submetidos aos hunos. É ao longo do período de maior força destes últimos, que a expansão e dispersão dos materiais do horizonte de *Tchernjahov* atinge maior amplitude espacial, extravasando o Danúbio médio, centro do Império de Átila e palco da sedimentação e cristalização mais evidente dessa cultura. Neste sentido, a identificação de objectos de tipo bárbaro oriental nas zonas ocidentais da Europa, tem vindo a ser relacionado com a presença, mesmo que transitória, de gentes oriundas do Sul da Rússia ou do Danúbio inferior. Ressalve-se, porém, que em regra é concedida menor relevância às peças conotadas com a indumentária masculina, visto a mesma poder imitar o aparato militar de outros povos. Em contrapartida e em conformidade com o que acima explicitámos, é atribuído maior significado aos elementos de vestuário feminino, pois são mais tendentes à preservação da tradição étnica (Pérez Rodríguez-Aragón 1996: 180-182) e ao conservadorismo.

Confirma-se, portanto, que os contextos de enterramento, ao albergar testemunhos que remetem para um determinado horizonte ou panóplia de influências, se afirmam efectivamente como veículos primordiais para o conhecimento de questões particulares da indumentária, dos modos de utilização dos acessórios metálicos e das motivações que estiveram na raiz da sua aplicação.

Com efeito, uma das preocupações que parece encontrar-se subjacente ao recurso sistemático dos povos germânicos à inumação vestida prende-se com a necessidade de reflectir, na morte, a condição social que o indivíduo havia granjeado em vida. Neste sentido e sob a sua influência, o mundo funerário começou a evidenciar algumas tendências reveladoras: por um lado, o paulatino abandono das oferendas alimentares e da tendência para a deposição do "serviço de mesa", o qual, presente nos sepulcros do final do Império, podia agora surgir limitado a uma só peça ou encontrar-se, por vezes, absolutamente ausente; por outro, a diluição do conteúdo e importância simbólica da colocação do óbolo a Caronte junto do defunto, costume pagão, que, não obstante, logrou persistir ao longo dos séculos. Em compensação, as novas práticas transmitiam uma propensão para o aparato na morte. De facto, ao associarem-se as armas ao homem, no caso de se tratar de um guerreiro ou as jóias à mulher, se integrada no meio aristocrático, transpunham-se para o sepulcro os sinais distintivos da personalidade ou identidade de cada indivíduo e, em paralelo, estabelecia-se uma ponte para o Além, imbuída da ordem e da hierarquia experienciadas em vida (Barroca 1987: 73-74). De qualquer modo, ao atender-se ao luxo e complexidade de que se revestia algum mobiliário funerário, poderia equacionar-se a improbabilidade de, no quotidiano, os visigodos prepararem a sua indumentária em conformidade com tal ostentação, daí a possibilidade de os objectos de adorno ou destinados à aplicação sobre a indumentária configurarem uma composição específica e apropriada ao trânsito da morte (Morillo Cerdán 1989: 244).

Em paralelo, questiona-se também a própria natureza dessas mesmas materialidades. Com efeito, representariam uma oferenda ao defunto ou um conjunto de elementos pessoais que lhe havia pertencido em vida? No primeiro caso, haveria que relacionar a referida prática com a vigência de crenças *post mortem*, segundo as quais se mantinha uma ligação entre os dois mundos, evocando-se, no dos mortos, através daqueles objectos, as reminiscências da vida ou dependendo da sua presença o bem estar de quem partira. No segundo, a sua ocorrência poderia traduzir a impossibilidade de os transmitir por herança (Young 1977: 36). Ora, excepção feita às situações em que foi reconhecida uma vasilha no interior do túmulo, traduzindo a simbologia do espólio votivo, afigura-se que os restantes elementos, adereços, armas ou demais utensilagem, muitas vezes denunciando sinais de uso, pretenderiam desvelar a condição social ou o

enquadramento profissional do indivíduo inumado. Neste sentido e na esteira do apontado por E. Salin, esses indicadores congregados na morada de morte, poderiam determinar a continuação das circunstâncias da vida no Além (Barroca 1987: 74).

Justifica-se, portanto, a atenção concedida às descrições relativas ao modo como os corpos eram depositados nos enterramentos. Uma delas baseia-se na disposição dos materiais em sepulturas do cemitério de Herrera de Pisuerga (Palência), tido como um dos modelos mais característicos de necrópoles visigodas na *Hispania*. Denotando especial desvelo, as mulheres eram vestidas com uma ampla túnica, conforme se deduz das pregas conservadas sobre as placas de cinturão. A veste assentava nos ombros, sendo presa à altura das clavículas por fíbulas e, nos quadris, por um cinturão largo, encerrado por uma fivela. Todavia, a ornamentação proporcionada às mulheres no túmulo só se completava com os colares, pendentes, braceletes e anéis que a teriam acompanhado em vida ou que comporiam a designada "indumentária para a morte". Também nos sepulcros dos homens se reconheciam cuidados similares, sendo eles vestidos e adornados com as peças que haviam outrora utilizado, pelo que os adereços eram dispostos em conformidade com a aplicação funcional que lhes tivesse sido votada. Mas, para além destes objectos, ocorriam ainda algumas facas ou, num único caso, um pente, depositado junto dos pés do defunto. Todavia, a escassez de materiais metálicos e não perecíveis das sepulturas masculinas de Herrera de Pisuerga, conferia-lhes um carácter menos ostensivo que o revelado pelos enterramentos femininos (Martínez Santa-Olalla 1934: 152; 154).

Neste ponto, coloca-se a necessária questão de estabelecer a vinculação de cada um dos tipos de objecto a um género em particular, terreno onde persistem zonas de obscuridade. É certo que se encontram arqueologicamente documentadas algumas relações e confirmada a existência de peças comuns aos "enxovais" dos dois sexos, caso das fíbulas e das placas de cinturão, daí que se presuma que as demais se constituam como elementos diferenciadores (Morillo Cerdán 1989: 244). G. G. König, por exemplo, identifica as inumações masculinas através da presença de apliques de cinturão escutiformes e de facas ou punhais. Em contrapartida, desvela as femininas a partir dos pormenores inerentes à característica indumentária gótica: o par de fíbulas colocado à altura dos ombros e a grande placa rectangular na cintura, os quais podem ser

complementados com braceletes, colares de contas e brincos anelares, por vezes providos de pendentes poliédricos ornados com vidros coloridos (Kazanski 1991: 98; 101).

De qualquer modo e no estado actual de conhecimentos, refira-se que a conjugação deste tipo de elementos, reconhecida nas necrópoles do primeiro grupo, caso da acima citada de Herrera de Pisuerga, mas também de Duratón, Castiltierra ou Madrona, com cronologia compreendida entre os finais do século V e o ocaso do VI, reflecte inequívocas reminiscências da indumentária gótica, cujos arquétipos radicam na Europa Central. Neste sentido, que informação relativa à sociedade visigótica propriamente dita deriva da análise dos contextos sepulcrais do referido intervalo temporal? A questão que, de imediato, sobressai, prende-se com a preservação de uma espécie de "consciência nacional", traduzida materialmente na manutenção de um tipo de indumentária muito específico e revelador de um claro conservadorismo.

Não obstante, continua a revelar-se problemático definir se os visigodos se faziam inumar nos espaços cemiteriais que lhes eram próprios ou se, em resultado de cruzamentos com as populações locais, estas acabariam por adoptar a indumentária que se assumia como apanágio dos primeiros. De qualquer modo e apesar da persistência de interrogações, a presença, em alguns contextos sepulcrais, de determinados objectos que não são característicos dos visigodos, expressa os prenúncios da aculturação entre os dois povos.

Já no segundo grupo de necrópoles, que emergem no século VII, um pouco ao longo de todo o território peninsular, é sintomática a ausência de materiais de inspiração germânica. Com efeito, o mobiliário fúnebre passa a espelhar outras influências, nomeadamente de feição bizantina, as quais surgem perfeitamente ilustradas na proximidade das novas placas de cinturão com as de tipo Trébizonde (Kazanski 1991: 98; 101). Assim, por um lado, corporizavam-se as transformações que, ainda no século VI, tinham começado a invadir o substrato artístico vigente (Cristóbal Rodríguez 1981: 427). Por outro, o progressivo desaparecimento do cunho germânico consubstanciava a completa integração dos descendentes dos conquistadores visigodos no seio da população hispano-romana e o nivelamento étnico da população (Kazanski 1991: 103).

Que restava, portanto do primordial ascendente germânico? Será lícito continuar a aplicar a designação de "visigodo" a esse segundo grupo de espaços cemiteriais?

Ora, perdida a fundamentação para perseverar no uso da conservadora indumentária gótica e dos adereços que a complementavam, símbolo por excelência de um espírito cujas raízes se prendiam à Europa central, esgotou-se a personalidade mais profunda e diferenciadora do povo visigodo. Com efeito, os materiais que começam então a ser proporcionados pelas necrópoles hispano-visigodas dispersas pelo território abarcado pelo reino de Toledo, ao surgirem desvirtuados dos símbolos identitários patentes nas do primeiro grupo, deixam de permitir o reconhecimento claro do elemento germânico (Kazanski 1991: 101;103).

De facto, o século VII assistiu à delineação de intensas redes comerciais que cruzavam o Mediterrâneo e o continente europeu e através das quais circulavam produtos importados, nomeadamente oriundos de oficinas orientais. Dessas relações decorreu uma significativa homogeneização cultural e artística, que se reflectiu na generalização do uso de adereços e elementos de vestuário de matriz bizantina e mediterrânica, produtos que respondiam a um novo gosto e a uma nova moda (Ripoll López 1998: 33; 60).

A sua difusão estendeu-se também ao quotidiano do território peninsular e, consequentemente, ao mundo funerário. Com efeito, ao participar da indumentária transposta para o túmulo, os objectos imbuídos destas renovadas tendências, conduziram à uniformização do mobiliário fúnebre, impossibilitando a identificação do ascendente germânico.

Deixou, portanto, de se poder considerar a existência de duas unidades étnicas, dotadas de características bem individualizadas e diferenciadoras. Pelo contrário, o registo arqueológico parece fazer eco da existência de uma só comunidade, desvirtuada do elemento visigótico, mas agregada em torno de traços comuns ao mundo mediterrânico e cristão (Ripoll López 1998: 65).

6. Estações portuguesas geradoras de materiais "germânicos".

Nesta abordagem, restringimo-nos exclusivamente aos sítios que proporcionaram a recolha de elementos metálicos de adorno ou directamente relacionados com a aplicação na indumentária, cuja cronologia surge balizada entre os séculos V e VIII. Neste sentido, o inventário realizado não abarca todas as estações que proporcionaram materiais de origem germânica, cingindo-se antes a um rol muito específico e limitado ao âmbito do nosso estudo.

As informações de que dispomos acerca dos sítios listados nem sempre se revelam completas. Independentemente de tal circunstância, porém, é-nos possível afirmar que o corpo mais significativo de materiais provém de contextos de enterramento. Alguns deles, no entanto, são oriundos de povoados ou de *villae* romanas reocupadas; para outros, ainda, a origem é rigorosamente desconhecida. Neste casos e de acordo com os dados que possuímos, "localizamo-los" em função do espaço amplo que proporcionou a recolha ou, simplesmente, associamo-los à instituição em que se encontram depositados.

A listagem que se segue apresenta as estações por ordem alfabética, no enquadramento de três grandes unidades geográficas que estabelecemos por motivos de organização do texto. A primeira encontra-se compreendida entre o extremo norte do território político português e o rio Douro; a segunda, entre este e o Tejo. A derradeira, por seu turno, estende-se a partir desta via fluvial até ao extremo sul de Portugal, tocado pelo Atlântico. A nascente o limite é naturalmente definido pela linha de fronteira com Espanha.

6.1. A Norte do Douro.

Principiamos, neste sentido, por uma necrópole localizada em Eido da Renda, freguesia de **Beiral do Lima** (Ponte de Lima), designação pela qual é conhecido o sítio, cuja descoberta remonta a 1959. Com efeito, no contexto da realização de trabalhos agrícolas, foram colocadas a descoberto algumas estruturas de inumação, circunstância que logo determinou a escavação fortuita da área que propiciou os vestígios (Viana 1961:

3). Foram assim revelados cerca de vinte sepulcros, parte dos quais de contorno trapezoidal, definidos com base em materiais reutilizados e orientados segundo o eixo nordeste/sudoeste (Rigaud de Sousa 1979: 294-295). Os restantes, escavados directamente no substrato, seriam mais tardios e representativos de uma segunda fase de ocupação da necrópole (Barroca 1987: 83-84). A recolha de formas cerâmicas, a par de delicadas peças de vidro e de ouro terá decorrido da observação das terras removidas, levada a cabo pelo proprietário do terreno (Viana 1961: 4). A maior parte dos materiais assim exumados foram doados pelo proprietário ao Museu de Etnografia e História do Douro Litoral (Lanhas 1969: 249), encerrado ao público em 1992. Na sequência de tal acontecimento e em acordo com algumas informações e indicações bibliográficas (López Quiroga 2001: 117), parte deles teria sido remetida para o MNA. Não obstante, aquando do estudo, naquela instituição, das restantes peças que incluímos no Catálogo, foi-nos assegurado que quer o anel (An - 11) quer o diadema (Dia - 01) não se encontravam ali depositados, pelo que não se revelou possível observar qualquer um deles.

Segue-se a estação de **S. Caetano**, situada na freguesia de Couto de Ervededo, concelho de Chaves (Cardozo 1942: 242). Refere-se ao espaço em torno de um Santuário, provido de uma série de elementos artísticos e arqueológicos, entre os quais se destaca um pequeno templo de planta quadrangular erguido no tempo da Reconquista, mas actualmente soterrado e uma necrópole que foi já parcialmente destruída. Situado numa encosta da área de transição entre o planalto do Barroso e a veiga de Chaves, inscrevia-se, nos tempos alti-mediévicos, junto a uma das vias que estabelecia a ligação entre *Aquae Flaviae* e *Bracara Augusta,* assumindo um papel fulcral como eixo de circulação ao longo de toda a Idade Média (Sande Lemos 1987: 152-156).

Ora, a primeira notícia acerca da estação ocorre nos alvores da década de 40, mais concretamente, em 1942. Com efeito, no contexto da execução de grandes movimentos de terra, motivados pelo ensejo de preparar novos acessos ao santuário, responsáveis pela alteração da fisionomia original do sítio, foram colocados a descoberto abundantes vestígios arqueológicos, em particular, cerâmicas e material de construção. Seguidamente e com a progressão da remoção de terras conduzida pelo pároco, vieram a lume outros elementos, desta feita metálicos, entre os quais uma moeda romana do tempo de Magnêncio, datada de meados do século IV e uma placa de cinturão muito completa

(Pl - 03). O entusiasmo gerado pelos achados, ao difundir-se entre os curiosos das antiguidades, acabou por fazer chegar a notícia a Mário Cardozo, a quem se ficou a dever, para além da publicação do artigo, o estudo dos artefactos exumados e o depósito institucional dos materiais (Cardozo 1942: 243-246). Refira-se ainda que, em paralelo aos objectos supracitados, o autor publicou também um aro de fivela semi-circular, que classificou como visigótico, muito embora salientando o facto de não lhe ter sido possível detectar qualquer exemplar similar em Hans Zeiss (Cardozo 1942: 252; 255-256). Da análise presencial que votámos à peça e da confrontação promovida quer com outros objectos observados, quer com elementos patentes na bibliografia consultada, concluímos que o aro de fivela não se enquadra em qualquer tipologia de adorno pessoal ou de vestuário, pelo que o excluímos do âmbito do nosso estudo.

Por último e antes de dar por concluída a exposição acerca de S. Caetano, refira-se que, mais recentemente, em 1986, a estação foi sujeita a trabalhos arqueológicos, motivados pelas ameaças que vinham colocando em causa a integridade do sítio. Desta feita obedecendo a metodologia científica, a escavação centrou-se na área da necrópole cristã, cuja cronologia deverá ser apontada para o intervalo de tempo compreendido entre o século X e XIII (Sande Lemos 1987: 149-151), não tendo proporcionado o reconhecimento de qualquer vestígio adicional que explicite a natureza da presença visigótica no local.

Outro dos pontos a referir para o Norte de Portugal consta do lugar do **Castro**, Sta. Marinha do Zêzere, concelho de Baião, onde terá sido recolhido um fragmento de placa de cinturão (Almeida 1962: 245-246; Barroca 1984: 120), integrada no Catálogo anexo (Pl - 04). A ocorrência deste elemento naquele local poderá ser relacionada com o facto de o sítio, provavelmente reocupado em tempos ulteriores à romanização, se localizar nas proximidades da antiga paróquia suévica ou paroécia de Melga, lugar de *Belga* e que vem referida no *Parochiale,* estudado e divulgado por Pierre David (Barroca 1984: 120-121). Com efeito, a hipótese de coincidência entre Sta. Marinha do Zêzere e a referida paróquia não encontra oposição ao nível fonético, sendo até presumivelmente corroborada ao considerar-se que o topónimo Crasto pode evocar a *civitas* Melga e a respectiva necrópole (Fernandes 1997: 73). Não obstante, registe-se que, mais

recentemente, foi considerada a possibilidade de Melga se referir antes a Carvalho de Rei, sítio inscrito no actual concelho de Amarante (Alarcão 2001: 43).

Avançando agora para Nordeste, detenhamo-nos em **Castro de Avelãs**, freguesia localizada a escassos quilómetros de Bragança (Pinheiro 1888:71) e que corresponderá à velha paroécia de Vergantia (Fernandes 1997: 103). Ali se terá fixado a capital da *civitas* romana dos *Zoelae* e, eventualmente, tomado posteriormente lugar a sede do *pagus* suévico estabelecido em Bragança, possibilidade que carece ainda de dados que permitam atestá-la (Alarcão 2001: 35).

Na Torre Velha, a cerca de quatrocentos metros de Castro de Avelãs, radicaria o lugar original de formação da povoação (Pinheiro 1888: 77), tendo ali sido descortinadas estruturas várias, caso das ruínas da Capela de S. Sebastião e dos sepulcros do velho cemitério, ainda providos de restos osteológicos. Em paralelo e no que se refere à componente material, recolheu-se um conjunto diversificado de testemunhos: diversas epígrafes e, ao nível dos adornos metálicos, pelo menos uma fivela (Fv - 09), à qual o autor se refere como fíbula (Pinheiro 1888: 81-84). O facto de o referido elemento de vestuário ter sido exumado do interior de uma sepultura, sita a escassos metros de uma das entradas da capela, aliado à descrição da orientação das estruturas de inumação e à acumulação de crânios e demais restos osteológicos pertencentes a diferentes indivíduos, configurando um caso de reutilização de sepulcros, leva-nos a considerar que a necrópole implantada naquele local, teria certamente ascendência germânica. Com efeito, a reutilização representa uma situação bastante recorrente em cemitérios visigóticos, encontrando-se bem documentada na geografia peninsular (Brotóns Yagüe 1997: 407). De facto, na necrópole de Alter do Chão (António; Reis 2008: 358), na de Silveirona II, sita em Santo Estêvão, Estremoz (Cunha 2008: 75-76), nas de Alcoitão e Talaíde, em Cascais (Oliveira 1888-1892: 87-88), na de Segobriga, em Cuenca (Almagro Basch 1975: 112) ou na do Camino de los Afligidos, em Alcalá de Henares, entre outras, é detectada a inumação de mais do que um indivíduo em várias das sepulturas identificadas. Outros dois casos são configurados pela necrópole de Casa Noguera de Archivel, em Murcia (Brotóns Yagüe 1997: 407) ou pela de Pamplona, em Navarra. Com efeito, em ambas ocorre com frequência o fenómeno de sobreposição de cadáveres no mesmo sepulcro, circunstância que poderá eventualmente traduzir o desejo de enterrar em conjunto os

membros de uma mesma família, circunstância que não representa propriamente uma atitude de falta de respeito ou uma tentativa de economia de materiais (Mesquíriz de Catalán 1965: 46). Aliás, pode antes indiciar que os cemitérios se encontravam bem organizados, em função dos grupos familiares existentes, muito bem definidos e, em paralelo, que o espaço funerário era herdado de pais para filhos (Ripoll López 1989a: 454; 461).

Retornando agora ao Noroeste, concentremo-nos, em primeiro lugar, no **Castro de Cendufe**, também designado como Castelo do Mau Vizinho (Silva 2008: 118) e relativo, na etimologia germânica, a *Quindulfi/Vigiti* (Fernandes 1997: 159). Localizado nos Arcos de Valdevez, posiciona-se estrategicamente num cume elevado e sobranceiro, que lhe garante visibilidade sobre um considerável número de povoados castrejos implantados nas margens do Lima e do Vez. Conservando ainda vestígios do perímetro muralhado e de construções circulares, terá sido, em acordo com informação veiculada pelas Memórias Paroquiais de 1758, reocupado durante o período de dominação muçulmana. Entre os variados materiais que foram já recolhidos naquele sítio, nomeadamente cerâmicos, encontra-se um fuzilhão em bronze, cujo actual local de depósito não se revelou possível descortinar. Dotado de base escutiforme, constituía parte de uma fivela que não foi recuperada. Ainda assim, revelou-se possível reconhecer similitudes entre o objecto em causa e peças exumadas nos cemitérios visigóticos de Alcoitão e Abuxarda, em Cascais (Pereira 1908: 203-204) ou de Alcaria, em Caldas de Monchique (Viana *et al.* 1949: 2; Formosinho *et al.* 1953: 132).

A **Citânia de Briteiros**, situada no Monte de S. Romão, em São Salvador de Briteiros, Guimarães, cujas ruínas são conhecidas desde meados do século XVI (Cardozo 1990: 21), refere-se a um extenso povoado fortificado da Idade do Ferro, um lugar central no contexto do Noroeste peninsular. Com efeito, esta ampla unidade geográfica, cujos "limites" coincidem genericamente com os definidos para o *Conventus Bracaraugustanus,* mercê das particularidades naturais e da especificidade do relevo que a caracteriza, tornou-se favorável à fixação de núcleos populacionais em locais elevados, em obediência incontornável a critérios de defesa, num período pautado por vincadas mudanças, fundamentalmente de tipo económico e social.

Ora, a região envolvente de Braga, central no quadro do Entre Douro e Minho e na qual se inscreve também Sabroso e Briteiros, sítio que aqui nos ocupa, foi sujeita a particular atenção por parte de F. Martins Sarmento (Silva 200: 14-17), que ali iniciou escavações em 1875 (Cardozo 1990: 21). A Citânia, fundamentalmente conotada com a ocupação na Idade do Ferro e ulteriormente, com a romanização, iniciada no século I d.C., proporcionou, não obstante, a recolha de elementos altimediévicos. É o caso de um capitel em granito, no qual é ainda nítida a influência romana (Almeida 1962: 223) e de quatro fivelas de aro quadrangular (Cardozo 1961: 453; fig. 5, nº 1, 3 e 4; fig. 6; Cardozo 1990: 55, fig. 15; Palol Salellas 1969: 143, fig. 25, nº 7, 8 e 11; 151), claramente relacionadas com exemplares exumados em Conimbriga e integrados no Catálogo em anexo (Fv - 11, Fv - 14 e Fv - 15). Ressalve-se, no entanto, que não se revelou possível examinar directamente nenhum dos materiais metálicos procedentes de Briteiros, visto não ter sido identificado o local onde se encontrarão conservados.

A estação arqueológica localizada junto ao santuário de Santa Marta das Cortiças e normalmente designada por **Falperra**, situa-se na freguesia de Esporões, Braga. As primeiras referências publicadas acerca do sítio ficam a dever-se a Albano Belino, que, ao detectar uma estrutura de configuração circular, julgou encontrar-se ali implantado um povoado castrejo similar a Briteiros. Posteriormente, já em plena década de 50 e na sequência de um intervalo de tempo em que a estação foi votada ao esquecimento, F. Russell Cortez e Arlindo Ribeiro da Cunha foram incumbidos de desenvolver escavações metódicas no local. Não tendo nunca, porém, sido publicados os resultados da intervenção, é sabido que Russell Cortez assumiu que a estrutura redonda constava da abside ultra-semicircular da basílica paleocristã. Mais tarde, o cónego Arlindo Cunha desencadeou novos trabalhos arqueológicos, acerca dos quais também nada foi publicado e, em 1966, foi a vez de Pinho Brandão e Rigaud de Sousa iniciarem uma curta escavação, que acabou por ditar o mote para outros trabalhos posteriores (Rigaud de Sousa 1968/70: 3-5).

Não obstante as lacunas de conhecimento decorrentes dos circunstancialismos expostos, considera-se que a estação da Falperra alberga um conjunto datado dos séculos V ou VI (Almeida 1979: 312), assente sobre um povoado da Idade do Bronze. Em paralelo, registe-se que tem merecido boa aceitação a hipótese avançada por Russell

Cortez, relativa à possibilidade de a estrutura circular a que acima aludimos configurar uma basílica paleocristã, sendo que Palol Salellas ponderou até assimilar o conjunto revelado, a um mosteiro (Rigaud de Sousa 1968/70: 10; 1973: 9). Do sítio em causa é originária uma fíbula, actualmente depositada no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa e incluída no Catálogo em anexo (Fb - 09).

Lovelhe ou *Lupelli* (Fernandes 1997: 158), em Vila Nova de Cerveira, propiciou, em local adjacente à Quinta do Forte e no âmbito de uma escavação levada a cabo em 1985, a exumação de uma conta áurea. O sítio, implantado num outeiro estrategicamente posicionado (Almeida; Recarey 1988: 199) e onde actualmente pode ainda ser observada uma fortaleza setecentista, erguida no contexto da Guerra da Restauração, tem vindo a revelar uma ocupação diacrónica. Com efeito, encontra-se documentado naquele local um *habitat* da Idade do Ferro e testemunhos associados à romanização, a par de outros mais tardios, de período "suevo-visigótico" (Almeida; Recarey 1985/86: 123). A conta (Cc - 01), revela uma técnica empobrecida de filigrana e entrançado, em que avultam os motivos em *SSS*, conjugados com elementos que evocam a palmeta clássica (Almeida 1986 a: 38). É-lhe apontado, como paralelo directo, um brinco exumado em Daganzo de Arriba (Almeida; Recarey 1988: 202), indicação a que acrescentamos, em razão do trabalho em filigrana, uma peça em prata recolhida na sepultura 192 da necrópole de Duratón (Molinero Pérez 1948: 154; lâm. XXXII, fig. 3; lâm. XL; lâm. XLIX, fig. 1, nº 8).

Prosseguindo, consideremos agora o sítio de **S. Miguel**, em Caldas de Vizela, palco de intensa ocupação urbana e balnear durante o período da romanização. A importância de que se revestiu levou a que o povoado romano ali implantado chegasse a ser considerado como provável capital de *civitas*. No entanto, tal hipótese encontra-se actualmente imersa em dúvidas, dada a impossibilidade de definir um *territorium* geográfico que se lhe encontrasse afecto. Neste sentido, afigura-se mais plausível que Caldas de Vizela tenha antes funcionado como um importante *vicus* romano, designado como *Aquae Calidae* e implantado no limite da região ocupada pelos *Bracari*.

A sua pervivência ao longo da Idade Média, à semelhança do que sucedeu com outros *vici,* poderá ter ficado parcialmente a dever-se ao seu posicionamento específico, nas proximidades das vias militares romanas, factor que se assumiu como determinante

também no caso de Tongobriga. Registe-se, aliás, que tanto Tongobriga como Caldas de Vizela são referenciadas no *Parochiale* suévico datável do século VI, esta última sob nova designação, *Occulis,* a qual terá sido colhida no Baixo Império ou já em pleno período de dominação sueva. Neste ponto, acrescente-se ainda que, não obstante a denominação de *Occulis Calidarum* ter perdurado pelo menos até 1014, o *Parochiale* terá abreviado o nome, registando apenas *Occulis* (Alarcão 2004: 206).

São vários os vestígios documentados em Caldas de Vizela. Em S. Miguel, concretamente, local que congrega alguns topónimos derivados da antroponímica genitiva (Fernandes 1997: 154), foi identificada, no âmbito da abertura de fundações para construção de um edifício e em local imediatamente adjacente à igreja, uma necrópole composta por catorze estruturas de inumação (Arezes 2006: 26-27). A escassez e a pobreza de materiais exumados do interior dos sepulcros configuram uma das particularidades a destacar acerca da necrópole e um contributo para a compreensão e integração cultural da mesma. Com efeito, em paralelo a um único adorno de vestuário, um aro de fivela em ferro, muito incompleto e em mau estado de conservação (Arezes 2006: 8; 17; 24), integrado no Catálogo em anexo (Fv - 17), foi apenas possível recolher um elemento de mobiliário fúnebre: uma vasilha inteira, com asa grafitada. A sua presença poderá relacionar-se com o antigo costume romano de verter bálsamos ou perfumes sobre as cinzas ou cadáver, ou com a prática de oferendas alimentares ou libações. Uma outra possibilidade apontada é a de, nos cemitérios tardios, este tipo de forma se encontrar conotada com a vasilha litúrgica utilizada no sacramento do baptismo, podendo adquirir o significado de passagem e arrogar-se a possibilidade de propiciar purificação, em acordo com as novas crenças veiculadas. Sítios como San Pedro de Alcântara, em Málaga (Brotóns Yagüe 1997: 403) ou o Poço dos Mouros, em Silves (Gomes 2002: 353-355), que proporcionaram os achados de peças similares no interior de sepulturas, serão de época visigoda, hispano-romanos e necessariamente relacionados com as áreas mais romanizadas da Península ou, em acordo com outra hipótese, do período hispano-visigodo, posteriores à unificação étnica e religiosa encetada por Leovigildo e completada por Recaredo (Ripoll López 1989b: 417).

O sítio que se segue, designado como **Paço Velho da Facha**, inscreve-se na freguesia da Facha, Ponte de Lima e corresponde a uma antiga *villa*. Aquando dos

acontecimentos conturbados do século V e, nomeadamente, com a chegada dos suevos à região do Minho, terá ocorrido naquela região uma divisão das terras nas zonas mais férteis e, por outro lado, a "fuga" de habitantes menos propensos a transformações e mudanças para áreas mais interiores e afastadas. Por este motivo, tem sido apontada a possibilidade de grande parte dos pequenos lugares fixados nos recantos mais serranos do Entre Douro e Minho possuírem génese suévica ou visigótica.

Neste sentido e precisamente no enquadramento dessa partição das terras, o *fundus* que tomou lugar na antiga *villa* acabou, cerca dos finais do século V, por se repartir em duas partes. Assim, uma delas terá ficado nas mãos do proprietário hispano-romano e a outra, do Paço Velho, terá sido remetida para um dono diferente, suevo responsável pela edificação de renovada *villa*, inspirada na casa agrícola romana. Este novo proprietário ou algum dos seus descendentes, seria eventualmente um converso cristão, conforme deduzido pelo achado da placa de cinturão epigráfica (Pl - 15) integrada no Catálogo em anexo, onde avulta a inscrição *Christus Sit Tecum* (Almeida 2003: 373).

Ainda nos domínios do Noroeste, detenhamo-nos no último local a mencionar a norte do Douro. Trata-se da freguesia de **Palmeira**, situada em Braga, sede da extensa diocese de *Bracara* (Fernandes 1997: 103). Do espaço abarcado pela referida freguesia provém um anel visigótico em bronze, com cronologia atribuída, muito embora com algumas reticências, ao século VII (Costa 1997: 117). No entanto, desconhece-se a procedência concreta do achado, não se registando, em paralelo, qualquer indicação que permita eventualmente relacioná-lo com algum dos sítios de *habitat* com ocupação documentada para a Romanização ou Idade Média em Palmeira, caso de Pitancinhos, Santo Estêvão/Póvoa ou Santo Estêvão Velho ou das Pardelhas (Fontes 1993: 62-63). Acerca da peça, nada temos a acrescentar, visto que se encontra ainda inédita e que do Museu Pio XII, onde se encontra depositada, não foi obtida qualquer resposta às solicitações para proceder ao seu estudo.

6.2. Entre o Douro e o Tejo.

Transitando agora para a região centro do território português, principiamos pelo sítio da **Abuxarda**, respeitante a uma necrópole identificada num espaço designado como

Meroeiras, em Alcabideche, concelho de Cascais (Paço 1960: 9). Considerada idêntica à de Alcoitão, localizada na mesma freguesia, implantava-se na encosta sul de uma colina suave, onde os sepulcros, a maior parte dos quais orientados segundo o eixo este-oeste, surgiam dispostos *"en rangée"*. As estruturas de inumação eram constituídas com base em blocos de xisto afeiçoado ou tijolos aparelhados, de dimensão considerável, sendo que as que evidenciavam uma construção mais cuidada, possuíam revestimento interno, preparado com cal e areia. No interior das sepulturas revelou-se possível reconhecer a acumulação de restos osteológicos de diversos indivíduos (Oliveira 1888-1892: 88), circunstância que configura assim um caso mais de reutilização das estruturas de inumação, a acrescentar aos já conhecidos na Península. Entre os materiais exumados no cemitério, classificado como tardo-romano ou visigótico, registou-se espólio votivo, uma espada e adornos metálicos (Cardoso 1991: 45), os quais constituem o conjunto numericamente mais expressivo que tivemos oportunidade de estudar. Depositado no MNA, inclui vários brincos anelares (Bri - 01 a Bri - 07), anéis (An - 01 a An - 09), um bracelete (Bra - 01), três fivelas (Fv - 01 a Fv - 03) e um elemento de cinturão de placa rígida (Pl - 01), indicador precioso para a formulação de propostas cronológicas e para a integração cultural da necrópole.

Ainda em Alcabideche, regista-se a existência de uma outra necrópole, a de **Alcoitão**, também designada como Cemitério do Alto da Peça. Inicialmente tido como romano e só mais tarde considerado visigótico, foi classificado como I.I.P. (decreto-lei nº 67/97, de 31 de Dezembro), sendo conhecido desde os finais do século XIX (Cardoso *et al.* 2001: 192). À semelhança do verificado no conjunto da Abuxarda, também no de Alcoitão os sepulcros identificados, mais de três dezenas, se apresentavam dispostos *"en rangée"* e orientados segundo o eixo este-oeste. No interior das estruturas de inumação, definidas por lajes verticais, repousavam vários indivíduos, a maior parte das vezes dois ou três, evidenciando-se, neste sentido, a prática continuada da reutilização das sepulturas (Oliveira 1888-1892: 87), sendo que os abundantes restos osteológicos exumados constituem ainda fonte de referência para estudos antropológicos (Cardoso *et alli* 2001: 192). Já no que se refere à componente artefactual proporcionada pela necrópole, mais pobre que a gerada pela da Abuxarda (Paço 1960: 9), limitou-se a dois elementos de

cinturão e a dois anéis em bronze, um dos quais (An - 10), ornado com *SSS*, se encontrava depositado sobre o crânio de um indivíduo inumado (Oliveira 1888-1892: 88).

Segue-se, desta feita no enquadramento do concelho de Abrantes, o sítio de **Aneirão**, micro topónimo associado a uma propriedade agrícola localizada nas imediações da Quinta do Casal da Várzea, freguesia de Alvega, onde foram detectados restos de duas estruturas de inumação. O reconhecimento dos vestígios, ocorrido no contexto do acompanhamento das obras de reabilitação da Rede de Rega de Alvega, decorreu do achado de materiais romanos numa vala mecânica, circunstância que motivou a escavação de sondagens de avaliação. Foi, pois, apenas na sequência deste procedimento que se revelou possível observar os dois sepulcros rectangulares, abertos no substrato e definidos através de lajes de xisto dispostas na vertical. Na sepultura 1 foi exumada uma pulseira em bronze, fragmentos de um anel, também em bronze, provido de uma pedra de contorno ovalado em pasta de vidro, a par de contas em prata, colocadas junto à cabeceira. Por seu turno, a sepultura 2 facultou a recolha de uma conta de colar em pasta de vidro e de uma fivela de cinturão em bronze (Gaspar; Batista 2009: 33-35), peça com paralelo evidente numa das placas rígidas com fuzilhão de base escutiforme procedentes da Sierra Elvira, em Granada (Ripoll López 1998: 117, citando Gómez Moreno 1888: nº 237), integrável no nível IV de Ripoll López, com cronologia atribuída ao período compreendido entre 560/80 e 600/640 (1998: 57). A análise dos objectos revelados[1] e da tipologia construtiva apresentada pelos sepulcros, conduziram os autores da intervenção a definir o cemitério como tardo-romano ou visigótico, a atribuir-lhe uma ocupação balizada entre o século VI e o VIII e a reconhecer-lhe similitudes com o sítio da Fonte do Sapo, ao qual adiante aludiremos (Gaspar; Batista 2009: 35-36).

Em **Casal de Pianos**, ou melhor, na Plataforma de Pianos, unidade geográfica situada na freguesia de S. João de Lampas (Sintra), verifica-se uma longa história de ocupação, traduzida na identificação de vários sítios. Com efeito, são ali conhecidos testemunhos que remontam ao Paleolítico, Neolítico e Calcolítico, datando, porém, do período romano e ulteriores, os indícios de presença humana mais vincada, conforme atestado pelos abundantes materiais sinalizados.

[1] Os materiais encontram-se depositados no Museu Municipal D. Lopo de Almeida, em Abrantes, não nos tendo sido possível estudá-los.

De facto, naquele planalto terão existido distintos locais de habitat, ou antes, diferentes núcleos de uma organização de povoamento tipo *villa*, designadamente em Pombal-Camalhão, Paredes Bem Feita e no Cerrado das Torres (Monteiro 2003: 4).

Ora, é este último sítio aquele nos interessa destacar, no quadro da ocupação humana documentada na Plataforma de Pianos. Com efeito, no Cerrado das Torres, onde a recolha de indícios epigráficos funerários aponta no sentido de ter ali existido uma necrópole de incineração romana, possivelmente enquadrada entre os finais do século I e os alvores do II, foram também detectadas, aquando da realização de trabalhos agrícolas, três estruturas de inumação, subdivididas em dois grupos, apesar do reduzido número do conjunto (Monteiro 2003: 6). Com efeito, a sepultura nº 1 apresentava configuração rectangular, enquanto os sepulcros nº 2 e 3 da necrópole, integráveis no século V, denotavam contorno trapezoidal. Em função, pois, das tipologias das estruturas e dos materiais exumados, foi definida uma proposta de enquadramento cronológico para o cemitério, o qual teria começado a ser utilizado no século IV, vivido o seu período de apogeu na centúria subsequente e o ocaso, possivelmente já no século VI.

Entre os materiais recolhidos no Cerrado das Torres, avulta um meio bronze de Marco Aurélio Severo Alexandre, datado de 231 e contas discóides, produzidas em pasta vítrea, com cronologia balizada entre os séculos V e VI (Ribeiro 1980: 8). Para além destes, regista-se a ocorrência de um anel áureo, provido de mesa rectangular, com uma pedra encastoada, de cor verde e aro profusamente ornado, onde se evidenciam motivos vegetalistas em baixo-relevo. As peças apontados como paralelos radicam em exemplares exumados num sepulcro da necrópole de Duratón, datáveis, em função dos materiais aos quais se encontram associados, do século V ou alvores do VI (Ribeiro 1980: continuação 6). Registe-se, por último, que não se revelou possível observar o anel do Cerrado das Torres, visto que, segundo informação cedida pela família na posse da qual se encontrava o elemento de adorno, o mesmo transitou de propriedade, desconhecendo-se o seu actual paradeiro.

Retornando ao concelho de Cascais, detenhamo-nos agora no sítio de **Casais Velhos**. Localizado nas imediações da povoação de Areia, refere-se a uma *villa*, dotada de um complexo industrial de tinturaria e curtumes. Várias foram já as estruturas ali colocadas a descoberto, caso de um aqueduto, de um reservatório e de um balneário. Em

articulação com a *villa* existiam também três áreas diferenciadas de enterramento, onde as sepulturas de tipo caixa se apresentavam definidas por esteios de calcário afeiçoados. Outras, porém, foram constituídas com base em cantaria. Colocados junto dos esqueletos, depositados em posição de decúbito dorsal, encontravam-se vasilhas, moedas, armas e materiais de adorno (Cardoso 1991: 49-50). No Catálogo em anexo, integramos dois deles: um pequeno aplique (Apl - 1) e uma fivela (Fv - 07), procedente de um broche de cinturão liriforme.

O sítio de **Castelo Velho**, em Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, que de seguida nos ocupa, refere-se a uma realidade de natureza bem distinta. Concerne a um recinto murado monumental, cuja primeira ocupação deverá radicar nos alvores do III milénio a.C. Naquele lugar foram assumidas várias etapas construtivas, num longo percurso diacrónico, que se prolongou ao longo da Pré-história, pelo menos até 1200 a.C. (Jorge 2004: 586). Com efeito, entre cerca de 1300 e 1200 a.C. decorre a derradeira fase de construção no povoado, sendo o seu término marcado pela ocultação ou encobrimento intencional do sítio, através da acumulação de pedras e argilas. Assim permanecerá o cabeço de Castelo Velho, abandonado e dissimulado, presumivelmente até à Idade Média (Jorge 2004: 593). No entanto, a estação tem revelado alguns vestígios de ocupação ou frequência mais transitória e pontual, enquadráveis no período altimediévico. Muito embora essa presença seja residual e escassa, assume alguma relevância na cartografia dos testemunhos conhecidos para este período, à escala regional.[2] No Catálogo em anexo incluímos uma fivela de cinturão (Fv - 08) recolhida no âmbito de uma das campanhas efectuadas entre os anos de 1994 e 1997.

Avançando na listagem das estações, segue-se a referência ao **Castro de S. Miguel**, povoado castrejo também conhecido pela designação de Serra do Pico ou Serra da Ladeira (Jalhay 1949: 137-138). Situado na freguesia da Amêndoa, concelho de Mação, foi classificado como Monumento Nacional em 1950 (Raposo; Freire 2001: 125). As suas ruínas, já mencionadas nas *Memorias Parochiaes de 1758,* inscrevem-se numa elevação sita a norte da povoação da Amêndoa*,* tendo sido escavadas em 1945 e 1946 por Calado Rodrigues e Eugénio Jalhay (Jalhay 1949: 137-138). O sítio conserva, nas áreas de maior altitude, vestígios de um recinto muralhado, a par de numerosas construções de

[2] António Manuel S.P. Silva e Susana Oliveira Jorge, no prelo.

planta rectangular (Jalhay 1949: 142), implantadas nas encostas mais suaves do povoado e, por seu turno, protegidas por uma estrutura defensiva exterior (Raposo; Freire 2001: 125).

Entre os diferenciados materiais ali exumados, nomeadamente cerâmicos, destaca-se uma peça fragmentada, em bronze dourado, provida de motivos decorativos gravados, espécie de cordões cruzados, com ziguezagues desenhados. Apresentada a Martínez Santa-Olalla, foi definida como uma aplicação de placa de cinturão de tipo bizantino, integrada no período III definido por aquele investigador e, como tal, datada sensivelmente entre 570 e 650 d.C. (Jalhay 1949: 143-144). Refira-se, no entanto, que não é conhecido o actual paradeiro do elemento de cinturão em questão, sendo certo que se não se encontra depositado no Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo, em Mação, conforme indicação facultada pela referida instituição.

Transitemos agora para a estação de **Conimbriga**, localizada em Condeixa-a-Velha. Velho *oppidum* convertido em *municipium* cerca do ano 75, sendo Vespasiano imperador (Alarcão 1994: 7), corporiza o maior conjunto de ruínas romanas conhecidas e estudadas em Portugal. Teve em Vergílio Correia o primeiro responsável pelas intervenções sistemáticas ali realizadas, personalidade a quem se fica a dever também a escavação do nível pré-romano da cidade, em 1912. Mais tarde, entre 1964 e 1971, uma equipa de constituição luso-francesa, dirigida por Jorge de Alarcão e Robert Étienne, empreendeu uma série de campanhas, no âmbito das quais foram identificadas camadas da Idade do Ferro, a par de importantes níveis do Alto e Baixo Império, e colocadas a descoberto estruturas da zona monumental: edifícios habitacionais, as *insulae*, o fórum (erguido no tempo de Augusto e remodelado na época flaviana) e as termas, de raiz augustana, sujeitas a ampliação durante o reinado de Trajano. Os resultados então alcançados, conjugados com outros previamente obtidos, permitiram não só definir um modelo evolutivo da cidade, tendo, em paralelo, proporcionado o manancial de informação utilizado na publicação das *Fouilles de Conimbriga,* monografia que corporiza uma incontornável obra de referência para a arqueologia clássica (Arruda 1988-89: 93).

Com ocupação documentada, portanto, desde época pré-romana, a cidade inscreve-se num planalto, tendo sido conquistada pelos romanos em 136 a.C., no contexto

das campanhas levadas a cabo por Décimo Júnio Bruto. No entanto, só posteriormente, em pleno reinado de Augusto, a cidade se reconverteu à maneira romana, sendo que a extensa muralha erguida para definir os limites da urbe representa uma das marcas dessa remodelação (Correia 2003: 13). Nos finais do século III ou inícios do IV, revelou-se o imperativo de construir nova muralha, à semelhança do que sucedeu noutros pontos do território português, caso de *Bracara Augusta*, *Scallabis* ou *Myrtillis* (Leguay 1993: 14). Desta feita, porém, e em razão do clima de instabilidade vivido, impunha-se uma estrutura mais imponente e eficaz em termos defensivos. A impossibilidade de a fazer circundar todo o perímetro de Conimbriga, obrigou à redução da área protegida pelos muros, circunstância que redundou no sacrifício de vários edifícios públicos e privados. Neste sentido, a muralha do Baixo Império simboliza o início da decadência da cidade (Correia 2003: 15) e de uma fase de exposição a constantes incursões e depredações.

Com efeito, em 465, os suevos penetraram em Conimbriga, espoliando a família dos *Cantabri*, certamente a mais importante da cidade e sequestrando a mãe e os filhos, conforme descrito por Idácio de Chaves (Tranoy 1974: 170-171, §229). Três anos mais tarde, assaltam-na novamente, aprisionando habitantes, destruindo casas e muros defensivos, devastando as redondezas (Orlandis 2006: 42). Os ataques suevos, geraram, pois, o pânico e motivaram o aumento da ocultação e enterramento de tesouros monetários, culminando, a partir de 468, no esmaecimento da resistência da urbe (Alarcão 1994: 11-12). No entanto, Conimbriga acabou por se reorganizar e converter em centro episcopal, em sede de uma diocese submetida ao metropolita bracarense (Almeida 1962: 29).

De Conimbriga são oriundas várias das peças que integramos no Catálogo em anexo e que se encontram depositadas quer no MNA, quer no Museu Monográfico. Constam de três placas de cinturão, de fivelas e fuzilhões isolados, de fíbulas e brincos anelares. Refira-se no entanto, que nem todos os adornos publicados e associados àquele sítio, com mais ou menos reservas, foram por nós observados. É o caso de uma fivela "...em forma de folha de loureiro..." (Almeida 1962: 242; lâm. LXIV, fig. 352), que julgamos tratar-se de parte da placa de um broche pisciforme e de um fragmento de uma outra placa (Almeida 1962: 247; lâm. LXVIII, fig. 369), de tipologia liriforme, que se nos afigura muito semelhante ao exemplar conservado no MAC (Pl - 08). Acerca da

primeira, não é fornecida qualquer indicação relativa ao local de depósito. A segunda, presumivelmente conservada no MNA, não foi detectada pelos Serviços de Inventário daquela instituição.

Situação similar foi verificada com uma "fivela" publicada por D. Fernando de Almeida, como oriunda de **Santa Eulália**, concelho de **Montemor-o-Velho**. Consta de um objecto em forma de folha oval e larga, praticamente liso, ostentando apenas alguns círculos, obtidos através de leve pontilhado (Almeida 1962: 242). Não tendo sido possível aos Serviços de Inventário localizar a peça em questão, foi afastada a oportunidade de a observar directamente. No entanto, a visualização da imagem associada (Almeida 1962: lâm. LXIV, fig. 351) e a confrontação com variada bibliografia, não nos permitiu reconhecer qualquer paralelo válido com o qual relacionar a suposta fivela.

Presumivelmente originário do mesmo concelho, mas de local não especificado e também depositado no MNA, é um outro objecto, igualmente dado a conhecer por D. Fernando de Almeida. Definido como fivela em forma de gota, com um botão no vértice e decorada com volutas (Almeida 1962: 243; lâm. LXV, fig. 356), levantou algumas dúvidas quanto ao seu correcto enquadramento, em período romano ou tardio, até pelo desconhecimento de peças análogas com as quais o comparar. Julgamos tratar-se de um fecho de cinturão em forma de ânfora, datado dos finais do século IV e associado à presença de guarnições militares nas zonas de fronteira do Império (Simpson 1976: 199; 203). À semelhança do que sucedeu com a outra peça de Montemor-o-Velho, também não nos foi possível observar o objecto em questão, visto não ter sido possível localizá-lo.

Segue-se, na listagem de estações que propiciaram a recolha de metais de adorno metálicos, o sítio da **Fonte do Sapo**. Também conhecido entre a população local como "Vila de Maria Calva", foi revelado aquando das obras de execução de um lanço rodoviário entre Mouriscas e Abrantes (Batista; Gaspar 2000: 633). Com afectação directa promovida pela empreitada, o local patenteava uma considerável dispersão de vestígios e uma ocupação diacrónica, que deveria estender-se, pelo menos, entre o século I e o VII. Com efeito, as intervenções preconizadas na sequência da identificação dos primeiros indícios, colocaram a descoberto algumas estruturas claramente romanas, a par

de uma necrópole de período "tardo-romano ou visigótico", situada a escassas dezenas de metros do conjunto habitacional (Batista; Gaspar 2000: 634-636).

Composta por vinte e uma sepulturas de inumação escavadas no afloramento granítico, genericamente orientadas a Nascente e tipologicamente análogas, proporcionou parca recolha de materiais. Ainda assim, entre os elementos exumados, destaca-se um anel decorado, proveniente da sepultura nº 11 e uma fivela, procedente da nº 15 (Batista; Gaspar 2000: 639), os quais não tivemos oportunidade de estudar.

Em **S. Geraldo**, freguesia de Nossa Senhora do Bispo, concelho de Montemor-o-Velho, encontra-se documentada uma necrópole visigótica (Almeida 1962: 246; Vasconcelos 1915: 193), integrada no conjunto dos cemitérios romanos e tardios identificados no âmbito da geografia peninsular (Palol Salellas 1966: 34). Propiciou a recolha de uma fivela em bronze (MNA, inv. 16.816), dotada de fuzilhão (Almeida 1962: 246; Viana 1953: 184). Porém, não foi possível aos Serviços de Inventário localizá-la.

Transitemos agora para as **Grutas** ou **Furnas do Poço Velho**, as quais se situavam nos "arrabaldes" de Cascais, nos finais do século XIX; porém e em razão da pressão urbanística a que foi crescentemente sujeita a vila, implantam-se actualmente em pleno centro urbano, no chamado Largo das Grutas (Carreira 1990/92: 231). Constituídas por um conjunto de três cavidades cársticas, implantadas na base de uma encosta cretácica, nas proximidades da ribeira de Cascais (Paço 1942: 87), foram escavadas pelo General Carlos Ribeiro em 1879, numa intervenção que gerou fértil recolha de material osteológico e também arqueológico, enquadrável num amplo espectro temporal. Com efeito, foram ali exumados elementos datados do Paleolítico Superior (Carreira 1990/92: 231), abundantes restos eneolíticos, da Idade do Bronze e Ferro e também uma peça integrável no período de dominação visigoda: uma placa de cinturão liriforme (Pl - 10). A natureza avulsa do achado e o tipo de rito funerário praticado pelos povos germânicos, tem levado a que se presuma que a presença do elemento de cinturão na necrópole das Grutas do Poço Velho deverá decorrer de uma violação ou depredação da estação e não propriamente de uma ocupação visigótica ali fundada (Figueiredo; Paço 1974: 14).

Na zona de **Idanha-a-Nova**, antiga *civitas Igaeditanorum,* convertida em *municipium* na década de 70 do século I e em sede da diocese da *Egitania* nos anos 60 do século VI (Almeida 1962: 163-164), há que fazer referência a dois sítios em particular,

visto terem facultado a recolha de adornos metálicos integrados no nosso âmbito de estudo. O primeiro refere-se a **Monsanto** da Beira, de onde, supostamente, procede uma fivela simples, cujos extremos do aro apresentam cabeças de fera (Pérez Rodríguez-Aragón; Viñe Escartín 1989: 222; 224). Ignorarmos, porém, o local específico de procedência de tal achado, pelo que não se revelou possível observá-lo presencialmente.

O segundo sítio, igualmente inscrito na velha *Egitania,* refere-se a **Salvaterra do Extremo**. De um campo onde, em 1926, foram identificados tijolos e estruturas de inumação compostas por lajes, é oriunda uma placa de cinturão (Pl - 20) profusamente decorada, similar a exemplares publicados por Nils Åberg (Vasconcelos 1932-34: 5).

Segue-se, na listagem das estações, uma breve referência a **Manteigas**, de onde provém um anel áureo, conservado, cerca de 1916, na posse de um particular, J. Pires Marques. Sendo certo que desconhecemos uma indicação concreta acerca do local do achado ou referente ao actual paradeiro da peça, realçamos o facto de a mesma ostentar, no campo central da mesa, uma pomba ladeada por uma inscrição, onde pode ler-se *SAXSONI*, palavra seguida "...de dois ramusculos ou palmulas, e de uma cruz equilatera" (Vasconcelos 1920: 274). Conjugam-se, portanto, elementos que traduzem o paleocristianismo, a ave e a cruz, a par de um suposto genitivo de ascendência germânica, circunstância que determinou a sua classificação como visigótico (Vasconcelos 1920: 275).

O sítio da **Pedreira**, freguesia de Rio de Moinhos, Abrantes, reporta-se a uma necrópole identificada em 1982, no âmbito de trabalhos de prospecção superficial, geradores de quantidade significativa de materiais, cuja amplitude cronológica se estende da Idade do Bronze à Época romana. A ameaça configurada pela construção de uma variante à EN3, que estabelece a ligação entre Alcanena e Abrantes, determinou a realização de uma intervenção de emergência em 1983, responsável pela colocação a descoberto de sepulturas integráveis na Alta Idade Média (Ferreira 1992: 91). No total foram escavadas onze, todas abertas em áreas de depósitos coluvionares, sendo que a nº 3 e a nº 8 propiciaram a exumação de materiais metálicos: três fivelas de diferentes tipologias (Ferreira 1992: 95-96) e, no espaço compreendido entre os sepulcros nº 9 e 10, um anel, classificado como visigótico (Ferreira 1992: 104), sendo que nenhum dos referidos elementos foi por nós observado presencialmente. A necrópole da Pedreira, em

acordo com as indicações colhidas na área escavada da necrópole, terá sido ocupada desde o século V, perdurando até ao VII, no que configura, segundo o responsável pelos trabalhos, uma evidência da fixação das populações na região (Ferreira 1992: 109). Por outro lado, o enquadramento cronológico indicado, a par das características tipológicas dos sepulcros, permitem relacionar esta estação com uma outra já mencionada, a da Fonte do Sapo (Batista; Gaspar 2000: 640).

A última estação localizada na margem norte do Tejo, consta da necrópole de **Talaíde**, localizada na freguesia de São Domingos de Rana e detectada no enquadramento de prospecções levadas a cabo no concelho de Cascais, em 1972. Os vestígios então observados, nos taludes de dois arruamentos de uma urbanização em construção, referiam-se a restos osteológicos e a sepulcros definidos por lajes dispostas na vertical e horizontal. Em 1975 e no seguimento da identificação daqueles elementos, foi iniciada a escavação de cerca de um terço da área total deste cemitério de inumação, situado na margem direita da ribeira de Talaíde (Cardoso, G.; Cardoso, J. 1995: 407). A intervenção permitiu reconhecer quase três dezenas de túmulos, onde os indivíduos eram depositados na posição de decúbito dorsal (Cardoso *et alli* 1995: 320) e, no interior de alguns dos sepulcros, detectar a ocorrência de oferendas funerária ou de materiais metálicos, fundamentalmente referentes a adornos de vestuário. Foi com base nestes elementos e nas datações obtidas para os restos osteológicos, que se estabeleceu o intervalo de utilização desta necrópole, a qual se terá iniciado no século III, prolongando-se até aos alvores do século VIII (Cardoso, G.; Cardoso, J. 1995: 413). Em razão da referida longevidade e após observação do conjunto dos materiais exumados, julgámos mais ajustado integrar no Catálogo em anexo somente os adornos que evidenciavam características com conotação marcadamente germânica. Neste sentido, apartámos da nossa análise mais detalhada não só os elementos de tipologia indeterminada, mas também todos aqueles que apresentavam cariz mais dúbio e cuja integração cronológica acarretava maior grau de incerteza. Inscreve-se nesta situação, a título de exemplo, o aplique de aljava de uma das facas recolhidas na sepultura 8, com figuração de um elefante, recortado em placa metálica e decorado a punção. Acerca desta peça, registe-se que a datação obtida mediante análise dos restos osteológicos do sepulcro de onde procede, indica uma cronologia compreendida entre princípios do século II e os alvores

do V, considerando um intervalo de 2 sigma. Porém, os autores reconhecem neste objecto sinais que, estilisticamente, o relacionam com a arte decorativa germânica, muito embora não se encontrem na posse de elementos de comparação (Cardoso, G.; Cardoso, J. 1995: 413).

6.3. A Sul do Tejo.

Resta agora, para completar o inventário de estações que geraram materiais metálicos de adorno ou relacionados com a indumentária, considerar o território localizado a Sul da linha do Tejo, ressalvando-se, desde logo, que, à semelhança do que sucede com parte dos cemitérios já analisados, são poucos os exemplos de necrópoles visigóticas ali documentadas, às quais se atribui a recolha de dados históricos e arqueológicos seguros. Com efeito, a maioria dos achados são fortuitos ou, no caso de lhes ser conhecida a origem, nem sempre resultaram de trabalhos científicos e desenvolvidos no enquadramento de metodologias adequadas (Gomes 2002: 371).

Analisaremos, numa primeira fase, as estações alentejanas, relegando para o final todas as que se localizam no Algarve. Começamos, neste sentido, pelo Alto Alentejo, onde a primeira indicação se centra na necrópole tardia da vila de **Alter do Chão**, situada no concelho de Portalegre, cuja cronologia surge balizada entre os séculos VII e IX. Dotada de grandes dimensões, implantava-se no interior da malha urbana da cidade romana de *Abelterium*. Apesar de situada num espaço desabitado, configurava, não obstante, uma intromissão do mundo dos mortos no dos vivos e uma desobediência às normas vigentes que impunham a separação entre ambos (António; Reis 2008: 353-355). A escavação de parte das sepulturas que compõem o cemitério propiciou já a exumação de quantidade significativa de objectos metálicos de adorno pessoal que acompanhavam os corpos ali depositados, caso de fivelas e demais elementos de cinturão em bronze, brincos e anéis em bronze e prata, pulseiras em ferro e um bracelete em bronze (António; Reis 2008: 358). No entanto, estes materiais aguardavam publicação detalhada por alturas da elaboração da presente dissertação, daí que não sejam conhecidos pormenores a acrescentar.

O sítio que se segue, a **Azinhaga da Boa Morte**, localizado em Santiago Maior, Castelo de Vide, refere-se igualmente a uma necrópole de inumação. Composta por um

conjunto de sete sepulturas de contorno trapezoidal escavadas no substrato, forradas e cobertas por lajes de granito e dispostas no sentido Nascente/Poente, indiciavam ter sido sujeitas a depredações, registando-se apenas a existência de um túmulo não violado. Ainda assim, foi possível exumar um anel e uma fivela de um dos sepulcros espoliados (Rodrigues 1978: 15), sendo que nenhum dos referidos materiais foi por nós observado.

Beja, velha *Pax Iulia*, convertida em sede da diocese de *Pace,* integrada no *Conventus Pacencis* (Fernandes 1997: 117) surge muitas vezes associada ao importante acervo de elementos arquitectónicos visigóticos que congrega e que correspondem a achados efectuados no concelho e, em grande parte, na área directamente compreendida pela cidade propriamente dita (Viana 1960: 7). Mas é igualmente de Beja, em concreto, de um cemitério localizado no espaço anteriormente ocupado pelo convento de Santa Clara, fundado em 1340 (Viana 1953: 186) e entretanto demolido (Almeida 1962: 239; 251), que procede não só uma espada em ferro com alveolado, mas também alguns dos mais emblemáticos elementos de adorno metálicos recolhidos em território português. Referem-se estes a duas fivelas áureas (Fv - 05 e Fv - 06) e a um adorno ou cabuchão (Ad - 01) revelados, em pleno século XIX, num enterramento, parte de uma necrópole cuja dimensão e características permanecem ainda desconhecidas (Santos 2008: 364).

Na **Herdade da Chaminé**, em Vila Fernando, concelho de Elvas, foram reconhecidos dois núcleos sepulcrais, parcialmente sobrepostos e constituídos por um total de vinte e cinco estruturas de inumação, orientadas no sentido Norte/Sul. As duas únicas que se posicionavam no nível inferior apresentavam configuração rectangular, denotando as restantes contorno trapezoidal. No interior dos túmulos, conservavam-se ainda restos osteológicos, formas cerâmicas e contas de colar em âmbar, a par de duas peças em bronze, do Baixo Império (Viana 1955: 569). Um dos elementos mencionados deveria corresponder ao anel decorado com *SSS,* idêntico a exemplares procedentes de um cemitério dos arredores de Cascais[3] e ao de Caldas de Monchique (Viana *et al.* 1949: 2; est. III, A; Viana 1960: 8), actualmente em parte incerta.

Outro local de referência obrigatória, identificado por Abel Viana e igualmente localizado no concelho de Elvas, é a **Herdade de Fontalva**, freguesia de Barbacena. O

[3] Abel Viana estará, presumivelmente, a referir-se à necrópole de Alcoitão, de onde provém um anel com as referidas características, depositado no MNA (nº de inventário 20.800) e integrado no Catálogo em anexo (An - 10).

sítio e, em particular, uma elevação onde chegou a ser erguido um palácio, proporcionou a recolha abundante de materiais, que apontam no sentido de uma importante diacronia de ocupação. Com efeito, há notícia da detecção, naquele local, de elementos pré-históricos, datáveis do Paleolítico, Neolítico e Idade do Bronze, bem assim como de objectos romanos, visigodos e medievais (Paço; Ferreira 1951: 416). No entanto, são desconhecidas as condições específicas dos achados ou a natureza de cada uma das várias ocupações que ali tiveram lugar. Sabe-se, ainda assim, da existência de um interessante conjunto romano, procedente de uma sepultura, pelo que se deduz que ali tenha existido uma necrópole. Não existe, porém, conhecimento concreto acerca do contexto da peça que nos interessa no âmbito deste trabalho e que se refere à placa de cinturão liriforme (Pl - 11), depositada no Museu dos Serviços Geológicos.

Transitemos agora para o sítio da **Herdade do Marmelo**, localizado na freguesia de Figueira dos Cavaleiros, concelho de Ferreira do Alentejo. No âmbito dos trabalhos preventivos e de minimização de impactes desenvolvidos no quadro da Infra-estrutura 12, empreitada relacionada com a 2ª fase do bloco de rega de Odivelas, no Alqueva, foram detectados alguns materiais à superfície. A decapagem mecânica subsequente a essa primeira evidência, acabou por revelar, num ponto específico, uma concentração de *tegulae* e *imbrici,* circunstância que determinou a realização de sondagens arqueológicas. Foi, portanto, esta a via que proporcionou a identificação da necrópole de inumação da Herdade do Marmelo (Canhão; Ribeiro 2001-2002: 3-4). Implantada numa elevação de pendente suave, era constituída por dois sepulcros de contorno rectangular, dispostos no sentido NNO/SSE. A sepultura 2 encontrava-se em mau estado de conservação, indiciando claros sinais de destruição e, eventualmente, de violação. Por seu turno, a sepultura 1 apresentava-se estruturada com base em elementos pétreos e cerâmicos, reaproveitados. É deste túmulo em concreto, onde foi reconhecido um indivíduo inumado em posição de decúbito dorsal, que procedem dois adornos em bronze: um anel, colocado na falange da mão esquerda e uma fivela de cinturão, depositada na zona do ventre, configurando, neste sentido, um elemento relacionado com a indumentária (Canhão; Ribeiro 2001-2002: 7; fotografia 29-31). A análise dos referidos materiais, conjugada com a orientação dos sepulcros e com a deposição do inumado, permitiu aos arqueólogos que dirigiram os trabalhos naquele local apontar uma cronologia para

enquadrar a necrópole. Centra-se no intervalo compreendido entre o século VI e VII (Canhão; Ribeiro 2001-2002: 11).

Avancemos agora para a estação do **Mercado Velho**, inscrita em pleno centro histórico de Palmela, Setúbal. Localizado extra-muros, proporcionou a identificação de uma série de vestígios, passíveis de contribuir para o conhecimento de algumas dinâmicas evolutivas que ali tiveram lugar. Em concreto, foi detectado um arrabalde islâmico, erguido junto das muralhas, cerca do século IX/X e que se encontra na génese da área urbana de Palmela (Carvalho 2005: 1-2). Em paralelo, a intervenção arqueológica desenvolvida no Mercado Velho facultou a exumação de enorme quantidade de materiais, essencialmente provenientes da lixeira tardo-medieval, iniciada no século XIV e abandonada nos inícios do XVI. "Documento" do quotidiano da vila no referido intervalo cronológico, a lixeira integrava, não obstante, objectos associados a outros períodos. Com efeito, entre os vários tipos de artefactos recolhidos, avulta um elemento de cinturão visigótico (Carvalho 2005: 6-8). Trata-se de um fuzilhão de base escutiforme, o qual não tivemos oportunidade de observar presencialmente. Procedente de um aro de fivela de contorno ovalado não recuperado, possui múltiplos paralelos na região peninsular e mesmo em contextos merovíngios.

Mértola, coincidente com a paroécia de *Myrtilis* (Fernandes 1997: 116), era celebrada já entre os geógrafos da Antiguidade: assente sobre um esporão rochoso, evidenciava-se pelo seu posicionamento estratégico e pela importância e superioridade das suas fortalezas. No lapso de tempo que medeia entre a Idade do Ferro e a época islâmica, a relevância de que se reveste encontra justificação apenas à luz do papel granjeado pelo Guadiana. De facto, o velho *Anas* assumiu-se enquanto via de penetração no interior alentejano e ponte de ligação com o Mediterrâneo e a faixa atlântica do Magrebe. Através dele se introduziram magnificentes produções artísticas, se captaram os influxos do cristianismo norte-africano e, posteriormente, do islamismo ou se expediram para territórios exteriores os metais extraídos na região (Macias; Torres 1997: 151-152). Mas Mértola representa também uma incontornável realidade paleocristã no contexto da *Lusitania*, ombreando com sítios como Torre de Palma, no qual adiante nos deteremos, São Cucufate ou Silveirona (Cunha 2008: 102). Aliás, a importância assumida pela sua basílica, enquadrada no grupo africano de absides contrapostas e

presumivelmente erguida no ano 470, conforme indicação fornecida por uma epígrafe detectada *in situ*, reflecte-se inclusive na implantação espacial que lhe coube. Com efeito, apresentava-se junto à via que, arrancando do cais do Guadiana, se prolongava até *Pax Iulia,* aproximando-se, em paralelo, das áreas cemiteriais da urbe romana (Maciel 2006: 121).

No período de dominação visigoda, durante o qual se constituiu como importante foco artístico (Correia 1928: 384), continuaram a aceder a Mértola gentes pertencentes a outras comunidades, nomeadamente mercadores judeus ou cristãos, atestando assim a manutenção de circuitos comerciais enraizados desde os tempos do Império e a ausência de rupturas efectivas com o mundo antigo (Macias; Torres 1997: 152). De facto, os contactos populacionais tecidos com vários horizontes geográficos surgem plasmados na própria antroponímia das epígrafes da necrópole paleocristã, abandonada nos alvores do século VIII (Torres; Macias 1997: 37) e entre as quais se contam algumas escritas em grego (Macias 1996: 37). Em paralelo aos testemunhos epigráficos, Mértola tem igualmente gerado fértil recolha de elementos arquitectónicos, oriundos, a título de exemplo, do "Rocio do Carmo" (Estácio da Veiga 1888: 91) ou do sítio da Mesquita (Viana 1960: 8). Acrescenta-se, ainda, que é de local não especificado que provém a pulseira em bronze (Almeida 1962: 236; 252) integrada no Catálogo em anexo (Bra - 02).

O reconhecimento dos dois sítios que se seguem, bem mais recente, decorre de trabalhos relacionados com a implementação da barragem do Alqueva e de infra-estruturas associadas. O primeiro, **Monte Musgos 7**, localizado precisamente na freguesia de Alqueva, Portel, foi intervencionado no âmbito do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico, definido pela EDIA na área do regolfo da barragem. Inscrito no chamado Bloco 11, balizado entre a ribeira do Álamo e a ribeira do Degebe (Faria 2002: 139), situava-se numa pequena elevação. A escavação de várias sondagens naquele local colocou a descoberto uma estrutura de inumação, aberta no substrato, onde repousava um indivíduo de sexo masculino, acompanhado de um adereço metálico relacionado com a inumação vestida: uma fivela de ferro reniforme, datável do intervalo compreendido entre o século V e VII (Faria 2002: 143). Desconhecendo o elemento em causa, somos tendentes, em função da tipologia indicada pelo autor do artigo, a avançar a cronologia por ele proposta, visto que o século V e, quase que

integralmente, também o VI, se afiguram demasiado recuados para integrar uma fivela reniforme, tipo já cunhado pela influência bizantina e mediterrânica. Neste sentido e a confirmar-se a informação cedida, o século VII ou, eventualmente, os alvores do VIII, seriam certamente mais adequado ao enquadramento da peça.

O segundo sítio, designado **Monte da Serra Brava 7**, localizado na freguesia de Póvoa de S. Miguel, Moura, foi intervencionado no âmbito do projecto de investigação desenvolvido pelo Bloco 15, referente ao Período Medieval-Moderno da Margem Esquerda do Guadiana nos concelhos de Moura e Mourão. A escavação ali realizada revelou a presença de uma estrutura habitacional rural de dimensão avultada e que, provavelmente, se encontraria articulada com um outro compartimento, entretanto destruído, em razão da persistência de trabalhos agrícolas. No que concerne à componente artefactual exumada, merece destaque a importante quantidade de numismas recolhidos, a maior parte dos quais surge balizado entre os séculos XV e XVI. Não obstante, algumas moedas terão sido cunhadas em tempos medievais, acrescentando-se ainda o facto de existir um exemplar romano, datável do século III d.C. (Santos; Abranches 2002: 152-153). Em paralelo aos referidos elementos, o sítio do Monte da Serra Brava 7 facultou ainda a recolha de um objecto que aqui no interessa referir: uma placa de cinturão[4] (Pl - 14) de tipologia liriforme.

Patalou, situado na freguesia de Espírito Santo, concelho de Nisa, refere-se a um espaço recentemente prospectado e estudado, no âmbito da realização da II Fase da Carta Arqueológica daquele concelho. O trabalho de campo ali realizado permitiu reconhecer abundantes vestígios da presença humana, enquadráveis em distintos períodos e que apontam no sentido de uma interessante diacronia e persistência de ocupação.

Um dos sítios sinalizados concerne a uma estação de superfície, que abarca cerca de 250 metros quadrados de extensão, registando-se uma concentração particularmente avultada de materiais numa elevação de terreno. Depois, no entorno do montículo natural, até à aproximação de uma ribeira, é notada a prevalência de outros testemunhos, porém, denotando maior dispersão. Entre o conjunto mais significativo de elementos passíveis de observação à superfície, ao que se acrescentam alguns materiais recolhidos pela população local ao longo do tempo, contam-se formas cerâmicas, fíbulas, numismas

[4] A peça foi-nos cedida para estudo por Heloísa Valente dos Santos (Archeo'Estudos).

romanos e peças visigóticas (Valdez; Pinto; Nisa 2008: ficha de Inventário nº 100). Estas referem-se a três placas de cinturão tardias, de tipologia liriforme, a uma fivela de contorno rectangular, com cronologia possivelmente mais recuada e a um fuzilhão isolado. Uma das placas (Pl - 16) apresenta-se inteira e bem conservada, surgindo as duas outras (Pl - 17 e Pl - 18) fragmentadas e menos preservadas. A fivela (Fv - 20), similar a exemplar recolhido em Milreu (Fv - 18), enforma um tipo que entronca na tradição romana, encontrando-se, no entanto, documentado em várias das necrópoles visigodas implantadas em território espanhol, pelo que poderá configurar um caso de reutilização de material. O fuzilhão (Fu - 07), por seu turno, procedente de uma fivela desaparecida, possivelmente de contorno oval, consta de um elemento supostamente integrável no século VI.

Em **Silveirona**, freguesia de Santo Estêvão e concelho de Estremoz, nos inícios de Maio de 1934 e no âmbito da realização de trabalhos agrícolas num local designado como "Corralinho da Mina", foram detectados abundantes materiais (lajes de sepulturas dotadas de inscrições do século VI, sarcófagos e restos osteológicos, entre outros) que atestavam a pervivência, naquele local, de um cemitério (Cunha 2008: 27). Assim se revelou o conjunto funerário paleocristão de Silveirona, posteriormente subdividido em duas unidades distintas, estabelecidas em função do respectivo enquadramento cronológico, na época romana (Silveirona I) e na Antiguidade Tardia (Silveirona II). A escavação que se seguiu, iniciada no mesmo mês e conduzida por Manuel Heleno, vincou a importância do local. No entanto, o sítio, designado como "cemitério visigótico de Silveirona", em acordo com impressões registadas por aquele arqueólogo num dos seus "Cadernos", possuía já uma história marcada por continuadas depredações. Com efeito, anos de lavoura e acções clandestinas infligidas aos terrenos por ele abarcados, resultaram em destruições e alterações da situação original. A tal circunstancialismo acrescem muitos outros, responsáveis pelas lacunas de conhecimento de que qualquer investigação sobre Silveirona ainda hoje se ressente e que se fundam, por exemplo, no facto de a intervenção preconizada por Heleno se ter limitado a dois meses, tempo insuficiente para obter informações essenciais sobre os elementos dissonantes que fundamentam a divisão, mesmo física, entre os dois espaços funerários (Cunha 2008: 23-24).

No que concerne aos materiais metálicos exumados, é notada, face à escassez do espólio funerário identificado, uma frequência algo mais significativa da sua ocorrência. Neste âmbito, há que referir a recolha de alguns objectos de adorno, caso de brincos, argolas e de dois anéis, cujas características permitem estabelecer paralelos com achados efectuados noutras necrópoles de tradição germânica, caso dos cemitérios portugueses da Fonte do Sapo ou de Talaíde (Cunha 2008: 79), aos quais tivemos já oportunidade de aludir. Em paralelo aos adornos metálicos, foram também detectados em Silveirona II elementos relacionados com a indumentária. É o caso de uma fivela de cinturão, incompleta, destituída de fuzilhão e cuja tipologia, observada através de desenho e fotografia (Cunha 2008: 213, fig. 111; 222, fig. 162), se nos afigura reniforme e, como tal, integrável nos finais do século VI ou no VII. No mesmo âmbito e em inequívoca relação com a prática da inumação vestida, se inclui uma suposta placa de cinturão de reduzidas dimensões. Produzida em cobre e ostentando decoração em repuxado, inclui uma representação zoomórfica, de cariz germânico, mas para a qual não foi ainda reconhecido qualquer paralelo válido (Cunha 2008: 80). Refira-se, por último, que não se revelou possível observar directamente nenhum dos materiais descritos.

Detenhamo-nos agora em **Torre de Palma**, estação localizada em Vaiamonte, Monforte, em terreno bem dotado de recursos hídricos e com condições propícias à fixação humana. Com efeito, o sítio e espaço envolvente congregam testemunhos associados a uma reiterada ocupação. Aliás, foi detectada no monte de Pombal, a cerca de 500 m a noroeste de Torre de Palma, uma "povoação eneolítica", geradora de abundante material lítico e cerâmico, em local coincidente com aquele onde, milénios transcorridos, se implantou um cemitério visigótico. Este, por seu turno, proporcionou a exumação de anéis e elementos de cinturão (Heleno 1962: 313-314).

Em Torre de Palma inscreve-se também a afamada *villa* romana, identificada em 1947 a sul do monte, aquando da realização de trabalhos agrícolas. As escavações arqueológicas, desencadeadas na *villa* pelo então director do MNA, Manuel Heleno, escassos meses depois do achado de ricos mosaicos e elementos arquitectónicos e prolongadas durante vários anos (Heleno 1962: 315), colocaram a descoberto interessantes complexos de estruturas. Propiciaram também a definição de uma cronologia para a construção da *villa*, coincidente com os finais do século II ou alvores

do III, correspondendo a centúria subsequente ao período de maior desenvolvimento do sítio, conforme atestado por uma série de materiais recolhidos (Heleno 1962: 337).

Outro conjunto de referência incontornável em Torre de Palma, consta do baptistério e basílica paleocristãos, palco de intensa actividade na Antiguidade Tardia, enquanto local de peregrinação e iniciação religiosa (Cunha 2008: 39), correspondendo a basílica a um tipo norte-africano (Almeida 1962: 254), datável do século VI e integrado no grupo de igrejas de absides opostas, conhecidas apenas no sudoeste peninsular (Hauschild 1986: 158). Em 1983, foi precisamente em torno da basílica que S. Malony e L. Huffstot dirigiram uma série de campanhas, que contribuíram para o incremento do conhecimento acerca daquela importante realidade paleocristã (Cunha 2008: 102).

Entre os muitos materiais metálicos gerados pelas várias escavações que tomaram lugar, destacamos, por se incluir no nosso âmbito de estudo, uma fivela de aro ovalado, com fuzilhão escutiforme (Fv - 24), integrada na Colecção Americana conservada no MNA[5].

Retornando ao concelho de Elvas, detenhamo-nos na derradeira estação alentejana, antes de avançar para o Algarve. Trata-se do sítio da **Vinagreira**, intervencionado no quadro de um programa de arqueologia preventiva (Bugalhão 1998: 127). Com efeito, aquando da remoção de solos no contexto da empreitada de construção de um gasoduto, foram identificados vestígios de materiais à superfície, nomeadamente, fragmentos de *tegulae*. Como resultado dos trabalhos arqueológicos desencadeados na sequência dos achados, tornou-se possível definir o sítio, implantado numa encosta e nas proximidades de uma linha de água sazonal (Bugalhão 2004: 97) como possível abrigo, não tendo, no entanto, sido completamente excluída a hipótese de constituir um pequeno casal (Bugalhão: 1998: 133; 2004: 107). A questão que aqui nos interessa particularmente, prende-se com o facto de a intervenção ter proporcionado, entre os demais materiais, maioritariamente cerâmicos, a recolha de uma placa de cinturão liriforme, produzida em bronze (Bugalhão 1998: 133; 2004: 99; 106), a qual não se revelou possível estudar.

[5] A peça foi colocada à nossa disposição, para estudo, por Maya Langley, responsável pela catalogação e estudo das colecções derivadas das campanhas portuguesas e americanas de Torre de Palma.

Resta-nos concentrar no Algarve, para finalizar este percurso delineado pelas estações do território português geradoras de materiais metálicos de adorno ou relacionados com a indumentária. Ora, são nitidamente escassos os dados publicados acerca da presença visigótica na referida região e, em particular, na faixa ocidental da mesma. Tal circunstância deverá reflectir, por um lado, a carência de programas de investigação específicos sobre o tema e, por outro, o lapso de tempo pouco extenso da permanência deste povo no extremo sul do território português, limitado ao período compreendido entre os finais do primeiro quartel do século VII e os alvores do século VIII (Gomes 2002: 384). Tais circunstancialismos traduzem-se, por um lado, no facto de alguns materiais, incluídos no Catálogo anexo, se encontrarem depositados no MNA como sendo oriundos do Algarve, sem que, porém, seja conhecido qualquer informação que indicie a proveniência concreta dos achados. Em contrapartida, algumas das peças publicadas para estações algarvias, repousam em parte incerta.

Principiemos então pelo sítio de **Alcaria**. Localizado num terreno ocupado por um olival e dedicado também ao cultivo de cereais e leguminosas, nas proximidades de Caldas de Monchique (Formosinho *et al.* 1953: 126), referia-se uma necrópole constituída por vinte e uma cistas rectangulares ou trapezoidais da Idade do Bronze, ainda providas de restos osteológicos e de materiais cerâmicos e metálicos. A necrópole, revelada através da acção de trabalhadores agrícolas, responsáveis pelo desmantelamento da maior parte das estruturas, não foi nunca integralmente escavada, pelo que não se revelou possível determinar se a presença de materiais altimediévicos se ficaria a dever à existência de sepulturas visigóticas no local, entretanto destruídas ou se os metais derivariam antes da reutilização das cistas (Viana *et al.* 1949: 1). Supostamente, foi apenas uma delas, entre um conjunto de oito, espoliadas nos finais de 1946, que proporcionou a recolha de uma lança de ferro, a par de uma sertã, um punhal, um anel e uma fivela, por seu turno em bronze (Formosinho *et al.* 1953: 128). Ao anel, dotado de mesa elíptica, é apontada, como paralelo, uma peça exumada num cemitério de Cascais[6] ornada com *SSS,* muito embora a oxidação do exemplar de Alcaria impossibilite a percepção da natureza concreta dos motivos gravados e a confirmação da possibilidade

[6] Embora A. Viana não especifique a origem, cremos que estará a referir-se ao anel procedente da necrópole de Alcoitão (Oliveira 1888-1892: 88, lâmina III, fig. 7; Paço 1960: 9-10, fig. 3, f).

de se referirem a letras. No que respeita à fivela, de aro ovalado e provida de fuzilhão de base escutiforme, foram-lhe reconhecidas similitudes com outros objectos, caso dos recolhidos na Abuxarda, no castro de Cendufe (Viana et al. 1949: 2-3) ou em Balsa (Almeida 1962: 242; lâm. LXIV, fig. 349-350). É ainda apontada, como tipologicamente semelhante às supra-citadas peças um aro de fivela exumado em Portimão e depositado no Museu Etnológico (Almeida 1962: lâm. LXVIII, fig. 371; Inácio 2005: 80), paralelo que não se afigura particularmente válido. Acrescente-se, neste ponto e a propósito, que aquando da observação dos materiais metálicos que integram as colecções do MNA, não se revelou possível localizar este último objecto.

Na mesma instituição repousa um brinco de Bula (Au 151), procedente de **Alcoutim**. Não nos encontramos, porém, na posse de qualquer informação adicional que nos permita inferir qual a origem concreta do objecto, até porque, conforme tivemos oportunidade de comprovar, o referido concelho integra algumas estações enquadráveis na Antiguidade tardia ou no período de dominação visigoda, susceptíveis de ter facultado a recolha do objecto em causa.

No **Ameixial**, local onde são conhecidas cistas da Idade do Bronze, terá supostamente sido recolhida uma fivela de aro oval, dotada de fuzilhão de base escutiforme (Viana *et al.* 1949: 7, est. III, nº 6), a qual foi inicialmente atribuída por A. Viana e M. Franco ao período acima indicado (Formosinho *et al.* 1953: 132). À referida peça acrescenta-se uma placa de cinturão de cobre, integrada na colecção organizada por J. Rosa Madeira. Muito embora a informação relativa à placa não seja acompanhada de qualquer registo gráfico (Inácio 2005: 81), a descrição colhida[7] aponta para uma forte possibilidade de a mesma dever integrar-se na tipologia liriforme.

Balsa (Luz de Tavira), topónimo de possível origem fenícia e já referido por escritores da Antiguidade, como Ptolomeu, Pompónio Mela ou Plínio (Barata 1997: 128-129), albergou um centro urbano próspero, particularmente dedicado ao comércio do *garum* (Inácio 2005: 36). Aliás, a procura deste preparado terá potenciado a manutenção da vitalidade da cidade até ao ocaso do século V (Nolen 1997: 340). No entanto, a alteração ou suspensão de rotas comerciais marítimas, a ocorrência de transformações

[7] "...duas volutas dispostas em forma de lira, com uma palmeta em baixo e uma espigueta na extremidade superior. Ao centro, no campo limitado pelas volutas, há um relevo que dá ideia de duas pombas afrontadas e rudemente estilizadas" (Martins 1988: 183 *in* Inácio 2005: 81).

geomorfológicas, a par da grande investida sueva de 440, poderão ter determinado a progressiva decadência da cidade, processo que culminou no seu abandono, possivelmente já no século VI (Mantas 1997: 294; 304).

Ora, associadas à *urbe* existiriam três necrópoles. Uma delas, a de Antas, foi intervencionada no século XIX, tendo revelado um total de vinte e seis sepulturas trapezoidais orientadas a Oeste. Considerada como posterior à romanização, em razão das características apresentadas, facultou a recolha de significativa quantidade de materiais (Inácio 2005: 36), caso da fivela a que tivemos já oportunidade de aludir, integrada na Colecção Particular de Joaquim Pacheco (Almeida 1962: 242; lâm. LXIV, fig. 349-350). A peça, que não tivemos oportunidade de observar presencialmente, apresentava aro oval e encontrava-se provida de um fuzilhão de base escutiforme, possuindo evidentes paralelos com alguns dos exemplares incluídos no Catálogo em anexo.

O sítio que nos interessa em **Bensafrim**, concelho de Lagos, poderá referir-se à necrópole de Fonte Velha, onde a área escavada por Estácio da Veiga revelou dezassete sepulturas integráveis na Idade do Ferro (Inácio 2005: 58). Já a zona investigada por António dos Santos Rocha, em 1895 (Pereira 1997: 48-49) colocou a descoberto dezasseis sepulcros proto-históricos ou romanos (Inácio 2005: 58). A este investigador se ficará a dever a recolha de uma placa de cinturão com ornatos zoomórficos (Almeida 1962: 245; Gomes 2002: 385), achado que poderá indiciar uma ocupação mais tardia do cemitério. No entanto, uma outra hipótese de procedência para a peça em causa, aponta para a necrópole de Monte Cágado ou Selões (Solões da Mina, Bensafrim), também intervencionada por Santos Rocha, em finais do século XIX e, posteriormente, na década de 30 da centúria seguinte, por J. Formosinho (Inácio 2005: 58-59). Tal possibilidade parece coadunar-se mais com a informação veiculada por Varela Gomes, relativa aos intervenientes na investigação que gerou a identificação da placa (Gomes 2002: 385). Refira-se, porém, que no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz, a peça em causa se encontra associada, em acordo com o auto de depósito, ao sítio da Oliveirinha, próximo do povoado da Brenha, na Figueira da Foz, tendo sido publicada

como oriunda daquele local pelo próprio Santos Rocha[8]. No entanto e em conformidade com o que se pode observar no verso, mantém ainda a marcação manual com o presumível local de origem: Bensafrim. Sem indícios concretos, até ao momento, que nos permitam definir a procedência real do fragmento de placa, mantemos as indicações colhidas na obra de D. Fernando de Almeida e plasmadas no próprio objecto.

Transitemos agora para **Faro**, identificado como a velha *Ossonoba* por Abel Viana, no início da segunda metade do século XX (Hauschild; Teichner 2002: 10). Esta cidade, a principal do Algarve romano, já evocada por Ptolomeu ou Plínio (Barata 1997: 128), implantava-se no extremo de um sistema de ria, porto de abrigo dotado de boas condições de defesa natural. Terá assumido, enquanto núcleo urbano, papel primordial e central na região algarvia, vocacionando-se particularmente para as actividades relacionadas com os recursos marinhos, geradores da sua prosperidade e crescimento económico (Inácio 2005: 8). Nos alvores do século IV constituía sede de uma diocese cristã do *Conventus Pacencis* (Fernandes 1997: 116) tendo, na centúria subsequente, sido poupada às incursões suevas. Mantendo-se à margem das lutas travadas entre suevos e visigodos, a cidade acabou por ser submetida ao domínio bizantino, em data incerta, mas pelo menos, desde 511. É certo que a importância religiosa de que se revestiu na Antiguidade tardia, enquanto sede de bispado, não se reflecte nos achados realizados em necrópoles. Com efeito, a presumível existência de um cemitério cristão nas proximidades das muralhas traduz apenas uma fracção mínima da realidade funerária deste período (Inácio 2005: 9; 37).

É ainda em Faro, mais precisamente nas proximidades da povoação de Estoi, que se localiza **Milreu**, *villa* romana particularmente relevante no contexto das *villae* algarvias, sobretudo em razão das construções que a compõem, ainda hoje parcialmente conservadas. Escavada em 1877 por Estácio da Veiga, que ali julgou reconhecer as ruínas de *Ossonoba*, terá sido construída no século I, em pleno contexto de crescimento económico (Hauschild 1997: 407; 409). Integrava um vasto conjunto de estruturas: habitações, oficinas industriais, termas, a par de um templo e sepulturas correlacionadas. Nos séculos V ou VI, o templo pagão, onde a água era venerada, foi adaptado e

[8] SANTOS ROCHA, António dos (1905). *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral: com indicação dos escriptos e desenhos que se têm publicado sobre muitos dos objectos catalogados.* Imprensa Lusitana, Figueira da Foz, 104.

preparado para receber o novo culto, à semelhança do que ocorreu em muitas zonas rurais (Inácio 2005: 41). Refira-se, aliás, que a pervivência da ocupação nas estruturas da *villa* até à época de dominação visigótica só terá sido possível devido à abundância de águas e à prosperidade gerada por tal recurso (Hauschild; Teichner 2002: 57). Em clara relação com as práticas associadas ao cristianismo, o sítio, posteriormente convertido em cemitério privado, permitiu a identificação de várias sepulturas de contorno rectangular, imputadas por M. Franco ao período visigótico (Inácio 2005: 17;41-42). Do conjunto cemiterial provêm alguns materiais metálicos de adorno, achados por Estácio da Veiga, maioritariamente enquadráveis no período visigótico, isto é, no intervalo compreendido entre os séculos VI ou VII (Sidarus e Teichner 1997: 184). Referem-se a duas placas de cinturão (Pl - 12 e Pl - 13), três anéis (An - 13, An - 14 e An - 15), um bracelete (Bra - 03) e duas fivelas em bronze (Fv - 18 e Fv - 19). Saliente-se, no entanto, que existe no acervo do MNA uma terceira fivela oriunda de Milreu (inv. 16.863 / 983.1002.713), publicada por D. Fernando de Almeida (1962: 246; lâm. LXVIII, fig. 370). Porém, a observação cuidada da mesma, aliada ao facto de o paralelo mais próximo radicar num exemplar exumado em Ampúrias, classificado como elemento de cinturão de transição entre os modelos romanos e germânicos, datado do século IV (Palol Salellas 1969: 148, fig. 26, nº 1; 151; 160), levou-nos a não a incluir no Catálogo em anexo, por não se enquadrar no âmbito cronológico do presente estudo.

Olhão terá facultado a recolha de dois brincos em forma de argola, segundo informação veiculada por Abel Viana (Viana 1960: 8). No entanto, tal indicação carece de dados adicionais, que apontem para um sítio concreto de origem ou para o local de depósito das peças, sendo que nenhuma delas foi observada, sequer através de alguma imagem associada. De qualquer modo, ressalve-se aqui que Palol Salellas integra uma estação localizada em Olhão no conjunto dos cemitérios romanos tardios e cristãos, identificados na Península (Palol Salellas 1966: 31).

Ainda no concelho de Olhão, regista-se a existência do sítio da **Quinta de Marim**. Localizado em Quelfes, sensivelmente entre os *municipia* de Ossonoba e Balsa, foi detectado por Estácio da Veiga, que acreditava poder identificar o local com a *Statio Sacra,* referida pelo Anónimo de Ravena na sua *Cosmographia*, datada do século VII. O conjunto de estruturas identificadas e registadas por Estácio da Veiga, a quem se fica a

dever também a escavação parcial da estação, na segunda metade do século XIX, têm vindo a ser explicadas como restos de um grande complexo que compunha uma *villa* romana e que, neste sentido, integrava construções relacionadas com distintas realidades. É o caso de uma estrutura absidal, similar, em termos tipológicos e cronológicos, aos "templos" de Milreu e S. Cucufate e que foi recentemente interpretada como mausoléu (Graen 2007: 276-277) ou de dois conjuntos cemiteriais, separados por escassas centenas de metros (Inácio 2005: 40). Um deles, inscrito na zona norte, era constituído por uma série de sepulturas análogas às conhecidas para o período paleocristão, semelhantes, a título de exemplo, às identificadas na basílica de Torre de Palma, datada do século VI. Registadas por Estácio da Veiga, não foram, porém, nunca publicadas. No entanto, proporcionaram a exumação de algum material fúnebre, nomeadamente, de elementos metálicos idênticos aos recolhidos nas necrópoles integradas no período tardo-romano ou visigótico, com cronologia centrada nos séculos VI-VII (Graen 2007: 281). Acerca do segundo conjunto, implantado à distância de 200 metros do núcleo detectado por Estácio da Veiga, registe-se que, em função do reduzido número de sepulcros que congregavam, se afigura possível que constituísse parte da mesma necrópole reconhecida na zona norte. Revelado e catalogado por Santos Rocha, era composto por estruturas de contorno rectangular ou trapezoidal, no interior das quais repousavam ainda restos osteológicos (Graen 2007: 285; Inácio 2005: 40). Leite de Vasconcelos e D. Fernando de Almeida publicaram há já várias décadas materiais atribuíveis a época visigótica e exumados na Quinta de Marim, caso de um anel ornado com uma estrela de vários raios (Vasconcelos 1913: 587-588) ou de outros anéis, contas e alfinetes (Almeida 1962: 237). No Catálogo em anexo figuram alguns dos adereços e elementos relacionados com a indumentária conservados no MNA, caso de dois anéis, An - 19 e An - 20, de uma fivela (Fv - 21) e de um outro objecto (Fb - 10), publicado como fivela em forma de disco (Almeida 1962: 243; lâm. LXV, fig. 355), o qual corresponderá antes a uma fíbula discóide.

O sítio da **Retorta**, situado em Boliqueime, concelho de Loulé, concerne a uma *villa* romana com necrópole associada. Foi referido por Ataíde de Oliveira nos alvores do século XX e posteriormente investigado por Estácio da Veiga, que ali exumou alguns elementos materiais (Inácio 2005: 16; 44). É, porém, ao Padre Semedo Azevedo que se fica a dever uma investigação mais significativa levada a cabo naquele local (Gomes

2002: 385) e que acabou por colocar a descoberto o cemitério. Do conjunto dos túmulos por ele abarcado, parte encontrava-se por escavar, sendo que um outro conjunto se apresentava destruído, em razão da ocorrência de trabalhos de plantação de árvores. O enquadramento cronológico da necrópole aponta para várias épocas, inferência obtida quer através da tipologia dos sepulcros, quer dos materiais exumados, entre os quais avultavam uma argola de bronze e um bracelete em ferro, elementos que terão sido depositados no Museu de Albufeira (Azevedo 1959: 119-120), mas que não tivemos oportunidade de analisar. Em paralelo aos referidos objectos, há que colocar a tónica na importante placa de cinturão recolhida por Estácio da Veiga naquela necrópole (Gomes 2002: 385) e que actualmente integra as colecções do MNA (Pl - 19).

Prestes a finalizar o trajecto pelas estações do território português acerca das quais são conhecidas informações relativas ao achado de adornos metálicos ou de elementos relacionados com a aplicação na indumentária, resta fazer referência a dois sítios. O primeiro concerne à necrópole do **Serro do Algarve**, Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, visitada por Santos Rocha nos alvores do século XX (Pereira 1997: 49). Constará do local de origem de um anel ornado com um motivo em forma de estrela ou cruz, similar a exemplar oriundo da Quinta de Marim (Inácio 2005: 82), publicado por Leite de Vasconcelos (1913: 587-588).

O segundo respeita a **Vale de Carro**, em Olhos de Água, localizado nas proximidades da Retorta. A necrópole ali identificada, cujas sepulturas apresentavam sinais de destruição, essencialmente resultantes da vigência de trabalhos agrícolas no local, foi intervencionada pela primeira vez pelo Padre Semedo de Azevedo e, posteriormente, na década de 40, parcialmente escavada por Veiga Ferreira e L. Albuquerque e Castro (Inácio 2005: 49). Ora, os autores dos trabalhos arqueológicos apontaram a Idade do Bronze como enquadramento cronológico dos sepulcros e dos materiais metálicos neles recolhidos, circunstância que se poderá ter ficado a dever ao achado de artefactos líticos polidos e lascados do Paleolítico e Neolítico nas imediações. Porém, mais recentemente, a análise das peças metálicas levou a que se estabelecessem paralelos com brincos recolhidos em necrópoles da região de Cuenca, datados do século VII e com um outro, oriundo da Abuxarda (Gomes 2002: 385; Oliveira 1888-1892: lâm. III, fig. 13; Paço 1960: 10, fig. 3, e).

7. Adornos metálicos.

A propensão do povo visigodo para o luxo e a ostentação, à semelhança do que se verificava com outros povos nómadas, determinou uma clara dedicação e gosto pelos adereços metálicos, nomeadamente se produzidos em materiais preciosos (Morillo Cerdán 1989: 238). Aliás, mesmo quando se sedentarizam e iniciam o processo de desenvolvimento de outros domínios artísticos, nomeadamente da arquitectura, mantêm inquebrável a qualidade da ourivesaria e torêutica.

Ora, o trabalho do ouro, do bronze e do ferro, através do recurso às mais diversas soluções, implicava um conhecimento profundo do ofício e uma formação particular. Aliás, o domínio das técnicas constituiu um factor capital na Alta Idade Média, pois suplantava as carências associadas a uma utensilagem particularmente rudimentar (Borger; Hansgerd 1979: 45).

Mas a abordagem à questão do trabalho dos metais implica a consideração de uma série de problemas, que compreendem os moldes em que era organizada a produção, as especificidades dos criadores dos adornos, os locais onde os mesmos terão sido executados, estendendo-se às interrogações acerca do papel a atribuir aos artífices itinerantes. Muitos permanecem sem resposta.

De facto, múltiplas são as lacunas que continuam a vigorar neste campo. Com efeito, os conhecimentos acerca da ourivesaria desenvolvida na *Hispania* pelos visigodos, na sequência da batalha de Vouillé e da penetração no território peninsular, são ainda pouco consistentes. No entanto, estudos levados a cabo mais recentemente em alguns centros urbanos e necrópoles, com destaque para os que se localizam na zona da Meseta castelhana, permitiram encetar o necessário processo de sistematização e estudo desta vertente em articulação com a realidade histórica e arqueológica do reino de Toledo (Ripoll López 1985: 24).

Ora, as práticas aplicadas nas oficinas tardias e nos primeiros tempos de Cristianização radicaram em tradições vigentes desde períodos recuados e que permaneceram substancialmente inalteradas até à Alta Idade Média (Dandridge 2000: 71). No entanto, se as técnicas romanas configuraram um manancial vasto e

incontornável aproveitado pelos povos germânicos (Borger; Hansgerd 1979: 48), não constituíram, porém, a única fonte. H. Schlunk realça a complexidade da arte no tempo das migrações, chamando a atenção para o cruzamento de influências germânicas e bizantinas, a par da interpenetração de tradições autóctones e, naturalmente, romanas (Cristóbal Rodríguez 1981: 428).

A título de exemplo, registe-se que o recurso à filigrana em ouro não representa apanágio do povo visigodo, tendo florescido na fase que precedeu o arranque dos movimentos migratórios dos grupos germânicos. De facto, antes da penetração dos visigodos na Península e mesmo entre os povos pré-romanos, recorria-se já à utilização da referida técnica (Balmaseda Muncharaz 2006: 763-764). Por seu turno, a decoração à base de granadas coloridas, desenvolvida sob influência oriental e na qual surgia plasmada a interpenetração de influxos oriundos do mundo iraniano, helenístico e romano (Lebedynsky 2001: 83), chegou às planícies do Sul da Rússia, trazida pelas tribos migratórias, na terceira centúria, tendo as oficinas das colónias helenísticas na Crimeia trabalhado este estilo para os seus clientes bárbaros, que cedo apreenderam o gosto pela magnificência. Nos primeiros tempos das migrações germânicas, as granadas utilizadas eram maioritariamente importadas para as costas do Mar Negro e para a Europa através das rotas comerciais que partiam da Índia, sobretudo de Burma, muito embora outras origens, caso da Ásia Menor, sejam também mencionadas por Plínio (Ostoia 1953: 146-147; 149). De qualquer modo, será nos finais do século IV e ao longo da centúria seguinte que a aplicação do *cloisonné* conhecerá a sua mais notável difusão, não só em intrínseca relação com a eclosão das vagas migratórias dos grupos bárbaros, mas também como reflexo dos fenómenos de interpenetração cultural (Lebedynsky 2001:83).

Também designado de estilo policromo (Balmaseda Muncharaz 2006: 753), radica na incrustação ou engaste de granadas talhadas em pequenas células, inscritas numa base ou caixa metálica. Era necessária grande mestria técnica para cortar estas pedras, que adquiriam um aspecto fulgurante sob o efeito da luz, de modo a criar diferentes formas, sendo que, para obter um resultado de grande perfeição no momento de as inserir e fixar, acabou por se recorrer à aplicação de uma espécie de cola nas cavidades (Borger; Hansgerd 1979: 53). A técnica do *cloisonnée*, que poderá também ter sido adaptada de oficinas de Constantinopla (Rodríguez Resino 2003: 297) e que reflecte

um sentimento de "...horror ao vazio" (Almeida 1986a: 57), começou por se afirmar como apanágio das peças em ouro. Porém, à medida que este metal precioso ia escasseando, passou também a ser utilizada nos objectos produzidos em bronze (Borger; Hansgerd 1979: 53). Por outro lado e em algumas situações, levantaram-se dúvidas relativamente à natureza dos embutidos de cor vermelha em trabalhos que recorreram à utilização do *cloisonnée,* durante o período das migrações. Com efeito, não é claro se a matéria-prima empregue se referia sempre a granadas ou simplesmente a vidro vermelho. Uma das razões para que tal questão se coloque pode radicar no facto de algumas variedades deste tipo de pedra, ao serem fundidas a alta temperatura, se converterem numa pasta vítrea dotada de muito menor densidade que a das granadas originais (Ostoia 1953: 150). Não obstante, o engaste de vidros policromos nas cavidades definidas para a incrustação, nomeadamente em elementos de cinturão, configura também uma singularidade do mundo visigodo (Morillo Cerdán 1989: 238).

Outra das técnicas recorrentes refere-se ao dourado pelo fogo, o qual implicava a utilização de mercúrio, elemento fundamentalmente procurado na região mediterrânica. Para aplicar a referida técnica, cuja utilização perdurou até ao período carolíngio, havia que, num primeiro momento, preparar uma liga constituída por mercúrio e também por uma quantidade mínima de ouro, sendo que a pasta resultante da conjugação dos dois elementos era depois friccionada na peça que se pretendia dourar. Ao reaquecer o objecto, o mercúrio evaporava-se, restando apenas uma fina película de ouro, que deveria, em seguida, ser polida (Borger; Hansgerd 1979: 52-53). Desta forma se conferia aos adereços uma aparente riqueza e fulgor, dissimulando e contornando as limitações de acesso ao mais nobre metal, motivadas pelo seu alto preço. Neste sentido, a amálgama de ouro e mercúrio acabou por se assumir como uma solução frequente, tendo sido usada, a título de exemplo, em algumas placas de cinturão exumadas na necrópole de Carpio de Tajo (Balmaseda Muncharaz 2006: 762).

Relativamente ao uso da técnica do vazado/recortado nos bronzes, registe-se que foi difundida por todo o Império em fase tardia, num processo que, segundo Riegl, traduz um renovado sentir estético e ideológico. Assim e por oposição à linearidade, tão ao gosto alto imperial, começou a optar-se pelas mudanças de plano, daí a adopção dos recursos decorativos que potenciavam a ruptura, como o vazado e a excisão (Arrecoechea

Fernández 1994: 160). Neste sentido, tornou-se habitual encontrar peças recortadas na *Hispania* visigoda ao longo dos séculos VI e VII (Palol Salellas 1950b: 76).

Por último, faça-se referência ao trabalho efectuado sobre os metais ferrosos. Com efeito, com o aumento dos preços dos materiais mais nobres, começou a forjar-se em ferro objectos destinados a servir como adornos de vestuário, com destaque para os elementos de cinturão (Borger; Hansgerd 1979: 54). Todavia, convém ressalvar que esses elementos pouco faustosos poderiam encontrar-se direccionados para as camadas sociais menos favorecidas e detentoras de poder de compra mais reduzido, funcionando, neste sentido, também como um indicadores da hierarquia e ordem em que se integravam os indivíduos que os utilizavam. São, porém, pouco abundantes os exemplos de peças em ferro que tivemos oportunidade de observar, circunstância que poderá também ficar a dever-se ao facto de este metal se alterar facilmente com a humidade, particularidade passível de determinar a respectiva desagregação e subsequente desaparecimento (Morillo Cerdán 1989: 238).

Ora, a possibilidade de reconhecer, num mesmo elemento de adorno, a combinação de diferentes técnicas decorativas, leva a supor que cada oficina e, consequentemente, os seus artífices, dominavam distintos recursos. No entanto, nem sempre se conjugava a aplicação de várias soluções sobre um só adorno, circunstância motivada pelas dificuldades de execução. Com efeito, o perfeito domínio de uma das técnicas e de cada fase do trabalho a ela associado, implicava quase que uma "especialização" (Borger; Hansgerd 1979: 53). Acrescente-se, no entanto, que ao nível das opções decorativas, a incisão respeitava, indubitavelmente, à técnica dominante, sendo utilizada numa grande parte dos objectos em bronze (Morillo Cerdán 1989: 239).

De qualquer modo, a identificação de um método idiossincrático pode revelar-se útil na tentativa de isolar um conjunto de objectos que indiciem ter sido produzidos por um artífice ou oficina em particular (Dandridge 2000: 82). Dado, porém, que não é possível concretizar uma aproximação tão específica, nomeadamente no que ao território português diz respeito, até pelo carácter disperso e fragmentário dos testemunhos materiais recolhidos, a observação de uma peça e o estabelecimento de correlações com outras aparentadas permite, pelo menos, criar uma primeira base para extrapolações e

para a definição de grupos específicos de adornos. É, pois, o que pretendemos com a análise subsequente.

7.1 - Placas de cinturão.

No universo das peças utilizadas com finalidade prática ou simplesmente como adorno de vestuário, as placas ou fechos de cinturão destacam-se claramente, porque constituem indicadores preciosos em vários domínios, nomeadamente ao nível artístico e cronológico (Almeida 1962: 90-91). Com efeito, representam, com as suas variantes, um dos elementos mais expressivos da cultura material da fase de transição que medeia entre o ocaso do Império Romano do Ocidente e o alvorecer dos tempos medievais.

O *cingulum*, à semelhança da *fibulae*, dado o seu valor simbólico intrínseco e a faculdade de traduzir prestígio e a posição na hierarquia social, granjeou uma tal importância entre as populações germânicas ao serviço do Estado romano, que, aquando da desagregação da autoridade imperial, perduraram na arte "bárbara" formas, técnicas e motivos decorativos. Aliás, parte muito considerável dos elementos de cinturão produzidos na Alta Idade Média por distintos grupos étnicos, possuem os seus protótipos mais ou menos directos em peças tardo-romanas, sendo que, em algumas situações, se encontram documentadas cópias directas (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 239-240).

Ora, uma primeira observação do conjunto de placas, mais ou menos completas, que incluímos no Catálogo em anexo, permite-nos, desde logo, constatar a inexistência de peças passíveis de integração no nível II de Ripoll López (1998: 49). Não se regista, portanto, a presença de qualquer exemplar idêntico aos faustosos broches de cinturão castelhanos, exumados em necrópoles como Herrera de Pisuerga, Deza, Daganzo de Arriba e Carpio de Tajo, com paralelos identificados em peças originárias da Rússia, Danúbio, Itália e França (Martínez Santa-Olalla 1934: 158; 165). No entanto, não se afigura possível, de momento, afirmar a inexistência deste tipo de peça em território português. Com efeito, as duas placas completas conservadas na colecção medieval António Olmos, imputáveis ao século VI, poderão alterar o panorama dos achados conhecidos, caso se venha a confirmar, de modo mais concreto, a sua origem. Porém, até ao momento, apenas se atesta que ambas foram recolhidas no espaço peninsular (Fernandes et al. 2009: 48-49). Caracterizadas pela apresentação de um mosaico de

pequenas células ou cavidades metálicas de forma geométrica, organizadas em torno de um elemento central de configuração circular, onde foram incrustados elementos policromos, denotam, apesar de algumas variáveis, um esquema decorativo idêntico. Julgamos, de qualquer modo, mais ajustado remetê-las para o nível III, visto denunciarem, sobretudo ao nível da ornamentação, um caminho evolutivo traçado a partir dos tipos iniciais, cuja cronologia poderá recuar aos finais do século V.

De qualquer modo, entre os elementos de cinturão que tivemos oportunidade de analisar, há que destacar uma peça procedente de Conimbriga (Pl - 06), a única na qual se encontra plasmada a técnica do *cloisonné*. Refere-se a uma placa de pequena dimensão, constituída por uma caixa em bronze, com células preparadas para a incrustação. Porém, os materiais engastados não constam de granadas, antes de pequenos vidros cortados e adaptados à configuração das cavidades. A pequena placa de Conimbriga corresponde, entre as demais observadas e integradas no Catálogo anexo, à que se reveste de cronologia mais recuada, remetendo para os broches de cinturão de feição mais nitidamente germânica. Neste sentido, será certamente anterior a 589, momento marcado pela conversão de Recaredo e pela subsequente unificação religiosa (Morín de Pablos *et al.* 2006: 68; Maya González 1985: 181), integrando-se no nível III de Ripoll López, com datação compreendida entre 525 e 560/580 (Ripoll López 1998: 51).

Segue-se o grupo dos broches de cinturão de placa rígida, que, segundo H. Zeiss, se reportam a um tipo datado do século VI. Palol Salellas, reconhecendo-lhes similitudes com exemplares recolhidos em França e Itália, ou, na *Hispania*, com peças exumadas nas necrópoles de Herrera de Pisuerga ou Carpio de Tajo, percepciona neles uma feição germânica tardia, atribuindo-os já aos finais da referida centúria (Ripoll López 1985: 42). Já Ripoll López considera que a cronologia das placas rígidas dotadas de lingueta deve ser apontada para os séculos VI e VII, salientando ainda a possibilidade de a produção original se ter realizado em oficinas do Norte de Itália, de formação longobarda (1989a: 467). Mais recentemente, particularizou a integração destes objectos no nível IV, o qual, abarcando os derradeiros anos do reinado de Leovigildo, bem como o período de governo de Recaredo, se prolonga entre 560/580 e 600/640 (Ripoll López 1998: 56-57), caracterizando-se pela difusão da moda latino-mediterrânica e, concomitantemente, de

uma grande variabilidade morfológica de placas de cinturão, à qual se encontra subjacente uma evidente homogeneidade.

Do conjunto de peças incluídas no Catálogo, o grupo constituído por placas de cinturão rígidas simples, todas depositadas no MNA, comporta a placa da Abuxarda (Pl - 01), uma de proveniência desconhecida (Pl - 09), duas oriundas de Milreu (Pl - 12 e Pl - 13) e, por último, a peça recolhida no sítio da Retorta (Pl - 19). Apesar da proximidade morfológica que denotam, registam-se algumas variáveis, nomeadamente referentes à configuração do extremo da lingueta, à presença ou inexistência de espinha dorsal ou de motivos decorativos geométricos incisos.

Ainda no âmbito do nível IV de Ripoll López, há que considerar um outro tipo de peça, o das placas vazadas ou recortadas, que se subdivide, por seu turno, em objectos com ornatos geométricos ou de natureza epigráfica.

No âmbito do nosso estudo foi-nos possível observar dois destes exemplares. O primeiro, recolhido em Conimbriga (Pl - 07) e publicado por D. Fernando de Almeida (1962: 243; lâm. LXV, fig. 357), consta do fragmento distal de uma placa rígida com decoração geométrica. Elementos similares ocorrem de modo particularmente abundante em alguns cemitérios visigodos da província de Segóvia, caso de Duratón, tendo também sido detectados em Castiltierra e Carpio de Tajo (Toledo), bem como em Palazuelos (Guadalajara). Aliás, é em função da execução perfeita evidenciada pelas placas desta última estação, que se estabeleceu a designação de "tipo *Palazuelos*" para designar estes broches de cinturão vazados. Em regra, surgem isolados nas necrópoles de época visigoda ou então associados a uma pequena faca ou a uma fivela oval dotada de fuzilhão escutiforme (Ripoll López 1998: 93).

O segundo exemplar (Pl - 15), refere-se a uma placa de cinturão epigráfica procedente do sítio do Paço da Facha. Os paralelos encontrados na bibliografia, não obstante as semelhanças imediatas que preconizam, divergem, em alguns pontos, das particularidades reveladas pela peça da Facha, afastando, nesse sentido, a possibilidade de um mesmo molde ter servido para produzir todos os objectos.

Com efeito, a observação do broche de cinturão recolhido no sítio de As Pereiras (Amoeiro), em Ourense, revela, desde logo, o facto de este constituir uma peça articulada e compósita, formada não só pela placa vazada propriamente dita, mas também por uma

fivela independente, destituída de fuzilhão. Por outro lado, é perceptível alguma imperfeição ao nível da disposição dos caracteres. De facto, na primeira linha ou registo, tanto o *X* e o *P,* como o *I* e *T,* revelam considerável irregularidade. A situação detecta-se igualmente na segunda fieira (*T* e *E*), sendo também evidente a junção do *V* e do *M.* A tal, acrescenta-se a ausência, na peça de As Pereiras, do *X.* A leitura da inscrição é, pois, a seguinte: *XPS SI (T) / TECVM* (Aboal Fernández; Cobas Fernández 1999: 11-12).

Já no que se refere à peça de Ortigosa de Cameros, originária de Logroño, com paralelo directo no objecto fragmentado nº 17 da Colecção do Museu de Maguncia (Ripoll López 1998: 96; 282; lâm. IV), a similitude com a da Facha revela-se clara. Ela manifesta-se, em primeiro lugar, no duplo registo epigráfico sobreposto, referindo-se a leitura, em ambos os casos, à expressão *XPS SIT / TECVM X.* No entanto, são perceptíveis algumas dissemelhanças ao nível da estrutura da placa propriamente dita. Com efeito e segundo fotografia publicada (Ripoll López 1998: 97), a superfície frontal da de Ortigosa de Cameros possui, no canto superior direito, uma perfuração de contorno circular, certamente destinada à colocação de um cravo ou rebite, elemento de que a da Facha não se encontra provido. Em contrapartida, nesta última, a zona oposta, não só evidencia contorno lateral diferenciado, como apresenta, em paralelo, caneluras decorativas. Acresce ainda, como pormenor diferenciador, a configuração e dimensão da perfuração, supostamente destinada ao encaixe do fuzilhão e colocada entre os dois registos epigráficos. De facto, o da Facha é maior e alongado, seguindo a progressão longitudinal da peça; o de Ortigosa, por seu turno, de tamanho mais reduzido, possui contorno semi-circular.

Refira-se ainda e a propósito dos objectos mencionados, que a inscrição neles patente significa que Cristo está entre nós, sendo possível que o *X* final desempenhe uma função meramente decorativa (Vives 1969: 137). Neste sentido, a presença deste caracter poderia ser explicada como uma tentativa de ocupar um campo epigráfico de tamanho similar ao que se encontra na zona superior, articulando-se com ele.

A cronologia apontada para estes broches de cinturão epigráficos é bastante discrepante, sendo a variabilidade conotada com os autores que a eles se referem. De facto, regista-se uma considerável amplitude das propostas de datação. A mais recuada centra-se no século V (Vives 1969: 137), encontrando eco em Tudanca Casero (Aboal

Fernández; Cobas Fernández 1999: 27). Porém, outras hipóteses veiculadas são mais tardias, remetendo a produção destes broches para o intervalo compreendido entre a segunda metade do século VI e os alvores do VII (Almeida 1996a: 311; Ripoll López 1998: 98) ou apontando unicamente o século VII (Rodríguez Resino 2003: 288-289). Ripoll López justifica a indicação proposta sobretudo em função do tipo *inter uius* da fórmula evidenciada, pois a inscrição *Christus sit te cum* surge com alguma frequência nos repertórios epigráficos das referidas centúrias. Ela denota, é certo, uma clara invocação cristã, não se revelando possível, no entanto, afirmar se o indivíduo que a utilizou se encontrava consciente dessa singularidade (1998: 98).

Não obstante, se a fórmula em causa, enquanto indício nitidamente paleocristão, deverá necessariamente ser considerada no esforço de estabelecimento de uma datação (Brochado 2004: 152), existem outros pormenores que permitem assumir uma concordância com as cronologias propostas para toda a série de broches de placa rígida vazada. Referem-se estes ao tipo de estrutura apresentado, ao modo de produção subjacente e ao tratamento conferido às peças (Ripoll López 1998: 98).

Transitemos agora para o derradeiro grupo de placas de cinturão por nós analisadas, o qual concerne ao conjunto mais numeroso. Representam um objecto característico do III período de Santa-Olalla (1934: 171), classificado como bizantino e compreendido entre o início do reinado de Suintila, cerca de 621 e o colapso da monarquia visigoda (Cardozo 1942: 256; Figueiredo; Paço 1974: 19). Uma outra proposta de integração cronológica refere a presença deste tipo na Península Ibérica, a partir dos finais do século VI e, nitidamente, já nos inícios do VII, perdurando ao longo das primeiras décadas do século VIII (Ripoll López 1985: 61).

Constam, portanto, de peças relacionáveis com o nível V de Ripoll López, cujo âmbito abarca, à semelhança do IV, praticamente toda a geografia peninsular (1998: 47). Em concreto, referem-se a broches de cinturão de placa liriforme, de origem mediterrânica, cuja difusão se processou de modo amplo no território compreendido pelo reino visigodo, extravasando os contextos de fixação característicos do século VI. A explicação para a dispersão deste tipo de bronzes, romanos orientais, com influências bizantinas, ainda que reproduzidos por toreutas visigodos e usados, indiscriminadamente, tanto pela população hispano-romana como germânica, radica, por um lado, na unidade

demográfica promovida por Leovigildo e na confessional, motivada pela conversão de Recaredo (Palol Salellas 1986: 516). Por outro lado, deriva da aproximação económica granjeada pelo Império Bizantino e fundada no comércio marítimo, o qual permitiu disseminar estes objectos por todo o Mediterrâneo, daí a possibilidade de encontrar peças congéneres na Síria, no Egipto, na Sicília, em Ibiza e no norte de África. O facto de grande parte dos broches liriformes exumados na Península procederem da Bética, sendo bem menor a quantidade de peças oriundas do Norte da *Hispania* e, inclusive, da própria Meseta, leva a que se coloque a hipótese de as oficinas artesanais se encontrarem localizadas na costa, onde seriam travados os primeiros contactos com as modas mediterrânicas ou em Toledo, que, enquanto capital e residência da corte, se assumia como centro de acolhimento de todas as inovações. De qualquer modo, não se afasta a hipótese da existência de artesãos itinerantes, aos quais se ficaria a dever a propagação destes materiais a todo o território visigodo (Vallalta Martínez 1988: 305).

A utilização do tipo liriforme terá perdurado ao longo de todo o século VII e primeiros decénios do século VIII, convivendo ainda com a ocupação muçulmana. Aliás e porque as peças soltas de alguns destes elementos seriam reutilizadas para reconstruir outros objectos, o uso de placas liriformes, completas ou incompletas, alargou-se no tempo (Vallalta Martínez 1988: 307). Refira-se, a propósito, que as escavações do povoado de El Bovalar, em Lérida, permitiram documentar a vigência utilitária dos broches liriformes em pleno reinado de Áquila, que decorreu entre 713 e 715 (Ripoll López 1998: 33).

No que concerne à técnica empregue na produção deste tipo, Palol Salellas considerava que se baseava na fundição em cera. No entanto, é possível que não fosse necessário investir num método tão complexo para produzir objectos de dimensões tão pequenas. Como tal, tem vindo a considerar-se a possibilidade de se ter antes recorrido ao fabrico em série, através da utilização de moldes bivalves com impressão em areia, solução menos dispendiosa e mais simples (Vallalta Martínez 1988: 305; 314).

Ora, no Catálogo foram incluídos doze exemplares liriformes, os quais denotam algumas variantes formais. De todos, o mais completo, porque ainda na posse da fivela com a qual se articulava, referia-se ao exemplar procedente de S. Caetano (Pl - 03) e depositado por Mário Cardozo no Museu da Sociedade Martins Sarmento. No entanto,

foi furtado à referida instituição aquando de um assalto levado a cabo em 1986 (Sande Lemos 1987: 155). À semelhança de uma das peças recolhidas em Conimbriga (Pl - 05), da proveniente da Herdade de Fontalva (Pl - 11) e da placa mais completa oriunda de Patalou (Pl - 16), apresenta fortes similitudes com os objectos integrados no tipo A da Colecção Sevilhana. Podendo corresponder justamente a um protótipo sevilhano, tal não significa necessariamente que tenham sido produzidos numa oficina localizada naquela região. Aliás, exemplares idênticos e constituintes do grupo quantitativamente mais abundante da Península, foram já detectados em vários pontos da referida unidade geográfica, nomeadamente na zona noroeste ou em torno de Palência (Ripoll López 1998: 134).

No que se refere à placa das Grutas do Poço Velho (Pl - 10), refira-se que os autores que a deram a conhecer lhe apontaram, desde logo, dois paralelos: um deles concerne a um elemento de cinturão exumado em Loja, Granada; o segundo, a uma peça procedente de Castiltierra, em Segóvia (Figueiredo; Paço 1947: 20). Seguindo o modelo original, radicado no Oriente bizantino, revela fortes similitudes com o tipo C da Colecção Sevilhana, o qual vem sendo detectado na Meseta Castelhana, na área Cantábrica e no litoral da zona centro de Portugal (Ripoll López 1998: 136), representando a peça do Poço Velho um bom exemplo do referido enquadramento. Também a placa de Bensafrim (Pl - 02) denota semelhanças com o tipo C, muito embora o registo decorativo que ostenta, com grifos afrontados irrompendo de um tronco vegetalista comum, se revele muito específico. Aliás, tal ornamentação pode ter-se inspirado em soluções cénicas herdadas das oficinas orientais (Palol; Ripoll 1988: 261).

Já a peça oriunda do lugar de Castro, Santa Marinha do Zêzere (Pl - 04), congrega particularidades formais e de organização decorativa que permitiriam associá-la quer ao tipo C, quer ao D. No entanto, o facto de se apresentar fragmentada, dificulta a compreensão da sua dimensão e, consequentemente, restringe as possibilidades de a integrar de modo mais particular.

Por seu turno, a placa recolhida no Monte da Serra Brava (Pl - 14), também liriforme, aproxima-se do tipo H-2 da Colecção Sevilhana, cuja distribuição geográfica denota grande amplitude. Uma dispersão igualmente vasta aplica-se também ao tipo G, ilustrado, por seu turno, no objecto fragmentário de Patalou (Pl - 17) e por um outro, de

origem desconhecida, depositado no MAC (Pl - 08). De facto, ambos os tipos, G e H, muito abundantes, foram reconhecidos em latitudes díspares da *Chartaginensis*, *Tarraconsensis*, *Lusitania* e *Baetica* (Ripoll López 1998: 142).

7.2 - Fíbulas.

As fíbulas, concebidas a partir de um molde de base, destinado a servir um número indeterminado de modelos secundários, sem alterar a forma inicial, podiam, depois de finalizado o processo, patentear uma infinita panóplia de soluções decorativas, daí a variabilidade deste tipo de adorno. Aliás, a volubilidade da ornamentação afigurava-se não como uma mera possibilidade, mas antes como uma implicação lógica do processo de fabrico. De facto, muito embora o molde impresso na argila ou areia fosse usado apenas uma vez (método de fundição em molde perdido), a execução posterior do objecto era conseguida individualmente (Borger; Hansgerd 1979: 52). Ressalve-se, porém, que as opções de acabamento encontradas para essa fase ulterior, não variavam necessariamente em função da matéria-prima utilizada. Com efeito, algumas fíbulas em cobre, que denotavam um grande cuidado, nomeadamente ao nível da decoração, poderiam ter servido para satisfazer as necessidades de uma clientela menos elevada do que aquela que recebia ou encomendava o mesmo tipo de peças, mas em ouro. Porém, na tentativa de lograr uma paridade em termos visuais, sobressaíam com o seu dourado ou aplicações ornamentais. Neste sentido, era apenas no valor dos materiais empregues que residia a limitação reflectida pelas fíbulas feitas em ligas de cobre, visto que o tempo e habilidade necessários para a sua produção seriam idênticos aos requeridos para os objectos em ouro (Dandridge 2000: 84). Ainda assim, tal circunstância denota que estas peças encerram em si mesmas um intrínseco valor económico, traduzindo, em paralelo, um determinado nível de desenvolvimento metalúrgico e a própria disponibilidade de recursos mineiros num âmbito territorial específico (Ponte 2006: 20; 25).

Ora, as fíbulas, à semelhança das placas de cinturão, assumem-se, para alguns autores, e sobretudo em razão da morfologia e decoração apresentadas, como indicadores fiáveis de períodos bem definidos. De vocação essencialmente funcional, destinadas a prender ou fixar vestes, deveriam comportar um peso que não obstasse a uma aplicação

efectivamente utilitária (Almeida 1962: 91), até porque, em acordo com algumas indicações colhidas, nomeadamente no âmbito das escavações de sepulturas, as fíbulas eram aparentemente usadas pelo sexo feminino, aos pares, uma em cada ombro, ligadas através de uma corrente (Ostoia 1953: 148). No entanto, no caso dos objectos aquiliformes ou dos que representavam figuras simbólicas, como o mastim ou o cavalo de Odine, face ao tamanho e peso considerável que possuíam, afigura-se possível que respondessem a propósitos místicos e profilácticos, não devendo, portanto, ser encaradas como peças de utilização quotidiana (Almeida 1962: 91).

Na Península Ibérica, em razão de condicionalismos vários, inclusive de ordem histórica, é notada a ausência de fíbulas enquadráveis nos estádios iniciais de evolução e, concomitantemente, das variantes mais arcaicas destes materiais, até porque, aquando da chegada dos visigodos ao referido território, estas peças se encontravam já completamente formadas. As mais antigas conhecidas na *Hispania,* datadas do século V, procedem fundamentalmente de Castiltierra (Segóvia), tendo sido produzidas segundo a técnica trilaminar. Já os primeiros exemplares fundidos foram exumados em Herrera de Pisuerga (Palência) e Carpio de Tajo (Toledo) (Martínez Santa-Olalla 1934: 165-167). Feitos numa única peça, começaram por ostentar, nos inícios do século VI, a ocorrência de parcos motivos ornamentais. No entanto, na segunda metade da centúria, as superfícies apresentavam-se já integralmente decoradas (Palol; Ripoll 1988: 259).

As fíbulas aquiliformes, tipo eminentemente godo, cultivado e em voga entre os visigodos até à celebração do III Concílio de Toledo, em 589, têm um desenvolvimento paralelo ao das fíbulas trilaminares e fundidas, de ascendência gótica, danubiana ou russa meridional e ao dos grandes broches de placa rectangular tipicamente godos, com incrustações ou relevos fundidos (Martínez Santa-Olalla 1940: 34-35). No território português, não é conhecida, até ao momento, a ocorrência de qualquer exemplar de fíbula trilaminar. No entanto e no que às fíbulas aquiliformes diz respeito, a situação revela-se algo mais complexa. De facto, constitui parte integrante da colecção medieval António Olmos um objecto aquiliforme, acerca do qual apenas se sabe que possui origem peninsular (Fernandes *et al.* 2009: 48). Com postura heráldica e cabeça em perfil, voltado à esquerda, apresenta o corpo subdividido em pequenas cavidades de configuração geométrica, resultado da articulação de linhas rectas e oblíquas, e no

interior das quais se incrustaram vidros policromos. Ao mesmo esquema, *cloisonnée*, obedece o escudo patente na parte central, referindo-se o olho da ave a um único elemento encastoado. Sendo indiscutível que a morfologia da peça reflecte uma representação aquiliforme, carece, no entanto, de alguns pormenores que a aproximariam de outros exemplares conhecidos, nomeadamente ao nível da matéria-prima de base utilizada ou à execução estilística. É o caso das fíbulas em ouro maciço recolhidas em Tierra de Barros, Badajoz, na Estremadura espanhola, as quais ostentam bico e asas de contornos bem desenhados e bastante pronunciados; ainda assim, dada a considerável dimensão das células metálicas, até estas se afastam dos objectos de feitura mais fina e cuidada recolhidos em território ostrogodo (Santa-Olalla 1940: 36-37, fig. 3). Também a fíbula de Alovera, necrópole localizada em Guadalajara, Madrid, por seu turno produzida em bronze dourado e cujas cavidades possuem granadas policromas engastadas, prima por uma interessante execução, revelando um perfil bem definido e múltiplas soluções na estruturação das células, as quais se conjugam de modo a perfazer um escudo central bem marcado, um bico adunco e um par de asas perfeitamente delineado. Trata-se de um exemplar que poderia ser integrado no grupo I de Santa-Olalla, com cronologia centrada nos inícios do século VI (Fernandez del Campo 1975: 535-536; lâm. I) ou no nível II de Ripoll López, com datação balizada entre os anos 480/490 e cerca de 525 (1998: 49). Já no caso da fíbula incluída na colecção António Olmos, apesar de a configuração anatómica se revelar mais irregular e menos conseguida, circunstância porventura explicada em função de especificidades da oficina de produção (Fernandes *et al.* 2009: 50), o facto de manter o esquema de cavidades metálicas com elementos coloridos engastados, leva-nos a reconhecer nela a persistência das soluções artísticas germânicas, daí o enquadramento no nível III de Ripoll López, com cronologia compreendida entre cerca de 525 e 560/80 (1998: 51), sendo necessariamente anterior à celebração do III Concílio de Toledo.

Não se encontrando, portanto, confirmada a ocorrência deste tipo em território português e, consequentemente, não se revelando possível, de momento, proceder à alteração da cartografia dos achados aquiliformes na Península, transitemos para a abordagem a um outro conjunto de fíbulas, acerca das quais existe um conhecimento efectivo relativo à sua procedência. Constam das chamadas fíbulas de arco, com gancho

ou mola em forma de besta, designadas na bibliografia arqueológica como *Armbrustfibeln* ou, no caso da sua derivação, traduzida na presença de uma pequena cabeça no remate do arco, como *Bügelknopffibeln,* as quais apresentam a particularidade de a articulação da agulha se processar através de uma mola com número variável de espirais (Rodríguez Resino 2003: 284). Em contextos sepulcrais, as *Armbrustfibeln* ocorrem, em regra, associadas a broches de cinturão de placa rectangular, com cabuchões engastados, conforme comprovado nas necrópoles de Duratón, Madrona ou Carpio de Tajo. Neste sentido, inscrevem-se nas fases iniciais de ocupação visigoda da Península e, consequentemente, no grupo visigodo de Santa-Olalla ou no visigodo germânico de Palol Salellas (Nuño González 1989: 181).

A origem destas peças, que compõem um conjunto heterogéneo e se subdividem em grupos distintos, nem sempre bem classificados, radica na *Germania Libera.* Difundidas profusamente, com boa aceitação na Turíngia, na Escandinávia e no leste europeu, alcançaram inclusive os territórios provinciais romanos, através das movimentações dos mercenários bárbaros integrados no exército ao serviço do Império, em época tardia. Assim se explicariam as relações existentes entre os achados de Conimbriga e Falperra, em Portugal e os exemplares da Europa Central, conotados com os membros da confederação sueva e enquadrados no século V. De qualquer modo e no estado actual dos conhecimentos, afigura-se particularmente complexo estabelecer um mapa de distribuição dos diferentes tipos, em articulação com os movimentos desenhados por cada povo (Nuño González: 184-185).

No território nacional, existem, portanto, algumas peças publicadas que se encontram associadas à presença germânica. Configuram, porém, em número bem menos significativo que o das que foram já dadas a conhecer para a restante geografia peninsular. Ainda assim, constituindo o conjunto de dezassete objectos recolhidos em Duratón o numericamente mais expressivo, segue-se precisamente o grupo composto pelas nove fíbulas de Conimbriga, das quais tivemos oportunidade de observar apenas oito, integradas no Catálogo em anexo. Nem todas, porém, poderão ser directamente relacionadas com as designadas *Armbrustfibeln* e *Bügelknopfibeln,* registando-se também a ocorrência de modelos próximos, mas ainda não classificados. Assim, no âmbito das *Armbrustfibeln,* verifica-se a presença de dois objectos tipo *Rouillé* (Fb - 01 e Fb - 07), de

um tipo *Duratón* (Fb - 03) e ainda de um tipo *Siscia* (Fb - 06). Depois, ao nível das *Bügelknopffibeln,* inscreve-se uma única peça, porém paradigmática, que configura o designado tipo *Conimbriga* (Fb - 02). Relativamente aos restantes exemplares exumados naquela estação (Fb - 04, Fb - 05 e Fb - 08), as especificidades que denotam, essencialmente fundadas no facto de a mola e a agulha não representarem elementos independentes, antes se formando a partir do próprio aro, afastam-nas do grupo das *Armbrustfibeln* fundidas. Independentemente destas particularidades, é notório que possuem uma ascendência comum, com origem na Europa de Leste: na Roménia, na antiga U.R.S.S., em vários pontos da região polaca, no Danúbio Médio e na área de influência da cultura de *Sîntana de Murs* (Nuño González 1989: 182). No entanto, há que salientar que esta perspectiva não se afigura consensual, visto que os objectos supra-citados podem também surgir classificados como fíbulas de besta (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629) ou integrando o tipo Ponte 47 (47.1a e 47.1b), igualmente definido para o grupo das *Armbrustfibeln* (Ponte 2006: 482, nº 288 e 290; 483: nº 291) e no qual se incluem também dois outros exemplares: o primeiro, procedente de Santa Vitória do Ameixial, Estremoz; o segundo, de Idanha-a-Velha (Ponte 2006: 492, nº 289; 483, nº 292). Schlunk, por seu turno, julgou encontrar nas referidas fíbulas pontos de contacto com elementos recolhidos em Svábenice (Mähren), relacionando, em paralelo, a peça da Falperra (Fb - 09) com exemplares oriundos de Altenerding, produções de ascendência sueva. Um outro autor integra esta última no grupo das *Bügelknopffibeln* e, em particular, no tipo *Desana,* à semelhança do objecto nº 35 de Briviesca, Burgos (Nuño González 1989: 183; 203, fig. VIII e XII).

Independentemente, porém, das dificuldades manifestadas em relação à classificação destas fíbulas, o conjunto de peças procedentes de Conimbriga poderá ser enquadrado no intervalo de tempo que medeia entre os inícios e a segunda metade do século V, correlacionando-se com a fixação sueva no território português ou, em acordo com uma outra hipótese veiculada, com a destruição e saque da cidade pelos suevos, ocorrida em 467 (Rodríguez Resino 2003: 284) sob o comando de Requimondo (Almeida 1979: 308).

Outro sítio a referir, pelo facto de, supostamente, ter proporcionado a recolha de um exemplar integrado no grupo das *Bügelknopffibeln* (Ponte 2006: 484, nº 298),

concerne a Monte Mozinho, castro onde têm sido detectados materiais datáveis do século V, nomeadamente sigilatas claras (Almeida 1979: 310). No entanto, a classificação da peça não é consensual, sendo notado que, apesar de se verificarem similitudes com o tipo mencionado, certas particularidades técnicas, como seja o modo de articulação da agulha, poderão aproximar a fíbula de Mozinho do tipo *Aucissa* (Nuño González 1989: 186). Neste sentido e dadas as reservas colocada na classificação e cronologia atribuídas, foi feita a opção de não a estudar.

Em suma, os tipos de *Armbrustfibeln* e *Bügelknopffibeln* que vêm sendo identificados na geografia peninsular, correspondem a produções de inequívoca raiz germânica, com cronologias fundamentalmente balizadas entre o derradeiro quartel do século V e primeiro da centúria subsequente. No entanto, a penetração de algumas fíbulas no território português, caso dos exemplares supracitados (Fb - 04, Fb - 07 e Fb - 08), cuja mola funciona como prolongamento do arco, poderá ter ocorrido logo nas primeiras décadas do século V (Nuño González 1989: 185-186).

No Catálogo em anexo, para além do conjunto de Conimbriga e da fíbula da Falperra, regista-se a presença de uma outra peça, de configuração circular ou discóide, recolhida em Marim (Fb - 10). Ora, este tipo de objecto, muito embora tenha existido em época romana, quando exumado em contextos sepulcrais visigodos, denota características algo discrepantes das reveladas pelos arquétipos dos século II ou III. Neste sentido, tem sido classificado como um elemento germânico, eventualmente produzido na *Hispania*, onde a sua presença se revela bastante residual, porém, inspirado em fíbulas importadas, oriundas de oficinas germânicas (Ripoll López 1985: 57). No que se refere a indicações cronológicas, afigura-se que as fíbulas discóides poderão ser enquadradas no século VI, apresentando-se como contemporâneas dos grandes broches de placa rectangular (Martínez Santa-Olalla 1934: 169). Palol Salellas faz eco desta proposta, remetendo a sua integração para o século VI, enquanto H. Zeiss circunscreve a ocorrência deste tipo aos meados da referida centúria (Ripoll López 1985: 57). Ripoll López, por seu turno, sugere uma inserção centrada nos finais do nível III, o qual se prolonga entre cerca de 520 e 560/580, hipótese de trabalho corroborada com dados proporcionados por sepulturas de Castiltierra (Segóvia) e Azuqueca, Guadalajara (1989a: 469).

Este último intervalo temporal indicado, configura, aliás, a barreira que dita a diminuição da ocorrência de fíbulas. Com efeito, o nível IV pauta-se pela captação de novas influências e pela consequente emergência e disseminação da moda latino-mediterrânica, a qual, ao introduzir as costuras na indumentária, vai prescindir do recurso à fíbula para sustentar as vestes (Morillo Cerdán 1989: 243). Ainda assim, não verifica de imediato o desaparecimento total destes objectos, visto que, já no âmbito do nível V, ocorrem ainda alguns exemplares de tipo aquiliforme em local indeterminado da Andaluzia, numa clara reminiscência da morfologia reconhecida nos níveis II e III, mas desta feita obedecendo a uma renovada gramática decorativa, onde se cruzam os motivos geométricos e as esquematizações vegetais (Ripoll López 1998: 61-64). Fica, porém, por clarificar, esta propensão diacrónica para a representação da águia, podendo todavia evocar-se algumas hipóteses explicativas, como seja a possibilidade de, através do corpo da ave, animal vigoroso, se pretender simbolizar a força ou traduzir a personificação do poder (Palol; Ripoll 1988: 259).

7.3 - Fivelas.

A presença deste tipo de objecto em contexto de enterramento, raramente se apresentando em articulação com as associações mais comuns de adereços, que agregam, nomeadamente, placas de cinturão e fíbulas, poderá remeter para uma significação específica, ao nível do estatuto social e económico da pessoa inumada ou, eventualmente, contribuir para que se efectue um diagnóstico de género. Com efeito e a título de exemplo, afigura-se que seria possível reconhecer a inumação de um indivíduo do sexo masculino se observada a conjugação de um broche de cinturão, de uma fivela reniforme e de uma faca (Morillo Cerdán 1989: 242).

No que concerne, especificamente, ao conjunto de fivelas analisado e integrado no Catálogo, há que começar por afirmar a heterogeneidade de que o mesmo se reveste. No entanto, evidenciamos desde já e como denominador comum à maior parte dos exemplares, o facto de, tecnicamente, constituírem produto de fundição. Em paralelo, destacamos a predominância de peças em bronze e a ocorrência menos significativa de exemplares sidéricos, acrescentando que, pontualmente, se verifica a utilização de dois metais distintos num mesmo objecto, apresentando-se o aro em bronze e o fuzilhão em

ferro ou cobre. É o caso, para a primeira situação, de uma fivela oriunda de Conimbriga (Fv - 15) e, para a segunda, de um exemplar recolhido na necrópole de Talaíde (Fv - 22).

Outra questão importante a considerar, prende-se com a ascendência romana de algumas das peças estudadas, circunstância que aponta no sentido da sua reutilização, afastando a hipótese de uma produção limitada ao período de dominação germânica (Ripoll López 1985: 39). Saliente-se, não obstante, que o referido grupo de origem romana se pauta por uma considerável variabilidade morfológica. Com efeito, agrega fivelas ovaladas dotadas de decoração geométrica (Fv - 10), objectos de forma oval com agulha de igual largura longitudinal (Fv - 21 e Fv - 22), a par de objectos com configuração rectangular (Fv - 17, Fv - 18 e Fv - 20).

Já as ovaladas, dotadas de agulha de base escutiforme, possuem paralelos evidentes em peças merovíngias. Terão sido, aliás, recorrentemente utilizadas pelo povo fixado além Pirinéus, assim se justificando o extenso lapso de tempo ao longo do qual foram produzidas. De facto, é-lhes atribuída uma cronologia compreendida entre os séculos V e VI, perdurando até aos alvores do VII, centúria que marca o seu desaparecimento efectivo. Os exemplares recolhidos em França procedem de necrópoles, surgindo frequentemente associados a apliques de cinturão escutiformes. Sendo plausível que tenham irradiado a partir de distintos centros de fabrico, que laboraram através de imitação (Ripoll López 1985: 39), poderão eventualmente não ser classificados como tipicamente germânicos, visto que a sua exumação ocorre também em contextos de inumação cujas conotações "étnicas" não possuem qualquer relação com o referido ascendente (Ripoll López 1989a: 467).

No Catálogo em anexo, são várias as peças que exibem a morfologia acima descrita. Entre elas, contam-se dois exemplares da Abuxarda (Fv - 01 e Fv - 02), o de Castro de Avelãs (Fv - 09), um de Conimbriga (Fv - 13) e o procedente de Torre de Palma (Fv - 24). Para além destes, foi registada a ocorrência de outras fivelas idênticas, que, todavia, não se revelou possível observar presencialmente, caso da oriunda da Azinhaga da Boa Morte (Rodrigues 1978: 83; 97), da recolhida em Alcaria (Formosinho *et al.* 1953: 132; est. XXXIII, nº 175; Viana 1949: 2-4, est. III, nº 7) e de uma outra, procedente de Balsa (Almeida 1962: 242; lâm. LXIV, fig. 349-350), as quais, em acordo com representação gráfica publicada, se reportam efectivamente a objectos enquadráveis

neste tipo. Aos elementos mencionados acrescenta-se ainda uma peça produzida em liga de chumbo, exumada no sepulcro nº 8 da necrópole de Pedreira, em Rio de Moinhos. Apresenta aro ovalado, encontrando-se ainda na posse do fuzilhão, em bronze e de base escutiforme, na qual se evidenciam duas linhas incisas cruzadas (Ferreira 1992: 98).

Para uma alusão à parte relegámos uma fivela em particular (Fv - 12), de reduzida dimensão e ainda na posse da placa com a qual se articulava. De facto, muito embora possua aro ovalado e um fuzilhão de base escutiforme, se bem que de contorno incipiente e menos modulado, afasta-se do conjunto atrás descrito, pela aparência de protótipo que a caracteriza. Assim, mesmo que a peça não seja efectivamente visigótica, recorre, na base do fuzilhão, à solução escutiforme, apanágio das fivelas posteriores. Neste sentido, a atribuição de uma cronologia ao elemento de cinturão em causa afigura-se problemática, oscilando as propostas veiculadas entre a segunda metade do século IV (Palol Salellas 1969: 152; 160) e o intervalo compreendido entre os séculos V e VII (Alarcão 1994: 142).

No que respeita às fivelas áureas de placa circular oriundas de Beja (Fv - 05 e Fv - 06), registe-se que configuram, por seu turno, um outro grupo, de natureza muito específica, pela conjugação de distintos factores: as matérias-primas utilizadas, ouro e granadas; a técnica de decoração aplicada, baseada no *cloisonnée*; a integração cronológica e os paralelos com os quais devem ser relacionadas.

Com efeito, enquadram-se ambas no designado Período Gótico de Santa-Olalla, que abarca o intervalo de tempo compreendido entre a fixação dos povos "bárbaros" na Península e o ocaso do reinado de Eurico, em data que deverá coincidir com o ano 484 (Figueiredo; Paço 1974: 17). Deverão, portanto, ser relacionadas com a fase de movimentos migratórios mais intensos, concluída apenas nos finais do século V (Almeida 1962: 90). No seu estilo policromo, estas peças denunciam os contactos tecidos com as civilizações orientais da Pérsia Sassânida, da Cítia e do Cáucaso. O mais provável é que nunca tenham sido imitadas nas oficinas da Península, reiterando assim a transitoriedade das primeiras migrações (Figueiredo; Paço 1974: 17-18).

Este tipo de peça ocorre em contextos sepulcrais, masculinos ou femininos, porém evidenciando algumas especificidades, consoante o género a que se encontram associadas. Assim, surgem em número de dois nas sepulturas de homens, eventualmente

ginetes nómadas, que os utilizariam para cingir as correias com que prendiam as botas de feltro ou couro. Em contrapartida, nos túmulos de mulheres aparece apenas um destes objectos, presumivelmente usado como fecho de cinturão. Estas fivelas de ouro com placa ornada através do recurso à incrustação de pedras preciosas, semi-preciosas ou de vidros, segundo as técnicas da ourivesaria polícroma, possuem paralelos incontornáveis numa *facies* cultural muito específica (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 634-637): concerne ao horizonte *Untersiebenbrunn*, definido com base em tesouros e conjuntos funerários de grande riqueza identificados nas regiões submetidas aos hunos e cujo enquadramento cronológico surge balizado entre 375 e 454, ano da morte de Átila (Kazanski 1991: 76). Na zona norte do Danúbio, as tumbas principescas de tipo *Untersiebenbrunn,* localizam-se em pontos isolados, circunstância eventualmente explicada em função da posição social privilegiada dos indivíduos nelas exumados, os chamados *logades* (escolhidos) ou membros do séquito de Átila, príncipes vassalos do império huno, sobretudo germanos orientais, que repousam junto dos símbolos da sua investidura (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 634; Rodríguez Resino 2003: 286).

Neste ponto emerge uma questão essencial, que se prende com a necessidade de explicar a presença na Península de objectos que remetem para o horizonte *Untersiebenbrunn*. Será porventura razoável equacionar a existência de relações entre o reino da *Gallaecia* e os suevos que permaneceram na bacia danubiana? Ou justificar a ocorrência dos materiais em causa através do trânsito de contingentes militares tardo-romanos, que, em razão da sua origem ou por adopção, envergavam elementos característicos do designado "tipo huno"? Aparentemente, afigura-se possível que a maior parte destas peças e, em particular, os objectos masculinos, conotadas com o mundo bárbaro oriental e danubiano e que nos primeiros decénios do século V penetraram na *Hispania*, não se encontrem necessariamente relacionados com as invasões de 409. Com efeito, afigura-se plausível que tenham antes chegado pela mão de soldados romanos de ascendência oriental, que abraçaram a chamada "moda danubiana" (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 641).

Noutro horizonte encontra-se integrada a fivela de Castelo Velho (Fv - 08). Esta, mesmo que tenha sido produzida na *Hispania,* atesta uma clara inspiração em protótipos importados (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 245), congregando os primeiros laivos de

influência de elementos germânicos no Noroeste, na transição do século IV para o V (Rodríguez Resino 2003: 203-284), com eventual prolongamento até meados desta última centúria (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 255).

Já as fivelas rectangulares de Conimbriga (Fv - 11, Fv - 14 e FV - 15), a par das de Briteiros, deverão constar de produções indiscutivelmente peninsulares, integrando o chamado "tipo Simancas", segundo designação de Sommer. Os exemplares deste grupo, que se articulam com as placas através de uma dobradiça ou charneira, possuem formas variadas, aparentando derivar directamente dos protótipos dos *cingulae militae* dos séculos II e III e sintetizar influências ultrapirenaicas da segunda metade do século V. Subdividindo-se em dois ramos distintos, um que denota esquema floral peltiforme e o outro, que privilegia a configuração rectangular, é no âmbito deste último que haverá que enquadrar os exemplares de Conimbriga, cuja ascendência deverá ser procurada nas peças da terceira centúria. Estas fivelas europeias, de forma rectangular e dotadas de protuberâncias nas extremidades, acabaram por evoluir na *Hispania* para peças trapezoidais com apêndices ou remates muito desenvolvidos, similares a bolas.

Genericamente, a cronologia proposta para os objectos "tipo Simancas" aponta o intervalo compreendido entre a segunda metade/finais do século IV e os meados do século V, colocando-se a hipótese de os mesmos configurarem um testemunho da pervivência em época tardia de tropas da *Legio VII,* cujos acantonamentos surgem noticiados na *Notitia Dignitatum* (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 248-255).

O derradeiro grupo de fivelas analisadas e integradas no Catálogo, concerne às peças que denotam influências bizantinas e mediterrânicas. Refere-se, portanto, a um conjunto que, apesar de uma certa heterogeneidade morfológica, evidencia, como característica comum, a clara ausência de um cunho marcadamente germânico. Nele se incluem um total de quatro exemplares (Fv -03, Fv - 07, Fv - 16 e Fv - 23), oriundos, respectivamente, da necrópole da Abuxarda, do sítio de Casais Velhos, de Conimbriga e da necrópole de Talaíde. Para além destas, também a fivela reniforme exumada em Silveirona II (Cunha 2004: 238-239; 318; 330; 2008: 177, nº 146; 213; 222, fig. nº 162) ou o objecto em ferro já muito oxidado procedente da sepultura nº 8 do cemitério de Pedreira, em Rio de Moinhos (Ferreira 1992: 96, fig. 15; 97, fig. 18, 98, nº 8), os quais não foram observados presencialmente, poderão ser remetidos para o grupo descrito e

associados a uma cronologia mais tardia, que se estende desde os finais do século VI e ao longo do VII, perdurando eventualmente nas primeiras décadas do VIII (Ripoll López 1985: 61; Vallalta Martínez 1988: 306). A estes poderá, eventualmente, acrescentar-se a fivela em bronze, ainda provida de fuzilhão, recolhida na sepultura nº 15 da Fonte do Sapo, à qual é atribuída filiação visigótica e reconhecidos paralelos com os exemplares exumados na necrópole da Pedreira (Batista; Gaspar 2002: 639). No entanto, os elementos de cinturão oriundos do cemitério de Rio de Moinhos reportam-se a três objectos tipologicamente divergentes. O primeiro, também em bronze, exumado na zona da cabeceira da sepultura nº 3, possui aro e secção rectangulares, ostentando, na superfície frontal, decoração em picotado, a par de um encaixe para articulação do fuzilhão, de base escutiforme e estrangulado na ponta (Ferreira 1992: 98). Trata-se de uma peça também mencionada, pelo facto de evidenciar similitudes com uma outra, incluída no Catálogo (Fv - 19) e procedente de Milreu (Inácio 2005: 80). O segundo objecto, ao qual tivemos já oportunidade de aludir, apresenta aro ovalado, encontrando-se ainda na posse do fuzilhão, em bronze e de base escutiforme. O terceiro, por seu turno, concerne ao único exemplar que possui um aro de contorno reniforme (Ferreira 1992: 98). Ora, a observação do registo fotográfico associado à fivela da Fonte do Sapo (Batista; Gaspar 2002: est. III, foto nº 3), leva-nos a colocar a hipótese, com algumas ressalvas, decorrentes da perspectiva em que é apresentada, de esta se assemelhar à de contorno reniforme da Pedreira. Acrescente-se, todavia, que os autores dos artigos que vêm sendo seguidos para cada uma das necrópoles, divergem ligeiramente no que se refere à integração cronológica dos elementos de cinturão. Com efeito, a datação avançada para o da Fonte do Sapo centra-se no século VI/VII (Batista; Gaspar 2002: 640), enquanto a proposta indicada para as peças oriundas da necrópole da Pedreira não ultrapassa o século VI (Ferreira 1992: 108).

Para um derradeiro momento de análise, relegámos uma peça específica (Fv - 04), exumada no Algarve, pelo facto de não se ter revelado possível integrá-la em qualquer um dos restantes conjuntos. Muito embora denote, segundo cremos, características que a aproximam dos objectos mais tardios, enquadráveis nos séculos VII ou inícios do VIII, não nos foi possível identificar um paralelo válido para o elemento de cinturão em causa.

7.4 - Fuzilhões.

No seguimento do capítulo precedente, dedicado às fivelas, transitamos agora para a análise de um dos componentes do referido elemento de vestuário: o fuzilhão. No Catálogo foi incluído um total de sete exemplares: um (Fu - 01) recolhido na necrópole da Abuxarda, cinco (Fu - 02 a Fu - 06) exumados em Conimbriga e um último (Fu - 07), oriundo de Patalou. Algumas particularidades são, porém, comuns a todas as peças: por um lado, a matéria-prima utilizada, o bronze; por outro, a técnica de produção, referente à fundição em molde e, por último, o facto de se encontrarem isolados, muito embora procedam de peças compósitas.

O primeiro (Fu - 01), que apesar de incompleto, ostenta ainda quatro caneluras modeladas e dispostas na horizontal, consta de um exemplar bastante singular, que deverá proceder de uma fivela de contorno ovalado, articulada com uma placa de cinturão dotada de decoração em alveolado, idêntica a uma das fivelas que apontamos como paralelo (Kazanski 1991: 102).

Segue-se o conjunto das peças provenientes de Conimbriga, correspondente ao maior conjunto de fuzilhões analisados. Ainda assim, os cinco elementos referidos não congregam o número integral de objectos exumados naquela estação, visto que, pelo menos um dos que foi já publicado (MMC, inv. 66.442) e classificado como visigótico (Alarcão *et alli*: 97; 101; lâm. XXI, nº 77) ficou por observar.

Em termos morfológicos, são bastante similares, denunciando apenas ligeiras variantes. Com efeito, todos se pautam pela apresentação de uma base de contorno escutiforme, com leve ressalto marcando o arranque da agulha, característica que, conjugada com as dimensões que comportam, permite intuir que advêm de fivelas de aro ovalado. A variabilidade refere-se, neste sentido, a pormenores relacionados com a configuração formal dos fuzilhões ou com a ocorrência de decoração. Com efeito, dois dos objectos (Fu - 02 e Fu - 04) revelam motivos geométricos incisos na superfície frontal, sendo que a segunda das peças mencionadas exibe também uma estrela de cinco pontas. Outro dos fuzilhões (Fu - 06) possui uma "espinha dorsal", disposta longitudinalmente ao longo da agulha, enquanto os restantes dois (Fu - 03 e Fu - 05), não obstante apresentarem igualmente contorno escutiforme, denotam um perfil mais primário e menos bem definido.

A confirmar-se que os fuzilhões recolhidos em Conimbriga procedem de fivelas de aro ovalado, com paralelos em peças merovíngias, a cronologia destes elementos deverá, em conformidade, centrar-se nos séculos V ou VI, perdurando eventualmente até aos inícios do VII, centúria que marca o seu desaparecimento efectivo (Ripoll López 1985: 39). Verifica-se, portanto, uma clara concordância entre o enquadramento indicado e as propostas avançadas pelos autores que publicaram os objectos que integrámos no Catálogo (Alarcão 1994: 142; Alarcão *et al.* 1979: 97).

Já no que se refere ao derradeiro fuzilhão analisado (Fu - 07), o qual deverá provir igualmente de uma fivela de anel ovalado, é desde logo notada a sua simplicidade morfológica. Detentor de largura similar ao longo de toda a extensão longitudinal da agulha, cuja linearidade é apenas interrompida na zona de apoio e pela curvatura que marca o arranque do gancho, apresenta-se destituído de qualquer elemento decorativo. Com cronologia centrada no período que medeia entre cerca de 525 e 560/580, deverá enquadrar-se no nível III de Ripoll López (1998: 51).

7.5 - Anéis.

O anel assume-se como um objecto de adorno, mas, simultaneamente, como um elemento susceptível de vincar o prestígio de quem o usa ou de traduzir determinadas mensagens simbólicas. Se, durante o Império, a sua utilização se restringia a personagens que assumiam maior dignidade e relevo (Reinhart 1947: 167), na Antiguidade Tardia generalizou-se, tendo acabado por se converter no adereço metálico mais comummente detectado em sepulcros hispano-visigodos (Balmaseda Muncharaz 2006: 762), circunstância a que não terá sido alheia a expansão do Cristianismo e dos símbolos associados (Morín de Pablos 2006: 205). É possível que fosse utilizado por ambos os géneros, visto ser recorrentemente detectado tanto em sepulturas femininas como masculinas. Ainda assim, intervenções levadas a cabo na necrópole de Carpio de Tajo, ao revelar a presença mais abundante de anéis junto a brincos anelares ou pendentes, têm permitido deduzir que, grosso modo, eram as mulheres quem os usava de modo mais recorrente e em maior número (Ripoll López 1985: 33).

Ora, do universo das peças integradas no Catálogo em anexo, é da necrópole da Abuxarda que procede o conjunto mais numeroso. Registe-se, não obstante, que nem

todos os exemplares exumados no referido cemitério, alguns dos quais emblemáticos e há vários anos publicados, foram por nós observados directamente. É o caso de um anel em bronze dotado de sinete cónico (MNA, inv. 20.799), de um outro com cruz gamada ou suástica inscrita na mesa (MNA, inv. 20.801) e de um terceiro, com suposto crísmon inciso (Almeida 1962: 237, lâm. LXI, fig. 333-335; Paço 1960: 9-10, fig. 3, g, h, i; Oliveira 1888-1892: lâm. III, nº 8, 15 e 16; Vasconcelos 1913: 586-587, fig. 303; 305). Com efeito, não se revelou possível aos Serviços de Inventário localizar qualquer um deles.

Em contrapartida, para além do exemplar decorado com três peixes (An - 01), o qual foi já objecto de publicação (Almeida 1962: 337-338; lâm. LXI, fig. 336; Arruda 1994: 234, nº 287; Cardoso 1991: 45-46, fig. 16), acrescentam-se ao corpo dos anéis oriundos da Abuxarda alguns exemplares, menos elaborados e em pior estado de conservação. Quase todos apresentam aro em fita, com eventual alargamento na superfície frontal e ornamentação limitada ao puncionamento e incisão de linhas que, conjugadas, perfazem motivos geométricos. Revelam, em alguns casos (An - 04, An - 05, An - 07 e An - 09), evidente proximidade morfológica e decorativa com dois objectos exumados na necrópole de Talaíde, um dos quais (An - 22), fragmentado, tivemos oportunidade de analisar directamente no Museu Conde Castro Guimarães. Também dois anéis que procedem de Milreu (An - 16 e An - 17), a par de um oriundo da Quinta de Marim (An - 20), apresentam aro em fita e decoração limitada a puncionamento ou incisão; no entanto, cada um dos referidos exemplares obedece a uma organização muito específica e sem paralelo concreto no conjunto das restantes peças integradas no Catálogo. Em compensação, foi possível reconhecer, para alguns destes anéis em fita, semelhanças com objectos recolhidos na necrópole de Duratón (Segóvia) ou na província de Salamanca.

De Alcoitão provém um destes adornos em bronze, ornado com *SSS* (An - 10). Recolhido por Paula e Oliveira nos finais do século XIX (1888-1892: 88; lâm. III, fig. 7; Paço 1960: 9-10, fig. 3, f), foi recorrentemente publicado como oriundo da necrópole da Abuxarda (Almeida 1962: 238; 256; lâm. LXI, fig. 337; Arruda 1994: 234, nº 288; Cardoso 1991: 46, fig. 16; Vasconcelos 1913: 586, fig. 304; 587), tendo-lhe sido atribuído significado religioso ou mágico, em razão dos motivos ostentados na mesa

(Vasconcelos 1913: 587), tidos como comuns já em época romana. São-lhe apontados, como paralelos, anéis recolhidos na Herdade da Chaminé (Vila Fernando) e na necrópole de Alcaria, em Caldas de Monchique (Viana 1960: 8), muito embora a natureza dos ornatos neste último caso não se revele particularmente clara.

De Beiral procede um dos exemplares mais notáveis e singulares (An - 11) detectados em território nacional. Porém e em acordo com o que tivemos já oportunidade de referir, o seu paradeiro não se encontra actualmente definido, situação extensível ao diadema (Dia - 01), recolhido na mesma estação e no qual adiante nos deteremos.

Feito em ouro maciço, o anel possui aro achatado, de configuração sub-elíptica, soldado a uma mesa circular (Barroca 1987: 85), que apresenta, na superfície frontal, dezasseis alvéolos, de forma e dimensões variáveis. Nela se encastoaram granadas vermelhas, dispostas de modo radial e simétrico relativamente a uma cavidade central, onde deveria figurar uma incrustação similar. Porém, o facto de o elemento engastado se encontrar já ausente aquando da descoberta da peça (Viana 1961: 7), não permitiu averiguar se constaria, à semelhança dos restantes, de uma granada ou se seria diferente a sua natureza (Barroca 1987: 85).

O desenho das células do anel configura uma espécie de roseta, obtida através do engaste das granadas, segundo a técnica do *cloisonné,* particularidade que permitiu intuir uma filiação comum entre esta peça e as fivelas de Beja (Viana 1961: 10). Em paralelo, a composição simétrica e de raiz geométrica evidenciada, em nítida oposição ao vazio, suscitou também a evocação das similitudes estéticas face a broches de cinturão catalães (Barroca 1987: 85). Por outro lado ainda, a decoração em alveolado levou ao reconhecimento de paralelos no mundo bárbaro oriental e danubiano, encontrando-se os mais directos em correlação com objectos da cultura *Untersiebenbrunn – Gospital '-Naja*, que na *Gallaecia* surgem associados à presença de vândalos. Neste sentido, o conjunto de Beiral, formado pelo anel (An - 11) e pelo diadema (Dia - 01) assume particular importância, pois atesta a presença do referido grupo naquela unidade territorial (Rodríguez Resino 2003: 287).

Também produzido em ouro, figura no Catálogo um outro anel (An - 12). Trata-se de um objecto profusamente decorado, porém apenas com recurso à incisão de linhas, as quais, na superfície frontal da mesa, perfazem um suposto motivo estelar. Distancia-

se, porém, nitidamente da peça previamente descrita, não só ao nível da estrutura e da gramática decorativa, mas também no que se refere ao grupo a que se encontrará associado e na cronologia proposta. Com efeito, não poderá já ser relacionado com a presença vândala, antes se articulando com a visigoda, devendo a sua datação centrar-se no século VI.

Outro conjunto de peças singulares concerne aos anéis de proveniência desconhecida conservados no Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR). Com efeito, pela natureza das matérias-primas utilizadas, ouro e prata, pelo facto de cada um deles ostentar, pelo menos, uma inscrição e pelas características originais dos motivos evidenciados, configuram, efectivamente, um grupo bem diferenciado dos demais, porém intrinsecamente heterogéneo.

O primeiro (An - 13), produzido em ouro, ostenta, no campo central da mesa, de contorno octogonal, uma ave, possível águia, de asas abertas, ladeada por uma inscrição retrógrada, onde se pode ler + MANOALDI, não se tendo revelado possível reconhecer-lhe qualquer paralelo directo. É certo que a ave, motivo conotado com a ambiência paleocristã, pode igualmente ser encontrada no anel áureo de Manteigas, o qual não tivemos oportunidade de observar presencialmente. Por outro lado, este exemplar apresenta-se também provido de uma inscrição (+ SAXSONI), interpretada como uma referência ao nome próprio do detentor da jóia (Vasconcelos 1920: 275). Não obstante, as características específicas do zoomorfo afiguram-se bem diferente nos dois objectos mencionados, particularidade a que acresce a divergência ao nível da configuração das peças, visto ser a mesa octogonal no primeiro caso e redonda no segundo. Neste sentido, manifestamos algumas reticências quanto à possibilidade de os relacionar directamente. De qualquer modo, realçamos similitudes detectadas entre o exemplar áureo do MNSR e alguns numismas cunhados no tempo de Leovigildo (Almeida 1962: 238), cujo reinado decorreu entre 571/72 e 586 (Orlandis 2006: 132).

O segundo anel (An - 14), consta de uma peça em prata, sigilar monogramático, cuja mesa, de contorno circular, ostenta a inscrição *VOASA*. Por oposição à situação acima descrita, revelou-se possível reconhecer-lhe um paralelo, fundado num adorno em bronze, recolhido no sítio de Villaverde y Pasaconsol (Cuenca), com cronologia atribuída à segunda metade do século VII. Não obstante, este último ostenta não só um

monograma no anverso, a par de um outro, no reverso da mesa (Barroso Cabrera 2006: 130-131).

O terceiro objecto depositado no MNSR (An - 15), concerne a um anel em ouro maciço, com sinete octogonal, provido de uma legenda, onde é possível decifrar um nome, + EMMANVEL. Ao centro figura uma sardónia, com um leão gravado e, na orla, uma legenda subdividida em oito fracções, referente à seguinte inscrição: PA | XF | ID | SE | TC | AR | IT | AS, que deverá significar *pax, fides et caritas* (Peixoto 1902: 13-14). É provável que a pessoa que ostentou esta jóia se revestisse de alguma importância. No entanto, a classificação da mesma como peça episcopal, avançada por Pedro Victorino, em razão da matéria-prima utilizada e da natureza do zoomorfo (Almeida 1962: 238), oferece substanciais dúvidas, até porque não foi ainda possível identificar nenhum bispo cujo nome encontre correspondência com aquele que se apresenta na inscrição.

Abandonando os objectos produzidos em materiais mais nobres, detemo-nos agora nos três restantes exemplares integrados no Catálogo, todos fabricados em bronze. O primeiro deles (An - 18) foi recolhido em Milreu, estação que propiciou a exumação de duas outras peças (An -16 e An - 17), às quais tivemos já oportunidade de aludir, a propósito dos anéis de aro em fita. Apesar de fragmentado, permite vislumbrar, na superfície frontal, uma cruz recortada no metal e decorada através da incisão de um motivo amendoado, numa solução decorativa para a qual não nos foi possível identificar qualquer paralelo válido. Tal dificuldade não se repetiu no segundo caso (An - 19), concernente a um anel oriundo da Quinta de Marim, composto por duas partes soldadas: o aro e a mesa, na qual figuravam os restos de vidros encastoados. Com efeito, trata-se de uma peça que revela similitudes com dois anéis recolhidos numa sepultura da necrópole de Duratón (Molinero Pérez 1948: 153; lâm. XXXI, fig. 3). O mesmo sucede com o terceiro objecto (An - 21), por seu turno procedente de Talaíde, o qual ostenta, na zona central da superfície frontal da mesa, uma única letra incisa: um *M* (ou *W*). Também neste caso, é a necrópole de Duratón, sita em Segóvia, aquela que propicia o paralelo mais próximo para o referido anel (Molinero Pérez 1948: 145; lâm. XXVII, fig. 3), até pela coincidência do caracter evidenciado. Ora, a inscrição, adoptada de modo bem mais complexo nas peças de proveniência desconhecida do MNSR, deveria resultar de uma relação estabelecida entre os artífices e os destinatários das peças, podendo

traduzir múltiplas possibilidades: a evidência do nome do portador, em genitivo, de um monograma ou, solução muito difundida em época visigoda, expressar o desejo de vida a outrem. De qualquer modo, afigura-se que, independentemente do suporte, se poderia aplicar uma inscrição em qualquer anel, pelo que a natureza da matéria-prima de base não representaria uma limitação à utilização de tal recurso (Balmaseda Muncharaz 2006: 763).

7.6 - Apliques.

No Baixo Império foi cultivado um notável interesse por todo o género de objectos zoomorfos (Santa-Olalla 1940: 43), tendo sido precisamente sobre o substrato das formas decorativas então desenvolvidas que os povos germânicos estabeleceram as suas próprias configurações zoomórficas; cedo, porém, lhes conferiram um carácter assertivo, convertendo-as numa forma distintiva de expressão das suas sociedades (Randsborg 1992: 17) e animando-as com uma renovada força criativa, colocada ao serviço de um novo programa figurado (Borger; Hansgerd 1979: 58).

Os dois únicos apliques integrados no Catálogo em anexo (Apl - 01 e Apl - 02), revelam precisamente a particularidade de invocar representações animais. Provenientes de necrópoles espacialmente próximas, respectivamente, Casais Velhos e Talaíde, ambas localizadas no concelho de Cascais, denotam, para além do carácter zoomorfo de que se revestem, outras características comuns. Uma delas prende-se com a dimensão reduzida que os dois objectos apresentam, bem assim como com o facto de terem sido recortados em chapa metálica e de se encontrarem incompletos. Em contrapartida, são perceptíveis elementos diferenciadores: o animal reproduzido na peça de Casais Velhos consta de um suposto canídeo, enquanto o de Talaíde se assemelha a um leão. Em paralelo, é apenas sobre a superfície deste último que se verifica a ocorrência de ornatos, os quais patenteiam, aliás, uma particular e cuidada elaboração.

A cronologia dos dois objectos poderá ser balizada entre os finais do século VI e o século VII, sendo que a tal proposta não é alheia a relação estabelecida com indicações avançadas para outros materiais exumados nas duas necrópoles, com datação mais segura.

7.7 - Botões.

Estes elementos, também designados na bibliografia como apliques, não deveriam nunca comportar dimensão superior a 5 cm, visto que tal tornaria o seu uso inadequado para o adereço humano e apenas apropriado para a utilização em equídeos. De facto, em determinados casos, o tamanho deste tipo de objecto pode afirmar-se como a única variável passível de estabelecer a demarcação entre os destinatários, visto que, em acordo com alguma documentação extra-peninsular, são conhecidos múltiplos casos em que, por exemplo, os botões peltiformes, em forma de adarga, foram direccionados quer para a decoração de cinturões quer para a utilização como peças de arnês (Aurrecoechea Fernández 1994: 163-166).

São bem diferenciadas as morfologias que os botões podem comportar. De qualquer modo, no Catálogo, figuram apenas dois destes objectos, que se assumem, a um tempo, como adereços e elementos funcionais na indumentária.

O primeiro (Bo - 01) refere-se a uma peça de contorno escutiforme, tipo reconhecido nas necrópoles visigodas da Península e, em particular, nas que se inscrevem na Meseta castelhana. Depois e em paralelo a esta unidade geográfica, também a França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Hungria, entre outros, proporcionaram a detecção de objectos similares. Aliás, parece revelar-se uma particular coincidência ao nível do período de utilização destes elementos em vários pontos da Europa. No entanto e segundo hipótese veiculada por W. Hübener, estes botões não seriam comerciados isoladamente, antes sendo movimentados conjuntamente com os cinturões em couro. Neste sentido, poderia existir um único centro produtor, eventualmente localizado na Europa central, a partir do qual se processaria a exportação para distintas e longínquas paragens, circunstância que contribuiria para explicar o número pouco significativo de achados (Ripoll López 1985: 37). Na *Hispania*, estas peças ocorrem em contextos de enterramento, associadas a objectos datáveis da primeira metade do século VI (Palol; Ripoll 1988: 259).

Para além do exemplar recolhido em Conimbriga, foi observado um segundo botão (Bo - 02), desta feita procedente de Talaíde. Integrado no grupo genericamente composto por objectos de forma geométrica simples, apresenta configuração sextavada ou hexagonal, devendo ser relacionado com uma das derivações do tipo E de

Aurrecoechea Fernández (1994: 159-160). O único paralelo que se afigurou possível reconhecer-lhe radica na necrópole de Duratón (Molinero Pérez 1948: 161; lâm. XXXVI, fig. 1), pelo que a cronologia apontada para o objecto em análise se deverá centrar nos finais do século V ou ao longo da centúria subsequente. Saliente-se, no entanto, que os variados modelos de botões e a interconexão dos mesmos com outras peças utilizadas em cinturões e arneses, indicia a existência de uma relação decorativa entre locais díspares do Império, radicando o denominador comum no gosto por uma série de temas com raízes na cultura romana, daí a pervivência e longa diacronia de alguns motivos ornamentais (Aurrecoechea Fernández 1994: 171).

7.8 - Braceletes.

Os braceletes começaram por ser considerados como apanágio de mulheres e crianças (Boucher 1965: 162). No entanto, mais recentemente, assumiu-se que estes adornos, passíveis de ser produzidos em vidro, ouro ou bronze, seriam usados por ambos os géneros (Pinasa 1992: 64). Não obstante, a simplicidade e sobriedade que, em regra, os caracteriza, poderia também motivar a interpretação destes elementos como adereços masculinos. Em paralelo, algumas intervenções têm permitido constatar que a ocorrência de braceletes se verifica fundamentalmente em contextos de enterramento mais empobrecidos, pelo que se poderia perspectivá-los como peças pouco valorizadas pelas camadas mais abastadas da sociedade, mais tendentes a apreciar pendentes e brincos ou anéis (Morillo Cerdán 1989: 242). Porém e à falta de dados concretos, que venham a ser colhidos em escavações de necrópoles, as interrogações relativas a esta questão permanecem em aberto.

No Catálogo em anexo, incluímos apenas quatro exemplares, produto de trabalho em liga metálica, os quais procedem, respectivamente, do cemitério da Abuxarda (Bra - 01), de Mértola (Bra - 02), de Milreu (Bra - 03) e da necrópole de Talaíde (Bra - 04). Apresentam alguns pontos de contacto entre si, como seja, para três dos objectos, os remates serpentiformes do aro ou, no que se refere aos braceletes de Mértola e de Milreu, uma aproximação ao nível de uma das componentes da decoração: os círculos incisos.

A atribuição de uma cronologia a este tipo de adereço pode revestir-se de problemas particulares, daí a pertinência da articulação da análise individual com a de

materiais metálicos exumados nas mesmas estações, mas geradores de datação mais segura. De facto, a observação isolada de braceletes revela-se susceptível de acarretar algumas dúvidas, nomeadamente no caso de as especificidades evidenciadas poderem perdurar longamente no tempo. Aludimos, em concreto, à solução de remate do aro sob a forma de cabeças de ofídios, a qual indicia a pervivência de tradições fundadas em tempos mais recuados, nomeadamente, nos cultos orientais de celebração a Ísis e Serápis (Cardoso, G.; Cardoso, J. 1995: 413). No entanto e entre os casos observados, o primeiro dos braceletes (Bra - 01) procede da necrópole da Abuxarda, propiciadora de um conjunto de materiais com cronologia bem definida, fundamentalmente centrada nos séculos VI e VII. Outro deles (Bra - 04) provém de um túmulo de Talaíde, datado através da aplicação do método de C14, sendo que, além do mais, os adereços exumados na referida sepultura foram também analisados à luz das propostas de datação avançadas para as associações de adornos metálicos detectadas noutras necrópoles, designadamente em Segobriga e Duratón. Em termos genéricos, portanto, é apontado, como enquadramento aos elementos exumados no sepulcro, o século VII ou o intervalo compreendido entre a segunda metade do século VI e os alvores do VIII, o qual abarca, naturalmente, o bracelete dele procedente (Cardoso, G.; Cardoso, J. 1995: 412-413).

Já no que concerne às peças recolhidas em Mértola e Milreu, a conjugação dos motivos evidenciados remete de modo mais imediato para as gramáticas decorativas reveladas noutros objectos visigóticos. No caso de Milreu, foi, aliás e em consonância, avançada uma proposta de integração cronológica para a globalidade dos materiais metálicos exumados na necrópole germânica, a qual radica nos séculos VI e VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42). Por seu turno, sendo desconhecidas informações relativas ao contexto de procedência do bracelete de Mértola e dada a aproximação estilística aos restantes exemplares integrados no Catálogo, julgamos que não seria desajustado propor, por aproximação, uma datação similar para o referido adorno.

7.9 - Brincos.

Os brincos ou pendentes detectados nas necrópoles visigodas podem ostentar formas diversas. Em regra, apresentam aro aberto, com um extremo apontado e, no lado oposto, um remate de configuração geométrica, de estrutura variável, designadamente

cúbica e facetada. Um outro grupo, de produção ainda mais simples, exibe, como remate do aro, elementos cilíndricos ou molduras justapostas.

Estes adereços, de inequívoca tradição romana, começaram por ser detectados em ambientes sepulcrais datados do século IV, tendo manifestado considerável expansão em períodos mais tardios, nomeadamente ao longo do século VI (Ripoll López 1985: 33). Tal circunstância justifica, a um tempo, o reconhecimento de analogias e similitudes com exemplares provenientes de locais díspares e, em paralelo, a dificuldade de atribuição de uma cronologia mais fina a este tipo de peça, nomeadamente quando identificado de modo isolado ou destituído de contexto.

Entre o conjunto de dezanove brincos anelares que tivemos oportunidade de observar, sete dos quais oriundos da necrópole da Abuxarda (Bri - 01 a Bri - 07), três do Algarve (Bri - 08 a Bri - 11), quatro de Conimbriga (Bri - 12 a Bri - 14) e igual número procedente de Talaíde (Bri - 15 a Bri - 19), afirma-se como característica comum a constância morfológica dos objectos. De facto, e ressalvando a maior ou menor mestria e perfeição da execução, quase todos se enquadram nas variantes ou possibilidades acima expostas. A excepção notada recai no primeiro exemplar estudado (Bri - 01), recolhido na necrópole da Abuxarda e que, destituído de qualquer apêndice ou moldura trabalhada, se pauta pela apresentação de um aro simples, culminando em remates apontados, um dos quais, de espessura mais reduzida, surge levemente retorcido. Recolhido no âmbito de intervenção levada a cabo por Paula e Oliveira no século XIX (1888-1892: 89; lâmina III, fig. 13; Paço 1960: 9-10, fig. 3, e), foi publicado como bracelete (Almeida 1962: 256; lâmina LIX, fig. 330), possivelmente em razão da carência de um elemento aposto, susceptível de clarificar a tipologia da peça. No entanto, a configuração e dimensão apresentadas pelo referido brinco anelar, não permitem sustentar esta hipótese.

7.10 - Contas.

A única peça metálica (Cc - 01) analisada concerne a um exemplar áureo recolhido em local próximo do sítio da Quinta do Forte, em Lovelhe, Vila Nova de Cerveira. Com cronologia inicialmente atribuída ao período suevo-visigótico (Almeida; Recarey 1985/86: 124) e posteriormente restrita ao intervalo compreendido entre os séculos V e VII, assinalando-se a maior probabilidade de se integrar na centúria

intermédia (Almeida; Recarey 1988: 203), consta de um objecto destinado à suspensão, conforme evidenciado pelas perfurações patentes em cada uma das extremidades. Porém, não é possível afirmar se teria sido utilizado num brinco ou como conta de colar. Dotado de forma bitroncocónica, foi produzido a partir de duas folhas de ouro, preparadas para, depois de marteladas, enroladas e soldadas, perfazerem dois troncos de cone, posteriormente justapostos (Almeida; Recarey 1985/86: 123-124). A peça, dividida em quatro campos diferenciados, através de um fio de aparência torcida ou perlada, apresenta, como decoração, palmetas ou motivos em *SSS*, em posições e dimensões variáveis (Almeida; Recarey 1988: 201-202), numa adaptação da técnica de filigrana empobrecida (Almeida 1986a: 38). Assemelha-se, ao nível da solução ornamental, à conta em prata de um brinco recolhido na necrópole de Duratón (Molinero Perez 1948: 154; lâm. XXXII, fig. 3; lâm. XL; lâm. XLIX, fig. 1, nº 8), bem assim como a uma outra, procedente de Daganzo de Arriba (Almeida; Recarey 1988: 202). Com efeito, nesta última foi igualmente utilizado o ouro como matéria prima e conjugadas "palmetas bizantinas", segundo designação de Schlunk, com motivos em *SSS*. Para tal, recorreu-se, com grande mestria, à técnica da torsão do fio do aro e à filigrana, esta última reservada, pelos artífices visigodos, precisamente para os adornos pessoais (Balmaseda Muncharaz 2006: 758, fig. 9; 763-764).

7.11 - Diademas.

No Catálogo inclui-se uma peça áurea singular: a segunda das jóias de Beiral (Dia - 01), a qual surge também designada como gargantilha ou *pendentif* (Sousa 1979: 296). Podendo constar de um adorno de toucado (Viana 1961: 9), é composto por quarenta e quatro elementos distintos, destinados à suspensão (Barroca 1987: 86): oito contas, seis das quais de forma aproximadamente oblonga/bicónica e duas de configuração cilíndrica, a par de trinta e quatro pequenos pendentes apontados, similares a agulhas. Para além destes e em cada uma das extremidades do diadema, são observáveis dois supostos alfinetes, com cabeça dobrada em anel e pé longo, que poderiam ter sido utilizados para o prender às vestes.

Os paralelos para esta peça devem ser procurados nas sepulturas principescas da primeira metade do século V. O mais próximo, datado dos alvores da referida centúria,

radicará num colar recolhido numa sepultura feminina em Hochfelden, proximidades de Estrasburgo. Outros, igualmente válidos, podem ser encontrados em Bakodpuszta, Hungria, com cronologia centrada no segundo terço do século V, em Kertsch, com enquadramento em torno do ano 400 ou, por último, no colar recolhido num túmulo feminino de Untersiebenbrunn, Baixa Áustria (López Quiroga 2001: 117-118). Uma outra possibilidade levantada, aponta para o reconhecimento de paralelos com colares que Köenig define como vândalos, detectados na Europa de Leste (Rodríguez Resino 2003: 287).

Os materiais de Beiral poderão, portanto, ser relacionados com o conjunto de objectos integrados no chamado "horizonte *Untersiebenbrunn*" ou "horizonte *Smolin* ou *Kosino*", definido para o centro da Europa. Com efeito, é possível reconhecer no diadema elementos característicos da moda difundida entre os membros da aristocracia bárbara proto-danubiana, constituída por populações heterogéneas e de origem muito diversa (López Quiroga 2001: 118). Assim sendo, os achados de Beiral, à semelhança do que se verifica com os de Vigo (Casal García; Paz Lobeiras 1996: 316), colocam, entre vários problemas, o da identificação "étnica" dos materiais. Como, pois, associar os elementos em causa a um grupo concreto, entre o conjunto de germânicos que penetraram na Península nos inícios do século V?

No que a Beiral diz respeito, poderia equacionar-se uma relação com o trânsito de grupos de vândalos, povo que legou testemunhos da sua presença em algumas estações peninsulares ou em acordo com outra hipótese, associar as dinâmicas do sítio à passagem de grupos suevos ou alano-sármatas. De qualquer modo, haverá que considerar a possibilidade de ter sido implantado naquela necrópole um sepulcro ocupado pela esposa de um chefe militar bárbaro, ao serviço do Império. A mulher seria, neste sentido, inumada de acordo com o costume *princier* de tipo danubiano, muito embora sem as características fíbulas, apanágio dessa "moda" (López Quiroga 2001: 122), referente a um estilo de indumentária muito particular, desenvolvido pela aristocracia sedentária, sobretudo germânica e submetida aos hunos, no período compreendido entre os finais do século IV e os meados da centúria seguinte, na bacia central do Danúbio (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629).

As "jóias" de Beiral possuem, portanto, pontos de contacto com um conjunto

muito específico de adereços recolhidos em território português, que constituem um primeiro nível de objectos associados à presença ou passagem de grupos germânicos, mesmo que relacionada apenas com a ocorrência de episódios militares mais esporádicos, sobretudo no enquadramento do século V. Assim e apesar da heterogeneidade dos grupos populacionais que cruzaram a Península na referida centúria, há que destacar, em contrapartida, o ar de família do substrato cultural comum que gerou a produção das peças exógenas que vêm sendo detectadas (López Quiroga: 123).

7.12: Adorno ou cabuchão.

No Catálogo em anexo incluímos um único objecto: refere-se a uma peça áurea (Ad - 01), que integra o singular conjunto das vulgarmente designadas "jóias de Beja".

Com cronologia atribuída ao século V (Hauschild 1986: 152; Rodríguez-Aragon 1997: 638), o cabuchão remeterá, portanto, para o horizonte *Untersiebenbrunn-Gospital'naja,* destacando-se, desde logo, pelas matérias-primas utilizadas na produção: ouro e uma granada. De facto, o referido metal constitui não só a base da peça, assumindo também a forma de uma espécie de cordão eivado de caneluras, colocado de modo a ladear a granada vermelha escura, incrustada em posição central. Aliás, é precisamente no engaste da referida pedra que radica uma das especificidades do adorno em análise, visto reflectir o recurso ao estilo policromo. Também designado de *cloisonné,* esta técnica expandiu-se sobretudo ao nível do armamento de luxo, ao longo dos séculos IV e V, no contexto das movimentações dos grupos bárbaros e, potencialmente, em articulação com os processos de imitação decorrentes do fenómeno de interpenetração cultural (Lebedynsky 2001: 83).

O cabuchão em análise, cuja ocorrência é tida como frequente no período das Migrações, foi durante algum tempo considerado como o remate do pomo da espada de Beja. À semelhança de outras peças similares, era-lhe conferido carácter mágico e ascendência alano-sármata, sendo a sua dispersão espacial recorrentemente relacionada com a presença huna nas zonas ocidentais. Porém, este quadro tem vindo a ser suplantado por novos dados e uma hipótese levantada mais recentemente aponta a possibilidade de a peça ter sido utilizada como apenas como elemento decorativo do cordão dos copos da espada. Acrescente-se, além do mais, o facto de terem sido

entretanto reconhecidos alguns adornos similares no ocidente europeu, porém datáveis de período anterior ao da precipitação da vaga huna. No entanto, afigura-se que só na sequência da eclosão do império de Átila este tipo de objecto se difundiu de modo mais premente, circunstância para a qual terá contribuído decisivamente a expansão da moda danubiana (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 631; 638).

No âmbito militar e no quadro da referida moda, existia, de facto, um conjunto muito específico de objectos que permitiriam atestar, de modo efectivo, a conotação com o horizonte *Untersiebenbrunn*. Integram-se nesse grupo pendentes, se conjugados com espadas longas, cutelos, certo tipos de freios e selas, mas, sobretudo, elementos de adorno coloridos aplicados a armas de luxo e a variadas peças de equipamento. Aliás, é esse esquema decorativo, fundado no engaste de pedras semi-preciosas ou de vidros coloridos em bases de metal precioso que será possível reencontrar nos adereços femininos da mesma época, nomeadamente nas fíbulas (Lebedynsky 2001: 81).

8. Considerações finais.

O percurso realizado em torno dos elementos metálicos altimediévicos destinados ao adorno pessoal ou à aplicação sobre a indumentária permitiu-nos definir um quadro de contactos, influências e relações que têm como pano de fundo o trânsito ou fixação, mais ou menos profunda e marcante, de grupos de origem germânica no espaço peninsular e, concretamente, no território actualmente definido como português.

Dada a natureza muito particular, o valor intrínseco e as múltiplas informações que a própria morfologia e soluções decorativas traduzem, este universo de materiais, áureos, torêuticos e sidéricos, alguns dos quais produto de achados isolados, mas que são fundamentalmente oriundos de contextos funerários de inumação e, em alguns casos, também de povoados ou *villas* reocupadas, enforma uma inegável expectativa de fornecer contributos para a clarificação de algumas das problemáticas que se colocam ao abordar o período conturbado que medeia entre o século V e os alvores do VIII.

Trata-se, porém, de um terreno pantanoso, eivado de dificuldades e incertezas que se espraiam por vários domínios, designadamente o cronológico e das tipologias associadas a cada periodização ou o da validade e rigor do recurso a modelos pré-estabelecidos e definidos de raiz para realidades geográficas que não aquela à qual circunscrevemos o nosso âmbito de estudo. Ainda assim, dado o carácter abrangente e de síntese dos quadros de que nos socorremos, aliado à carência de informações concretas e de contextos seguros que permitam colmatar certas dúvidas persistentes e, de momento, insolúveis, são preciosas as indicações relativas auferidas. Aliás, ao surgirem em clara articulação com determinados momentos chave, de ordem militar, política, social e religiosa, assumem um papel basilar e incontornável.

Com efeito, nos objectos sobre os quais se fundou a presente Dissertação, encontra-se reflectido o desenrolar de sucessos vários: dos primeiros laivos e testemunhos do germanismo, à eclosão da fase de movimentos migratórios mais intensos, que culminou na implantação dos suevos no noroeste peninsular e na formação do *regnum* da *Gallaecia*; do posterior estabelecimento dos visigodos, sobretudo na sequência da Batalha de Vouillé de 507 e do caminho traçado até à centralização do reino

e à submissão sob a égide de um só monarca, fixado em Toledo a partir de 567, deriva todo um conjunto de pistas a destrinçar.

Já a visão e os desígnios de unidade perseguidos por Leovigildo ao longo do seu reinado e que culminaram na rejeição do arianismo e na conversão oficial ao catolicismo de Recaredo, seu filho e sucessor, consubstanciam um outro marco de importância capital. Traduzindo-se numa fractura arqueologicamente documentada, as repercussões deste processo manifestaram-se no esbatimento irremediável de toda a teia de influxos primordiais colhidos nas civilizações orientais da Rússia meridional, Pérsia Sassânida ou Cítia e sobre a amálgama dos quais se havia fundado a essência da arte nómada, policroma e faustosa. Em paralelo, ao promover a aculturação, nomeadamente através da autorização dos casamentos mistos, ditou também o paulatino esvaziamento das reminiscências do conservadorismo da indumentária gótica, cujos arquétipos radicavam na zona do Danúbio médio e, em última instância, conduziu à diluição da identidade mais funda e do próprio ascendente germânico.

O reinado de Recaredo firma, portanto, o advento da monarquia visigoda católica. Enfraquecido o espírito "bárbaro" e as referências continentais, o mundo que então emerge volta-se para o Mediterrâneo, herdeiro de Roma e Bizâncio. Apresentando-se "fundidas" as populações hispano-romanas e visigodas num único povo e sob o pano de fundo da mais ou menos concretizada unidade étnica, social e religiosa, é em torno daquele mar que doravante se vão cruzando as renovadas influências e correntes culturais que acabam por enformar a designada "moda" latino-mediterrânica. O século VII, aliás, irá desenrolar-se num quadro de homogeneidade material, cultural e artística, em que a matriz bizantina assume um predomínio indelével e tão vincado, que persistirá um pouco além da eclosão do reino visigodo.

No corpo material que estudámos e inventariámos perpassam, neste sentido, sinais que nos remetem para vários enquadramentos temporais. Para o compreender, na heterogeneidade intrínseca que o caracteriza, foi constantemente procurado apoio em elementos exógenos, os quais se revelaram como uma fonte valiosa e insubstituível, ao funcionar como termo de comparação, como geradora do entendimento de certos processos evolutivos e dos "trajectos" e ascendentes plasmados nos adereços e que se impunha descortinar.

E ao intentar estabelecer a necessária relação entre as materialidades analisadas e a indumentária ou as práticas adoptadas na morte pelos grupos humanos que actuaram a vários níveis no espaço peninsular e, concretamente, português, influindo na dissolução dos tempos antigos e na emergência da Idade Média, acabou entretanto por se esbater a noção de ruptura absoluta.

Com efeito, o pejorativamente designado mundo "bárbaro" e, em particular, o visigodo, não se fundou propriamente nas cinzas da Romanidade, configurando antes e em alguns domínios, certo grau de continuidade e persistência desse substrato tão profundamente enraizado. Todavia e no âmbito que nos ocupa, o ascendente da romanização foi moldado e matizado, abrindo-se à captação de múltiplos e díspares influxos, pelo que os adereços metálicos analisados representam, em última instância, como que pequenos palcos do cruzamento e interpenetração de vários mundos.

Ficaram, porém, em aberto, várias questões pertinentes e que, muito embora suscitando reflexão, não se encontram ainda em condição de ser esclarecidas. Ainda assim, e apesar de consciente dos problemas e limitações que lhe são inerentes e de todo um caminho que à investigação neste campo caberá trilhar, este trabalho pretendeu assumir-se como um contributo, ainda que modesto, para a caracterização e leitura de realidades arqueológicas muito particulares e que, inscritas num período incrivelmente profuso e dinâmico, aguardam o entrosamento de novos dados e perspectivas de interpretação.

Anexo I -

Catálogo dos Materiais.

No catálogo, encontram-se incluídos todos os materiais que tivemos oportunidade de observar directamente em várias instituições públicas. Apresentamos, de seguida, uma lista das instituições e das siglas utilizadas no inventário:

CMPL - Câmara Municipal de Ponte de Lima

CMVNC - Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira

MAC - Museu Arqueológico do Carmo, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa

MCCG - Museu Conde Castro Guimarães, Cascais

MHN-FCUP - Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto

MMC - Museu Monográfico de Conimbriga, Condeixa-a-Velha

MMSR - Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz

MNA - Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

MNSR - Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

MRADS - Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga

MSG - Museus dos Serviços Geológicos, INETI, Lisboa

MSMS - Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães

Acresce a esta listagem uma referência à Câmara Municipal de Serpa, entidade que, manifestando disponibilidade para autorizar o pedido por nós efectuado, nos indicou, porém, que o acervo do Museu Municipal Arqueológico de Serpa se encontrava em processo de organização e inventariação, daí a impossibilidade de confirmar a existência de objectos enquadráveis no nosso âmbito de estudo.

Além das instituições a que aludimos, tivemos também oportunidade de analisar um adorno de vestuário metálico exumado no âmbito das campanhas de escavação desenvolvidas no sítio de Castelo Velho, em Freixo de Numão e, por outro lado, decorrentes de intervenções levadas a cabo por duas empresas de arqueologia, a Archeo'Estudos e a Perennia Monumenta.

Faça-se ainda menção ao facto de nos ter sido proporcionada a possibilidade de observar quatro peças inéditas que compõem a colecção privada de João Francisco, em Nisa.

Por último, acrescente-se que foram integrados no presente Catálogo escassos adornos que não foram por nós analisados directamente. Não obstante tal circunstância, a inquestionável importância intrínseca dos objectos em causa, radicada, inclusive, na escassez de achados análogos recolhidos em território português e, em paralelo, o facto de cada um deles se encontrar associado a um corpo mais ou menos significativo de informação, proporcionou a criação de uma base sólida para proceder ao seu estudo. Nesta situação se inclui a placa de cinturão procedente de S. Caetano (Chaves), que, furtada ao Museu Martins Sarmento, se acha actualmente em paradeiro desconhecido, a placa de Salvaterra do Extremo, que não foi detectada nas reservas do MNA, onde segundo indicação bibliográfica se encontraria depositada[1] ou o fragmento de placa de cinturão do Museu Arqueológico do Carmo, onde, por problemas técnicos, apenas nos foi possível observá-la a partir do exterior da vitrina. A este corpo de materiais se acrescenta ainda o anel e o diadema exumados na necrópole de Beiral do Lima, depositados em local incerto, desde o encerramento ao público do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral.

Posto isto, há que explicitar que os adornos que se seguem foram por nós desenhados e fotografados com escala. Ressalvam-se, no entanto, algumas excepções, que nos cabe mencionar: os três elementos de cinturão atrás referidos e as jóias de Beiral, visto não terem sido observados presencialmente, a fíbula da Falperra, cuja fotografia foi dispensada pelo MRADS e as três peças oriundas de Beja (Au 124, Au 125 e Au 126). Com efeito, as características particulares destas últimas e o facto de se encontrarem classificados como objectos de Interesse Nacional, motivou a cedência de registos do próprio MNA.

Os adornos apresentam-se aqui subdivididos, em função da categoria em que se inscrevem: placas de cinturão (Pl), fivelas (Fv), fuzilhões (Fu), fíbulas (Fb), anéis (An), apliques (Apl), botões (Bo), braceletes (Bra), brincos (Bri) e contas (Cc). Uma última classe concerne a um elemento que não se integra em nenhuma das previamente referidas. Trata-se do adorno ou cabuchão (Ad) que constitui o terceiro elemento das designadas "Jóias de Beja".

[1] Almeida 1962: 254

Em cada uma dessas categorias, o número sequencial atribuído às diferentes peças arranca sempre do 1, sendo que a organização dos objectos obedece, em primeiro lugar, à designação das estações de procedência, seguindo a ordem alfabética.

Cada objecto surge associado ao(s) número(s) de inventário conferido(s) pelo local de depósito; no entanto, em determinados casos - poucos, é certo - os materiais de adorno não possuíam qualquer indicação a esse respeito.

A informação seguidamente veiculada centra-se na descrição macroscópica e individual de cada um dos elementos metálicos estudados, corpo a que se acrescenta o estado de conservação em que se encontram, as dimensões por nós obtidas mediante utilização de craveira digital, indicação de paralelos, propostas de enquadramento cronológico e um arrolamento de bibliografia onde é feita referência ao adorno propriamente dito.

Num segundo anexo, integrámos os registos fotográficos e os desenhos efectuados.

Passemos então à listagem dos materiais analisados.

Placas de cinturão:

Pl - 01 **Est. I, fig. 1, 2 e 3, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.804 / 2003.9.1.

Descrição: Placa de cinturão em bronze, fundido em molde, de placa rígida simples, de lado rectos e lingueta oval.

A configuração é rectangular, sendo o extremo distal arredondado. É atravessada por uma aresta ou por "espinha dorsal", no sentido longitudinal, a qual retira à peça o aspecto aplanado.

A fivela possui contorno igualmente rectangular. A divisão entre as duas partes é marcada através de um sulco inciso, disposto na horizontal. Um pouco abaixo deste, figura a perfuração, de forma circular, através do qual passa o gancho curvo do fuzilhão.

Este, dotado de base escutiforme, ostenta uma agulha curta. O gancho, por seu turno, é percorrido por um sulco com alinhamento irregular, com cerca de 1 mm de espessura.

O verso integra ainda os três apêndices, completos: um, isolado e colocado na parte distal; os restantes dois, nas proximidades da perfuração atravessada pelo gancho, dispõem-se paralelos entre si.

Estado de conservação: Razoável. São visíveis algumas concreções, nomeadamente na superfície frontal da placa e no fuzilhão, que se encontra partido na ponta.

Dimensões: 84,81 mm (comprimento); 27,99 mm (comprimento do fuzilhão); 33,55 mm (largura); 13,33 mm (largura do fuzilhão); 2,58 mm (espessura); 4,76 mm (espessura do fuzilhão).

Paralelos: Broche de cinturão, exumado da sepultura 140 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 112; 114, fig. 35, nº 8), atribuído a finais do século VI (Palol Salellas 1965: 56, citado por Ripoll López 1985: 42) ou ao período compreendido entre 560/580 a 600/640 (Ripoll López 1998: 57; 72).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI (Cardozo 1942: 255; Paço 1960: 14).

Observações:

Bibliografia: Oliveira 18882-1892: 89; lâmina III, fig. 2; Macedo 1928: 340; Cardozo 1942: 240; 255; Paço 1960: 9-10, fig. 3, c; 14; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 243-244; 256; lâmina LXVI, 358; Cardoso 1991: 46, fig. 16; Inácio 2005: 81.

Pl - 02 **Est. II, fig. 4, 5 e 6, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Bensafrim (Freg. Bensafrim; Conc. Lagos; Dist. Faro).

Depósito: MMSR, Figueira da Foz. **Nº de Inv.:** 1840.

Descrição: Fragmento de placa de cinturão, de bronze fundido, de tipologia liriforme.

O que resta da peça consta basicamente da zona distal, de contorno arredondado, em forma de bolbo e onde, na extremidade, figura ainda o botão de remate.

A decoração surge na superfície frontal. É visível um sulco inciso, logo a seguir ao limite exterior da peça, seguido de uma moldura em relevo, na qual foram sulcadas pequenas linhas. Depois desta, é perceptível uma zona rebaixada, aparentemente resultante de excisão.

No campo central, encontra-se representado um motivo zoomórfico: um animal fantástico, suposto dragão ou grifo (?) dotado de quatro cabeças, duas das quais se afrontam. Arrancam de um mesmo corpo, o qual culmina num elemento vertical, aparentemente vegetal.

Cada cabeça, semelhante à de alguns pássaros, ostenta olhos e boca/focinho/bico alongado. Os corpos, em relevo, apresentam, pontualmente, decoração incisa.

O verso, em pior estado, integra ainda dois apêndices, paralelos entre si, mal conservados.

Estado de conservação: Razoável, melhor na superfície frontal. Ostenta algumas concreções, apesar de evidenciar sinais de consolidação.

Dimensões: 45,42 mm (comprimento); 42,21 mm (largura); 2,75 mm (espessura).

Paralelos: Broches de cinturão de tipo C da Colecção Sevilhana, em termos morfológicos. Fragmento de placa, nº 128, de origem desconhecida, integrada na referida Colecção, em razão da organização decorativa. Broche de cinturão liriforme procedente de Hinojar del Rey (Burgos) (MAN 61.787) (Ripoll López 1998: 144; 146; 159; 161; 349-350; lâmina XLII, nº 128), com cronologia compreendida entre 600/640 a 710/720 (idem: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Meados do século VII (Gomes 2002: 385). Século VII (Inácio 2005: 81).

Observações: O fragmento de placa de broche de cinturão encontra-se catalogado, no MMSR, como sendo oriundo do sítio da Oliveirinha, localizado nas proximidades do povoado de Brenha, Figueira da Foz.

Bibliografia: Santos Rocha 1905: 104; Santos Rocha 1906: 99-100, fig. 90; Almeida 1962: 245; 255; lâmina LXVIII, fig. 366; Gomes 2002: 385; Inácio 2005: 58-59; 81; 38 (Anexo I); fig. 35 (Anexo II); Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910: 221.

Pl - 03 **Est. III, fig. 7.**

Prov.: S. Caetano (Freg. Couto de Ervededo; Conc. Chaves; Dist. Vila Real).

Depósito: MSMS, Guimarães. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário. Peça furtada. Paradeiro desconhecido.

Descrição: Broche de cinturão em bronze, fundido em molde, de tipologia liriforme, provido de placa e fivela.

A fivela, cujos apêndices inferiores se articulam com os da placa, sendo atravessados pelo eixo da charneira, ostenta elementos puncionados ou orifícios, dispostos ao longo do aro, reniforme. Em paralelo, na zona superior, é observável um campo delimitado e rebaixado, destinado ao apoio do fuzilhão, desaparecido.

A placa propriamente dita encontra-se dividida em três partes essenciais. A zona distal, que culmina no botão de remate, apresenta uma moldura definida através da incisão de sulcos. A área central, mais extensa e também detentora de uma moldura, encontra-se, por seu turno, subdividida em duas bandas, sendo que o rebordo que gera a referida partição surge em relevo, disposto no sentido longitudinal da placa. A zona proximal revela configuração rectangular, apresentando-se igualmente dividida em dois através de um rebordo longitudinal; lateralmente e no extremo adjacente aos apêndices que sustentam o eixo da charneira, é também definido por uma moldura.

A decoração, incisa, concerne a uma organização em que se articulam volutas e cabeças zoomorfas, supostamente, águias.

No verso da peça, que desconhecemos, por não ter sido publicada nenhuma imagem a tal referente, figuravam cinco apêndices: quatro colocados, dois a dois, em posição simétrica e paralela entre si e um quinto, em local mais central, supostamente na zona distal.

Estado de conservação: Aquando do achado, estaria bem conservada. A imagem publicada

revela que se encontrava bastante completa.

Dimensões: 11 cm (comprimento).

Paralelos: Placa oriunda de Herrera de Pisuerga (Cardozo 1942: 254). Broches de cinturão do tipo A da Colecção Sevilhana e, em particular, o nº 38 (Ripoll López 1998: 133-135; 294-295; lâmina XIII, nº 38), com cronologia balizada entre 600/640 e 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: 550 a 700, segundo Hans Zeiss ou Período Bizantino, segundo Santa Olalla (Cardozo 1942: 256). Período Bizantino: 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19; Paço e Ferreira 1951: 417). Século VII (Barroca 1984: 121).

Observações: Afonso do Paço e Veiga Ferreira reconhecem a semelhança tipológica existente entre a peça em análise e a placa do Carmo, a de Fontalva, a de Santa Marinha do Zêzere, a de Salvaterra do Extremo e a das Grutas do Poço Velho (Paço; Ferreira 1951: 417).

Bibliografia: Cardozo 1942: 237-256; Almeida 1962: 244; lâmina LXVII, fig. 362; Paço e Ferreira 1951: 417; Palol Salellas 1966: 50, nº 65 (bis); Almeida 1979: 313; Barroca 1984: 121; Sande Lemos 1987: 155.

Pl - 04 **Est. IV, fig. 8, 9 e 10, nº 1 e 2.**

Prov.: Castro (Freg. Sta. Marinha do Zêzere; Conc. Baião; Dist. Porto).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.842.

Descrição: Fragmento de placa liriforme em bronze, fundida em molde, da qual resta a zona distal e apenas parte da central.

A superfície frontal é profusamente decorada. Na parte distal existe uma moldura lisa, com espessura média de 3,61 mm. Segue-se um sulco inciso e nova moldura lisa, delimitando o campo central. Neste, um motivo vegetalista (possível flor), apresenta doze folhas ou pétalas em relevo, as quais partem de um botão, de configuração circular, obtido através de incisão.

Segue-se um motivo em relevo, encaixado entre a moldura que ladeia directamente as pétalas e as molduras do campo subsequente e que acabam por se unir numa só. Estas assemelham-se a duas folhas, dispostas em posição simétrica.

No interior do motivo em relevo figura um elemento não especificado, eventualmente vegetalista, que culmina em duas aparentes volutas. De cada uma das linhas paralelas colocadas na zona inferior das "volutas" partem pequenos sulcos, de tendência oblíqua.

O campo subsequente apresenta, lateralmente, uma primeira moldura lisa, de espessura variável. Segue-se um sulco inciso (com cerca de 1 mm de espessura) e a canelura a que já foi feita referência acima, por delimitar o elemento/zona de junção entre as duas molduras. No interior, figura decoração em relevo: motivos figurativos não identificados, marcados por sulcos incisos e zonas de onde foi exciso o metal.

O orifício que se pode observar tapado no verso é identificado, na superfície frontal, em razão da presença de uma concreção, com configuração aproximadamente oblonga.

No verso e em paralelo à abertura atrás referida, é observada uma outra, em posição inferior. Os resíduos que figuram em torno dos dois orifícios apresentam aspecto ferruginoso.

Ainda no verso, são visíveis três apêndices: dois na zona distal e um terceiro, quebrado, na zona central.

Estado de conservação: Razoável/Bom.

Dimensões: 89,19 mm (comprimento); 58,24 mm (largura); 2,39 mm (espessura).

Paralelos: Placa de cinturão nº 48 da Colecção Sevilhana, ao nível do motivo vegetalista/floral patente na parte distal da peça e da divisão sob a forma de duas folhas na parte central. Placa nº 95 da mesma Colecção (Ripoll López 1998: 135-136; 153; 301; lâmina XVIII, nº 48; 329-330; lâmina XXXIII, nº 95), com cronologia atribuída ao período compreendido entre 600/640 a 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VII (Almeida 1979: 311; Barroca 1984: 121). Período Bizantino: 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19; Paço e Ferreira 1951: 417).

Observações: Afonso do Paço e Veiga Ferreira reconhecem a semelhança tipológica existente entre a peça observada e as placas do Carmo, de Fontalva, das Grutas do Poço Velho, de Salvaterra do Extremo e de S. Caetano (Paço; Ferreira 1951: 417).

Bibliografia: Macedo 1928: 341; Cardozo 1942: 254; Figueiredo e Paço 1947: 19; Viana *et al.* 1949: 3; Paço e Ferreira 1951: 417; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 245-246; lâmina LXVIII, fig. 367; Palol Salellas 1966: 50, nº 65; Almeida 1979: 311; Barroca 1984: 120-121.

Pl - 05 **Est. V, fig. 11, 12 e 13, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 18.

Descrição: Fragmento de placa de cinturão em bronze, fundida em molde, de tipologia liriforme.

A superfície frontal foi desbastada a cinzel, denotando a presença de duas molduras incisas. A primeira, de contorno mais arredondado, mas truncada pela fractura da peça, delimita um campo ornamentado, por seu turno subdividido em dois. A segunda, em forma de rectângulo, porém incompleto, delimita outro campo ornamentado e igualmente subdividido em dois, sensivelmente coincidente com a zona proximal. As áreas decoradas, com motivos incisos e parcialmente simétricos, apresentam-se inscritas em campos levemente rebaixados. Poderão corresponder a cabeças de aves, conjugadas com elementos de tipo geométrico.

São observáveis quatro saliências ou protuberâncias laterais, duas no campo superior, duas no inferior, a par de dois espigões, figurando no extremo da peça. Nenhum destes elementos possui funcionalidade específica, obedecendo antes a um propósito meramente ornamental.

No verso, com superfície algo rebaixada, são observáveis, na zona proximal da peça, quatro apêndices paralelos entre si: dois colocados nas imediações dos espigões; os outros, em posição mais adiantada e próxima do campo central. Todos os orifícios se encontram cobertos, devido à corrosão.

Estado de conservação: Razoável/bom.

Dimensões: 60,45 mm (comprimento); 43,32 mm (largura); 4,28 mm (espessura).

Paralelos: Broches de cinturão de tipo A da Colecção Sevilhana e, em particular, placa nº 38 (Ripoll López 1998: 134-135; 294-295; lâmina XIII, nº 38), com cronologia atribuída ao período compreendido entre 600/640 a 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos V a VII (Alarcão 1994: 141, nº 432.4).

Observações:

Bibliografia: Alarcão 1994: 141, nº 432.4.

Pl - 06 **Est. VI, fig. 14, 15 e 16, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra)

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 74.6.

Descrição: Placa de configuração rectangular, com caixa em bronze e incrustação ou engaste de vidros, com base na técnica do *cloisonné.*

Na superfície frontal, a placa revela molduras laterais, subdivididas em dois campos. Em cada um dos extremos figura uma perfuração ou orifício de contorno circular, para colocação de um rebite. Contudo, resiste apenas um destes elementos, inscrito no canto superior.

A decoração do campo central refere-se a uma rosácea, dotada de quatro pétalas (?) de contorno semi-circular, separadas por elementos sub-rectangulares. No exterior do círculo, que enforma os motivos descritos figuram, nas zonas laterais, dois outros semi-círculos, que estabelecem a ligação entre o elemento decorativo central e as molduras.

A técnica utilizada na decoração reside no chamado *cloisonné,* evidenciando-se a incrustação de vidros ou esmaltes coloridos nas pequenas células ou concavidades definidas na superfície frontal da placa de bronze, a qual constitui a base da peça.

Algumas das referidas células perderam entretanto os elementos que as preenchiam, exibindo presentemente uma espécie de cola ou massa esbranquiçada, que se encontraria subjacente, para servir de aglutinante.

No verso, o único rebite subsistente e visível na superfície frontal, evidencia-se em relevo. Em paralelo, na zona inferior a este, é observável um orifício, destinado também ao preenchimento com um cravo, já inexistente. Do lado oposto, os elementos similares e correspondentes, encontram-se tapados.

Estado de conservação: Razoável/bom.

Dimensões: 40,28 mm (comprimento); 24,82 mm (largura); 5,20 mm de espessura.

Paralelos: Placa do broche de cinturão de Tinto Juan de la Cruz, Pinto (Madrid). (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006: 725, fig. 9; Morín de Pablos *et al.* 2006: 69), com cronologia atribuída ao século VI, anterior à anulação da proibição dos casamentos mistos e da unificação religiosa de 589 (Morín de Pablos *et al.* 2006: 68; Maya González 1985: 181) ou ao período compreendido entre 525 a 560/580 (Ripoll López 1998: 51).

Cronologia: Século VI, anterior a 589.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos V a VII d.C. (Alarcão 1994: 141, nº 432.5).

Observações:

Bibliografia: Alarcão 1994: 141, nº 432.5.

Pl - 07 **Est. VII, fig. 17, 18 e 19, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário (Contentor 1516; volume 1).

Descrição: Fragmento de broche de cinturão de placa rígida vazada, com decoração geométrica, "tipo *Palazuelos*".

A parte conservada consta, basicamente, da zona distal, de recorte pouco simétrico. O extremo apresenta configuração sub-rectangular.

Ao nível da decoração, recorreu-se à incisão para criar motivos circulares, sendo que, no interior de cada um deles, figura um elemento similar, igualmente de contorno circular, mas de dimensão muito reduzida.

Em paralelo, são perceptíveis duas perfurações, entretanto cobertas por concreções, ocorrendo uma sobreposição parcial entre as mesmas e dois dos motivos circulares, pelo que se deduz que as aberturas foram efectuadas posteriormente, numa fase em que se encontravam já incisos os elementos circulares.

Acrescente-se ainda e em termos decorativos, que na parte posterior do broche e junto ao limite exterior, são visíveis sulcos incisos, dispostos sobretudo no sentido oblíquo.
No verso é visível, na zona distal, um apêndice isolado e conservado, ainda com orifício, destinado à passagem de fio.

Estado de conservação: Bom, na superfície frontal. O verso apresenta-se mais degradado.

Dimensões: 33,73 mm (comprimento); 5,02 mm (comprimento do apêndice); 41 mm (largura); 4,25 mm (espessura); 2,74 x 2,70 mm (diâmetro do orifício do apêndice).

Paralelos: Broches de cinturão das sepulturas 17 e 283, de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 142; lâmina XXV, fig. 3, nº 17; 160; lâmina XXXXV, fig. 1, nº 283). Broches de cinturão exumados das sepulturas nº 45 e 87 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 72, nº1; 73, fig. 12,

nº 1; 87, fig. 19, nº 2; 88). Broche de cinturão nº 2 de El Juncal (Málaga) (Ripoll López 1998: 92-96; 99) e placas nº 15 e 16 da Colecção Sevilhana (idem: 281, nº 15; 283, nº 16; lâmina III, nº 15 e 16) com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre 560/580 a 600/640 (idem 1998: 57).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: O fragmento de placa de broche de cinturão encontra-se colocado, no MNA, entre as peças de proveniência desconhecida.

Bibliografia: Almeida 1962: 243; lâmina LXV, fig. 357; Palol Salellas 1966: 48.

Pl - 08 **Est. VIII, fig. 20 e 21.**

Prov.: Desconhecida.

Depósito: MAC, Lisboa. **Nº de Inv.:** 402.

Descrição: Fragmento de placa de cinturão em bronze, fundido em molde, de tipologia liriforme.

Na superfície superior é visível uma espécie de moldura definida através de dois sulcos incisos, de traçado pouco regular.

Depois, no campo central da peça, figuram, sobre fundo liso, os elementos decorativos. Constam estes de círculos, também incisos, cada um dos quais ostentando um círculo de dimensões mais reduzidas no seu interior. Alguns dos círculos exteriores encontram-se ligados através de linhas sinuosas.

Lateralmente, conservam-se ainda seis pedúnculos salientes, três de cada lado, em posição sensivelmente paralela. Cada um deles, com função meramente ornamental, ostenta, na parte superior, um motivo circular similar aos que figuram no corpo central da placa.

Na zona proximal, conservada, são visíveis dois apêndices perfurados.

Estado de conservação: Placa fragmentada e incompleta. A parte conservada aparenta encontrar-se em razoável ou bom estado.

Dimensões: 45 cm (comprimento); 3 cm (largura).

Paralelos: Fragmento de placa de cinturão de proveniência desconhecida, eventualmente recolhido em Conimbriga e depositado no MNA (Almeida 1962: 246; lâmina LXVIII, fig. 369). Broches de cinturão de tipo G da Colecção Sevilhana, em termos morfológicos (Ripoll López 1998: 133), com cronologia

atribuída ao período compreendido entre 600/640 e 710/720 (idem: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Período Bizantino: 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19; Paço e Ferreira 1951: 417). Século VII ou nível V da sistematização de Ripoll López (Fernandes 2005: 286).

Observações: Afonso do Paço e Veiga Ferreira reconhecem a semelhança tipológica existente entre a peça observada e as placas de e de S. Caetano, de Santa Marinha do Zêzere, de Fontalva, das Grutas do Poço Velho e de Salvaterra do Extremo (Paço; Ferreira 1951: 417).

Bibliografia: Cardozo 1942: 255; Figueiredo e Paço 1947: 19; Viana *et al.* 1949: 3; Paço e Ferreira 1951: 417; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 246; lâmina LXVIII, fig. 368; Fernandes 2005: 286.

Pl - 09 **Est. IX, fig. 22, 23 e 24, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Desconhecida.

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário (Contentor 5513; volume 1).

Descrição: Placa de cinturão em bronze, fundido em molde, de placa rígida, com estrangulamento central e lingueta arredondada.

Encontra-se incompleto e fragmentado. O fuzilhão, eventualmente, dotado de base escutiforme, não se conserva, pelo que não é claramente perceptível o modo como encaixaria na peça. Porém, supõe-se que a pequena perfuração visível na superfície frontal poderia destinar-se à passagem do gancho.

No verso, são ainda visíveis três apêndices, um dos quais, quebrado e em posição isolada, figura na zona distal. Os restantes dois, dispostos em situação paralela, apresentam-se tapados.

Estado de conservação: Mau. As concreções cobrem quase que integralmente ambas as superfícies, de modo que o bronze é parcamente visível.

Dimensões: 51,16 mm (comprimento); 29,62 mm (largura); 2,48 mm (espessura).

Paralelos: Broche de cinturão nº 1, exumado da sepultura 130 da necrópole de El Carpio de Tajo (Ripoll López 1985: 102-103, fig. 28, nº 1). Broche de cinturão do M.A.N. (nº de inventário MAN-86/84/3), possivelmente oriundo da zona de Sevilha (idem 1986: 55; 63, fig. 5, nº 2; 68, nº 19). Broche de cinturão nº 18, oriundo de Brácana (idem 1998: 69; 73; 283; lâmina IV, nº 18), com cronologia atribuída ao período compreendido entre 560/580 a 600/640 (idem 1998: 57). Zeiss enquadra este tipo na primeira

metade do século VI; já Santa-Olalla afirma que este tipo perdura até aos inícios do VII (Davidson 1943: 13).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Peça inédita.

Pl - 10 **Est. X, fig. 25, 26 e 27, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Grutas do Poço Velho (Freg. Cascais; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** PV.203.

Descrição: Placa em bronze, incompleta, de tipologia liriforme.

Encontra-se dividida em três campos. A zona distal, que culmina no botão de remate, possui contorno arredondado, em forma de bolbo. Este ostenta dois sulcos incisos, que arrancam sensivelmente em posição paralela ao limite exterior, criando o efeito de uma canelura. Depois, no interior da zona incisa, pequenos pontos ou triângulos incisos, surgem de forma sequencial na parte posterior; na inferior, aparecem de modo mais esparso. No centro, figura uma suposta espiral e outros motivos, de tipo geométrico.

O segundo campo, em posição central, é torneado por um sulco inciso, sobre o qual são perceptíveis vestígios de puncionamento. No interior da linha, são visíveis dois círculos, cada um dos quais com um elemento puncionado de contorno circular no interior; poderão, eventualmente, corresponder a cabeças de ave. Em paralelo aos círculos, encontram-se também outros motivos geométricos esbatidos, a par de dois campos excisos e paralelos entre si.

Na zona proximal, de forma sub-rectangular, bandas incisas, colocadas na vertical e horizontal, delimitam um campo central, no qual sobressaem elementos puncionados, dispostos em duas filas, de modo alternado. Desta zona arrancam os eixos de suporte da dobradiça: o superior encontra-se quase integralmente quebrado; o inferior, também muito fragmentado, revela estado um pouco menos deteriorado.

O verso possui três apêndices, um dos quais figura na parte distal. Os restantes dois posicionam-se no campo central, de modo quase paralelo entre si.

Na zona limite, duas bandas incisas (verticais) delimitam um campo central com pontos puncionados. Os sulcos horizontais contribuem para delimitar os pontos. São perceptíveis outros no exterior.

Estado de conservação: Peça bastante deteriorada, revestida com camada de verdete, que impede a observação de todos os pormenores. O verso corresponde à parte mais adulterada.

Dimensões: 64,04 mm (comprimento); 24,29 mm (largura); 2,83 mm (espessura).

Paralelos: Fivela de cinturão de Loja (Granada) e fivela de Castiltierra (Segóvia) (Figueiredo e Paço 1947: 20), integradas no Período Bizantino (idem: 19). Broches de cinturão de tipo C da Colecção Sevilhana e, em particular, peça nº 47 (Ripoll López 1998: 134; 136; 139; 300-301; lâmina XVII, nº 47), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre 600/640 e 710/720 (idem: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Período Bizantino, compreendido entre 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19; Paço e Ferreira 1951: 417; Paço 1960: 14).

Observações: Afonso do Paço e Veiga Ferreira reconhecem a semelhança tipológica existente entre a peça em análise e a placa do Carmo, a de Fontalva, a de Santa Marinha do Zêzere, a de Salvaterra do Extremo e a de S. Caetano (Paço; Ferreira 1951: 417).

Bibliografia: Paula e Oliveira 1889: 85; Viana *et al.* 1949: 3; Paço e Ferreira 1951: 417; Paço 1960: 13-14, fig. 5; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 245-246; 256; lâmina LXVII, fig. 364; Palol Salellas 1966: 48; Paço e Figueiredo 1971: 284; Figueiredo e Paço 1974: 14-20; Cardoso 1991: 53; Carreira 1990/92: 231; Gonçalves 2008: 138; 153 (fig. 2.15 e 2.16).

Pl - 11 **Est. XI, fig. 28, 29 e 30, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Herdade de Fontalva (Freg. Barbacena; Conc. Elvas; Dist. Portalegre).

Depósito: MSG, Lisboa. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Placa em bronze, fundida em molde, de tipologia liriforme.

Encontra-se incompleta, destituída de fivela e fuzilhão.

À semelhança da placa das Grutas do Poço Velho, é lobulada e a superfície frontal, profusamente decorada, possivelmente através de cinzel e lima, surge dividida em três zonas diferenciadas: a distal, a central e a proximal.

Na parte distal, é visível uma espécie de moldura, dotada de espessura variável e destituída de ornamentação. No campo delimitado pela referida moldura lisa e por dois

outros elementos similares e paralelos entre si, que rematam num motivo em relevo, semelhante a um coração, são observáveis dois zoomorfos fantásticos, possíveis grifos, com uma ou duas cabeças, ladeados por motivos triangulares e rectangulares, estes últimos menos predominantes.

Do "coração" arranca a zona central da placa, definida por outra moldura que, na parte superior se apresenta lisa possuindo uma espessura variável, mas que ronda 1 mm. Já na parte inferior, a moldura, simétrica, apresenta decoração, colocando-se a hipótese de a superior se revelar lisa, apenas por se encontrar esbatida.

A zona central, subdivida, apresenta, no campo inferior, três cabeças pertencentes a um corpo alongado, com bico e olho. A estabelecer o limite com o campo superior, figura a moldura longitudinal que arranca do motivo triangular e se prolonga, em relevo, até ao termo da zona central da placa.

Ora, no campo superior, verifica-se nova subdivisão: numa delas, encontra-se representado um animal dotado de duas cabeças, cujos bicos quase se tocam; na outra, dois outros animais, com as cabeças voltadas para lados opostos, voltando a ser perceptíveis os motivos triangulares identificados na zona distal da peça.

Por ultimo, na zona proximal, é observável nova divisão, feita através de uma moldura lisa, com cerca de 1,30 mm de largura e que surge sensivelmente no alinhamento da que se verificava no campo intermédio. Dessa moldura, colocada em posição central, partem triângulos, os quais configuram e delimitam a zona decorada. Nesta parte da placa, tanto o campo superior como o inferior, abandonam os motivos animais. Sulcos incisos ondulantes criam uma composição sensivelmente em forma de cruz, devendo os círculos resultar de puncionamento.

No verso da placa encontram-se ainda cinco apêndices, um dos quais isolado, nas proximidades da zona distal; os restantes posicionam-se, dois a dois, de modo paralelo. Cada um deles possuía orifícios, entretanto parcialmente tapados, em razão da degradação do metal.

Estado de conservação: Bom, denunciando ter sido sujeita a tratamento. Desprovida de fivela e fuzilhão.

Dimensões: 96,10 mm (comprimento); 39,25 mm (largura); 6,93 mm (espessura).

Paralelos: Broches de cinturão de tipo A da Colecção Sevilhana e, em particular, placa de cinturão nº

36, da mesma Colecção (Ripoll López 1998: 133-135; 293; lâmina XII, nº 36), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre 600/640 e 710/720 (idem: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Período Bizantino, compreendido entre 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19; Paço e Ferreira 1951: 417; Paço 1960: 14).

Observações: Afonso do Paço e Veiga Ferreira reconhecem a semelhança tipológica existente entre esta peça e a placa do Carmo, a das Grutas do Poço Velho, a de Santa Marinha do Zêzere, a de Salvaterra do Extremo e a de S. Caetano (Paço; Ferreira 1951: 417).

Bibliografia: Figueiredo e Paço 1947: 19; Viana *et al.* 1949: 3; Paço e Ferreira 1951: 416-425; Paço 1960: 9; 14; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 244; 252; lâmina LXVII, fig. 363; Palol Salellas 1966: 50, nº 63 (bis).

Pl - 12 **Est. XII, fig. 31, 32 e 33, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.322-A / 983.1002.102.

Descrição: Broche de cinturão, em bronze fundido, de reduzidas dimensões e em forma de seta.

Aparentemente, encontra-se destituído de decoração, muito embora as concreções não permitam uma correcta visualização da superfície frontal.

No verso, parcialmente recoberto por uma película concrecionada, mantêm-se ainda dois apêndices, cada um dos quais dotado de um orifício de configuração circular, destinado à passagem de fio ou correia.

Estado de conservação: Pouco razoável, com sinais de degradação em ambas as superfícies.

Dimensões: 33,99 mm (comprimento); 20,96 mm (largura); 2,81 mm (espessura).

Paralelos: Broche de cinturão de Villanueva de Rosário (Málaga) (Ripoll López 1998: 99), com cronologia atribuída ao período compreendido entre 560/580 e 600/640 (idem: 57).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações: O paralelo por nós indicado levanta, não obstante, algumas reservas, motivadas pela solução adoptada na zona proximal da peça.

Bibliografia: Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42.

Pl - 13 **Est. XIII, fig. 34, 35 e 36, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.338 / 983.1002.101.

Descrição: Broche de cinturão em bronze, fundido em molde, de placa rígida rectangular simples e lingueta semi-circular.

Apresenta-se incompleto, destituído de fuzilhão.

A superfície frontal não ostenta decoração, excepção feita a um sulco inciso que atravessa a peça a toda a largura, estabelecendo assim a separação entre a zona da fivela e a da placa propriamente dita. O motivo em causa é apenas interrompido pelo orifício, de contorno circular, onde deveria encaixar o gancho do fuzilhão.

No verso figuram ainda três apêndices, embora quebrados: um, isolado, na zona distal; os restantes dois, em posição paralela e mais recuados, nas proximidades do orifício destinado ao encaixe do gancho do fuzilhão.

Estado de conservação: Pouco regular. O extremo distal da peça apresenta-se danificado. Os sinais de degradação, patentes em ambas as superfícies, são, porém, mais evidentes no verso.

Dimensões: 89,22 mm (comprimento); 37,95 mm (largura); 2,22 mm (espessura).

Paralelos: Broches de cinturão recolhidos na necrópole de El Carpio de Tajo: nº 1, da sepultura nº 73 e nº 1, da sepultura 177 (Ripoll López 1985: 76-77, fig. 14, nº 1; 127-128, fig. 43, nº 177), com cronologia atribuída à primeira metade do século VI (Palol Salellas 1965: 56, citado por Ripoll López 1985: 42) ou ao intervalo compreendido entre 560/580 a 600/640 (idem 1998: 57).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI, segundo cronologia indicada por Flörchinger para o Tipo 3 (Inácio 2005: 81). Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184).

Observações:

Bibliografia: Cardozo 1942: 255; Santos 1972: fig. 291; Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42; 81.

Pl - 14 **Est. XIV, fig. 37, 38 e 39, nº 1 e 2.**

Prov.: Monte da Serra Brava 7 (Freg. Póvoa de S. Miguel; Conc. Moura; Dist. Beja).

Depósito: Archeo'Estudos, Alter do Chão. **Nº de Inv.:** 17.

Descrição: Placa de cinturão em bronze fundido, de tipologia liriforme, recolhida no âmbito de uma escavação arqueológica.

Na superfície frontal, levemente inflectida, é visível uma moldura bem definida, obtida através da incisão de dois sulcos que circundam integralmente a peça.

Partindo da linha interior da referida moldura, são perceptíveis finas incisões, que funcionam também como elementos decorativos.

No interior desta, o traçado de uma diagonal estabelece dois campos ornamentais.

A decoração, porém, encontra-se muito esbatida, pelo que a natureza dos motivos patentes é duvidosa. Com efeito, não é claro se correspondem a elementos vegetalistas ou a dois círculos incisos, com cabeças de animais (aves) inclusas. Ressalta, porém, uma aparente simetria entre os componentes fulcrais.

Ainda na superfície frontal, há que notar a permanência do botão de remate, no extremo distal e, no extremo oposto, de dois apêndices perfurados, mas fragmentados, cuja função seria a de suportar o eixo da dobradiça e assim estabelecer a ligação com a fivela, desaparecida.

No verso da peça é perceptível uma fractura e, em paralelo, são ainda visíveis os três apêndices, destinados a suportar a passagem dos fios de couro. Um deles apresenta-se isolado, nas proximidades do botão de remate; os restantes dois, mais recuados, surgem paralelos entre si.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 47,07 mm (comprimento); 25,68 mm (largura); 2,30 mm (espessura).

Paralelos: Placa da Vinagreira (nº de inventário: II) (Bugalhão 1998: 133-135; idem: 2004: 99; 106-107), datável dos finais do século VI/inícios do VII (idem 2004: 106-107). Broches de cinturão de tipo H-2 da Colecção Sevilhana e, em particular, o nº 79 da mesma Colecção (Ripoll López 1998: 133; 140; 149; 319-320; lâmina XXX, nº 79), com cronologia atribuída ao período compreendido entre 600/640 a 710/720 (idem: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Santos 2004, no prelo.

Pl - 15 **Est. XV, fig. 40, 41 e 42, nº 1, 2 e 3.**
Est. CXVIII, nº 336.

Prov.: Paço Velho da Facha (Freg. Facha; Conc. Ponte de Lima; Dist. Viana do Castelo).

Depósito: Edifício do Paço do Marquês (CMPL). **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Broche de cinturão epigráfico, de placa rígida vazada.

Peça em bronze, fundida em molde, com configuração rectangular.

A zona da fivela ou passador, igualmente de contorno rectangular, apresenta-se parcialmente fragmentada e destituída de fuzilhão. É decorada através de sulcos incisos com disposição pouco regular.

O rebordo da placa propriamente dita é definido através de duas linhas incisas paralelas. Como, porém, o limite se encontra quebrado, não é possível averiguar se as referidas linhas também se prolongavam nesta zona.

Um eixo longitudinal divide a placa em dois registos, sendo que, em cada um deles, figura parte da inscrição, vazada ou recortada. No campo superior, pode ler-se "*XPS SIT"* e, no inferior, *" TECUM X",* podendo este último caracter representar um elemento meramente decorativo, obedecendo ao propósito de estabelecer a articulação com o registo superior.

No verso, são visíveis quatro apêndices, três dos quais quebrados. O único integralmente conservado é o do canto superior direito. Aparentemente, existiriam outros dois, paralelos entre si e que se encontrariam localizados entre os que são perceptíveis. No entanto, terão sido destruídos.

Estado de conservação: Peça um pouco deteriorada, com algumas zonas onde o metal se afigura degradado e corroído. Quebrada no extremo distal.

Dimensões: 101,40 mm (comprimento); 98,17 mm (largura); 3,73 mm (espessura); 3,94 mm (diâmetro interior do único apêndice conservado).

Paralelos: Exemplar recolhido no sítio de As Pereiras, em Amoeiro, Ourense (Aboal Fernández; Cobas Fernández 1999: 11-12, fig. 8; 16.17; 27), com cronologia atribuída ao século V (Tudanca Casero 1997, seguindo Espinosa 1986 *in* Aboal Fernández e Cobas F. 1999: 27) ou ao século VII (Rodríguez

Resino 2003: 288-289; idem 2004: 67-68; 86; 130-132). Peça procedente de Ortigosa de Cameros (Logroño) (Ripoll López 1998: 96-98), com datação centrada no século V (Vives 1969: 137) ou entre 560/580 a cerca de 600/640 (Ripoll López 1998: 57). Fragmento de placa (objecto nº 17) da Colecção Sevilhana (idem 1998: 73, fig. 6, nº 17; 282, nº 17; lâmina IV, nº 17), com cronologia compreendida entre 560/580 a cerca de 600/640 (idem1998: 57).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: Segunda metade do século VI ou inícios do VII (Brochado 2004: 152, seguindo Almeida 1996: 311).

Observações:

Bibliografia: Almeida 1996: 311; idem 2003: 373-374, fig. 81; Brochado 2004: 152; fig.23.

Pl - 16 **Est. XVI, fig. 43, 44 e 45, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Patalou (Freg. Espírito Santo; Conc. Nisa; Dist. Portalegre).

Depósito: Colecção particular: Sr. João Francisco. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Placa em bronze, fundida em molde, de tipologia liriforme.

Encontra-se incompleta, destituída da fivela com a qual se deveria articular.

Apresenta-se dividida em três zonas distintas. A distal, ainda na posse do botão de remate, possui uma moldura definida por sulcos incisos, sendo que de um deles arrancam, pontualmente, triângulos de dimensão diminuta. A referida moldura estabelece uma subdivisão em da área distal em dois campos; é visível, em cada um deles, um elemento em forma de "pétala", sendo que, no respectivo interior, se regista uma combinação de elementos puncionados, semi-círculos incisos e demais motivos figurativos, excisos, de natureza não especificada.

Na zona central, mais extensa e em forma de lira, é visível uma dupla moldura nas faixas laterais. Atravessando esta área, desde o limite inferior da zona distal e prolongando-se até às proximidades do término do campo proximal, figura um cordão longitudinal, composto por motivos triangulares excisos, com vértices desencontrados, o qual permite assim a subdivisão, em dois campos distintos, quer da parte central, quer da proximal.

Esta, por último, denota configuração rectangular e culmina em dois sólidos espigões. A decoração que revela restringe-se a semi-círculos incisos, encadeados e paralelos entre si, pelo que se diferencia da combinação de elementos patente nas zonas central e distal.

No verso conservam-se cinco apêndices, um dos quais isolado, na parte distal. Os restantes posicionam-se sensivelmente de modo paralelo entre si: dois na zona central, um dos quais quebrado e dois na área proximal.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 105,30 mm (comprimento); 43,83 mm (largura); 3,77 mm (espessura); 3,41 (diâmetro da perfuração do primeiro apêndice).

Paralelos: Broches de cinturão do tipo A da Colecção Sevilhana e, em particular, peça nº 41 (Ripoll López 1998: 134; 137; 296-297; lâmina XIV, nº 41), atribuídos aos séculos VI-VII, finais do século VI a princípios do VII, perdurando eventualmente ao longo das primeiras décadas do século VIII (Ripoll López 1985: 61) ou ao período compreendido entre 600/640 a 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Peça inédita.

Pl - 17 **Est. XVII, fig. 46, 47 e 48, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Patalou (Freg. Espírito Santo; Conc. Nisa; Dist. Portalegre).

Depósito: Colecção particular: Sr. João Francisco. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Fragmento de placa de cinturão em bronze, fundido em molde, de tipologia liriforme.

Resta apenas a zona distal, ainda na posse do botão de remate, porém deteriorado e parte da zona central, interrompida pela fractura.

Um sulco inciso define uma primeira moldura, próxima do limite exterior da peça. É em parte lisa e em parte decorada com leves incisões transversais. No campo interior, figuram, em relevo, os motivos decorativos, de carácter geométrico, caso de círculos incisos, excisos e losangos. Culminam numa espécie de dupla voluta.

No verso conservam-se ainda três apêndices: um, isolado, junto ao extremo distal, ao

qual se seguem dois outros, paralelos entre si e posicionados num campo mais central.

Estado de conservação: Razoável. Peça fragmentada.

Dimensões: 51,24 mm (comprimento); 38,71 mm (largura); 3,09 mm (espessura); 8,25 (comprimento do primeiro apêndice).

Paralelos: Broches de cinturão de tipo G-2, da Colecção Sevilhana, em particular, o nº 67 (Ripoll López 1998: 142; 147; 313; lâmina XXVIII, nº 67), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre 600/640 a 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: O paralelo apontado só poderá ser tido em consideração em termos morfológicos, visto apresentar motivos decorativos bastante divergentes dos evidenciados pela placa fragmentada de Patalou. Aliás, do conjunto de todas os exemplares observados, não foi reconhecida qualquer semelhança, ao nível ornamental, com a peça em análise.

Bibliografia: Peça inédita.

Pl - 18 **Est. XVIII, fig. 49, 50 e 51, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Patalou (Freg. Espírito Santo; Conc. Nisa; Dist. Portalegre).

Depósito: Colecção particular: Sr. João Francisco. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Fragmento de placa de cinturão em bronze, fundida em molde, de tipologia liriforme.

Conserva-se apenas parte da zona proximal.

Na superfície frontal, um sulco inciso delimita uma moldura exterior, decorada através de finas linhas, também incisas, dispostas na oblíqua.

No campo central, a decoração consta de um elemento oblongo, em relevo. No seu interior e, através do recurso à incisão e excisão, criaram-se dois motivos semelhantes a espirais, a par de um alinhamento de três triângulos.

No verso, de tendência levemente côncava, são visíveis dois apêndices em bom estado e paralelos entre si, ainda com os orifícios para passagem dos fios.

Estado de conservação: Razoável/mau. Peça fragmentada, com sinais de deterioração em ambas as superfícies.

Dimensões: 32,84 mm (comprimento); 33,36 mm (largura); 6,62 mm (espessura); 8,03 (comprimento do segundo apêndice).

Paralelos: Broche de cinturão da Colecção Andaluza do MAN, nº 12 (Ripoll López 1998: 163). Placa nº 113 da Colecção Sevilhana (idem: 157; 163; 340-341; lâmina XXXVIII, nº 113), com cronologia atribuída ao período compreendido entre 600/640 e 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: O elemento que mais a aproxima do exemplar apontado como paralelo, prende-se com o motivo decorativo, em relevo. No entanto, na peça da Colecção Andaluza, o referido motivo decorativo inscreve-se na zona distal e não na proximal, como na placa de Patalou.

Bibliografia: Peça inédita.

Pl - 19 **Est. XIX, fig. 52, 53 e 54, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Retorta (Freg. Boliqueime; Conc. Loulé; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.844 / 983.1223.1.

Descrição: Broche de cinturão em bronze, fundido em molde, de placa rígida, com lingueta aproximadamente oval.

Possui fivela integrada e fuzilhão de base escutiforme, na qual figuram duas caneluras decorativas colocadas na horizontal. O gancho do fuzilhão, completo, encaixa numa perfuração de configuração circular, efectuada na zona de arranque da placa propriamente dita.

Na superfície frontal da peça são visíveis motivos geométricos: círculos incisos, colocados nos vértices da fivela, de contorno quadrangular, cada um dos quais ladeado por elementos puncionados. Em paralelo a estes, ocorrem também elementos de configuração semi-circular, igualmente incisos e dispostos em combinações variáveis.

No verso da peça, encontram-se ainda os três apêndices, completos, para passagem dos fios de couro através das perfurações: um surge colocado na zona distal, isolado; os dois restantes, em posição paralela, inscrevem-se nas proximidades do arranque da fivela.

Estado de conservação: Bom estado de conservação, em razão do tratamento e consolidação recebidos.

Dimensões: 97,83 mm (comprimento); 39,29 mm (largura); 2,44 mm (espessura); 37,63 mm

(comprimento máximo do fuzilhão).

Paralelos: Broche de cinturão exumado da sepultura 65 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 144; lâmina XXVI, fig. 3, nº 65), enquadrável no período compreendido entre 560/580 e 600/640 (Ripoll López 1998: 57).

Cronologia: Segunda metade do século VI a cerca de 600/640.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI (Cardozo 1942: 255). Século VI, segundo cronologia indicada por Flörchinger para o Tipo 3 (Inácio 2005: 81). Período Bizantino: 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19). Meados do século VII (Gomes 2002: 385).

Observações:

Bibliografia: Cardozo 1942: 254-255; Figueiredo e Paço 1947: 19; Azevedo 1959: 113-124; Almeida 1962: 244; 254; lâmina LXVI, fig. 360-361; Palol Salellas 1966: 47; Gomes 2002: 385; Inácio 2005: 48; 80-81; 26 (Anexo I); fig. 34 (Anexo II).

Pl - 20 **Est. XX, nº 55.**

Prov.: Salvaterra do Extremo (Freg. Salvaterra do Extremo; Conc. Idanha-a-Nova; Dist. Castelo Branco).

Depósito: Paradeiro desconhecido. **Nº de Inv.:**

Descrição: Broche de cinturão incompleto. Conserva a placa de cinturão em bronze, fundida em molde, de tipologia liriforme.

Esta apresenta-se dividida em três partes. A zona distal, ainda provida do botão de remate, possui molduras definidas por sulcos incisos. A área central, mais extensa e igualmente detentora de bandas molduradas, encontra-se subdivida em dois campos. A zona proximal, de configuração rectangular, também com moldura, ostenta motivos corridos, simples incisões, colocadas na horizontal.

Os restantes ornatos serão de tipo vegetalista.

O corpo da placa apresenta, nas distintas zonas que a compõem, algumas saliências ou protuberâncias, cuja função será meramente decorativa e não funcional. A única excepção a esta situação reside nos apêndices que figuram no exterior da área proximal, no extremo oposto ao botão de remate.

Desconhecemos qualquer tipo de informação acerca do verso da peça.

Estado de conservação:

Dimensões: 77 cm (comprimento).

Paralelos: Broches de cinturão de tipo A da Colecção Sevilhana e, em particular, as peças nº 36 e 37. No entanto, a organização da zona proximal da peça aproxima-a mais do tipo C, nomeadamente das placas nº 46 e 51 (Ripoll López 1998: 51; 139; 141). A cronologia atribuída radica no período compreendido entre 600/640 a 710/720 (idem: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Período Bizantino: 621-711 (Figueiredo e Paço 1947: 19; Paço e Ferreira 1951: 417).

Observações: Em acordo com indicação fornecida por Leite de Vasconcelos (1932-34: 5) e reproduzida por D. Fernando de Almeida (1962: 245), a peça encontrava-se depositada no MNA, antigo Museu Etnológico. No entanto, não foi possível aos Serviços de Inventário localizá-la.

Bibliografia: Vasconcelos 1932-34: 5; Cardozo 1942: 254-255; Paço e Ferreira 1951: 417; Almeida 1962: 245; 255; lâmina LXVII, fig. 365; Palol Salellas 1966: 51.

Fíbulas:

Fb - 01 **Est. XXI, fig. 56, 57 e 58, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A.292.7.

Descrição: Fíbula em bronze, tipo *Rouillé*, do grupo das *Armbrustfibeln*.

Possui arco de secção semi-circular, cujo extremo culmina numa espécie de apêndice, onde é observável uma perfuração de contorno circular, bem definida, destinada à colocação de um botão decorativo.

O pé, aplanado e destituído de decoração, apresenta recorte trapezoidal.

A peça encontra-se destituída de mola, fuzilhão e descanso.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 57,52 mm (comprimento); 13,34 mm (largura do pé); 1,56 mm (espessura do pé); 6,95 mm (largura do arco); 3,83 mm (espessura do arco).

Paralelos: Fíbula de Asotskoe (Lituânia) e fíbula de *Rouillé*, proveniente da estação epónima (Nuño González 1989: 184, citando Schulze-Dörrlamm 1986: 652-654).

Cronologia: Século V aos inícios do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do séc. III aos inícios do século VI (Ponte 2006: 483). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; idem 2004: 119). Último quartel do século V ou primeiro do século VI (Nuño González 1989: 185).

Observações: Tipologicamente idêntica a outro exemplar igualmente exumado em Conimbriga, Fb - 07 (MMC, inv. A.3426).

Refira-se que a classificação proposta para a peça não reúne consenso, sendo também publicada como integrante no tipo 48.1b de Ponte, referente ao grupo que a autora define para as *Bügelknopfibeln* (Ponte 2006: 484, nº 296).

Bibliografia: Nuño González 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, nº 49; 206, fig. XI; Rodríguez Resino 2003: 284; idem: 2004: 119-120; Ponte 2006: 389-390; 483-484, nº 296.

Fb - 02 **Est. XXII, fig. 59, 60 e 61, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 389.

Descrição: Fíbula em bronze, tipo *Conimbriga*, do grupo das *Bügelknopfibeln*.

Possui arco semi-circular e perfil em *P*.

O eixo apresenta botões terminais em forma de bolbo.

Encontra-se destituída de mola, fuzilhão e descanso.

Na superfície superior do pé, espatulado, sensivelmente junto ao arranque do arco, figura um motivo em forma de cruz.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 70,32 mm (comprimento total); 11,61 mm (largura do pé); 3,57 mm (espessura do pé); 9,78 mm (largura do arco); 3,09 mm (espessura do arco).

Paralelos: Fíbula nº 36 de Briviesca e, provavelmente, peças nº 1 e 14 de Duratón (Segóvia), a par da nº 22, de Madrona (Nuño González 1989: 183-184). Fíbula nº 9, recolhida na necrópole de Dantcheny (Cultura de Tchernjahov) (Kazanski 1991: 132, nº 9).

Cronologia: Século V aos inícios do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do séc. III aos inícios do séc. VI (Ponte 2006: 483). Século III à primeira metade do século V (Kazanski 1991: 132). Século IV-V (Alarcão 1994: 134, nº 410.21). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; idem 2004: 119). Último quartel do século V ou primeiro do século VI (Nuño González 1989: 185).

Observações: Peça integrada no tipo Ponte 48.1b (2006: 484, nº 297).

Bibliografia: Nuño González 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, nº 47; 206, fig. XI; Alarcão 1994: 134, nº 410.21; Rodríguez Resino 2003: 284; idem: 2004: 119-120; Ponte 2006: 387, 48.1b; 483; 484, nº 297.

Fb - 03 **Est. XXIII, fig. 62, 63 e 64, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 574.

Descrição: Fíbula em bronze, tipo *Duratón*, do grupo das *Armbrustfibeln*.

Encontra-se incompleta, destituída de mola, fuzilhão e descanso.

O arco, de secção semi-circular, apresenta no término, uma perfuração de contorno circular, atravessada por um filamento metálico.

No extremo oposto do arco, junto à zona de arranque do pé, espatulado, são

perceptíveis quatro caneluras, dotadas de dimensões desiguais, dispostas na horizontal e paralelas entre si.

Na superfície frontal do pé observam-se dois motivos em cruz, incisos, delimitados por linhas, também incisas e separados por um campo vazio.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 67,59 mm (comprimento); 6,64 mm (largura do pé); 1,47 mm (espessura do pé); 21,96 mm (dimensão do arco); 6,65 mm (largura do arco); 1,94 mm (espessura do arco).

Paralelos: Fíbula nº 36 de Briviesca e, provavelmente, peças nº 1 e 14 de Duratón, a par da nº 22, de Madrona (Nuño González 1989: 183-184).

Cronologia: Século V aos inícios do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do séc. III aos inícios do séc. VI (Ponte 2006: 483). Século IV-V (Alarcão 1994: 134, nº 410.20). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; idem 2004: 119). Último quartel do século V ou primeiro do século VI (Nuño González 1989: 185).

Observações: Similar a outro exemplar igualmente exumado em Conimbriga, mas não integrado no presente Catálogo, por não ter sido possível observá-lo presencialmente.

Refira-se que a classificação proposta para a peça não reúne consenso, sendo também publicada como integrante no tipo 48.1b de Ponte, referente ao grupo que a autora define para as *Bügelknopfibeln* (Ponte 2006: 484, nº 295).

Bibliografia: Nuño González 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, nº 45; 206, fig. XI; 209, fig. XIII, nº 6; Alarcão 1994: 134, nº 410.20; Rodríguez Resino 2003: 284; idem: 119-120; Ponte 2006: 483-484, nº 295.

Fb - 04 **Est. XXIV, fig. 65, 66 e 67, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 710.

Descrição: Fíbula em bronze, com secção e aro semi-circulares.

A decoração, obtida através de incisão, refere-se a motivos geométricos.

A mola e o extremo do pé, espatulado, apresentam-se quebrados. Em paralelo, também a mola bilateral se encontra fragmentada e incompleta.

O descanso tubular revela feição trapezoidal.

Estado de conservação: Razoável/mau. Peça incompleta.

Dimensões: 35,39 mm (comprimento); 3,68 mm (largura do arco); 1,26 mm (espessura do arco); 3,90 mm (largura do pé); 4,04 mm (espessura do pé).

Paralelos: Fíbulas recolhidas em Santa Vitória do Ameixial, Estremoz (tipo Ponte 47.1a, nº 289) e em Idanha-a-Velha (tipo Ponte 47.2a, nº 292) (Ponte 2006: 482-483).

Fíbulas recolhidas em Svábenice (Mähre, Europa Central) (Nuño González 1989: 183, citando Schlunk 1981: 285).

Exemplares característicos da Eslováquia e da Morávia ou, genericamente, da Europa Central, exumados em sítios quado-suevos e suevos tardios (Rodríguez-Aragón 1997: 634).

Cronologia: Inícios do século V aos alvores do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do século III a finais do V (Ponte 2006: 482). Intervalo de tempo compreendido, eventualmente, entre as primeiras décadas do século V e o primeiro quartel do século VI (Nuño González 1989: 185). Posterior a 467, data da tomada de Conimbriga (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 641). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; 2004: 119).

Observações: Esta peça, à semelhança de duas outras, também integradas no presente Catálogo: Fb - 05 (MMC, inv. A.3424) e Fb - 08 (MMC, inv. 69.293), não congregam propriamente as características das *Armbrustfibeln* fundidas. A particularidade mais singular que apresentam refere-se ao facto de mola e a agulha não constituírem elementos independentes, antes se formando a partir do próprio aro.

Porém, participam de um mesmo tronco comum, com raízes na Europa de Leste: na Roménia, na antiga U.R.S.S., em vários sítios da região polaca, no Danúbio Médio e na área de influência da cultura de *Sîntana de Murs* (Nuño González 1989: 182).

A questão não se afigura consensual, pois as peças em causa aparecem também classificadas como fíbulas de besta (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629) ou como tipo Ponte 47, referente ao grupo que a autora define para as *Armbrustfibeln*. O caso concreto da fíbula em análise concerne, à semelhança de Fb - 08, ao subtipo Ponte 47.1a (Ponte 2006: 387; 389; 482, nº 288 e nº 290).

Bibliografia: Nuño González 1989: 182-184; 186; 205, fig. X, nº 51; 206, fig. XI; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629, nº 6; 632, fig. 2, nº 3; 633-634; 641; Rodríguez Resino 2003: 284; 295, fig. 2; idem 2004: 119-120; Ponte 2006: 389; 482, nº 288.

Fb - 05 **Est. XXV, fig. 68, 69 e 70, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A.3424.

Descrição: Fíbula em bronze, com arco e secção semi-circular e mola voltada para cima.

Apresenta pé largo e longo, de tendência aplanada. O descanso tubular, fragmentado, onde encaixa o gancho ou eixo, independente (?), revela configuração trapezoidal.

A mola bilateral, de corda, figura na parte exterior do arco.

Estado de conservação: Razoável/ mau, sendo evidentes alguns sinais de corrosão, entretanto travados.

Dimensões: 52,13 mm (comprimento); 4,46 mm (largura do arco); 2,02 mm (espessura do arco); 5,87 mm (espessura do pé).

Paralelos: Fíbulas recolhidas em Santa Vitória do Ameixial, Estremoz (tipo Ponte 47.1a, nº 289) e em Idanha-a-Velha (tipo Ponte 47.2a, nº 292) (Ponte 2006: 482-483).

Peça com paralelos importantes em Valentine e Montmaurin, sítios localizados no Sul de França (Nuño González 1989: 182, citando Schulze-Dörrlamm 1986: 693).

Fíbulas recolhidas em Svábenice (Mähre, Europa Central) (Nuño González 1989: 183, citando Schlunk 1981: 285).

Exemplares característicos da Eslováquia e da Morávia ou, genericamente, da Europa Central, exumados em sítios quado-suevos e suevos tardios (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 634). Fíbula nº 5 de Kertch.

Cronologia: Inícios do século V aos alvores do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do século III/inícios do IV a finais do século V (Ponte 2006: 389; 483). Último terço do século IV à primeira metade do século V (Kazanski 1991: 133). Intervalo de tempo compreendido, eventualmente, entre as primeiras décadas do século V e o primeiro quartel do século VI (Nuño González 1989: 185). Posterior a 467, data da tomada de Conimbriga (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 641). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; 2004: 119).

Observações: Esta peça, à semelhança de duas outras, também integradas no presente Catálogo: Fb - 04 (MMC, inv. A.710) e Fb - 08 (MMC, inv. 69.293), não congrega propriamente as características das *Armbrustfibeln* fundidas. A particularidade mais singular que as três apresentam refere-se ao facto de mola e a agulha não constituírem elementos independentes, antes se formando a partir do próprio aro.

Porém, participam de um mesmo tronco comum, com raízes na Europa de Leste: na Roménia, na antiga U.R.S.S., em vários sítios da região polaca, no Danúbio Médio e na área de influência da cultura de *Sîntana de Murs* (Nuño González 1989: 182).

Note-se, no entanto, que a questão não se afigura consensual, pois as peças em causa aparecem também classificadas como fíbulas de besta (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629) ou, em acordo com proposta veiculada por outra autora, como constituintes do tipo 47.1b, também referente ao grupo das Armbrustfibeln (Ponte 2006: 387, 47.1b e 47.2a; 389).

Observações 2: O nº de inventário associado à fíbula por etiqueta é o A.3426, o qual foi utilizado noutro exemplar, igualmente integrado no presente Catálogo. No entanto, a marcação que figura no verso

da peça em análise refere-se ao nº 3424, pelo que foi seguida esta última designação.

Bibliografia: Nuño González 1989: 182-184; 186; 205, fig. X, nº 50; 206, fig. XI; Kazanski 1991: 133; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629; 632, fig. 2, nº 1; 633-634; 641; Rodríguez Resino 2003: 284; 295, fig. 2; idem 2004: 119-120; Ponte 2006: 387, 47.1b; 389; 483, nº 291.

Fb - 06 **Est. XXVI, fig. 71, 72 e 73, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 3425.

Descrição: Fíbula em bronze, tipo *Siscia*, do grupo das *Armbrustfibeln*, com arco semi-circular, que culmina num pequeno orifício circular.

A peça encontra-se destituída de mola, eixo e fuzilhão.

O pé, espatulado, denota feição triangular, possuindo descanso tubular.

Estreita progressivamente, da zona do arco, até à ponta.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 37,05 mm (comprimento); 4,99 mm (largura do arco); 2,16 mm (espessura do arco); 4,70 mm (largura do pé); 6,43 mm (espessura do pé).

Paralelos: Peças recolhidas em Bozen e Venusio (norte e sul de Itália, respectivamente), Teurnia e Peggau (Áustria) e Siscia, sítio homónimo, localizado na Jugoslávia.

Cronologia: Século V aos inícios do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do século III a finais do V (Ponte 2006: 483). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; 2004: 119). Último quartel do século V ou primeiro do século VI (Nuño González 1989: 185).

Observações: A fíbula surge também classificada como pertencente ao grupo das *Bügelknopfibeln* (Ponte 2006: 387, 48.1a).

Bibliografia: Nuño González 1989: 182; 184; 205, fig. X, nº 52; 206, fig. XI; 211, fig. XV, nº 1; Ponte 2006: 387, 48.1a; 483, nº 293.

Fb - 07 **Est. XXVII, fig. 74, 75 e 76, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 3426.

Descrição: Fíbula em bronze, com perfil em *P*, tipo *Rouillé*, do grupo das *Armbrustfibeln*.

Apresenta arco e secção semi-circulares.

Na extremidade do arco, é observável uma perfuração de contorno circular, bem definido, onde deveria encaixar um botão decorativo, entretanto desaparecido.

O pé, longo e espatulado, possui bordos biselados.

Estado de conservação: Bom, sem sinais de corrosão.

Dimensões: 46,42 mm (comprimento); 5,33 mm (largura do arco); 2,18 mm (espessura do arco); 6,38 mm (largura do pé); 1,46 mm (espessura do pé).

Paralelos: Fíbula de Asotskoe (Lituânia) e fíbula de *Rouillé*, sítio francês homónimo que proporcionou a designação do tipo (Nuño González 1989: 184, citando Schulze-Dörrlamm 1986: 652-654).

Cronologia: Século V aos inícios do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do século III a finais do V (Ponte 2006: 483). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; 2004: 119). Último quartel do século V ou primeiro do século VI (Nuño González 1989: 185).

Observações: Similar a outro exemplar igualmente exumado em Conimbriga: Fb - 01 (MMC, inv. A.292.7).

Bibliografia: Nuño González 1989: 183-184; 186; 205, fig. X, nº 48; 206, fig. XI; Rodríguez Resino 2003: 284; idem: 2004: 119-120; Ponte 2006: 483, nº 294.

Fb - 08 **Est. XXVIII, fig. 77, 78 e 79, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 69.293.

Descrição: Fíbula em bronze, com aro de secção semi-circular.

O entalhe apresenta tamanho similar ao do pé, cuja superfície exterior se apresenta decorada com caneluras.

Possui mola bilateral, em corda.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 29,03 mm (comprimento); 2,55 mm (largura do arco); 1,66 mm (espessura do arco).

Paralelos: Fíbulas recolhidas em Santa Vitória do Ameixial, Estremoz (tipo Ponte 47.1a, nº 289) e em Idanha-a-Velha (tipo Ponte 47.2a, nº 292) (Ponte 2006: 482-483).

Fíbulas recolhidas em Svábenice (Mähre, Europa Central) (Nuño González 1989: 183, citando Schlunk 1981: 285).

Exemplares característicos da Eslováquia e da Morávia ou, genericamente, da Europa Central, exumados em sítios quado-suevos e suevos tardios (Rodríguez-Aragón 1997: 634).

Ar de família com fíbula de Hinojal (Nuño González 1989: 182).

Cronologia: Inícios do século V aos alvores do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Finais do século III/inícios do IV a finais do século V (Ponte 2006: 389; 482). Intervalo de tempo compreendido, eventualmente, entre as primeiras décadas do século V e o primeiro quartel do século VI (Nuño González 1989: 185). Posterior a 467, data da tomada de Conimbriga (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 641). Século V (Rodríguez Resino 2003: 284; idem 2004: 119).

Observações: Esta peça, à semelhança de duas outras, também integradas no presente Catálogo: Fb - 04 (MMC, inv. A. 710) e Fb - 05 (MMC, inv. A.3424), não congrega propriamente as características das *Armbrustfibeln* fundidas. A particularidade mais singular que apresentam refere-se ao facto de mola e a agulha não constituírem elementos independentes, antes se formando a partir do próprio aro.

Porém, participam de um mesmo tronco comum, com raízes na Europa de Leste: na Roménia, na antiga U.R.S.S., em vários sítios da região polaca, no Danúbio Médio e na área de influência da cultura de *Sîntana de Murs* (Nuño González 1989: 182).

A questão não se afigura consensual, pois as peças em causa aparecem também classificadas como fíbulas de besta (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629) ou como tipo Ponte 47, referente ao grupo que a autora define para as *Armbrustfibeln.* O caso concreto da fíbula em análise concerne, à semelhança de Fb - 05, ao subtipo Ponte 47.1a (Ponte 2006: 387; 389; 482, nº 288 e nº 290).

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 115-116; lâmina XXVI, nº 31; Nuño González 1989: 182-184; 186; 205, fig. X, nº 53; 206, fig. XI; Alarcão 1994: 134, nº 410.12; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 629, nº 7; 632, fig. 2, nº 2; 633-634; 641; Rodríguez Resino 2003: 284; 295, fig. 2; idem: 2004: 119-120; Ponte 2006: 387, 47.2a; 482, nº 290.

Fb - 09 **Est. XXIX, fig. 80.**

Prov.: Falperra (Freg. Esporões; Conc. Braga; Dist. Braga).

Depósito: MRADS, Braga. **Nº de Inv.:** N43146 1991.2701.

Descrição: Fíbula tipo *Desana,* do grupo das *Bügelknopfibeln,* fundida em molde, presumivelmente bivalve, pelo método de cera perdida,

Produzida em prata damasquinada (Nuño González 1989: 204, fig. IX, nº 44) ou através da conjugação entre bronze e ferro (Ponte 2006: 484), apresenta-se incompleta, destituída de mola e fuzilhão.

O arco ostenta secção semicircular, sendo o pé longo e espatulado.

Os motivos decorativos respeitam a linhas douradas dispostas na horizontal e colocadas de modo paralelo entre si, ao longo de toda a superfície exterior e lateral do arco e do pé, por seu turno respectivamente rematados através de três botões, em forma de *T*.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 74 x 30 mm (Ponte 2006: 484, nº 299).

Paralelos: Fíbulas de Altenerding (Nuño González 1989: 183, citando Schlunk 1979: 285). Peça recolhida no Cerro de San Juan, Briviesca (Burgos), tipo *Desana* (Nuño González 1989: 184; 203, fig. VIII, nº 35). Objectos recolhidos na estação epónima de Desana e em Rímini (Itália), em Erding-Alternending e em Bordesholm (Alemanha) (idem: 184). Exemplares da Europa Central de raiz sueva (Rodríguez Resino 2004: 119).

Cronologia: Segunda metade do século V a inícios do VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Intervalo de tempo compreendido entre o derradeiro quartel do século V e o primeiro do século VI (Nuño González 1989: 185). Inícios ou segunda metade do século V (Rodríguez Resino 2003: 284; 2004: 119).

Observações: A integração desta peça no grupo das *Bügelknopfibeln* afigura-se consensual entre os autores que a ela se referiram de modo particular.

Bibliografia: Nuño González 1989: 180; 183; 185; 204, fig. IX, nº 44; 206, fig. XI, nº 44; 2121, fig. XVI, nº 1; López Quiroga; Rodríguez Lovelle 1999: 230; Rodríguez Resino 2003: 284; idem 2004: 119; Ponte 2006: 387, 48.1c; 484.

Fb - 10 **Est. XXX, fig. 81, 82 e 83, nº 1 e 2.**

Prov.: Quinta de Marim (Freg. Quelfes; Conc. Olhão; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.847.2 / 983.1016.3.

Descrição: Fíbula discóide em bronze, fundido em molde.

A superfície frontal apresenta-se profusamente decorada. A cerca de 2 mm do limite exterior da peça arranca uma banda com motivos incisos, de configuração aproximadamente triangular.

Seguem-se vários ornatos, incisos ou puncionados, sendo que, no campo central figura o elemento fulcral da peça: uma figura humana estilizada, obtida a partir de múltiplas incisões, rectilíneas, triangulares ou sob a forma de *SSS*.

A cabeça, correspondente a um círculo inciso, surge ladeada por nove elementos puncionados, que criam uma espécie de coroa ou auréola.

No verso encontra-se uma placa pregada com rebites, de extremos revirados e, no lado oposto, um outro cravo, eventualmente para apoio da ponta do fecho.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 37,54 x 35,85 mm (diâmetro);

Paralelos: Fíbulas nº 17 e 18 recolhidas na necrópole de Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares) (Fernandez-Galiano 1976: 49, fig. 28.30 e 28.31; 67; 69; 70; Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 124, nº 17 e 18; 127, fig. 55, nº 17 e 18; 220, lâmina 22). Fíbulas exumadas na sepultura 227 de Duratón (Segóvia), em termos morfológicos (Molinero Pérez 1948: 158; lâmina XXXIV, fig. 1; Bierbrauer 1997: 189, lâmina 5, nº 1; lâmina 10, nº 6). A cronologia apontada para este tipo de peça radica no século VI (M. Santa-Olalla 1934: 169; Ripoll López 1985: 57), ou, mais concretamente, entre 525 a6 560/80 (Ripoll López 1989 a: 569; idem 1998: 51).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: A peça foi exumada na sepultura nº 4 do cemitério cristão de Marim.

A escassez deste tipo de fíbula na Península, face à profusão de achados notada nos países em torno do Reno, levou a que fossem considerados como produtos importados ou, eventualmente, como imitações regionais dos mesmos (Fernandez-Galiano 1976: 67-68).

Bibliografia: Almeida 1962: 243; lâmina LXV, fig. 355; Palol Salellas 1966: 47, nº 15 (bis).

Fivelas:

Fv - 01 **Est. XXXI, fig. 84, 85 e 86, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.805 / 2003.9.2. ou 806 (Almeida 1962: 241) (MNA).

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, com aro de forma oval e secção elíptica.

O fuzilhão, escutiforme, com agulha de secção triangular, adapta-se à base, rectilínea e com menor espessura, através de um gancho fixo.

Na base do fuzilhão, a incisão de sulcos colocados na horizontal perfaz a presença de caneluras.

A agulha denota tendência levemente triangular, a qual se revela plenamente assumida no extremo da peça.

Estado de conservação: Razoável/mau. O bronze apresenta sinais de degradação e corrosão e ambas as superfícies (frente e verso), quer do aro quer do fuzilhão.

Dimensões: 26,50 mm x 32,93 (diâmetro do aro); 10,20 (diâmetro do gancho). 34,27 (comprimento do fuzilhão); 7,92 mm (largura do aro); 12,3 mm (largura da base do fuzilhão); 5,46 mm (espessura do aro); 4,30 mm (espessura do fuzilhão).

Paralelos: Fivela procedente de Alcaria, Caldas de Monchique (Viana *et al.* 1949: 3; 6, est. II; 7, III, nº 7; Formosinho *et al.* 1953: 128; 132-133; est. XXXIII, nº 175; Almeida 1962: 242). Fivela de Balsa (?), Tavira (Colecção privada de Joaquim Pacheco) (Almeida 1962: 242). Exemplar recolhido na necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues 1978: 15; 83; 97). Fivela exumada na sepultura 191 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: lâmina XXXII, fig. 4). Fivela recolhida na necrópole de Afligidos "O" (Madrid) (Fernandez-Galiano 1976: 48, fig. 27.5). Fivela da sepultura 141 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 112; 114, fig. 35, nº 1). A cronologia apontada para este tipo de peça poderá centrar-se entre 480/490 a 525 (Nível II) ou entre cerca de 525 a 560/580 (Nível III) (Ripoll López 1998: 48-49; 51).

Cronologia: Último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Arruda 1994: 234).

Observações: Nem a fivela em análise, nem a que se segue (Fv - 02), coincidem com a imagem associada a uma fivela de aro oval com fuzilhão de base escutiforme publicada como procedente da necrópole da Abuxarda (Oliveira 1888-1892: lâmina III, fig. 1; Pereira 1908: 205, fig. 3; Paço 1960: 9-10,

fig. 3, a; 14, 1ª). Neste sentido, chamamos a atenção para o facto de nem todo o material recolhido no referido sítio se encontrar reunido.

Bibliografia: Oliveira 1888-1892: 89; Macedo 1928: 340; Paço 1960: 9; Almeida 1962: 241-242; lâmina LXIV, fig. 348; Palol Salellas 1966: 48, nº 18; Cardoso 1991: 46, fig. 16; Arruda 1994: 234; Inácio 2005: 80.

Fv - 02 **Est. XXXII, fig. 87, 88 e 89, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.806 / 2003.9.3.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, muito semelhante à peça anterior.

O aro apresenta forma ovalada e secção semi-circular.

O fuzilhão, com base escutiforme, possui uma agulha de secção triangular e ponta curva, que encaixa, através de um gancho, na base, rectilínea, fixa e dotada de espessura mais reduzida.

A decoração da base do fuzilhão consiste em dois sulcos incisos, entrecortados por uma canelura ou cordão. Os motivos encontram-se dispostos na horizontal.

Estado de conservação: Razoável. Percepção de algumas zonas avermelhadas.

Dimensões: 20,55 mm x 32,01 mm (diâmetro do aro); 28,25 (comprimento do fuzilhão); 7,85 mm (largura do aro); 13 mm (largura do fuzilhão); 4,85 mm (espessura).

Paralelos: Fivela procedente de Alcaria, Caldas de Monchique (Viana *et al.* 1949: 3; 6, est. II; 7, III, nº 7; Formosinho *et al.* 1953: 128; 132-133; est. XXXIII, nº 175; Almeida 1962: 242). Fivela de Balsa (?), Tavira (Colecção privada de Joaquim Pacheco) (Almeida 1962: 242). Exemplar recolhido na necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues 1978: 15; 83; 97). Fivela exumada na sepultura 191 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: lâmina XXXII, fig. 4). Fivela recolhida na necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Fernandez-Galiano 1976: 48, fig. 27.5). Fivela da sepultura 141 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 112; 114, fig. 35, nº 1). A cronologia apontada para este tipo de peça poderá centrar-se entre 480/490 a 525 (Nível II) ou entre cerca de 525 a 560/580 (Nível III) (Ripoll López 1998: 48-49; 51).

Cronologia: Último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Arruda 1994: 234).

Observações: Nem a fivela em análise, nem a que se segue (Fv - 02), coincidem com a imagem associada a uma fivela de aro oval com fuzilhão de base escutiforme publicada como procedente da

necrópole da Abuxarda (Oliveira 1888-1892: lâmina III, fig. 1; Pereira 1908: 205, fig. 3; Paço 1960: 9-10, fig. 3, a; 14, 1ª). Neste sentido, chamamos a atenção para o facto de nem todo o material recolhido no referido sítio se encontrar reunido.

Bibliografia: Oliveira 1888-1892: 89; Paço 1960: 9; Almeida 1962: 241-242; 256; lâmina LXIV, fig. 347; Palol Salellas 1966: 48, nº 48; Arruda 1994: 234; Pereira 1908: 204

Fv - 03 **Est. XXXIII, fig. 90, 91 e 92, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.821 / 2003.9.14.

Descrição: Aro de fivela em ferro, de tipologia reniforme.

Encontra-se incompleta, fragmentada e desprovida de fuzilhão.

Possui superfícies rugosas, de textura irregular.

Estado de conservação: Razoável. A peça encontra-se consolidada.

Dimensões: 44,15 mm (comprimento); 6,19 mm (largura do aro); 6,25 mm (espessura).

Paralelos: Fivela exumada na sepultura XXVII, de Silveirona II (Estremoz) (Cunha 2004: 238-239; 318; 330; idem 2008: 177, nº 146; 213; 222, fig. nº 162), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre o século V-VII (idem: 107). Fivela em ferro procedente da sepultura nº 8 da necrópole de Rio de Moinhos (Abrantes), datada do século VI (Ferreira 1992: 96, fig. 15; 97, fig. 18, 98, nº 8; 108). Fivela recolhida na sepultura 259-VIII da necrópole de El Carpio de Tajo, nº de inventário 69/32/34, do M.A.N. (Museo Arqueológico Nacional, Madrid) (Ripoll López 1985: 160-161, fig. 62; nº 259-VIII) com cronologia atribuída ao período balizado entre 600/640 a 710/720 (Ripoll López 1998: 61).

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: O século V, abarcado pela proposta cronológica avançada por M. Cunha (Cunha 2008: 107), será demasiadamente recuado para integrar uma fivela reniforme.

Bibliografia: Peça inédita (?).

Fv - 04 **Est. XXXIV, fig. 93, 94 e 95, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Algarve.

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.430 D / 983.1258.6.

Descrição: Fivela em bronze, incompleta e fragmentada, dotada de aro semi-circular.

A superfície frontal apresenta, na zona onde deveria repousar o fuzilhão, entretanto desaparecido, três caneluras decorativas, dispostas na vertical.

Em paralelo e nas partes laterais, são observáveis duas saliências ou lóbulos projectados para o exterior e dispostos em posição sensivelmente simétrica.

Um pouco abaixo da saliência do lado esquerdo (se observada de frente), o aro apresenta-se quebrado.

Estado de conservação: Mau. São evidentes os sinais de corrosão, nomeadamente nas zonas inferiores do aro. O verso encontra-se particularmente alterado.

Dimensões: 27,92 mm (comprimento); 7,02 mm (largura); 5,03 mm (espessura).

Paralelos: -

Cronologia: Século VII, com perduração ao longo das duas primeiras décadas do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Muito embora não tenha sido reconhecido um paralelo para a peça em análise, as características que apresenta apontam para um enquadramento cronológico mais tardio.

Bibliografia: Peça inédita.

Fv - 05 **Est. XXXV, fig. 96 e 97.**

Prov.: Beja (Freg. Santa Clara de Louredo; Conc. Beja; Dist. Beja).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** Au 124.

Descrição: Peça em ouro, constituída por um aro de configuração circular, por uma placa de fixação ao cinto e por um fuzilhão.

O aro, de espessura irregular, apresenta seis alvéolos decorativos: quatro de forma circular e dois de aparência amendoada. Destes, dois implantam-se na zona mais avançada da argola, sensivelmente onde o fuzilhão curva, para o arranque da cabeça zoomórfica; dois surgem na parte mais central do aro e os restantes, nas imediações da charneira ou dobradiça. Todos se posicionam de modo simétrico; ostentam granadas avermelhadas incrustadas, à excepção das cavidades centrais, das quais se encontram ausentes.

Na zona onde a espessura do aro é mais reduzida encaixa a charneira, que permite a articulação com a placa. Nesta, lateralmente, persistem ainda os três cravos ou rebites de cabeça arredondada, que permitem a fixação ao cinto. No centro, no interior de uma cavidade definida por uma parede em ouro, encontra-se embutido um cabuchão ou grande granada ovóide.

O fuzilhão, móvel, apresenta, sensivelmente na parte central da agulha, uma cavidade vazia, de configuração rectangular, onde deverá ter figurado uma granada, entretanto desaparecida. Depois, uma zona recurva marca o arranque da cabeça do zoomorfo estilizado, possível canídeo, sendo visíveis as orelhas, os olhos com granadas engastadas e o contorno bem definido do focinho.

Estado de conservação: Excelente.

Dimensões: 52 mm (comprimento); 24,35 mm (diâmetro do aro da fivela); 24,47 mm (diâmetro da placa); 17,58 mm x 13,99 mm (diâmetro da granada); 2,2 mm (altura); 33,19 mm (comprimento do fuzilhão); 29,85 g (peso).

Paralelos: Broches nº 5 e 6 de Kertch. Broche de Novikovskij sklep (Kertch), no que se refere ao remate zoomórfico da agulha. Broche de cinturão nº 7, em prata, da sepultura de Regöly (Tolna, Hungria). Peça de Moigrad (Roménia), ao nível da decoração policroma. Broche de Fontenay-le-Marmion (Calvados), relativamente ao grande cabuchão que adorna a placa (Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 637; (Rodríguez Resino 2002: 126). Constam de exemplares com cronologia atribuída a meados do século V (Pérez Rodríguez-Aragón: 637).

Cronologia: Século V.

Propostas cronológicas de outros autores: Século V (Hauschild 1986: 152; Mattoso 1992: 344). 450-480/490 (Kazanski; Perin 1997: 201). Meados do século V (Pérez Rodríguez-Aragon 1997: 641). Séculos IV-V (Lebedinsky 2001: 81).

Observações: Nível de classificação: Interesse Nacional.

Bibliografia: Campos 1906: 285; Martínez Santa-Olalla 1934: 169-170, nº 1 e 2; Supiot 1934: 53-54, fig. 5, I. b; Figueiredo e Paço 1947: 17-18; Viana 1953: 185; 187-188; idem 1960: 6; idem 1961: 10; Cardozo 1967: 343; Almeida 1962: 108; 239; 241; 251; lâmina LXIII, fig. 345; Maya González 1985: 180; Hauschild 1986: 152;154; Barroca 1987: 78; Mattoso 1992: 344; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 631, nº 17; 635, fig. 4, 3; 637; Lebedinsky 2001: 81, nº 1; Rodríguez Resino 2003: 296, fig. 3; idem: 2004: 124-126; Santos 2008: 364-365, b); 681.

Fv - 06 **Est. XXXVI, fig. 98, 99 e 100.**

Prov.: Beja (Freg. Santa Clara de Louredo; Conc. Beja; Dist. Beja).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** Au 125.

Descrição: Fivela em ouro, constituída por um aro de configuração circular, uma placa decorada articulada, para fixação ao cinto e um fuzilhão.

O aro, de secção elipsoidal e espessura variável, apresenta-se liso, destituído de qualquer ornamento. Na zona inferior da argola, de espessura mais reduzida, é visível a charneira ou dobradiça da placa, que ali encaixa e se articula, sendo que o apêndice esquerdo se encontra fragmentado na base.

A charneira encontra-se soldada ao corpo principal da placa, que deveria fixar-se ao cinto através dos três rebites ou cravos de cabeça arredondada, observáveis na superfície frontal, circundando o elemento central, com decoração cloisonnée. Este, subdividido em cavidades alveolares, ostenta uma estrela de quatro pontas, que irradiam de um círculo colocado em posição central ou antes um motivo floral, dotado de quatro pétalas.

Cada alvéolo ou cavidade apresenta uma granada de cor castanha avermelhada encastoada, adaptada à configuração das pequenas divisórias em ouro.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 2,6 x 2,5 cm (argola); 5,5 cm (ponta do fuzilhão); 2,6 cm (altura); 48,82 (peso).

Paralelos: Fivela de proveniência desconhecida, eventualmente adquirida em Portugal e depositada no British Museum (Almeida 1962: 239; 241; lâmina LXIII, fig. 346). Peça integrada na Colección del Instituto Valencia de Don Juan (Madrid), oriunda da necrópole de Castiltierra (Segóvia), com cronologia centrada no século V (Martínez Santa-Olalla 1934: 170). Peça oriunda de Kertch (Ucrânia) e exemplar recolhido em Lébény (Hungria) (Lebedinsky 2001: 81, nº 2 e nº 3). Novo broche de Lébény (Rodríguez Resino 2004: 126, nº 16). Peça de Fürst (Alemanha) (idem 2004: 126, nº 17). Exemplar recolhido na sepultura principesca de Pouan (Aube) (Kazanski e Périn 1997: 201-202, fig. 1, nº 3), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre 450-480/490 (idem: 201).

Cronologia: Século V.

Propostas cronológicas de outros autores: Século V (Hauschild 1986: 152). Segundo quartel do século V, contemporânea do Império de Átila (Pérez Rodríguez-Aragon 1997: 641).

Observações: Nível de classificação: Interesse Nacional.

In Pérez Rodríguez-Aragón, é atribuída a esta peça procedência galega. Em contrapartida, a fivela com nº de inventário Au 127, do MNA, essa sim, oriunda da Galiza, é tida como originária das tumbas de Beja.

Bibliografia: Campos 1906: 285; Martínez Santa-Olalla 1934: 169-170, nº 1 e 2; Figueiredo e Paço 1947: 17-18; Viana 1953: 185; 187-188; idem: 1960: 6; Almeida 1962: 108; 239-241; 251; lâmina LXIII,

fig. 344; Cardozo 1967: 343; Hauschild 1986: 152;154; Barroca 1987: 78; Mattoso 1992: 338; 344; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 631, nº 14; 635, fig. 4, 1; Rodríguez Resino 2003: 296, fig. 3; idem: 2004: 124-126; Santos 2008: 364-365, a); 681.

Fv - 07 **Est. XXXVII, fig. 101, 102 e 103, nº 1 e 2.**

Prov.: Casais Velhos (Freg. Cascais; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** CV.696.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde bivalve por impressão em areia, de tipologia reniforme.

Encontra-se incompleta e destituída de fuzilhão, devendo proceder de uma peça compósita: um broche de cinturão articulado, com placa rígida liriforme.

Na superfície frontal, a parte superior revela ainda o encaixe para apoio do fuzilhão, sob forma de uma depressão ou ligeira concavidade, bem definida lateralmente.

Os apêndices ou suportes do eixo da charneira encontram-se quebrados.

Estado de conservação: Bom/razoável. Na superfície frontal, relativamente regular, as áreas mais degradadas coincidem com o espaço ocupado pelos apêndices, prolongando-se desde o término dos referidos elementos até ao limite inferior do aro. O verso revela alguns vestígios de concreções, nomeadamente concentrados do lado direito da zona de suporte do eixo da charneira.

Dimensões: 28,88 mm x 39,96 mm (diâmetro); 4,28 mm (espessura).

Paralelos: Fivela do broche de cinturão recolhido em Begastri (Cehegin, Murcia) (Vallalta Martínez 1988: 304; 306). Fivela exumada na sepultura 248 de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: lâmina XXXIV, fig. 4). Fivela do broche de cinturão do sítio de Indiana-Barrio del Prado (Pinto, Madrid) (Morín de Pablos *et al.* 2006: 85). Fivela do broche de cinturão da sepultura 196 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 131; 133, fig. 46, nº 1; 218). Fivela do M.A.N. (nº de inventário MAN-86/84/43), possivelmente oriunda da zona de Sevilha (idem 1986: 55; 74; nº 57; 78). Fivela nº 125 da Colecção Sevilhana (idem 1998: 161; 348; lâmina XLI, nº 125). Fivela do broche de cinturão procedente de S. Caetano (Chaves) (Cardozo 1942: 253). A integração deste tipo de peça deverá remeter para os finais do século VI/princípios do VII, perdurando eventualmente ao longo das primeiras décadas do século VIII (Ripoll López 1985: 61; Vallalta Martínez 1988: 306).

Cronologia: Intervalo compreendido entre os finais do século VI/inícios do VII e os alvores do século VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Inédita (?).

Fv - 08 **Est. XXXVIII, fig. 104, 105 e 106, nº 1 e 2.**

Prov.: Castelo Velho (Freg. Freixo de Numão; Conc. Vila Nova de Foz Côa; Dist. Guarda).

Depósito: Professora Doutora Susana Oliveira Jorge (em estudo). **Nº de Inv.:** -

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, com aro semi-circular. Possui extremos ou volutas voltados para o interior, apoiadas sobre a charneira ou dobradiça perpendicular.

Representará um exemplar de um protótipo de tipo *Simancas*.

Encontra-se incompleta, faltando não só o fuzilhão, como também a placa com a qual comporia um broche de cinturão ou *cingulum militae.*

Apresenta decoração na superfície frontal, circunscrita ao campo subjacente ao aro e superior a cada um dos apêndices. Refere-se a duas caneluras, colocadas na horizontal e paralelas entre si.

Estado de conservação: Razoável, sendo que algumas zonas evidenciam certa degradação. Na superfície frontal, os sinais de deterioração podem ser observados no extremo do apêndice do lado esquerdo e na parte inferior da segunda canelura. O verso encontra-se em pior estado de conservação, sendo perceptíveis áreas escurecidas no aro e alterações na zona de quebra.

Dimensões: 25,98 mm x 25,20 mm (diâmetro); 6,43 mm (espessura do apêndice do lado esquerdo); 2,75x2,70 mm (diâmetro da perfuração para passagem dos fios, no apêndice do lado direito).

Paralelos: Fivela do broche de cinturão de Burgos (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 248; 261), com cronologia centrada no século IV (Palol Salellas 1969: 140, fig. 6; 149) ou na segunda metade/finais do século IV a meados do século V (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 255).

Cronologia: Finais do século IV a meados do século V.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Silva e Jorge, no prelo.

Fv - 09 **Est. XXXIX, fig. 107, 108 e 109, nº 1 e 2.**

Prov.: Castro de Avelãs (Freg. Castro de Avelãs; Conc. Bragança; Dist. Bragança).

Depósito: MSMS, Guimarães. **Nº de Inv.:** MSA - 2764 (c).

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde.

Possui aro ovalado, de secção semi-circular, com fuzilhão encaixado, de base escutiforme, ligeiramente assimétrico e adaptado à base rectilínea, mais fina, através de um gancho curvo.

A agulha, de secção triangular, apresenta estreitamento, sensivelmente a meio do seu comprimento.

Estado de conservação: Razoável. São perceptíveis algumas concreções, nomeadamente no fuzilhão.

Dimensões: 33,92 (diâmetro do anel); 32,55 mm (comprimento do fuzilhão); 11,63 mm (largura do fuzilhão); 9,49 mm (espessura do anel).

Paralelos: Fivela recolhida na sepultura 6 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 142; lâmina XXV, fig. 1). Fivela exumada na sepultura 89 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo). Fivela nº 7, recolhida em sepulcro não numerado da mesma necrópole (Ripoll López 1985: 76; 77, fig. 14, nº 2; 78; 170-171, nº 7), com cronologia centrada no período compreendido entre 480/490 e cerca de 525 (Ripoll López 1998: 48-49).

Cronologia: Último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Bibliografia: Pinheiro 1888: 77; 84.

Fv - 10 **Est. XL, fig. 110, 111 e 112, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A.22.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde.

Possui aro oval, com secção hexagonal, decorado, na superfície frontal, por incisões levemente oblíquas. As zonas laterais do aro ostentam também elementos incisos, muitas vezes dispostos dois a dois e paralelos entre si, perfazendo motivos triangulares.

Originalmente, deviam figurar ao longo de todo o aro. Porém, alguns encontram-se

apagados.

Na base da peça, o eixo apresenta espessura mais reduzida, nele encaixando o gancho do fuzilhão, ainda conservado. Este apresenta forma de cone alongado, sendo decorado com molduras, criadas por duas linhas incisas e paralelas, dispostas na horizontal, que delimitam o campo central, onde outras linhas incisas perfazem motivos em cruz ou triangulares.

A sua base denota contorno semi-circular; é aplanada na zona que precede o arranque do gancho.

Estado de conservação: Bom. Peça consolidada.

Dimensões: 40,23 x 23,13 mm (diâmetro do anel); 32,06 mm (comprimento do fuzilhão); 6,20 mm (largura do aro); 5,75 mm (espessura do aro).

Paralelos: Fivela recolhida na sepultura 199 da necrópole de Duratón (Segóvia), em termos morfológicos (Molinero Perez 1948: 156; lâmina XXXIII, fig. 1). Fivela nº 2 da sepultura C e nº 2 da sepultura 209 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo), em razão da profusa decoração geométrica patente no aro e fuzilhão (Ripoll López 1985: 71, fig. 11, nº 2; 144; 146-147, fig. 54, nº 2). Fivela nº 2 da Colecção Sevilhana (idem 1998: 71; 276; lâmina I, nº 2), atribuível ao século VI, entre cerca de 525 e 560/580 (Ripoll López 1998: 51).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142, nº 435.12).

Observações:

Bibliografia: Alarcão 1994: 142, nº 435.12.

Fv - 11 **Est. XLI, fig. 113, 114 e 115, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 54.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, de reduzida dimensão, tipo *Simancas*.

O aro apresenta forma rectangular, muito recortada. Os lados exteriores, côncavos, culminam em botões salientes, pormenor que confere à peça uma configuração trapezoidal.

O eixo da dobradiça é independente do corpo e da fivela e encaixa nos apêndices conservados.

O fuzilhão possui um gancho recurvo, sendo a agulha móvel e simples, de secção quadrangular. Estreita progressivamente, até ao limite, muito fino.

Estado de conservação: Razoável/Bom. Peça consolidada.

Dimensões: 27,62 x 19,93 mm (diâmetro); 3,07 mm (largura do aro); 1,68 mm (espessura do travessão de encaixe do fuzilhão).

Paralelos: Fivela exumada na Citânia de Briteiros (Cardozo 1961: fig. 6; idem 1990: 55; Palol Salellas 1969: 143, fig. 25, nº 11) com cronologia centrada no século IV, preferencialmente, na segunda metade da referida centúria (Palol Salellas 1969: 159-160). Fivela pertencente ao broche de "La Morterona", Saldaña (Palência) e fivelas de placas de cinturão da sepultura 1 de Fuentespreadas (Zamora) (Pérez Rodríguez-Aragón; Viñe Escartín 1989: 230, fig. 3, nº 1, nº 2 e nº 8; Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 259, fig. 4, nº 1 e nº 5), com cronologia atribuída ao último terço do século IV ou primeira metade do V (Pérez Rodríguez-Aragón; Viñe Escartín 1989: 223; Pérez Rodríguez-Aragón: 261, fig. 6).

Cronologia: Finais do século IV ou primeira metade do V.

Propostas cronológicas de outros autores: Século IV, preferencialmente na segunda metade da referida centúria (Palol Salellas 1969: 159-160). Alto Império (Alarcão 1994: 142, nº 435.5).

Observações: Exemplar similar a duas peças adiante descritas: Fv - 14 (MMC, inv. 68.659) e Fv - 15 (MMC, inv. 71.140), classificadas como pré-flavianas, em razão do contexto de procedência. Todavia, foi considerada a possibilidade de ambas possuírem cronologia pós-romana, dada a configuração elaborada e rara por elas evidenciada e para a qual não havia sido reconhecido qualquer termo de comparação (Alarcão *et al.* 1979: 96-97).

Bibliografia: Palol Salellas 1969: 143, fig. 25, nº 6; 151-152; Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 249; Alarcão 1994: 142, nº 435.5.

Fv - 12 **Est. XLII, fig. 116, 117 e 118, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A.55.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, de reduzida dimensão.

Possui aro ovalado, de secção uniforme circular. Mantém ainda o fuzilhão escutiforme e gancho completo, de tendência recurva. A agulha revela secção arredondada.

Conserva também a placa, de configuração rectangular, formada por duas folhas de bronze dobradas e dotada de um orifício ou perfuração de contorno circular bem definido, onde deveria ter figurado um cravo ou rebite, entretanto desaparecido.

Estado de conservação: Bom. Peça consolidada.

Dimensões: 21,29 x 14,56 mm (diâmetro do aro); 6,84 mm (largura da base escutiforme); 3,60 mm (espessura do aro).

Paralelos: Fuzilhão da fivela nº 1, recolhida na sepultura 266 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 163, fig. 64, nº 1). Fivela do enterramento 7 de Taniñe (Soria) (Palol Salellas 1969: 144; 148, fig. 26, nº 4; 149, fig. 27, nº 3; 152).

Cronologia: Século V.

Propostas cronológicas de outros autores: Século IV, preferencialmente na segunda metade da referida centúria (Palol Salellas 1969: 159-160). Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142, nº 435.11).

Observações: Os séculos VI e VII, abarcados pela proposta de Adília Alarcão (1994: 142, nº 435.11), configuram um enquadramento demasiadamente tardio para o tipo de peça em análise.

Bibliografia: Palol Salellas 1969: 148, fig. 26, nº 4; 152; Alarcão 1994: 142, nº 435.11.

Fv - 13 **Est. XLIII, fig. 119, 120 e 121, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 68.40.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, com aro ovalado e bombeado, de secção semi-circular. O fuzilhão, ainda integrado na peça, articula-se, através de um gancho curvo, encaixado na zona mais fina do aro.

Possui uma base escutiforme, na qual figura uma linha incisa, disposta na oblíqua.

A agulha é apontada e afunilada.

Estado de conservação: Bom. Peça consolidada.

Dimensões: 37,70 x 25,85 mm (diâmetro do aro); 10,47 mm (largura do aro); 4,90 mm (espessura da base escutiforme).

Paralelos: Exemplar nº 7, procedente da necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 122, nº 7; 125, fig. 54, nº 7; 221, lâmina 21). Fivela exumada na sepultura 165 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 151; lâmina XXX, fig. 3). Fuzilhão da fivela nº 5, oriundo na sepultura 119 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 92; 94, fig. 23, nº 5), com cronologia atribuída aos séculos V-VI (idem 1998: 48-49).

Cronologia: Séculos V-VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI (Alarcão 1979: 97). Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142, nº 435.13).

Observações:

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 101, nº 73; lâmina XXI, nº 73; Alarcão 1994: 142, nº 435.13.

Fv - 14 **Est. XLIV, fig. 122, 123 e 124, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 68.659.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde.

Apresenta configuração rectangular e lados côncavos, que culminam, na zona inferior, em duas protuberâncias, sob forma de botão ou de esfera achatada.

Na parte superior, por seu turno, é observável uma zona definida para encaixe/apoio do fuzilhão, delimitada por duas saliências, dispostas na vertical e paralelas entre si.

A fivela conserva ainda o fuzilhão móvel, com gancho formado por uma folha de metal enrolada na zona de encaixe (travessão). A agulha, por seu turno, é lisa, aplanada e vai estreitando progressivamente até à ponta, onde atinge a espessura mínima.

Estado de conservação: Razoável/bom. Peça consolidada. No entanto e, em ambas as superfícies, algumas zonas corroídas apresentam-se mais escuras, porque destituídas da capa superficial de metal.

Dimensões: 35,58 x 29,54 mm (diâmetro da fivela); 4,74 mm (largura máxima gancho); 1,80 mm (espessura do gancho).

Paralelos: Exemplares exumados na Citânia de Briteiros (Cardozo 1961: fig. 5, nº 3 e 4; idem 1990: 55, fig. 15; Palol Salellas 1969: 143, fig. 25, nº 7 e 8; 151-152), atribuíveis ao século IV e, preferencialmente, à segunda metade da referida centúria (Palol Salellas 1969: 159-160). Peças tipo Simancas, com cronologia compreendida entre a segunda metade/finais do século IV e os meados do século V (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 255).

Cronologia: Finais do século IV a meados do V.

Propostas cronológicas de outros autores: Período pré-flaviano (Alarcão 1994: 142, nº 435.3).

Observações: À semelhança da fivela Fv - 15 (MMC, inv. 71.140), também incluída no presente Catálogo, a peça foi considerada como pré-flaviana, devido ao contexto em que foi descoberta, admitindo-se, no entanto, que possua cronologia pós-romana. É notada a forma elaborada e rara que apresenta e para a qual não foi detectado qualquer termo de comparação (Alarcão *et al.* 1979: 96-97).

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 97; 100, nº 67; lâmina XX, nº 67; Alarcão 1994: 142, nº 435.3.

Fv - 15 **Est. XLV, fig. 125, 126 e 127, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 71.140.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, com leve depressão na parte superior, para apoio do fuzilhão, em ferro.

Apresenta aro de configuração rectangular, razoavelmente conservado, com lados arqueados ou côncavos e vértices da zona superior algo apontados.

Junto ao eixo, igualmente em ferro e de onde arrancam os parcos fragmentos de placa de fixação, ainda visíveis, o aro encontra-se chanfrado.

A fivela conserva ainda parte do fuzilhão, porém com a agulha quebrada sensivelmente a meio da extensão total que deveria abarcar. O gancho, recurvo, encontra-se também incompleto e imobilizado.

Estado de conservação: Razoável no aro. Mau na zona de encaixe da placa e do fuzilhão. Peça consolidada.

Dimensões: 45,03 x 37,62 mm (diâmetro); 11,83 mm (largura, no vértice do aro); 4,60 mm (espessura).

Paralelos: Exemplar exumado na Citânia de Briteiros (Guimarães) (Cardozo 1961: fig. 6; idem 1990: 55; Palol 1969: 143, fig. 25, nº 11; 151-152) atribuível ao século IV e, preferencialmente, à segunda metade da referida centúria (Palol Salellas 1969: 159-160). Peças tipo Simancas, com cronologia compreendida entre a segunda metade/finais do século IV e os meados do século V (Pérez Rodríguez-Aragón 1992: 255).

Cronologia: Finais do século IV a meados do V.

Propostas cronológicas de outros autores: Período pré-flaviano (Alarcão 1994: 142, nº

435.3).

Observações: À semelhança da fivela Fv - 14 (MMC, inv. 68.659), também integrada no presente Catálogo, a peça foi considerada como pré-flaviana, em razão do contexto em que foi descoberta. Admite-se, ainda assim, que o seu enquadramento cronológico seja pós-romano, sendo salientada a configuração elaborada e rara, para a qual não foi identificado qualquer termo de comparação (Alarcão *et al.* 1979: 96-97).

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 97; 100, nº 68; lâmina XX, nº 68; Alarcão 1994: 142, nº 435.4.

Fv - 16 **Est. XLVI, fig. 128, 129 e 130, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 4084.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, com aro em forma de D e eixo rectilíneo, de secção circular.

Encontra-se incompleta, procedendo de um broche de cinturão com placa liriforme.

O aro apresenta-se modelado e, na zona média, algo dilatado.

As duas extremidades configuram uma espécie de lingueta.

Estado de conservação: Bom. Peça consolidada.

Dimensões: 30,56 x 27,31 mm (diâmetro do aro); 6,32 mm (largura); 3,57 mm (espessura).

Paralelos: Fivela do broche de cinturão nº 1 do sepulcro 196, da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 61; 131; 133; 218). Fivela depositada no M.A.N. (Madrid), nº de inventário MAN-86/84/48, supostamente oriunda da zona de Sevilha (idem 1986: 55; 74, nº 64; 79, nº 2), com cronologia centrada nos finais do século VI/princípios do VII, perdurando eventualmente ao longo das primeiras décadas do século VIII (idem 1985: 61) ou compreendida entre 600/640 e 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Intervalo compreendido entre os finais do século VI/inícios do VII e os alvores do século VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Baixo Império (Alarcão 1994: 142, nº 435.7).

Observações: A fivela oriunda de Carpio de Tajo, apontada como paralelo, diverge em alguns pormenores, nomeadamente no contorno mais alongado e na ausência do modelado decorativo lateral. No entanto, representa um exemplar idêntico, a nível tipológico.

Bibliografia: Alarcão 1994: 142, nº 435.7.

Fv - 17 **Est. XLVII, fig. 131, 132 e 133, nº 1 e 2.**

Prov.: S. Miguel (Freg. Caldas de Vizela; Conc. Vizela; Dist. Braga).

Depósito: Perennia Monumenta, Vila Nova de Famalicão. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Aro de fivela em ferro, fundida em molde.

Encontra-se incompleta, destituída da agulha do fuzilhão e da placa com a qual se deveria articular.

Resta apenas o aro, de contorno rectangular e, na base, uma protuberância concrecionada, que poderá corresponder aos restos do gancho que ali se articulava e ao arranque do fuzilhão.

Estado de conservação: Mau. O aro apresenta abundantes sinais de corrosão. A degradação da peça e os óxidos visíveis limitam a observação da peça.

Dimensões: 37,89 mm x 28,27 mm (diâmetro do aro); 14,99 mm (largura da base, na zona de arranque do fuzilhão); 14,88 mm (espessura da base, na zona de arranque do fuzilhão).

Paralelos: Objecto nº 14 da necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 124, nº 14; 127, fig. 55, nº 14; 220, lâmina 20). Fivela recolhida na sepultura nº 176 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 127, fig. 43, nº 176; 128). Fivela do sepulcro 141 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 149; lâmina XXIX, fig. 12), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre finais do século V/inícios do VI e inícios do século VII (Ripoll López 1989b: 402).

Cronologia: Finais do séculos VI, estendendo-se ao longo do VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: A fivela em análise foi exumada *in situ*, no interior de uma das sepulturas que constituíam a necrópole hispano-visigótica de S. Miguel, Caldas de Vizela.

Bibliografia: Arezes 2006: 8; 17.

Fv - 18 **Est. XLVIII, fig. 134, 135 e 136, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.852 / 983.1002.84.

Descrição: Argola de fivela em bronze, fundida em molde, de configuração rectangular.

Encontra-se incompleta e destituída de fuzilhão.

As superfícies apresentam-se lisas e desprovidas de qualquer elemento decorativo.

Na parte frontal, uma leve depressão, agora concrecionada, poderia corresponder ao apoio do fuzilhão, entretanto desaparecido.

Estado de conservação: Regular, mas com alguns sinais de corrosão.

Dimensões: 25,29 mm x 28,74 mm (diâmetro); 3,37 mm (largura); 3,84 mm (espessura).

Paralelos: Argola de fivela procedente de Patalou (Nisa) e integrada no presente Catálogo: Fv - 20. Objecto nº 6, integrado no grupo 3 de Simpson (referência a achados na Hungria), com cronologia atribuída à segunda metade do século IV (Simpson 1976: 196-197; 204). Fivela nº 593, recolhida da sepultura 27 da necrópole de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid), com datação centrada no século VI (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 545, fig. 8, nº 593; 546; 559).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações: O tipo de fivela em análise poderá ter origem romana, sendo, no entanto, detectado em várias necrópoles visigodas localizadas em território espanhol (caso de Alcalá de Henares) e francês (Estagel ou Dugny-sur-Mense) (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 559). Deverá configurar um caso de reutilização de material.

Bibliografia: Almeida 1962: 243; 254; lâmina LXV, fig. 354; Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42; 80; 22 (anexo I).

Fv - 19 **Est. XLIX, fig. 137, 138 e 139, nº 1 e 2.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.852-A / 983.1002.77.

Descrição: Argola de fivela em bronze, fundida em molde, de configuração sub-rectangular, ligeiramente convexa e com cantos boleados.

Encontra-se incompleta e destituída de fuzilhão.

A parte superior e inferior da peça apresentam, respectivamente, um sulco inciso, longitudinal, disposto na horizontal, muito embora não rectilíneo. Depois e, partindo de cada um deles, arrancam outros sulcos, oblíquos e de dimensão mais reduzida.

Alguns deles, nomeadamente na parte inferior da peça, encontram-se esbatidos.

No verso são ainda visíveis dois apêndices conservados, com perfuração para passagem do eixo.

Estado de conservação: Regular, com alguns sinais de degradação no verso da peça.

Dimensões: 60,02 x 43,75 mm (diâmetro); 5,69 mm (largura do aro); 3,04 (espessura máxima); 5,69 mm (extensão de um dos apêndices patentes no verso).

Paralelos: Fivela exumada na necrópole de Pedreira, em Rio de Moinhos (Inácio 2005: 80, citando Ferreira 1992: 96, fig. 13; 97, fig. 16), com cronologia centrada no século VI (Ferreira 1992: 108).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações:

Bibliografia: Almeida 1962: 243; 254; lâmina LXV, fig. 353; Inácio 2005: 42; 80; 22 (anexo I).

Fv - 20 **Est. L, fig. 140, 141 e 142, nº 1 e 2.**

Prov.: Patalou (Freg. Espírito Santo; Conc. Nisa; Dist. Portalegre).

Depósito: Colecção particular: Sr. João Francisco. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Argola de fivela em bronze, fundida em molde, de configuração rectangular.

Encontra-se incompleta e destituída de fuzilhão.

Apresenta aro liso, apenas provido de ligeiros entalhes em dois dos cantos.

Em paralelo e apenas na superfície frontal, é perceptível uma zona aplanada, circunscrita, que deveria servir como apoio para o fuzilhão, entretanto desaparecido. No aro oposto e em posição sensivelmente simétrica, figura uma área de tonalidade ferruginosa, corroída e degradada, onde se deveria articular o gancho do fuzilhão, presumivelmente de ferro.

Estado de conservação: Razoável. São visíveis vestígios de degradação de tonalidade alaranjada/ferruginosa, visíveis em ambas as superfícies.

Dimensões: 26,46 x 33,55 mm (diâmetro); 4,24 mm (espessura).

Paralelos: Argola de fivela procedente de Milreu e integrada no presente Catálogo: Fv - 18 (MNA, inv. 15.852 / 983.1002.84) (Almeida 1962: 243; 254; lâmina LXV, fig. 354). Objecto nº 6, integrado no

grupo 3 de Simpson (referência a achados na Hungria), com cronologia atribuída à segunda metade do século IV (Simpson 1976: 196-197; 204). Fivela nº 593, recolhida da sepultura 27 da necrópole de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid), com datação centrada no século VI (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 545, fig. 8, nº 593; 546; 559).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: O tipo de fivela em análise poderá ter origem romana, sendo, no entanto, detectado em várias necrópoles visigodas localizadas em território espanhol (caso de Alcalá de Henares) e francês (Estagel ou Dugny-sur-Mense) (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 559). Deverá configurar um caso de reutilização de material.

Bibliografia: Peça inédita.

Fv - 21 **Est. LI, fig. 143, 144 e 145, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Quinta de Marim (Freg. Quelfes; Conc. Olhão; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.517 B / 983.1015.7.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, com contorno aproximadamente oval.

Mantém ainda o fuzilhão, de agulha rectilínea e dotado de gancho recurvo, ligeiramente fragmentado na extremidade, o qual se articula na base do aro, de espessura mais reduzida.

Na superfície frontal e, em concreto, na parte superior do anel, observa-se uma leve depressão, local de apoio do fuzilhão.

Estado de conservação: Razoável/mau, pior no verso. Na parte superior do verso é perceptível uma mancha avermelhada e, nas partes laterais, consideráveis sinais de degradação.

Dimensões: 21,36 x 29,53 mm (diâmetro); 24,74 mm (comprimento do fuzilhão); 3,72 mm (largura do fuzilhão); 5,08 mm (espessura do aro).

Paralelos: Fivela descontextualizada, recolhida na necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 147; lâmina XXVIII, fig. 3, nº 38 a). Fivela exumada na sepultura 160 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 123, fig. 40, nº 5; 124).

Cronologia: Século VI (?).

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Graen 2007: 284).

Observações:

Bibliografia: Graen 2007: 275-288.

Fv - 22 **Est. LII, fig. 146, 147 e 148, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.15.75.

Descrição: Fivela com anel ovalado, em bronze, fundido em molde e fuzilhão em cobre, em pior estado de conservação.

Apresenta uma leve depressão na zona superior do aro, para apoio do fuzilhão. Este, fragmentado na ponta, refere-se à parte mais degradada da peça, engatando no anel através de um gancho recurvo, que se move na zona inferior do aro, onde a espessura é mais reduzida. Procede da sepultura 8, tendo sido encontrada em associação com duas facas de ferro e um aplique com contorno de elefante.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 27,49 mm x 19,40 mm (diâmetro do aro); 26,45 mm (comprimento do fuzilhão); 5,36 mm (espessura do aro).

Paralelos: Fivela recolhida na sepultura 22 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 142; lâmina XXV, fig. 3). Fivela exumada na sepultura 198 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 134; 136, fig. 47, nº 2), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre 525 e 560/80 (idem 1998: 51).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Tardo-romana (considerando um intervalo de 2 sigma, dos inícios do século II aos alvores do século V), segundo os autores da escavação, em função das datações obtidas para o material osteológico analisado (Cardoso, J.L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 323-324).

Observações: A fivela em causa procede da sepultura 8 da necrópole de Talaíde, da qual provêm também duas facas e um aplique zoomórfico de aljava (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 412; Cardoso, J.L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 327; 329).

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410, fig. 5, nº 4; 413; Cardoso, J. L., Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 322; 324; 327, fig. 10, nº 4; 329, fig. 11, nº 4; 333, fig. 14, nº 14.

Fv - 23 **Est. LIII, fig. 149, 150 e 151, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.28.75.

Descrição: Fivela em bronze, fundida em molde, de contorno elipsoidal.

Encontra-se incompleta, destituída de fuzilhão. Deveria constituir parte de um broche de cinturão liriforme.

A zona decorada da superfície frontal inscreve-se num espaço rebaixado, sendo que a moldura que o delimita se apresenta em relevo.

Os círculos foram criados através de incisão. No interior de cada um é visível um elemento puncionado.

Os suportes do eixo da dobradiça apresentam-se quebrados.

Estado de conservação: Razoável/bom. São, porém, perceptíveis algumas manchas escuras na superfície frontal e certo grau de corrosão no verso da peça.

Dimensões: 45,51 mm (diâmetro); 8,28 mm (largura); 3,98 mm (espessura).

Paralelos: Fivela depositada no M.A.N. (nº de inventário MAN-86/84/49), supostamente oriunda da zona de Sevilha (Ripoll López 1986: 55; 74, nº 66; 78, fig. 13, nº 4), com cronologia compreendida entre 600/640 e 710/720 (idem 1998: 61).

Cronologia: Século VII aos alvores do VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Início do século VII aos inícios do VIII (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 413; Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 326).

Observações: A fivela em análise foi recolhida na sepultura 14 da necrópole de Talaíde, associada a uma lâmina de foice (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 412; Cardoso, J.L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 327; 329).

A peça apontada como paralelo encontra-se destituída de decoração.

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410, fig. 5, nº 13; 413; Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 322; 326-327, fig. 10, nº 11; 329, fig. 11, nº 3; 333, fig. 14, nº 1.

Fv - 24 **Est. LIV, fig. 152, 153 e 154, nº 1, 2 e 3.**

Est. LV, fig. 155, 156 e 157, nº 1, 2 e 3.

Prov.: Torre de Palma (Freg. Vaiamonte; Conc. Monforte; Dist. Portalegre).

Depósito: MNA - Colecção Americana, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2.TP.85 / F=190.

Descrição: Aro de fivela de forma oval, destituído de decoração, com secção

semi-circular. O fuzilhão, de base escutiforme e secção triangular, deveria adaptar-se à base, rectilínea e com menor espessura, através de um gancho. No entanto, este elemento encontra-se apartado da fivela e o gancho, quebrado, conforme perceptível nas fotos do verso e de perfil.

A parte dianteira da base do fuzilhão, mais próxima da agulha, é decorada através de um sulco inciso, disposto na horizontal. A agulha, por seu turno, ostenta espinha dorsal: uma linha sobrelevada, colocada longitudinalmente e sensivelmente no campo central da superfície frontal, conferindo-lhe a este elemento configuração triangular.

Estado de conservação: Bom. Perceptíveis apenas algumas concreções no verso do aro.

Dimensões: 33,75 mm (diâmetro do anel); 37,39 mm (comprimento do fuzilhão); 7,95 mm (largura da fivela); 14,19 mm (largura do fuzilhão); 5 mm (espessura da fivela); 5,93 mm (espessura do fuzilhão).

Paralelos: Fivela exumada na sepultura 10 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 143; lâmina XXV, fig. 2). Fivela recolhida na necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Fernandez-Galiano 1976: 48, fig. 27.9). Fivela de Balsa, Tavira (Colecção privada de Joaquim Pacheco) e de Alcaria (Caldas de Monchique) (Almeida 1962: 342; lâmina LXIV, fig. 349-350). Fivela da necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues 1978: 15; 83; 97). Fuzilhão de Conimbriga: Fu - 06 (MMC, inv. 68.43) (Alarcão *et al.* 1979: 101; lâmina XXI, nº 74), com cronologia atribuída ao Século VI (idem: 97) ou ao intervalo compreendido entre 480/490 a cerca de 525 (Ripoll López 1998: 48-49).

Cronologia: Último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Fivela integrada na Colecção Americana do Museu Nacional de Arqueologia, estudada com autorização de Maya Langley.

Bibliografia: Peça inédita.

Fuzilhões:

Fu - 01 **Est. LVI, fig. 158, 159 e 160, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2003.9.31.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde.

Constitui parte de uma peça compósita, encontrando-se, porém, isolado e também incompleto. Com efeito, a base apresenta-se fragmentada, correspondendo, aliás, à zona onde se acumularam mais concreções.

A área que se segue à base, entretanto desaparecida, possui quatro caneluras modeladas, dispostas na horizontal e paralelas entre si, sendo que cada uma delas ostenta uma série de linhas incisas verticais.

O gancho, completo, é curvo e apresenta secção triangular.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 36,01 mm (comprimento); 11,40 mm (largura); 7,31 mm (espessura).

Paralelos: Fuzilhão da fivela procedente da sepultura nº 167 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 151; lâmina XXX, fig. 3; lâmina XLVIII, fig. 2, nº 6), com cronologia atribuída aos finais do século V/século VI. Fuzilhão de broche de cinturão depositado no Museu Arqueológico de Barcelona, com cronologia atribuída ao século VI (Kazanski 1991: 102, nº 3).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Oliveira 1888-1892: lâmina III, fig. 11.

Fu - 02 **Est. LVII, fig. 161, 162 e 163, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Velha; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A.10.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde, de base escutiforme.

A superfície frontal da base é decorada através de incisão: duas linhas paralelas definem uma moldura, apenas ausente na zona adjacente ao arranque da agulha. No

campo central, figuram sulcos dispostos de modo aparentemente aleatório, que não geram nenhum motivo concreto.

A agulha, de secção triangular, que se inicia na sequência de um leve ressalto, apresenta na zona de arranque espessura mais reduzida, alargando depois ligeiramente.

O gancho encontra-se muito incompleto, dele restando apenas uma parte diminuta, de contorno circular, apensa ao verso.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 40,18 mm (comprimento total); 19,70 mm (largura da base escutiforme); 6,22 mm (largura da agulha); 3,84 mm (espessura da base); 5,28 mm (espessura da agulha).

Paralelos: Fuzilhão do broche de placa articulada de Buzaga (Elors, Navarra) (Garai-Olaun 1994: 325; est. II). Peças nº 9 e 12 da Colecção Sevilhana (Ripoll López 1998: 71, fig. 5, nº 9 e 12; 278-280; lâmina II, nº 9 e 12).

Cronologia: Século V ou VI, perdurando eventualmente até aos inícios do VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142, nº 435.17).

Observações:

Bibliografia: Alarcão 1994: 142, nº 435.17.

Fu - 03 **Est. LVIII, fig. 164, 165 e 166, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Velha; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A.15.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde, com base escutiforme.

Esta apresenta duas linhas incisas paralelas entre si, dispostas na horizontal, na zona adjacente ao arranque da agulha. Ainda na base, é também perceptível, sensivelmente no campo central, um orifício ou cavidade, onde se encontra fixado o extremo do gancho circular.

A agulha, de perfil sinuoso e irregular, estreita progressivamente até atingir espessura mais reduzida a meio da sua extensão, voltando depois a alargar.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 41 mm (comprimento total); 12,61 mm (largura da base); 7,57 mm (largura da agulha); 5,08 mm (espessura da agulha).

Paralelos: Fuzilhão nº 6, exumado da sepultura 140 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 112-113, fig. 34, nº 6), no que se refere à configuração da agulha. Fuzilhão recolhido na sepultura nº 283 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 160; lâmina XXXV, fig. 1).

Cronologia: Século V ou VI, perdurando eventualmente até aos inícios do VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142, nº 435.15).

Observações:

Bibliografia: Alarcão 1994: 142, nº 435.15.

Fu - 04 **Est. LIX, fig. 167, 168 e 169, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Velha; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 65.86.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde, de base escutiforme e gancho curto, com extremo aplanado.

A agulha, de tendência aplanada, apresenta uma base retraída, alargando progressivamente na direcção da ponta, com secção semi-circular.

A frente apresenta sulcos incisos. Dois deles, paralelos entre si, criam uma moldura que se estende por toda a superfície, à excepção da área adjacente à agulha, onde o ornato surge limitado a um único sulco.

No campo central figura uma estrela de cinco pontas. Depois, na zona superior, são perceptíveis mais dois sulcos, horizontais e paralelos, que encostam à linha interior da moldura. Delimitada pelos referidos sulcos horizontais, bem assim como pelo que mais se aproxima do arranque da agulha, revela-se uma linha ondulante.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 47,98 mm (comprimento total); 10,08 mm (largura da agulha); 25,09 mm (largura da base); 2,65 mm (espessura da base).

Paralelos: Vários exemplares recolhidos em Duratón (Segóvia), Bâle-Bernerring et Schleitheim-Hebsack (Alarcão *et al.* 1979: 97). Em Duratón, assinale-se o fuzilhão da fivela recolhida da sepultura 202 (Molinero Pérez 1948: 156; lâmina XXXIII, fig. 1). Peça nº 11 da Colecção Sevilhana (Ripoll López 1998: 71, fig. 5, nº 11; 315; lâmina 2, nº 11).

Cronologia: Século V ou VI, perdurando eventualmente até aos inícios do VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI (Alarcão *et al.* 1979: 97). Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142, nº 435.16).

Observações: Os paralelos são abundantes em termos morfológicos, sendo o mais próximo o da Colecção Sevilhana. No entanto, não foi detectada uma organização decorativa que se aproximasse particularmente da evidenciada pelo fuzilhão em análise.

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 97; 101, nº 75; lâmina XXI, nº 75; Alarcão 1994: 142, 435.16.

Fu - 05 **Est. LX, fig. 170, 171 e 172, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Velha; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 68.41.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde, de base escutiforme.

A agulha denota leve ressalto, possuindo secção sub-triangular.

A base apresenta, sensivelmente no campo central, uma perfuração ou orifício bem definido, de configuração circular, onde deveria encaixar um dos extremos do gancho, entretanto desaparecido.

A peça ostenta manchas escuras, patentes sobretudo no verso.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 30,02 mm (comprimento total); 15,62 mm (largura da base); 2,23 mm (espessura da agulha); 2,55x2,49 (diâmetro interior da zona perfurada).

Paralelos: Peças exumadas em Duratón (Segóvia), Bâle-Bernerring et Schleitheim-Hebsack (Alarcão *et al.* 1979: 97). Destaque-se, na necrópole de Duratón, o fuzilhão da fivela recolhida na sepultura 45 (Molinero Pérez 1948: 143; lâmina XXVI, fig. 1).

Cronologia: Século V ou VI, perdurando eventualmente até aos inícios do VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI (Alarcão *et al.* 1979: 97).

Observações: O fuzilhão exumado no sepulcro 45, apesar de semelhante em termos morfológicos, não possui orifício na base escutiforme.

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 97; 101, nº 76; lâmina XXI, nº 76.

Fu - 06 **Est. LXI, fig. 173, 174 e 175, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Velha; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 68.43.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde, de base escutiforme e agulha apontada, com espinha dorsal e secção triangular. Encontra-se destituído de gancho.

A base apresenta, na superfície frontal, uma fina canelura disposta na horizontal, a par de um elemento aposto, de configuração aproximadamente circular.

São ainda perceptíveis, junto ao limite da agulha, ténues linhas incisas, paralelas e horizontais.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 20,88 mm (comprimento da agulha); 10,65 mm (largura da agulha); 5,56 mm (espessura da agulha); 17,61 mm (comprimento da base escutiforme); 5,46 mm (espessura da base);

Paralelos: Peças exumadas em Duratón (Segóvia), Bâle-Bernerring et Schleitheim-Hebsack (Alarcão *et al.* 1979: 97). Na necrópole de Duratón, destaque-se o fuzilhão da fivela recolhida na sepultura 183 (Molinero Pérez 1948:154; lâmina XXXII, fig. 2). Fuzilhão nº 5 da necrópole de Afligidos "O" (Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 122, nº 5; 125, fig. 54, nº 5; 221, lâmina 21). Fuzilhão solto de fivela de aro oval, recolhido em Torre de Palma e integrado no presente Catálogo: Fv - 24 (MNA - Colecção Americana, inv. 2.TP.85 / F=190).

Cronologia: Século V ou VI, perdurando eventualmente até aos inícios do VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI (Alarcão *et al.* 1979: 97). Séculos V-VII (Alarcão 1994: 142).

Observações:

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 97; 101, nº 74; lâmina XXI, nº 74; Alarcão 1994: 142, 435.14.

Fu - 07 **Est. LXII, fig. 176, 177 e 178, nº 1 e 2.**

Prov.: Patalou (Freg. Espírito Santo; Conc. Nisa; Dist. Portalegre).

Depósito: Colecção particular: Sr. João Francisco. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Fuzilhão em bronze, fundido em molde.

Encontra-se completo, sendo destituído de decoração.

Procede de uma fivela, possivelmente de forma oval.

A agulha possui secção semi-circular. O gancho apresenta curvatura, porém pouco pronunciada.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 25,26 mm (comprimento); 10,03 mm (largura); 6,92 mm (espessura).

Paralelos: Fuzilhão de fivela de aro oval, recolhida da sepultura 151 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 119, fig. 38, nº 8; 120), com cronologia atribuída ao período compreendido entre cerca de 525 a 560/580 (idem 1998: 51).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Peça inédita.

Anéis:

An - 01 **Est. LXIII, fig. 179, 180 e 181, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.802 / 2003.4.1.

Descrição: Anel em bronze, fundido em molde.

Possui aro plano convexo e mesa modulada, de configuração rectangular, na qual é observável uma moldura, resultado da incisão de um sulco.

No campo central da mesa figuram três peixes, dispostos em posição paralela entre si. Foram obtidos através da incisão de elementos de forma elíptica, com um apêndice triangular em cada uma das extremidades.

O aro, em cada uma das zonas de arranque que partem da mesa, apresenta decoração em espinha. A haste vertical e central culmina, nos pontos limite, em novo motivo triangular.

Estado de conservação: Genericamente bom. Não obstante, são observáveis algumas zonas degradadas na superfície frontal e, no verso, uma leve fractura.

Dimensões: 27,83 mm x 25,46 mm (diâmetro); 11,14 mm (largura da mesa); 5,12 mm (espessura).

Paralelos: Anel oriundo da necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues 1978: 83, fig. 19), no que se refere aos motivos laterais em espinha. Anel recolhido na sepultura nº 186 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 154; lâmina XXXII, fig. 2). Anel procedente da província de Salamanca, com cronologia atribuída aos séculos VI-VII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Arruda 1994: 234).

Observações: Anel proveniente da sepultura de um indivíduo de sexo feminino.

In Arruda, encontra-se, no nº 287, a descrição referente a esta peça, porém associada a uma imagem e nº de inventário não coincidentes.

Bibliografia: Almeida 1962: 238; 256; lâmina LXI; fig. 336; Palol Salellas 1966: 48, nº 18; Cardoso 1991: 46, fig. 16; Arruda 1994: 234.

An - 02 **Est. LXIV, fig. 182, 183 e 184, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.803 / 2003.8.2.

Descrição: Anel de fita, em bronze, fundido em molde.

Consta de uma peça muito leve, com zonas levemente fragmentadas e de perfil irregular.

Em algumas zonas do aro mantém decoração à base de linhas incisas, dispostas na oblíqua.

Estado de conservação: Razoável/mau.

Dimensões: 20,31 mm x 19,98 mm (diâmetro); 4,74 mm (largura); 0,70 mm (espessura).

Paralelos: Anéis G e H procedentes de Salamanca (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Este tipo de anel possui ascendente na tradição romana, tendo sofrido particular difusão em época visigoda (Morín de Pablos 2006: 204).

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 03 **Est. LXV, fig. 185, 186 e 187, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.812 / 2003.6.1.

Descrição: Dois fragmentos de anel de fita em bronze.

Num deles, o mais regular, quatro linhas incisas colocadas na vertical, a par de dois outros sulcos cruzados, também incisos, um disposto na horizontal, outro na vertical, poderão representar a única tentativa de promover a decoração do aro.

No segundo fragmento, de perfil mais sinuoso, a ter existido algum ornamento, foi entretanto apagado.

Estado de conservação: Mau. São visíveis abundantes sinais de degradação do metal.

Dimensões: 18,31 mm (diâmetro de um dos fragmentos); 3,57 mm (largura); 0,67 mm (espessura).

Paralelos: Anéis G e H recolhidos em Salamanca (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Este tipo de anel radica em protótipos romanos, tendo sido bastante difundido em época visigoda (Morín de Pablos 2006: 204).

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 04 **Est. LXVI, fig. 188, 189 e 190, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.822 / 2003.7.1.

Descrição: Três fragmentos de anel de fita em bronze, dois dos quais proporcionam colagem.

Na superfície exterior do aro de cada um dos fragmentos, é visível decoração incisa, sob a forma de linhas sequenciais, colocadas na vertical ou oblíqua, de modo a criar motivos geométricos, de configuração essencialmente triangular.

Estado de conservação: Mau. A particular fragilidade da peça implicou fortes dificuldades ao nível da representação.

Dimensões: 16,69 mm (diâmetro de um dos fragmento); 5,97 mm (largura); 0,87 mm (espessura).

Paralelos: Anel exumado na sepultura 6 da necrópole de Talaíde (An - 22, MCCG, inv. TA.35.75) e anel nº 9, de latão, procedente da sepultura 12 da mesma necrópole (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 327, fig. 10, nº 9; 333, fig. 14, nº 11), com datação apontada para o século VII (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 324; 326). Anéis G e H recolhidos em Salamanca, com cronologia atribuída ao período compreendido entre o século VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Peça idêntica a três anéis recolhidos no mesmo cemitério (An - 05, MNA, inv. 20.822 / 2003.9.15, An - 07, MNA, inv. 20.828 / 2003.9.20 e An - 09, MNA, inv. 2003.9.7).

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 05 **Est. LXVII, fig. 191, 192 e 193, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.822 /2003.9.15.

Descrição: Pequeno fragmento de anel de fita em bronze.

Apresenta decoração incisa na superfície exterior, referente a linhas colocadas no sentido vertical e oblíquo, que geram assim motivos geométricos, de configuração triangular. Parte dos sulcos encontra-se, porém, interrompida, circunstância que poderá derivar do desgaste da peça ou da abundante presença de concreções, responsáveis pela ocultação das incisões.

Estado de conservação: Mau. Possui abundantes concreções, nomeadamente na superfície exterior, mais deteriorada.

Dimensões: 12,07 mm x 5,40 mm (diâmetro total do fragmento); 1,38 mm (largura); 0,76 mm (espessura).

Paralelos: Anel exumado na sepultura 6 da necrópole de Talaíde (An - 22, MCCG, inv. TA.35.75) e anel nº 9, de latão, procedente da sepultura 12 da mesma necrópole (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 327, fig. 10, nº 9; 333, fig. 14, nº 11), com datação apontada para o século VII (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 324; 326). Anéis G e H recolhidos em Salamanca, com cronologia atribuída ao período compreendido entre o século VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Peça idêntica a três anéis recolhidos no mesmo cemitério (An - 04, MNA, inv. 20.822 / 2003.7.1, An - 07, MNA, inv. 20.828 / 2003.9.20 e An - 09, MNA, inv. 2003.9.7).

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 06 **Est. LXVIII, fig. 194, 195 e 196, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.826 / 2003.9.18.

Descrição: Anel de fita em pasta lameliforme.

O aro não se apresenta fechado. Os extremos, ligeiramente desencontrados, são aplanados e destituídos de decoração.

Esta, restrita a um campo limitado, consta de elementos puncionados, alternando com linhas incisas. Em paralelo a esta organização, verifica-se também a presença de dois sulcos, dispostos na horizontal, cada um dos quais colocado em posição adjacente ao limite superior ou inferior do aro, delimitando assim a zona onde figuram os ornatos.

Estado de conservação: Razoável/mau. Peça muito frágil e deteriorada, circunstância de que

advêm fortes dificuldades de manuseamento e, consequentemente, de representação gráfica. Possui abundantes sinais de degradação.

Dimensões: 18,72 mm x 18,08 (diâmetro); 5,09 mm (largura); 0,69 mm (espessura).

Paralelos: Anel exumado na sepultura 6 da necrópole de Talaíde (An - 22, MCCG, inv. TA.35.75) e anel nº 9, de latão, procedente da sepultura 12 da mesma necrópole (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 327, fig. 10, nº 9; 333, fig. 14, nº 11), com datação apontada para o século VII (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 324; 326). Anéis G e H recolhidos em Salamanca, com cronologia atribuída ao período compreendido entre o século VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64). Ressalve-se, no entanto, que a organização decorativa da peça em análise apresenta-se ligeiramente divergente, pelo facto de incluir também elementos puncionados.

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Arruda 1994: 234).

Observações: *In* Arruda, apenas a imagem com o nº 287 corresponde ao anel com nº de inventário 20.826. A descrição associada a este nº não é coincidente com a peça, referindo-se antes a An - 01 (MNA, inv. 20.802 / 2003.4.1), recolhido na mesma necrópole da Abuxarda.

Bibliografia: Cardoso 1991: 46, fig. 16; Arruda 1994: 234, nº 287.

An - 07 **Est. LXIX, fig. 197, 198 e 199, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.828 / 2003.9.20.

Descrição: Dois fragmentos de anel de fita em bronze.

Ambos apresentam decoração geométrica: sulcos incisos, dispostos na vertical ou na oblíqua, que configuram motivos geométricos triangulares.

O perfil, sinuoso, denota alterações da configuração inicial da peça.

Estado de conservação: Mau, situação de que decorrem dificuldades de manuseamento e, consequentemente, de representação.

Dimensões: 12,08 mm (diâmetro de um dos fragmentos); 3,92 mm (largura); 0,71 mm (espessura).

Paralelos: Anel exumado na sepultura 6 da necrópole de Talaíde (An - 22, MCCG, inv. TA.35.75) e anel nº 9, de latão, procedente da sepultura 12 da mesma necrópole (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 327, fig. 10, nº 9; 333, fig. 14, nº 11), com datação apontada para o século VII (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 324; 326). Anéis G e H recolhidos em Salamanca, com cronologia atribuída ao período compreendido entre o século VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Anel idêntico a três peças recolhidas no mesmo cemitério, nº de inventário: An - 04 (MNA, inv. 20.822 / 2003.7.1), An - 05 (MNA, inv. 20.822 / 2003.9.15) e An - 09 (MNA, inv. 2003.9.7).

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 08 **Est. LXX, fig. 200, 201 e 202, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2003.7.2.

Descrição: Dois fragmentos de anel em latão (?), em estado de grande fragilidade, circunstância que acarreta particulares dificuldades de manuseamento.

Um deles apresenta incisões no aro, dispostas na vertical, que assim proporcionaram a criação de caneluras. A última delas dista 1,84 mm do sulco inciso com traçado irregular, que marca o arranque da mesa.

No segundo fragmento é observável um sulco vertical, que vem na continuação dos que figuram no primeiro; a par deste, verifica-se ainda a presença de uma linha horizontal, tenuemente incisa, registando-se a dúvida de esta corresponder a um motivo intencional.

Estado de conservação: Mau. Peça muito frágil.

Dimensões: 14,16 mm (diâmetro do fragmento de maiores dimensões); 4,82 mm (largura); 1,2 mm (espessura).

Paralelos: Anéis 11 e 12 da província de Salamanca, em termos morfológicos, com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre o século VI-VII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 09 **Est. LXXI, fig. 203, 204 e 205, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2003.9.7.

Descrição: Anel de fita, em bronze, incompleto e fragmentado, com perfil sinuoso e irregular.

Mantém ainda a decoração incisa: duplas linhas oblíquas, encadeadas de modo a criar motivos geométricos, de configuração rectangular.

Estado de conservação: Mau. Peça muito frágil, circunstância de que decorrem problemas de manuseamento e de representação.

Dimensões: 18,55 mm x 16,31 mm (diâmetro); 4,19 mm (largura); 0,58 (espessura).

Paralelos: Anel exumado na sepultura 6 da necrópole de Talaíde (An - 22, MCCG, inv. TA.35.75) e anel nº 9, de latão, procedente da sepultura 12 da mesma necrópole (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 327, fig. 10, nº 9; 333, fig. 14, nº 11), com datação apontada para o século VII (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 324; 326). Anéis G e H recolhidos em Salamanca, com cronologia atribuída ao período compreendido entre o século VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Peça similar a exemplares recolhidos no mesmo cemitério, nº de inventário: An - 04 (MNA, inv. 20.822 / 2003.7.1), An - 05 (MNA, inv. 20.822 / 2003.9.15) e An - 07 (20.828 / 2003.9.20).

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 10 **Est. LXXII, fig. 206, 207 e 208, nº 1 e 2.**

Prov.: Alcoitão (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.800.

Descrição: Anel em bronze, detectado *in situ*, sobre o crânio de um indivíduo inumado (Oliveira 1888-1892: 88). Fundido em molde, de aro plano convexo, apresenta-se mais largo junto de cada um dos extremos da mesa, estreitando depois progressivamente.

A mesa apresenta um sulco inciso ao longo de todo o contorno, definindo assim uma moldura lisa. No campo central figuram cinco *SSS*, obtidos através de incisão e colocados de modo paralelo entre si.

O aro encontra-se também decorado, nas zonas de arranque, mais largas e adjacentes à mesa. Os motivos referem-se a três linhas incisas, que, conjugadas, adquirem

configuração triangular. Cada uma delas culmina num círculo, também inciso, com puncionamento no interior.

Estado de conservação: Razoável/bom.

Dimensões: 25,35 mm x 23,88 mm (diâmetro do aro); 14,68 mm x 10,39 mm (diâmetro da mesa); 2,62 mm (espessura da mesa).

Paralelos: Anéis exumados em Alcaria, Caldas de Monchique (Viana *et al.* 1949: 2) e na Herdade da Chaminé, Vila Fernando (Viana 1960: 8). Anel oriundo da necrópole da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) (Rodrigues 1978: 83, fig. 19).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Arruda 1994: 234).

Observações: O anel, associado no MNA à necrópole de Alcoitão, aparece também publicado como sendo oriundo da Abuxarda (Vasconcelos 1913: 587; Almeida 1962: 238; 256; lâmina LXI, fig. 337; Cardoso 1991: 45-46, fig. 16; Arruda 1994: 234, nº 288). No entanto, pelo facto de ter sido originalmente descrito a propósito da intervenção desenvolvida nos finais do século XIX em Alcoitão e por, inclusive, ser incluída no texto informação relativa às condições em que foi efectuado o achado no referido cemitério (Oliveira 1888: 88) optámos por definir esta localização como preferencial. Salientamos, no entanto, que desconhecemos se terá existido alguma motivação específica para produzir estas referências bibliográficas não condizentes ou se estaremos perante um problema de interpretação e de sucessiva acumulação de erros.

Acrescente-se ainda que, *in* Arruda, encontra-se, no nº 288, a descrição relativa a esta peça, porém associada a uma imagem e nº de inventário não coincidentes.

Bibliografia: Paula e Oliveira 1888/1892: 88, lâmina III, fig. 7; Vasconcelos 1913: 586-587; Viana *et al.* 1949: 2; 7, est. III, nº 1; Paço 1960: 9-10, fig. 3, f; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 238; 256; lâmina LXI, fig. 337; Cardoso 1991: 46, fig. 16; Arruda 1994: 234.

An - 11 **Est. LXXIII, fig. 209.**

Prov.: Beiral do Lima (Freg. Beiral do Lima; Conc. Ponte de Lima; Dist. Viana do Castelo).

Depósito: Paradeiro desconhecido. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Anel em ouro maciço, com aro de forma sub-elíptica, soldado a mesa de configuração circular.

A mesa apresenta decoração *cloisonné*. O motivo observável assemelha-se a uma espécie de roseta, composta por dezassete cavidades, de aparência e dimensão variáveis,

onde foram embutidas granadas, dispostas de modo axial e simétrico, a partir de um alvéolo central.

Segundo informação colhida na bibliografia consultada, a granada que deveria figurar na referida cavidade central, já teria desaparecido aquando da exumação da peça.

Estado de conservação: Bom, à data do achado.

Dimensões:

Paralelos: -

Cronologia: Século V.

Propostas cronológicas de outros autores: Século V (López Quiroga; Rodríguez Lovelle 1999: 232). Primeira metade do século V (Quiroga 2001: 117; 123). Século VI (Barroca 1987: 86; Mattoso 1992: 328). Segunda metade do século VI, princípios do VII (Almeida 1979: 312). Época suevo-visigótica (Viana 1961: 9-10).

Observações: Não foi possível descortinar qual o local de depósito das jóias de Beiral. É sabido que o anel e o diadema (Dia - 01) chegaram a integrar as colecções do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral[2], encerrado ao público em 1992. Na sequência de tal ocorrência e segundo algumas informações, as jóias terão sido deslocadas para o MNA. No entanto, na referida instituição, foi-nos comunicado que tal não se verificava.

Bibliografia: Viana 1961; Lanhas 1969: 240-260; Almeida 1979: 312; Rigaud de Sousa 1979: 293-304; Almeida 1986 b: 32; Barroca 1987: 83-88; Mattoso 1992: 328; López Quiroga; Rodríguez Lovelle 1999: 231; López Quiroga 2001: 115-124 (117; 123); Rodríguez Resino 2003: 287; 296, fig. 3; idem 2004: 107; 128-129.

An - 12 **Est. LXXIV, fig. 210, 211 e 212, nº 1 e 2.**

Prov.: Desconhecida.

Depósito: MHN-FCUP, Porto. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Anel em ouro, com aro fundido em molde e fina chapa soldada, onde se inscreve a mesa.

Esta, de configuração circular, apresenta-se profusamente decorada.

No campo central, figura um motivo circular inciso, do qual irradiam oito linhas, também incisas, que, conjugadas com um limite exterior, semelhante a um motivo estelar, permitiram a definição de oito campos sub-triangulares.

[2] Lanhas 1969: 249

Depois e em paralelo às referidas linhas, são observáveis várias outras, de menor dimensão, que arrancam também do círculo central. Sobre a mais central delas, em cada um dos campos sub-triangulares, figuram pequenos traços, também incisos, dispostos sensivelmente na oblíqua.

Em cada uma das zonas de arranque do aro, são perceptíveis outros ornatos. Dois sulcos incisos delimitam uma espécie de banda horizontal, da qual nascem, na direcção superior e inferior, novas linhas incisas, colocadas em sentido vertical ou oblíquo.

Lateralmente, na zona avançada, abaixo da chapa decorada, é perceptível uma reentrância, de onde se encontra ausente o metal.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 27,62 mm x 22,23 mm (diâmetro total da peça); 6,49 mm x 6,21 mm (diâmetro da mesa); 7,14 mm (espessura da mesa); 1,19 mm (espessura do aro).

Paralelos: Fragmento de anel, peça nº 2 da sepultura 140 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo), ao nível da decoração patente no aro (Ripoll López 1985: 108; 113, fig. 34, nº 2).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Peça inédita (?).

An - 13 **Est. LXXV, fig. 213, 214 e 215, nº 1 e 2.**

Prov.: Desconhecida.

Depósito: MNSR, Porto. **Nº de Inv.:** Nº 43 Our CMP/MNSR.

Descrição: Anel em ouro, de aro fundido, soldado à mesa oitavada.

Na parte central da mesa é observável uma ave, possível águia, com bico recurvo e patas bem definidas. Encontra-se de asas abertas, decoradas através da incisão de linhas, paralelas entre si e colocadas sensivelmente em posição oblíqua.

A parte central do corpo foi obtida através da excisão de metal.

Em torno da ave foi gravada uma inscrição retrógrada: +MANOALDI, sendo que o N e o D foram fixados em posição correcta e não invertida.

Estado de conservação: Muito bom.

Dimensões: 27,37 mm x 26,74 mm (diâmetro do aro); 15,36 mm x 14,38 mm (diâmetro da mesa); 2,52 mm (espessura do aro); 8,33 g (peso).

Paralelos: Anel recolhido na sepultura nº 171 da necrópole de Duratón (Segóvia), ao nível da configuração do aro (Molinero Pérez 1948: 152; lâmina XXXI, fig. 2). Anel áureo pertencente a um antiquário em Madrid, provido de uma águia de tamanho avultado no centro. A inscrição que a rodeia apresenta-se, porém, quase indecifrável, por se aproximar muito do limite da mesa (Reinhart 1947: 174). Numismas cunhados no tempo de Leovigildo (Almeida 1962: 238), cujo reinado decorreu entre 571/72 e 586 (Orlandis 2006: 132).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações 1: MANOALDI corresponderia ao genitivo de Manoaldo, nome corrente "suevo-gótico" que terá acabado por penetrar na toponímia portuguesa. Originalmente, referia-se a Manwalt, que significava homem governante ou dirigente (Reinhart 1947: 174).

Observações 2: Segundo a ficha de inventário do MNSR, a inscrição representa a palavra +MANOLUS+. De acordo com a mesma fonte, as duas últimas letras são indiciadas pela abreviatura *9,* que significa *US.*

Observações 3: A informação publicada por Aragão nos finais do século XIX, acerca de um anel áureo que se encontrava na posse de um particular, apesar de ter sido aceite como correspondente à peça em análise, levanta algumas dúvidas. Com efeito, são perceptíveis certas discrepâncias com o objecto estudado, nomeadamente no que respeita ao contorno da mesa, sendo um dos vértices mais pronunciados que os demais na imagem da estampa; também a configuração da ave diverge, pois na mesma representação carece de patas e tem a cabeça voltada para o lado direito, em consonância com os descrição (Aragão 1887: 22), mas em oposição ao que se verifica no anel que observámos. Se é certo que este último pormenor se poderia explicar se colocada a hipótese de o desenho ter sido produzido a partir de um decalque, que alteraria a posição original dos elementos, a disposição invertida de um dos caracteres da inscrição, o *M,* obsta a que possamos corroborá-la. De qualquer modo, carecemos de dados que nos permitam considerar a existência de dois anéis de morfologia e decoração idênticos e não de um único, pelo que supomos que as diferenças em causa advenham de dificuldades na reprodução da peça.

Bibliografia: Aragão 1887: 22; estampa 1, fig. 7; Macedo 1928: 336; Reinhart 1947: 174; fig. 1, nº 13; Rocha 1947: 17; MNSR 1952: 6; Almeida 1962: 238; lâmina LXI, fig. 239.

An - 14 **Est. LXXVI, fig. 216, 217 e 218, nº 1 e 2.**

Prov.: Desconhecida.

Depósito: MNSR, Porto. **Nº de Inv.:** Nº 67 Our CMP/MNSR.

Descrição: Anel em prata, sigilar monogramático, com aro fundido em molde e mesa em chapa, soldada.

O aro é liso e maciço, culminando numa mesa de configuração circular, onde figura uma inscrição, disposta em cruz. Os caracteres incisos formam, em acordo com a ficha de inventário do MNSR, a palavra *VOASA*, leitura que levanta algumas dúvidas.

No centro da mesa, é perceptível um elemento, também inciso, de forma aproximadamente circular, do qual irradiam quatro linhas ou sulcos, que se prolongam até à extremidade da peça.

Estado de conservação: Muito bom.

Dimensões: 26,50 mm x 24,79 (diâmetro do aro); 3,63 mm (largura do aro); 2,38 mm (espessura da mesa); 4,27 g (peso).

Paralelos: Anel de bronze, procedente do sítio de Villaverde y Pasaconsol (Cuenca), com cronologia atribuída à segunda metade do século VII (Barroso Cabrera 2006: 130-131).

Cronologia: Século VII (?).

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: No anel indicado como paralelo, o monograma surge não só na superfície frontal da mesa, como também no reverso da mesma (Barroso Cabrera 2006: 130).

Bibliografia: Macedo 1928: 336; Reinhart 1947: 174; fig. 1, nº 18; Rocha 1947: 12; MNSR 1952: 6; Almeida 1962: 238; lâmina LXI, fig. 339.

An - 15 **Est. LXXVII, fig. 219, 220 e 221, nº 1 e 2.**

Prov.: Desconhecida.

Depósito: MNSR, Porto. **Nº de Inv.:** 150 CMP. Nº de catálogo: 6 (Jóias).

Descrição: Anel em ouro maciço, com aro liso, fundido e soldado à mesa, de contorno octogonal.

A referida mesa apresenta uma inscrição retrógrada: + E M M A N V E L, sendo que, na parte central, de superfície ligeiramente côncava, é observável um *intaglio* de cornalina, com um zoomorfo gravado, presumivelmente um leão.

Na orla ou parte lateral da mesa figura nova inscrição, subdividida em duas letras por face: + PA | XF | IDE | SE | TC | AR | IT | AS (sendo o E de Fides, na terceira face, incluso no D).

Estado de conservação: Muito bom.

Dimensões: 26,20 mm x 27,42 mm (diâmetro do aro); 19,39 mm x 18,14 mm (diâmetro da mesa); 6,11 mm (espessura da mesa); 16,05 g (peso).

Paralelos: -

Cronologia: Século VI-VII (?).

Propostas cronológicas de outros autores: Século XV (Aragão 1887: 21).

Observações: A inscrição da orla, de acordo com a ficha de inventário, é a seguinte: *PA / XI / ID / SE / TC / AR / IT / AS*.

Segundo Pedro Victorino, o anel deverá ser classificado como episcopal, pelo facto de ser feito em ouro. O leão gravado simbolizaria força e vigilância (Almeida 1962: 238).

Bibliografia: Aragão 1887: 21; Peixoto 1902: 13, nº 87; 14; Macedo 1928: 336; Victorino 1932: 56-57; Rocha 1947: 17; MNSR 1952: 6.; Almeida 1962: 238; lâmina LXI, fig. 339-340.

An - 16 **Est. LXXVIII, fig. 222, 223 e 224, nº 1 e 2.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 13.352 / 983.1002.86.

Descrição: Anel em bronze, provido de mesa na parte frontal.

O aro apresenta-se, aparentemente, destituído de decoração. Já na mesa, são perceptíveis alguns elementos puncionados e dispersos.

Porém, não se revelou possível descortinar se os referidos elementos poderão corresponder a algum intento de ornamentar a peça, entretanto abandonado ou se esta terá alguma vez sido decorada e se os demais motivos se terão apagado/desgastado.

Estado de conservação: Razoável/fraco.

Dimensões: 21,26 x 21,42 (diâmetro); 1,27 mm (espessura da mesa); 1,10 (espessura do aro).

Paralelos: Anel da sepultura nº 63 da necrópole de Duratón (Segóvia), em termos morfológicos (Molinero Pérez 1948: 143; lâmina nº XXVI, fig. 2). Anel com decoração puncionada, recolhido no sepulcro nº 124 da mesma necrópole (idem: 146; lâmina XXVIII, fig. 1).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações:

Bibliografia: Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42.

An - 17 **Est. LXXIX, fig. 225, 226 e 227, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.241/ 983.1002.87.

Descrição: Anel de fita, em bronze, com aro fechando em sobreposição.

É decorado através de sulcos incisos, dispostos na vertical ou na horizontal, criando assim figurações geométricas, nomeadamente triangulares. A par destas, pode ainda ser observado um motivo supostamente vegetalista.

Estado de conservação: Razoável/bom.

Dimensões: 21,52 x 21,56 (diâmetro); 2,68 mm (espessura).

Paralelos: Anéis G e H da província de Salamanca, com cronologia atribuída ao século VI-VIII (Morín de Pablos 2006: 204).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações:

Bibliografia: Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42.

An - 18 **Est. LXXX, fig. 228, 229 e 230, nº 1 e 2.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.367 / 983.1002.64.

Descrição: Fragmento de anel em bronze.

Encontra-se incompleto: quebrado ao nível do aro e da parte frontal, onde figura uma cruz, criada através do recorte do metal e decorada, na zona lateral, próxima do arranque do aro, com um motivo inciso de configuração amendoada.

A superfície exterior do aro, no campo compreendido entre a cruz e a zona de fractura, apresenta decoração incisa, referente a sulcos oblíquos que se sobrepõem.

Estado de conservação: Peça incompleta, com sinais de ligeira decomposição.

Dimensões: 1,89 mm (comprimento); 4,54 mm (largura); 1,14 mm (espessura); 6,25 x 2,72 (diâmetro do motivo inciso, de configuração amendoada).

Paralelos: -

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações:

Bibliografia: Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42.

An - 19 **Est. LXXXI, fig. 231, 232 e 233, nº 1 e 2.**

Prov.: Quinta de Marim (Freg. Quelfes; Conc. Olhão; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 15.518 / 983.1018.1.

Descrição: Anel em bronze, composto por duas peças soldadas: o aro, fundido em molde e a caixa, projectada e de contorno rectangular, correspondente à mesa da peça.

O aro, de forma circular, apresenta maior largura na zona frontal, onde figura a mesa, estreitando progressivamente na direcção oposta.

A mesa ostenta, como ornato, restos de um vidro de tonalidade clara, esbranquiçada ou amarelada, encastoados na cavidade de bronze.

A zona de separação entre ao aro e a caixa denota um ligeiro relevo, resultado da soldadura.

Estado de conservação: Razoável/Mau.

Dimensões: 30,34 mm x 27,32 mm (diâmetro total); 13,20 mm x 8,80 mm (largura e comprimento da mesa); 8,17 mm (espessura da mesa).

Paralelos: Anéis com vidros engastados, recolhidos na sepultura nº 176 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 153; lâmina XXXI, fig. 3). Anel com vidro encastoado, exumado na necrópole do Cerrado das Torres (Plataforma de Pianos, Sintra), com cronologia atribuída ao século V ou alvores do VI (Ribeiro 1980: continuação 6).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI, em função da datação atribuída a alguns artefactos em bronze (Inácio 2005: 41, citando Palol Salellas 1966: 47). Séculos VI-VII (Graen 2007: 284).

Observações:

Bibliografia: Almeida 1962: lâmina LX, fig. 331; Inácio 2005: 41; Graen 2007: 275-288.

An - 20 **Est. LXXXII, fig. 234, 235 e 236, nº 1 e 2.**

Prov.: Quinta de Marim (Freg. Quelfes; Conc. Olhão; Dist. Faro).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.865 - A / 983.1018.2.

Descrição: Anel de fita, em cobre.

Na parte frontal da peça, a mesa, de configuração sub-rectangular, ostenta uma linha incisa, que define uma moldura em forma de losango. No seu interior, dois sulcos cruzados, um no sentido vertical, outro no horizontal, estabelecem a subdivisão da mesa em quatro campos distintos, sendo que em cada um deles são perceptíveis cinco elementos puncionados.

O aro, sob a forma de duas chapas metálicas que se sobrepõem na zona oposta à mesa, apresenta alguns sinais de degradação.

Estado de conservação: Razoável/fraco. Em paralelo aos indícios de degradação acima referidos, é ainda visível uma fractura no aro, perceptível na sequência do limite da mesa.

Dimensões: 21,29 mm x 20,70 mm (diâmetro do aro); 8,96 mm (largura da mesa); 0,81 mm (espessura).

Paralelos: Anel da sepultura nº 47 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 143; lâmina XXVI, fig. 2) apesar de algumas divergências ao nível da organização decorativa patente na mesa, caso da extensão da cruz ou do número de elementos puncionados. A cronologia poderá ser atribuída ao intervalo compreendido entre os séculos VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205).

Cronologia: Séculos VI a VIII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VI, em função da datação atribuída a alguns artefactos em bronze (Inácio 2005: 41, citando Palol Salellas 1966: 47). Séculos VI-VII (Graen 2007: 284).

Observações: Este tipo de anel radica na tradição romana, tendo-se difundido consideravelmente em época visigoda (Morín de Pablos 2006: 204).

Bibliografia: Macedo 1928: 337; Inácio 2005: 41; Graen 2007: 275-288.

An - 21 **Est. LXXXIII, fig. 237, 238 e 239, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.34.75.

Descrição: Anel em bronze, de secção semicircular. Apresenta, no campo central da mesa, a letra *M (*ou *W)* incisa. É feito de uma fita dobrada, que se sobrepõe na junção, sendo que o aro inferior, sobre o qual assenta a fita mais afastada, apresenta o extremo aplanado. O estado de conservação é razoável/bom. No entanto, na superfície frontal da mesa são perceptíveis alguns sinais de corrosão.

Estado de conservação: Razoável/bom.

Dimensões: 23,03 mm (diâmetro); 7,09 mm (largura do aro); 2,02 mm (espessura).

Paralelos: Anel com letra incisa, recolhido na sepultura nº 91 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 145; lâmina XXVII, fig. 3).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 322.

An - 22 **Est. LXXXIV, fig. 240, 241 e 242, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.35.75.

Descrição: Três fragmentos de anel de fita em bronze, de perfil irregular, com decoração geométrica, obtida através de incisão. Um deles apresenta-se retorcido.

Em cada um dos fragmentos, são observáveis triângulos de dimensão diminuta, que funcionam como uma espécie de cordão, disposto na horizontal, junto ao limite exterior e inferior do aro, permitindo assim a definição do campo central, também ornamentado. Aqui, os motivos referem-se a linhas incisas, colocadas no sentido oblíquo, perfazendo assim motivos geométricos, de configuração triangular. Entre as referidas linhas, figuram aleatoriamente outros elementos, também geométricos.

Os motivos decorativos encontram-se mais esbatidos ou rarefeitos nos dois fragmentos de menores dimensões.

Estado de conservação: Mau.

Dimensões: 16,16 mm (diâmetro do fragmento de maior dimensão); 5,54 mm (largura); 0,68 mm (espessura).

Paralelos: Cinco anéis recolhidos no cemitério da Abuxarda, em Cascais e integrados no Catálogo: An - 04 (MNA, inv. 20.822 / 2003.7.1), An - 05 (MNA, inv. 20.822 / 2003.9.15), An - 06 (MNA, inv. 20.826 / 2003.9.18), An - 07 (MNA, inv. 20.828 / 2003.9.20) e An - 09 (MNA, inv. 2003.9.7). Anéis G e H recolhidos na província de Salamanca, com cronologia atribuída ao período compreendido entre o século VI e VIII (Morín de Pablos 2006: 204-205, fig. 64).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Peça metálica nº 11, procedente da sepultura 6 (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 333).

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G.; Cardoso, J. L. 1995: 410; Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 322.

Apliques:

Apl - 01 **Est. LXXXV, fig. 243, 244 e 245, nº 1 e 2.**

Prov.: Casais Velhos (Freg. Cascais; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** CV.776.

Descrição: Pequeno aplique zoomorfo em liga metálica (latão), referente a um possível canídeo.

A chapa metálica foi recortada, de modo a obter o contorno do olho e o recorte do corpo.

A peça encontra-se fragmentada em vários pontos, nomeadamente no focinho e no extremo oposto, achando-se, portanto, incompleta.

Estado de conservação: Razoável. As concreções mais significativas figuram no verso, sobretudo na zona da cabeça.

Dimensões: 12,39 mm (comprimento); 32,77 mm (largura); 1,72 mm (espessura).

Paralelos: Aplique recolhido na sepultura nº 29 de Herrera de Pisuerga (Palência) (Morillo Cerdán 1989: 250). Aplicação da aljava de uma faca, em forma de elefante, recolhida na necrópole de Talaíde (Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 324; 327).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Período germânico (Cardoso, G.; Cardoso, J. L. 1995: 413; Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 324).

Observações:

Bibliografia: Cardoso 1991: 50; Cardoso, G.; Cardoso, J. L. 1995: 413; Cardoso, J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 324.

Apl - 02 **Est. LXXXVI, fig. 246, 247 e 248, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.17.15.

Descrição: Aplique zoomorfo em liga metálica (latão), referente a um suposto leão.

Apresenta-se fragmentado, encontrando-se em falta parte da cabeça e de cada uma das patas.

A chapa metálica, recortada, ostenta duas perfurações de diâmetro desigual, eventualmente efectuadas para permitir a fixação do aplique.

A superfície frontal apresenta decoração incisa. Dois sulcos, um patente na parte superior e um outro, na zona inferior do corpo, delimitam o campo central, ornamentado. Neste, é observável uma linha oblíqua, obtida a partir de uma sequência de elementos puncionados e a partir da qual irradiam semi-círculos alinhados e paralelos entre si.

Depois, sensivelmente na zona do dorso, são perceptíveis três triângulos alinhados, dispostos na vertical, igualmente incisos. Entre estes e o orifício ou perfuração de dimensões mais reduzidas, figuram novos elementos: uma linha oblíqua, a par de elementos de contorno semi-circular.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 16,25 mm (comprimento); 30,39 mm (largura); 1,29 mm (espessura).

Paralelos: Aplique recolhido na sepultura nº 29 de Herrera de Pisuerga (Palência) (Morillo Cerdán 1989: 250).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Aplique presumivelmente recolhido na sepultura 14, à superfície (Cardoso; J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 327).

Bibliografia: Cardoso, G.; Cardoso, J. L. 1995: 410; Cardoso; J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M.F. 1995: 322; 327, fig. 10, nº 14; 333, fig. 14, nº 21; 337, nº 21.

Botões:

Bo - 01 **Est. LXXXVII, fig. 249, 250 e 251, nº 1, 2 e 3.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** A. 67.14.

Descrição: Botão ou aplique de cinturão em bronze, fundido em molde, com estrutura escutiforme.

Possui dois entalhes em cada uma das partes laterais. Na superfície superior, o campo central apresenta-se convexo, sendo definido por uma linha.

No verso figura um apêndice aplanado, na extremidade do qual foi efectuada uma perfuração de contorno circular, para permitir a fixação.

O botão deveria ter servido para prender a fivela à extremidade do cinturão.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 23,52 mm x 14,38 mm (diâmetro); 6,50 mm (espessura).

Paralelos: Peça recolhida na sepultura nº 42 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 143; lâmina XXVI, fig. 1). Objectos nº 3 e 4, procedentes da sepultura nº 198 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 134; 136, fig. 47, nº 4; nº5), ao nível do contorno e da configuração do apêndice. Botão nº 37 da necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 130, nº 37; 133, fig. 59, nº 37). Exemplares exumados do sepulcro 22 do cemitério de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid) (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 544, fig. 7, nº 609; 546). Peças detectadas na sepultura 24 de Cacera de las Ranas (Madrid) (Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006 a: 743). A cronologia deste tipo de objecto centra-se na primeira metade do século VI (Palol; Ripoll 1988: 259).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos V-VI (Alarcão *et al.* 1979: 97). Baixo Império (Alarcão 1994: 143, nº 436.1).

Observações: Tipo B.1 de Arrecoechea Fernández (1994: 159, B.1).

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 97; 101, nº 78; lâmina XXI, nº 78; Alarcão 1994: 141; 143, nº 436.1.

Bo - 02 **Est. LXXXVIII, fig. 252, 253 e 254, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Lisboa. **Nº de Inv.:** TA-32-75.

Descrição: Botão em bronze, fundido em molde.

Consta de um exemplar cónico e sextavado.

A superfície frontal, com campo central convexo, definido por linha incisa, apresenta-se bem alisada e regular.

O verso denuncia a ocorrência de concreções do metal.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 13,32 mm x 12,82 mm (diâmetro); 5,59 mm (espessura).

Paralelos: Botão sextavado, achado solto com nº 7 B, recolhido na necrópole de Duratón (Molinero Pérez 1948: 161; lâmina XXXVI, fig. 1).

Cronologia: Séculos V-VI.

Propostas cronológicas de outros autores:

Observações: Tipo E de Arrecoechea Fernández (1994: 159, E), com cronologia atribuída aos séculos IV ou V (Carnero Vásquez 1995-96: 172; 176).

Bibliografia: Cardoso; J. L.; Cardoso, G.; Guerra, M. F. 1995: 333, fig. 14, nº 3.

Braceletes:

Bra - 01 **Est. LXXXIX, fig. 255, 256 e 257, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2003.9.4.

Descrição: Bracelete serpentiforme, em bronze, fundido em molde.

Cada uma das extremidades do aro é representada por uma cabeça de serpente, dotada de apêndices laterais, sendo o contorno do focinho definido através de incisão.

Em paralelo a este tipo de ornamentação, o aro ostenta ainda outras linhas incisas, as quais configuram motivos geométricos.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 63,53 mm x 61,52 mm (diâmetro); 4,53 mm (largura); 3,48 mm (espessura).

Paralelos: Pulseiras integradas no Catálogo: uma recolhida em Mértola (Bra - 02; MNA, inv. 16.845), outra na necrópole de Talaíde (Br - 04, MCCG, inv. TA.22.75).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Oliveira 1888-1892: 89; lâmina III, fig. 12; Paço 1960: 9-10, fig. 3, d; Almeida 1962: 237.

Bra - 02 **Est. XC, fig. 258, 259 e 260, nº 1 e 2.**

Prov.: Mértola (Conc. Mértola; Dist. Beja).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.845.

Descrição: Adorno serpentiforme, em bronze, fundido em molde.

Cada um dos extremos da peça ostenta uma cabeça de serpe, dotada de apêndices laterais, que afunila progressivamente na direcção da ponta.

A peça apresenta decoração incisa: sulcos oblíquos e paralelos, dispostos na parte superior e inferior do aro e, no campo central, definidos pelas referidas séries de sulcos, círculos sequenciais, encadeados.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 62,71 mm x 62,60 mm (diâmetro); 6,13 mm (largura); 2.56 mm (espessura).

Paralelos: Pulseiras integradas no Catálogo: uma recolhida na necrópole da Abuxarda (Bra - 01; MNA, inv. 2003.9.4), outra na necrópole de Talaíde (Br - 04, MCCG, inv. TA.22.75), no que concerne aos remates serpentiformes do aro. Bracelete exumada em Milreu: Bra - 03 (MNA, inv. 16.856 / 983.1003.1) no que se refere à decoração da parte central do aro.

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Macedo 1928: 337; Viana 1960: 8; Almeida 1962: 236; 252; lâmina LIX, fig. 328-329; Palol Salellas 1966: 34.

Bra - 03 **Est. XCI, fig. 261, 262 e 263.**

Prov.: Milreu (Freg. Estoi; Conc. Faro; Dist. Faro).

Depósito: MNA (Lisboa). **Nº de Inv.:** 16.856 / 983.1003.1.

Descrição: Bracelete em bronze, sustentada por um pedaço de madeira, que ladeia o objecto e dificulta a representação do mesmo. Parte da superfície encontra-se oculta, não sendo possível avaliar o estado de conservação em que se encontra ou se mantém os motivos decorativos observáveis nas zonas visíveis.

O aro, nas proximidades de cada uma das zonas de remate, denota apêndices laterais, não se revelando claro se teria existido a pretensão de sugerir uma representação zoomórfica, eventualmente, referente à cabeça de um ofídio.

Apresenta dois cordões ornamentais paralelos e pontilhados, com disposição algo irregular. Ambos se inscrevem nas zonas adjacentes ao limite da peça, um na parte superior, outro na inferior.

Definem assim o campo central, preenchido ao longo de toda a extensão observável, por círculos incisos. Por seu turno e no interior de cada um dos referidos círculos, figura um elemento puncionado. São visíveis trinta e nove motivos deste tipo, número que não representa a totalidade, visto que parte do bracelete se encontra coberta pelo já referido pedaço de madeira.

Estado de conservação: Razoável, na superfície exterior. Os sinais de maior degradação ocorrem na interior.

Dimensões: 71,37 mm (diâmetro); 6,55 mm (largura); 1,6 mm (espessura).

Paralelos: Pulseira recolhida em Mértola: Bra - 02 (MNA, inv. 6.845), ao nível da decoração do campo central do aro.

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Séculos VI-VII (Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42).

Observações: Segundo informação anexada à peça, foi detectada em contexto de enterramento.

Bibliografia: Sidarus; Teichner 1997: 184; Inácio 2005: 42.

Bra - 04 **Est. XCII, fig. 264, 265 e 266, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.22.75.

Descrição: Bracelete serpentiforme, em bronze, fundido em molde.

Cada uma das extremidades do aro, liso, é representada por uma cabeça de ofídio, com apêndices laterais, sendo que uma delas ostenta vestígios de decoração incisa na superfície exterior.

Estado de conservação: Razoável/bom. O aro encontra-se, em algumas zonas da superfície exterior, relativamente bem conservado. No entanto, as zonas corroídas são indubitavelmente mais extensas.

Dimensões: 68,80 mm x 67,08 mm (diâmetro); 7,16 mm (largura do aro); 2,28 mm (espessura).

Paralelos: Pulseiras integradas no Catálogo: uma procedente da necrópole da Abuxarda (Bra - 01; MNA, inv. 2003.9.4), outra recolhida em Mértola (Bra - 02; MNA, inv. 16.845), em razão do tipo de solução encontrada para o remate do aro.

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VII ou intervalo compreendido entre a segunda metade do século VI e os alvores do VIII (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 413; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 324).

Observações: Bracelete exumado da sepultura 12, conjuntamente com dois outros objectos integrados no Catálogo (Bri - 15, inv. TA.20.75; Bri - 16, inv. TA.21.75). Para além destes, foram recolhidos no mesmo sepulcro outros materiais metálicos: um terceiro brinco anelar e um anel de fita com decoração incisa, que não se revelou possível observar presencialmente, a par de um suposto fragmento de anel e de uma argola, muito incaracterísticos (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 412).

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 412, fig. 5, nº 12; 413; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 322; 327, fig. 10, nº 10; 333, fig. 14, nº 17.

Brincos:

Bri - 01 **Est. XCIII, fig. 267, 268 e 269, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.809 / 2003.9.5.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde, com aro aberto, liso, de secção cilíndrica.

De contorno circular, o referido aro denota uma inflexão, a qual marca o início do estreitamento progressivo, que culmina no extremo mais apontado.

Estado de conservação: Mau. É notória a forte corrosão do metal.

Dimensões: 38,06 mm x 35,65 mm (diâmetro); 3,60 mm (largura); 3,11 mm (espessura).

Paralelos: Brinco exumado da sepultura 284 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 160; lâmina XXXV, fig. 2). Brinco procedente do sepulcro nº 113 da necrópole de Segobriga (Cuenca) (Almagro Basch 1975: 61, fig. 24, nº 4). Brinco recolhido na sepultura nº 145 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 115, fig. 36, nº 1; 116).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Esta peça, que classificamos como brinco, foi publicada por D. Fernando de Almeida como pulseira.

Bibliografia: Oliveira 1888-1892: 89; lâmina III, fig. 13; Paço 1960: 9-10, fig. 3, e; Almeida 1962: 256; lâmina LIX, fig. 330; Gomes 2002: 385.

Bri - 02 **Est. XCIV, fig. 270, 271 e 272, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.810 (1/2) / 2003.9.24.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde, com aro aberto e liso.

No anel encaixa um elemento decorativo móvel, perfurado, de contorno circular, que se apresenta decorado, no verso, por uma linha incisa horizontal, disposta sensivelmente na zona central.

A peça não ostenta qualquer tipo de ornamentação adicional.

As superfícies são pouco regulares, evidenciando a ocorrência de zonas corroídas.

Estado de conservação: Razoável/Mau. Os sinais de degradação são observáveis em ambas as superfícies.

Dimensões: 22,37 mm x 20,94 mm (diâmetro); 5,29 mm (largura); 4,93 mm (espessura).

Paralelos: Pendente nº 6, recolhido da sepultura 136 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 104-105, fig. 29, nº 5).

Cronologia: Séculos VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Bibliografia: Inédito (?).

Bri - 03 **Est. XCV, fig. 273, 274 e 275, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.819 / 2003.9.13.

Descrição: Brinco anelar em bronze, com aro aberto, de configuração sensivelmente circular.

Apresenta, num dos extremos, um remate geométrico decorado, através de molduras ou arestas dispostas na horizontal.

No extremo oposto, o aro encontra-se levemente fragmentado.

Estado de conservação: Razoável/Mau. Evidencia grande fragilidade e nítida degradação do metal.

Dimensões: 27,21 mm x 26,69 mm (diâmetro); 2,98 mm (largura); 2,94 mm (espessura).

Paralelos: Brinco anelar nº 1, exumado da sepultura 215 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 146-147, fig. 54, nº 1). Brinco proveniente da sepultura nº 48 do cemitério de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid) (Barroso Cabrera *et al.* 2006: 547, fig. 9, nº 587; 549), com cronologia atribuída ao intervalo compreendido entre o século IV e VII (idem: 560). Brinco nº 147, recolhido na sepultura XXVIII de Silveirona II (Estremoz), com datação compreendida entre o século V a VII (Cunha 2004: 239; 318; 330; idem 2008: 177, nº 147; 213; 222, fig. 163).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Inédito (?).

Bri - 04 **Est. XCVI, fig. 276, 277 e 278, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.824 / 2003.9.17.

Descrição: Fragmento de brinco anelar em bronze, fundido em molde, com aro aberto e liso, de secção circular, com um dos extremos apontados.

A decoração restringe-se à presença de caneluras modeladas, na zona do remate geométrico da peça, sendo que na superfície frontal, é também possível observar uma linha incisa, colocada na oblíqua.

Estado de conservação: Mau. São fortes as evidências de corrosão, sobretudo no verso da peça.

Dimensões: 28,27 mm (diâmetro); 2,93 mm (largura do remate); 2,75 mm (espessura).

Paralelos: Brincos exumados na sepultura nº 205 da necrópole de Segobriga (Cuenca) (Almagro Basch 1975: 96-97, fig. 44, nº 1). Brincos nº 1 e 2, recolhidos na sepultura 91 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 77, fig. 14, nº 1e 2).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Inédito (?).

Bri - 05 **Est. XCVII, fig. 279, 280 e 281, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 20.824 / 2003.9.29.

Descrição: Fragmento de brinco anelar em bronze, fundido em molde, com aro liso e aberto, de contorno aproximadamente elíptico e secção cilíndrica.

O único elemento decorativo da peça figura na zona do remate, o qual se apresenta modelado, aparentemente através de incisão.

Estado de conservação: Razoável.

Dimensões: 35,58 mm (diâmetro); 1,87 mm (largura); 1,86 mm (espessura).

Paralelos: Brincos nº 1 e 2, recolhidos na sepultura 91 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 77, fig. 14, nº 1e 2).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Inédito (?).

Bri - 06 **Est. XCVIII, fig. 282, 283 e 284, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2003.9.6.

Descrição: Brinco anelar em bronze, com aro aberto, de configuração sensivelmente elíptica.

A decoração surge circunscrita a um dos extremos da argola, no qual são observáveis elementos em relevo, modelados.

Nas proximidades do extremo oposto do aro, é notado um estreitamento progressivo, que culmina num limite apontado e de espessura diminuta.

Estado de conservação: Razoável/mau, na superfície frontal e mau no verso, onde são notórios os sinais de degradação e algumas zonas com evidentes sinais de corrosão. A peça, denotando grande fragilidade e perigo de quebra, que denota, suscitou dificuldades de manuseamento.

Dimensões: 34,05 mm x 23,34 mm (diâmetro); 1,96 mm (largura); 2,19 mm (espessura).

Paralelos: Brinco da sepultura 182 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 153; lâmina XXXI, fig. 4). Brinco nº 69.370, exumado em Conimbriga (Alarcão *et al.* 1979: 142; lâmina XXXIV, nº 221) e integrado no presente Catálogo (Bri - 13).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Inédito (?).

Bri - 07 **Est. XCIX, fig. 285, 286 e 287, nº 1 e 2.**

Prov.: Abuxarda (Freg. Alcabideche; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 2003.9.23.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde.

Possui aro aberto e liso, o qual estreita progressivamente até revelar espessura mínima, num dos extremos, bem apontado.

No extremo oposto figura o remate, modelado, apresentando três elementos decorativos, em relevo, com configuração geométrica. Os dois que rodeiam o motivo colocado em posição central evidenciam leves excisões de metal, dispostas na oblíqua ou horizontal.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 30,06 mm x 30,04 mm (diâmetro); 4,40 mm (largura do remate); 4,5 mm (espessura do remate).

Paralelos: Brinco anelar exumado em Conimbriga (Alarcão *et al.* 1979: 142; lâmina XXXIV, nº 220). Brinco procedente da sepultura nº 4 da necrópole de Segobriga (Cuenca) (Almagro Basch 1975: 18, fig. 3, nº 4). Peça recolhida em Cacera de las Ranas (Balmaseda Muncharaz 2006: 759, fig. 13).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Inédito (?).

Bri - 08 **Est. C, fig. 288, 289 e 290, nº 1 e 2.**

Prov.: Algarve.

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 11.154.

Descrição: Fragmento de brinco anelar em bronze, fundido em molde, com aro aberto, de secção aproximadamente cilíndrica.

Um dos extremos encontra-se quebrado. Aquele que, por seu turno, se conserva, apresenta um remate de configuração rectangular, decorado, no verso da peça, por caneluras, resultado da incisão de sulcos.

Estado de conservação: Razoável/regular.

Dimensões: 32,47 mm (diâmetro do fragmento); 2,54 mm (largura do aro); 2,45 mm (espessura do aro).

Paralelos: Brinco anelar nº 3, recolhido na sepultura 91 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 77, fig. 14, nº 3; 78).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Peça inédita.

Bri - 09 **Est. CI, fig. 291, 292 e 293, nº 1 e 2.**

Prov.: Algarve.

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.855 A / Contentor 1618; volume 14.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde.

Possui um aro simples, aberto e liso, de secção cilíndrica, que vai estreitando progressivamente, até ao fecho, apontado e com espessura muito reduzida.

Este encosta directamente ao extremo oposto do brinco anelar, composto por uma cabeça paralelepipédica decorada. Os ornatos referem-se a círculos incisos, com puncionamento no interior, de configuração circular, bem definido.

O referido tipo de organização decorativa repete-se em todas as faces do paralelepípedo.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 35,34 mm x 34,98 mm (diâmetro do aro); 8,22 mm x 4,22 (comprimento e largura da cabeça paralelepipédica); 2,68 mm (espessura do aro).

Paralelos: Brincos nº 1 e 2 da sepultura nº 96 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 80-82, fig. 16, nº 1 e 2). Brinco da sepultura 178 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 152; lâmina XXXI, fig. 2).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Brinco idêntico ao exemplar descrito em seguida: Bri - 10, de origem desconhecida, s/nº de inventário, depositado no contentor 1618; volume 14 b, do MNA. Poderá, aliás, corresponder ao par da peça em análise.

A peça, que identificamos, através da imagem associada por D. Fernando de Almeida, a uma das argolas de orelha por ele referida, encontra-se depositada num contentor de materiais de proveniência desconhecida.

Bibliografia: Almeida 1962: 237, lâmina LX, fig. 332.

Bri - 10 **Est. CII, fig. 294, 295 e 296, nº 1 e 2.**

Prov.: Algarve.

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** 16.855 A / Contentor 1618; volume 14 b.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde.

Possui um aro aberto e liso, destituído de decoração, com indícios de leve fractura em cada uma das faces. Dotado de secção cilíndrica, vai estreitando progressivamente, até ao remate, apontado e fino.

No extremo oposto figura a cabeça paralelepipédica do brinco anelar, decorado, em cada uma das faces, através de círculos incisos, com puncionamento no interior, de configuração circular.

Estado de conservação: Razoável. São perceptíveis, em ambas as faces, zonas escurecidas.

Dimensões: 35,83 mm x 34,04 mm (diâmetro do aro); 6,76 mm x 3,96 mm (comprimento e largura da cabeça paralelepipédica); 2,69 mm (espessura).

Paralelos: Brincos nº 1 e 2 da sepultura nº 96 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 80-82, fig. 16, nº 1 e 2). Brinco da sepultura 178 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 152; lâmina XXXI, fig. 2).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Objecto idêntico ao brinco acima descrito, de origem desconhecida, Bri - 09, sem nº de inventário, depositado no contentor 1618; volume 14, do MNA. Poderá, porventura, corresponder ao par da peça em análise.

A peça, que identificamos, através da imagem associada por D. Fernando de Almeida, a uma das argolas de orelha por ele referida, encontra-se depositada num contentor de materiais de proveniência desconhecida.

Bibliografia: Almeida 1962: 237; lâmina LX, fig. 332.

Bri - 11 **Est. CIII, fig. 297, 298 e 299, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 65.143.

Descrição: Brinco fechado, produzido com base numa folha de cobre, enrolada sobre si mesma.

A aro apresenta faces aplanadas e algo achatadas.

A decoração resume-se ao modulado apresentado pelo remate do aro, particularidade perceptível em ambas as faces.

Estado de conservação: Razoável/bom. Encontra-se consolidado.

Dimensões: 22,53 mm x 26,51 mm (diâmetro); 2,30 mm (largura do aro); 3,81 mm (espessura).

Paralelos: Brinco exumado na sepultura 134 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 148; lâmina XXIX, fig. 1).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Época visigótica (Alarcão 1979: 142).

Observações:

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 141-142, nº 215; lâmina XXXIV, nº 215.

Bri - 12 **Est. CIV, fig. 300, 301 e 302, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 66.452.

Descrição: Fragmento de brinco em bronze, fundido em molde, com cabeça em forma de poliedro e aro torso, tendencialmente liso, incompleto.

Denota leves incisões, um pouco abaixo da resina, colocada para marcação.

Estado de conservação: Bom (consolidado).

Dimensões: 5,89 mm x 5,16 mm (diâmetro da base da cabeça); 33,98 mm (comprimento do aro); 2,38 mm (largura do aro); 2,74 mm (espessura do aro).

Paralelos: Brinco nº 29, exumado na necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Fernandez-Galiano 1976: 50, fig. 29.34; Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 130; 133, fig. 59, nº 29; 223, lâmina 26). Brinco procedente da sepultura 63 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: lâmina XLIX, fig. 2, nº 3) e objecto recolhido na sepultura nº 66 da mesma necrópole (idem: 152; lâmina XXXI, fig. 1).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Época visigótica (Alarcão 1979: 142).

Observações:

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 142, nº 217; lâmina XXXIV, nº 217.

Bri - 13 **Est. CV, fig. 303, 304 e 305, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 69.370.

Descrição: Brinco em bronze, com aro aberto, de configuração sensivelmente elíptica.

O aro apresenta-se desencontrado, sendo que o mais fino acaba por ficar colocado na parte interior da peça, estreitando progressivamente, até ao término.

O outro extremo, que surge posicionado na parte exterior, possui decoração: quatro leves incisões, elementos que criam uma espécie de modulado/caneluras.

Estado de conservação: Peça consolidada, mas, ainda assim, muito frágil, circunstância que dificulta a representação gráfica, devido ao risco de fractura do aro.

Dimensões: 27,03 mm x 19,09 mm (diâmetro); 2,14 mm (largura); 2,37 mm (espessura).

Paralelos: Brinco procedente da Abuxarda: Bri - 06 (MNA, inv. 2003.9.6). Brinco exumado na sepultura 182 de Duratón (Molinero Perez 1948: 153; lâmina XXXI, fig. 4).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 142, nº 221; lâmina XXXIV, nº 221.

Bri - 14 **Est. CVI, fig. 306, 307 e 308, nº 1 e 2.**

Prov.: Conimbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Depósito: MMC, Condeixa-a-Velha. **Nº de Inv.:** 69.371.

Descrição: Brinco em bronze, fundido em molde.

O aro é liso, destituído de decoração, apresentando configuração pouco regular. Estreita progressivamente, até um dos extremos, apontado, ponto onde a espessura é mais reduzida.

O remate oposto ostenta um elemento cilíndrico apenso, de secção circular e que terá sido colocado em momento posterior ao da feitura do aro.

Estado de conservação: Razoável. A peça denota ter sido consolidada.

Dimensões: 25,47 mm x 27,52 mm (diâmetro); 2,66 mm (largura do aro); 2,71 mm (espessura do remate).

Paralelos: Brinco nº 2, recolhido na sepultura 48 da necrópole de Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares) (Mendez Madariaga; Rascon Marquez 1989: 152; 154, fig. 66, nº 2).

Cronologia: Século VI.

Propostas cronológicas de outros autores: Época Visigótica (Alarcão 1979: 142).

Observações:

Bibliografia: Alarcão *et al.* 1979: 142, nº 218; lâmina XXXIV, nº 218.

Bri - 15 **Est. CVII, fig. 309, 310 e 311, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.20.75.

Descrição: Brinco anelar em latão, com cabeça em botão e aro aberto, fundido em molde.

Um dos extremos encontra-se parcialmente fragmentado, prestes a separar-se do restante corpo do aro. No extremo oposto, figura um elemento circular, porém em pior estado de conservação e ainda mais fragmentado. A observação da secção permitiu comprovar que este elemento decorativo é posterior, pois foi colocado de modo a encaixar no aro.

Estado de conservação: Razoável/mau, denotando particular fragilidade e risco de fractura.

Dimensões: 35,98 mm x 34,82 mm (diâmetro do aro); 9,04 mm x 5,63 mm (comprimento e largura do botão ou apêndice); 2,68 mm (largura do aro); 2,80 mm (espessura).

Paralelos: Brinco exumado na sepultura 277 de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 160; lâmina XXXV, fig. 1; lâmina XLIX, fig. 1, nº 5).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VII ou intervalo compreendido entre a segunda metade do século VI e os alvores do VIII (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 413; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 324-326).

Observações: Brinco exumado da sepultura 12, conjuntamente com dois outros objecto integrados no Catálogo: um brinco (Bri - 16, inv. TA.21.75) e um bracelete (Bra - 04). Para além destes, foram recolhidos no mesmo sepulcro outros materiais metálicos: um terceiro brinco anelar e um anel de fita com

decoração incisa, que não se revelou possível observar presencialmente, a par de um suposto fragmento de anel e de uma argola, muito incaracterísticos (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 412).

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410; 412, fig. 5, nº 6; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 322; 333, fig. 14, nº 20 A.

Bri - 16 **Est. CVIII, fig. 312, 313 e 314, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.21.75.

Descrição: Brinco em latão, com aro aberto e liso, fundido em molde.

Trata-se de uma peça compósita, que se apresenta incompleta e quebrada, evidenciando, em paralelo, sinais de corrosão em algumas zonas. O elemento aposto sobre o aro, amovível, encontra-se particularmente degradado e fragmentado.

Estado de conservação: Razoável/mau.

Dimensões: 37,01 mm x 32,48 mm (diâmetro do aro); 4,76 mm (largura do elemento amovível); 2,41 mm (espessura do aro); 3,09 mm (espessura do elemento amovível).

Paralelos: Brinco procedente da sepultura 153 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Pérez 1948: 151; lâmina XXX, fig. 2).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: Século VII ou intervalo compreendido entre a segunda metade do século VI e os alvores do VIII (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 413; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 324-326).

Observações: Brinco exumado da sepultura 12, conjuntamente com dois outros objecto integrados no Catálogo: um brinco (Bri - 15, inv. TA.20.75) e um bracelete (Bra - 04). Para além destes, foram recolhidos no mesmo sepulcro outros materiais metálicos: um terceiro brinco anelar e um anel de fita com decoração incisa, que não se revelou possível observar presencialmente, a par de um suposto fragmento de anel e de uma argola, muito incaracterísticos (Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 412).

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410; 412, fig. 5, nº 8; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 322; 327, fig. 10, nº 8; 333, fig. 14, nº 20 B.

Bri - 17 **Est. CIX, fig. 315, 316 e 317, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.30.75.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde, com remate ou cabeça paralelepipédica. A decoração, circunscrita à referida cabeça, reporta-se a incisões que, lateralmente, prefiguram motivos geométricos; na zona superior e inferior, resume-se a sulcos dispostos na vertical.

A observação do topo revela seis caneluras, sendo que a que se localiza no extremo da peça possui dimensão diminuta (0,45 mm de espessura). A do extremo oposto marca o arranque do aro.

Estado de conservação: Razoável/bom.

Dimensões: 37,11 mm x 35,53 mm (diâmetro do aro); 7,74 mm x 3,66 mm (comprimento e largura do remate paralelepipédico); 3,38 mm (largura do aro); 2,40 mm (espessura do aro).

Paralelos: Brinco recolhido na sepultura 6 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 142; lâmina XXV, fig. 1, lâmina XLIX, fig. 2, nº 9 e 10).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Peça recolhida na sepultura 6 Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 327). É idêntica à seguidamente descrita: Bri - 18 (MNA, inv. TA.38.75), a qual poderá corresponder ao par do objecto em análise.

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 322; 327, fig. 10, nº 6; 333, fig. 14, nº 20 B.

Bri - 18 **Est. CX, fig. 318, 319 e 320, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.38.75.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde, em bom estado de conservação, evidenciando ter sido alvo de tratamento.

O aro é aberto e liso, sendo um dos extremos apontado.

A cabeça apresenta forma paralelepipédica, possuindo decoração. Lateralmente, a disposição das incisões perfaz motivos triangulares. Na parte superior são observáveis sete caneluras, com espessura média de 1 mm, apartadas por sulcos, também incisos, verticais e paralelos entre si. A parte interior do brinco, apresenta, por seu turno, outros tantos motivos, com organização similar.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 37,31 mm x 36,24 mm (diâmetro do aro); 9,62 mm x 2,40 mm (comprimento e largura do remate paralelepipédico); 3,59 mm (largura do aro); 2,45 mm (espessura do remate paralelepipédico).

Paralelos: Brincos da sepultura 6 da necrópole de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 142; lâmina XXV, fig. 1, lâmina XLIX, fig. 2, nº 9 e 10).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações: Objecto análogo ao acima descrito: Bri - 18 (MNA, inv. TA.30.75).

Bibliografia: Cardoso 1991: 71; Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F. 1995: 322.

Bri - 19 **Est. CXI, fig. 321, 322 e 323, nº 1 e 2.**

Prov.: Talaíde (Freg. S. Domingos de Rana; Conc. Cascais; Dist. Lisboa).

Depósito: MCCG, Cascais. **Nº de Inv.:** TA.39.75.

Descrição: Brinco anelar em bronze, fundido em molde e dotado de cabeça paralelepipédica facetada. Possui um aro simples, aberto e liso, de secção circular e contorno irregular. O extremo do aro oposto à cabeça, encontra-se quebrado e dobrado.

Na superfície frontal do remate superior da peça, a incisão de cinco sulcos permitiu a modulação de caneluras. No topo, as incisões restringem-se ao número de cinco. Na superfície interior, figura apenas um sulco central intermédio, horizontal, cruzado por três outros, verticais.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 32,85 mm x 30,62 mm (diâmetro do aro); 5,73 mm x 3,86 mm (comprimento e largura da cabeça paralelepipédica); 2,10 mm (largura do aro); 2,15 mm (espessura).

Paralelos: Brinco anelar nº 28, recolhido na necrópole de Afligidos "O" (Alcalá de Henares) (Fernandez-Galiano 1976: 50, fig. 29.33; Mendez Madariaga; Rascon Marquez 1989: 130; 133, fig. 59, nº 28; 223, lâmina 26). Brincos nº 1 e 2 exumados da sepultura 146 da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo) (Ripoll López 1985: 115, fig. 36, nº 1 e 2; 116).

Cronologia: Séculos VI-VII.

Propostas cronológicas de outros autores: -

Observações:

Bibliografia: Cardoso, G. e Cardoso, J. L. 1995: 410; Cardoso, J. L., Cardoso, G. e Guerra, M. F.

1995: 322; 333, fig. 14, nº 7.

Contas:

Cc - 01 **Est. CXII, fig. 324, 325 e 326, nº 1 e 2.**

Prov.: Lovelhe (Freg. Lovelhe; Conc. Vila Nova de Cerveira; Dist. Viana do Castelo).

Depósito: CMVNC. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: Conta em ouro, de forma bitroncocónica, recolhida no âmbito de uma intervenção arqueológica realizada em Lovelhe.

Foi produzida a partir de duas finas folhas de ouro, marteladas, enroladas e soldadas, de forma a criar dois troncos de cone, posteriormente justapostos e igualmente soldados. Ostenta, em cada uma das extremidades, uma perfuração ou orifício, destinado a permitir a passagem de um fio de suspensão.

Encontra-se dividida em quatro campos distintos, dois por cada um dos troncos de cone, sendo a separação entre as partes estabelecida através de uma fieira, a que pequenos sulcos incisos ou golpeados conferem a impressão de constar de um fio entrançado ou perlado.

A decoração refere-se a palmetas ou a motivos em *SSS*, em posições e dimensões desiguais.

De facto, os motivos decorativos oscilam consideravelmente, de acordo com os campos delimitados em que se inscrevem, denunciando também e em paralelo, variantes no interior de cada um dos campos propriamente ditos.

À primeira vista, a conta afigura-se bastante simétrica. Porém, uma observação mais atenta revela certas irregularidades, patentes mesmo ao nível dos relevos que delimitam os campos em que se divide a peça.

Estado de conservação: Muito bom.

Dimensões: 29,03 mm (comprimento); 15,39 mm (largura); 9,96 mm (espessura); 9,93 mm (diâmetro de um dos extremos); 8,5 g (peso).

Paralelos: Brinco exumado em Daganzo de Arriba, Madrid e peça procedente de Torre Dondimen, Jaen (Almeida e Recarey 1985/86: 124; idem 1988: 202). Conta de brinco recolhida na sepultura 192 de Duratón (Segóvia) (Molinero Perez 1948: 154; lâmina XXXII, fig. 3; lâmina XL; lâmina XLIX, fig. 1, nº 8).

Cronologia: Século VI, anterior a 589.

Propostas cronológicas de outros autores: Período suevo-visigótico (Almeida 1985/86: 124). Século V-VII, com maior probabilidade de integração no VI (Almeida e Recarey 1988: 203).

Observações:

Bibliografia: Almeida e Recarey 1985/86: 123-126; Almeida 1986a: 38; Almeida e Recarey 1988: 199-205; Rodríguez Resino 2004: 76-77.

Diademas:

Dia - 01 **Est. CXIII, fig. 327.**

Prov.: Beiral do Lima (Freg. Beiral do Lima; Conc. Ponte de Lima; Dist. Viana do Castelo).

Depósito: Paradeiro desconhecido. **Nº de Inv.:** s/nº de inventário.

Descrição: O diadema, produzido em ouro, é constituído por vários elementos distintos: oito contas, seis das quais de forma aproximadamente oblonga/bicónica e duas de configuração cilíndrica e por trinta e quatro pequenos pendentes apontados, similares a agulhas. Em paralelo e em cada uma das extremidades, figuram elementos semelhantes a alfinetes, com cabeça dobrada em anel e pé comprido, que poderiam servir para prender a peça às vestes.

O aro que sustenta todos estes elementos apresenta-se decorado por um filamento de ouro enroscado.

Estado de conservação:

Dimensões: 0,16 cm (comprimento máximo de uma das contas bicónicas);

Paralelos: Peça da Colecção Clerq (Paris) e tesouro de Heda (Vartmanland, Suécia) (Rigaud de Sousa 1979: 297). Colar recolhido no túmulo feminino de Hochfelden (Estrasburgo). Peça oriunda de Bakodpuszta (Hungria). Colar de Kertsch (Ucrânia). Colar exumado em sepultura feminina de Untersiebenbrunn (Baixa Áustria) (López Quiroga 2001: 117-118).

Cronologia: Século V.

Propostas cronológicas de outros autores: Época suevo-visigótica (Viana 1961: 9-10). Segunda metade do século VI, princípios do VII (Almeida 1979: 312). Século V-VI (Rigaud de Sousa 1979: 297). Século VI (Barroca 1987: 86). Cerca de 419 d.C. (López Quiroga; Rodríguez Lovelle 1999: 232). Finais do século IV e primeira metade do século V. Período D2 (380/400-440/450) da cronologia de Tejral (López Quiroga 2001: 118).

Observações: O diadema não foi analisado directamente, visto não ter sido possível descortinar qual o local onde se encontra depositado. É sabido que o anel (An - 11) e o diadema chegaram a integrar as colecções do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral[3], encerrado ao público em 1992. Na sequência de tal ocorrência e segundo algumas informações, as jóias de Beiral terão sido deslocadas para o MNA. No entanto, na referida instituição, foi-nos comunicado que tal situação não se verificava.

[3] Lanhas 1969: 249.

Bibliografia: Viana 1961; Lanhas 1969: 246-260; Almeida 1979: 312; Rigaud de Sousa 1979: 293-304; Almeida 1986 b: 34; Barroca 1987: 83-88; Mattoso 1992: 341; Casal García; Paz Lobeiras 1996: 17; López Quiroga; Rodríguez Lovelle 1999: 231-232; López Quiroga 2001: 115-124 (117); Rodríguez Resino 2003: 286-287; 296, fig. 3; idem 2004: 128-129.

Adorno ou cabuchão:

Ad - 01 **Est. CXIV, fig. 328, 329 e 330, nº 1 e 2.**

Prov.: Beja (Freg. Santa Clara de Louredo; Conc. Beja; Dist. Beja).

Depósito: MNA, Lisboa. **Nº de Inv.:** Au 126.

Descrição: Adorno de ouro, fundido e martelado.

Apresenta, no campo central, uma granada de forma oval e cor vermelha escura, embutida numa espécie de cápsula de chapa de ouro.

Ladeando a peça ao longo de todo o perímetro, revela-se um fino trabalhado, espécie de cordão eivado de finas caneluras dispostas na horizontal.

Revela uma mancha escura, na superfície frontal, localizada entre o cabuchão e o cordão trabalhado, a qual poderá corresponder ao derrame da matéria utilizada para encastoar a granada, visto que é perceptível uma fina película ao longo de todo o contorno da mesma.

No verso da peça, uma abertura visível na lâmina de ouro, revela a presença de material de tonalidade escura, no interior.

Estado de conservação: Bom.

Dimensões: 18,25 mm x 14,94 mm (diâmetro da peça); 11,84 mm (espessura); 25,6 g (peso);

Paralelos: Objectos de adorno da época húnica, recolhidos numa sepultura dupla, em Untersiebenbrunn (Áustria) (Kazanski 1991: 79), com cronologia atribuída ao século V (idem: 76).

Cronologia: Século V.

Propostas cronológicas de outros autores: Início do século V **(**Hauschild 1986: 152). Meados do século V (Rodríguez-Aragon 1997: 638).

Observações: A este tipo de elemento, de possível origem alano-sármata e cuja difusão se encontra associada à presença de grupos de hunos no ocidente europeu, foi recorrentemente atribuído carácter mágico. A hipótese de se revestir de utilidade "prática", relacionada com a decoração do fiador ou cordão dos copos de espadas, foi levantada mais recentemente (Rodríguez-Aragón 1997: 638). No enquadramento desta perspectiva, este adorno, em particular, poderia ter pertencido à espada de Beja.

Nível de classificação do MNA: Interesse Nacional.

Bibliografia: Campos 1906: 285; Supiot 1934: 54, fig. 5, I; Viana 1953: 185; 187; Almeida 1962: lâmina LXIII, fig. 343; Hauschild 1986: 152; Pérez Rodríguez-Aragón 1997: 631, nº 20; 636, fig. 5, 2; 638; Santos 2008: 364-365, c); 681.

Anexo II -

Documentação gráfica.



Fig. 1.



Fig. 2.

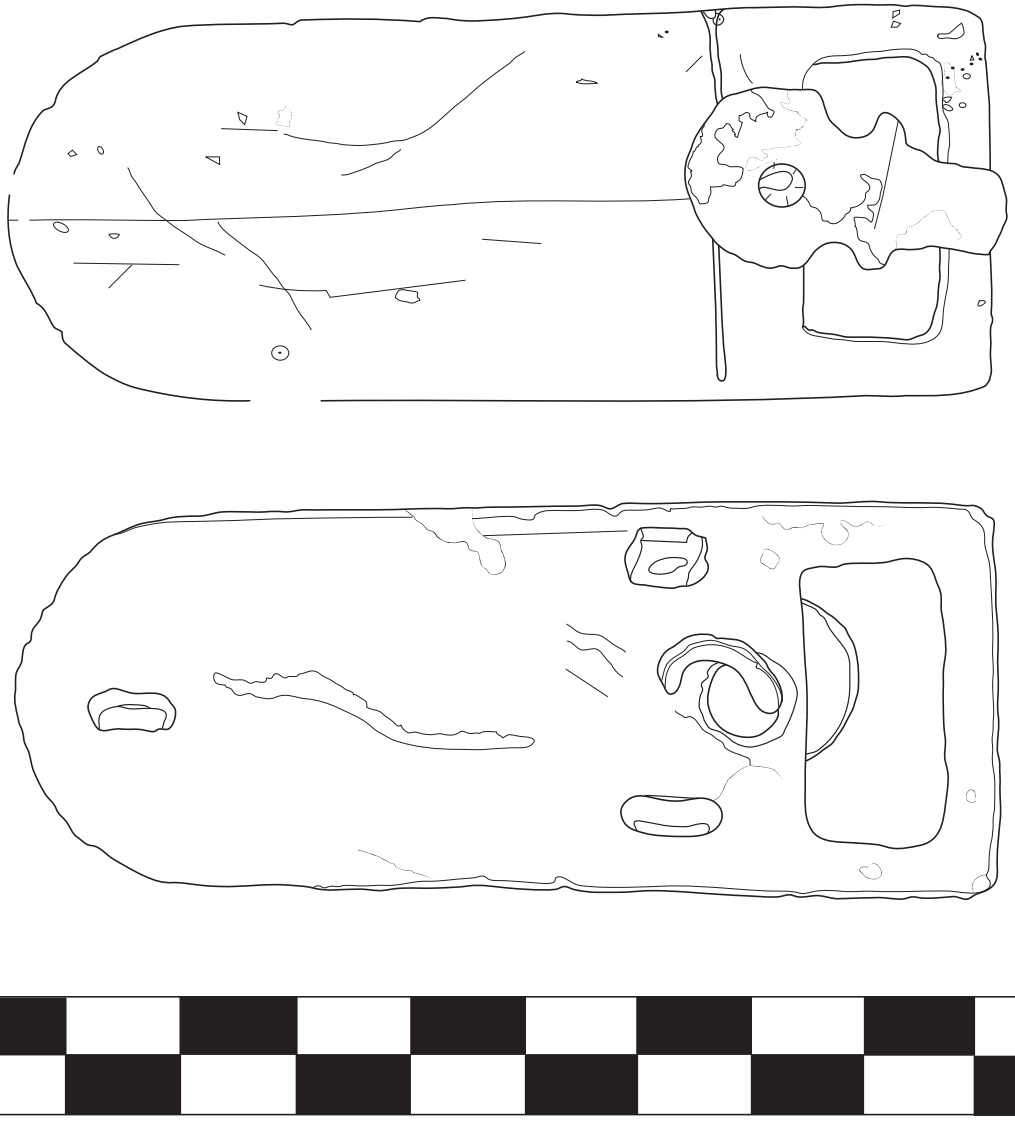


Fig. 3, nº 1 e 2.



Fig. 4.



Fig. 5.

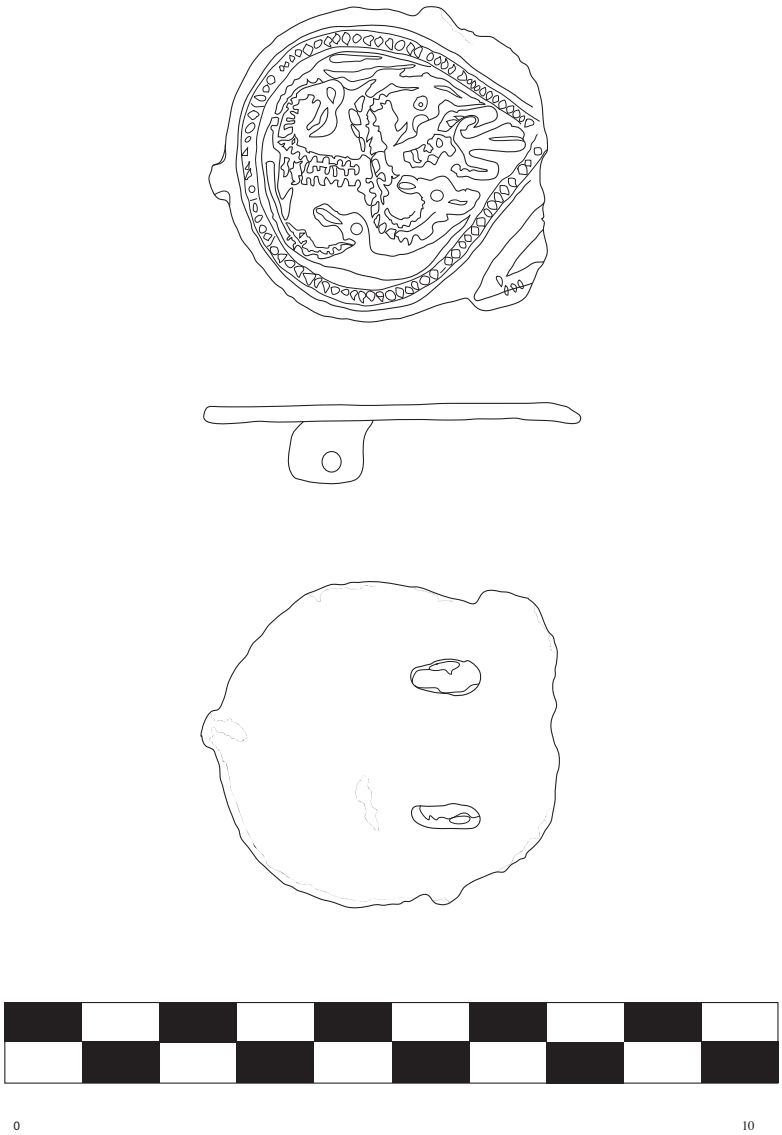


Fig. 6, nº 1, 2 e 3.

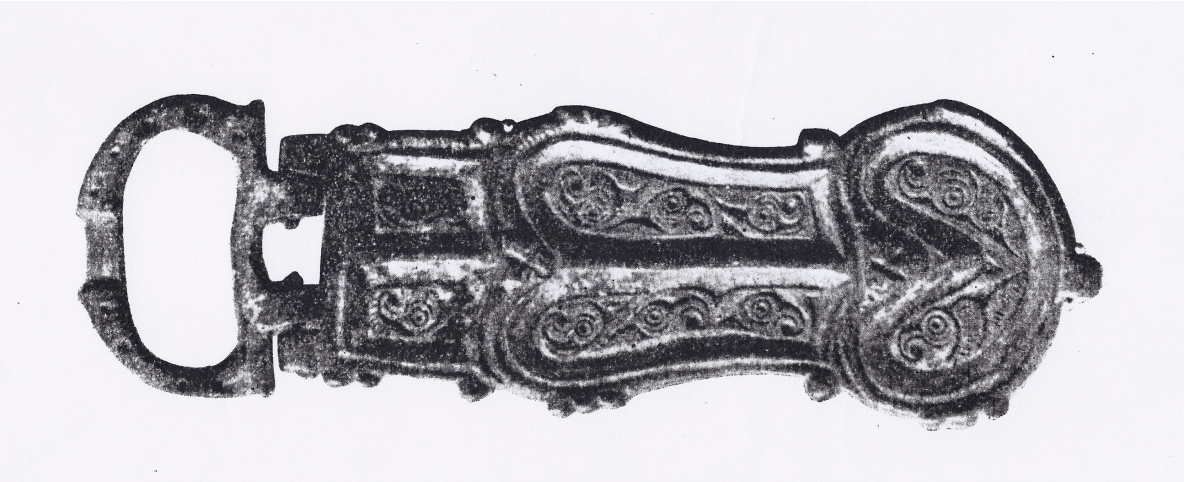


Fig. 7 (segundo Cardozo 1942: 253, fig. 6).



Fig. 8.



Fig. 9.

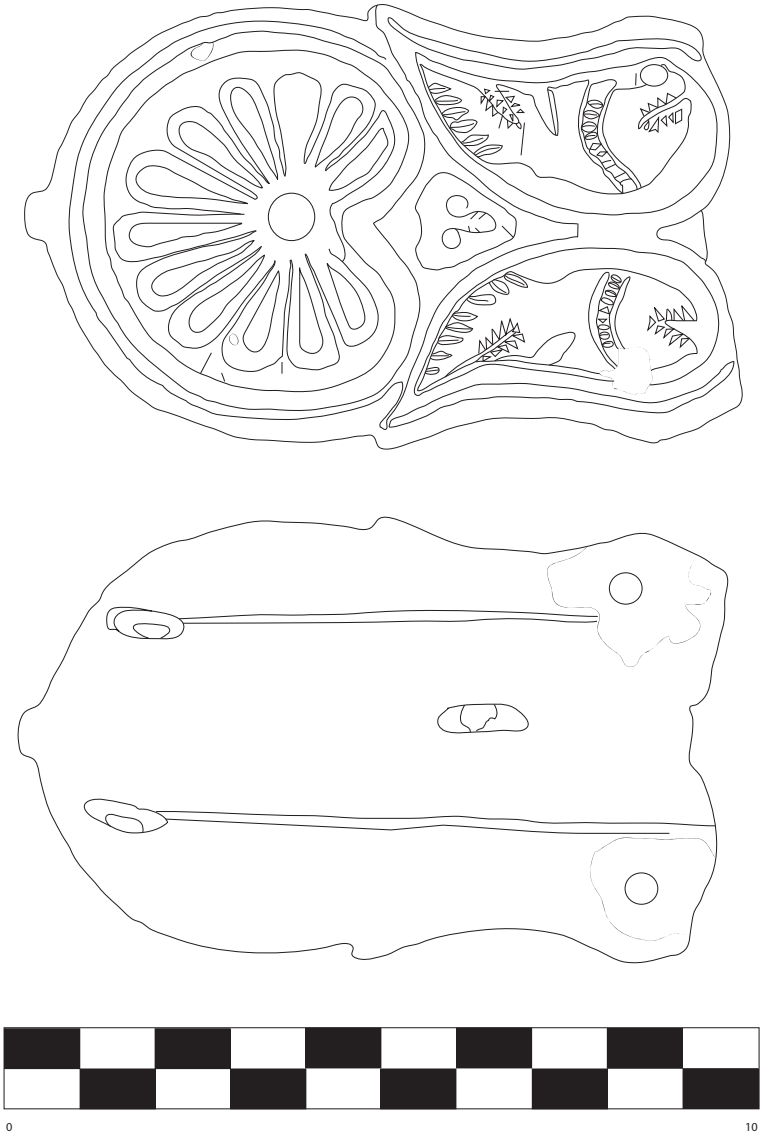


Fig. 10, nº 1 e 2.



Fig. 11.



Fig. 12.

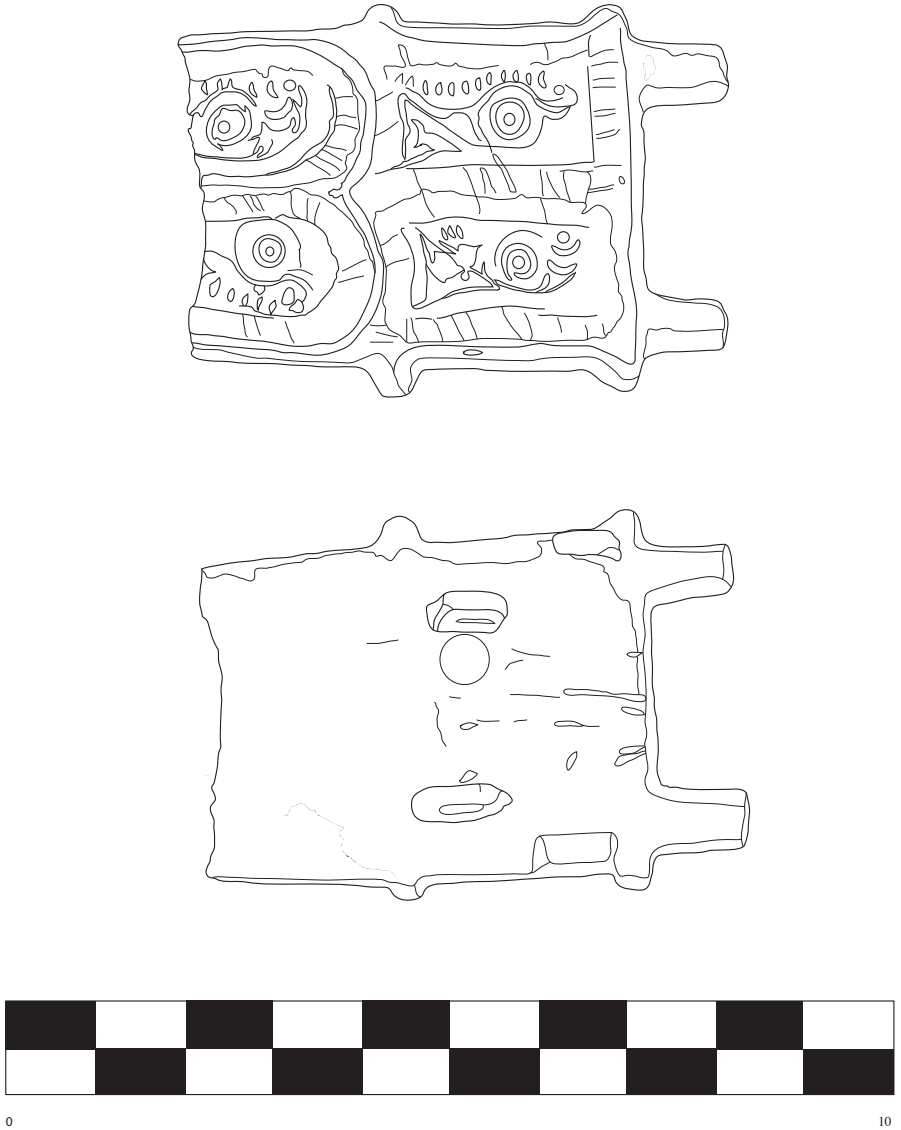


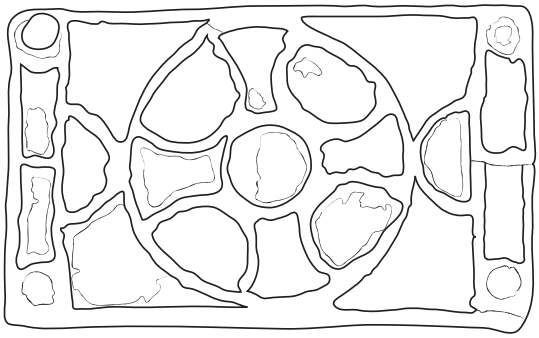
Fig. 13, nº 1 e 2.

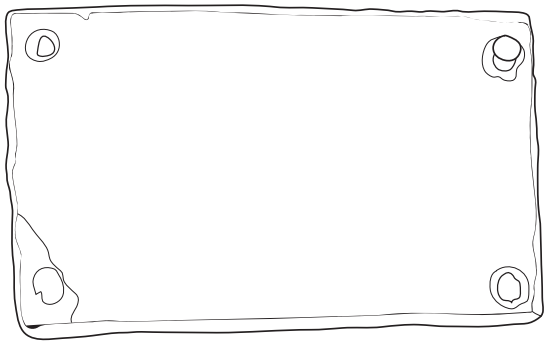


Fig. 14.



Fig. 15.





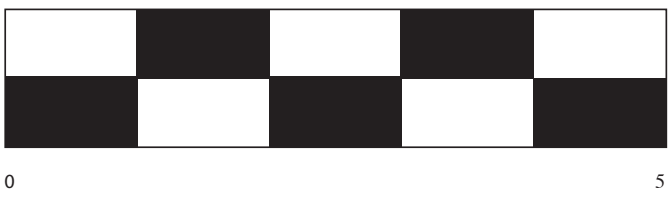


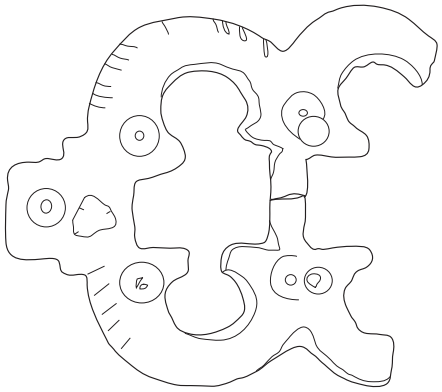
Fig. 16, nº 1 e 2.



Fig. 17.



Fig. 18.



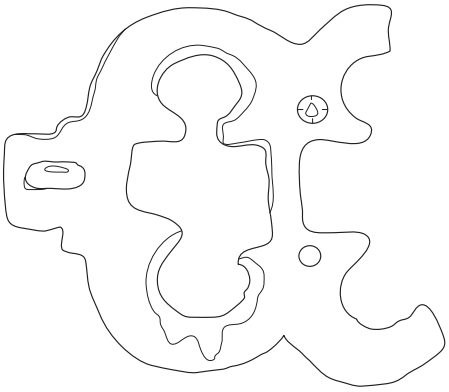




Fig. 19, nº 1 e 2.



Fig. 20.

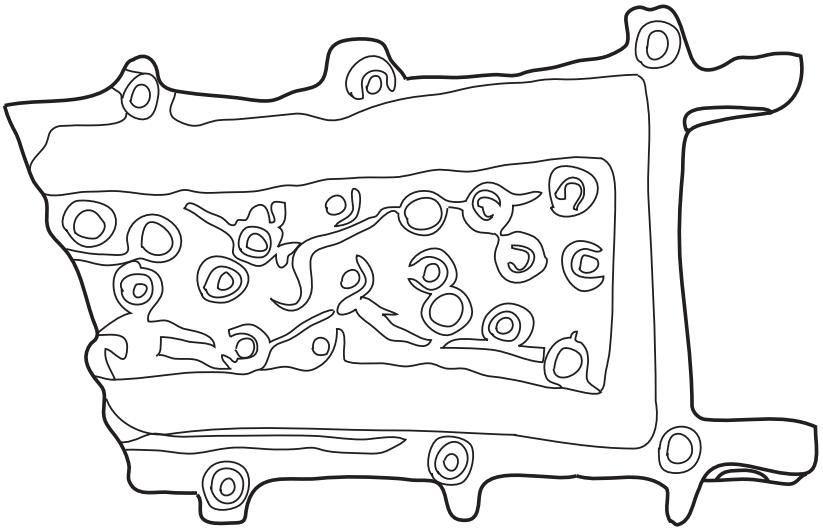




Fig. 21.



Fig. 22.



Fig. 23.

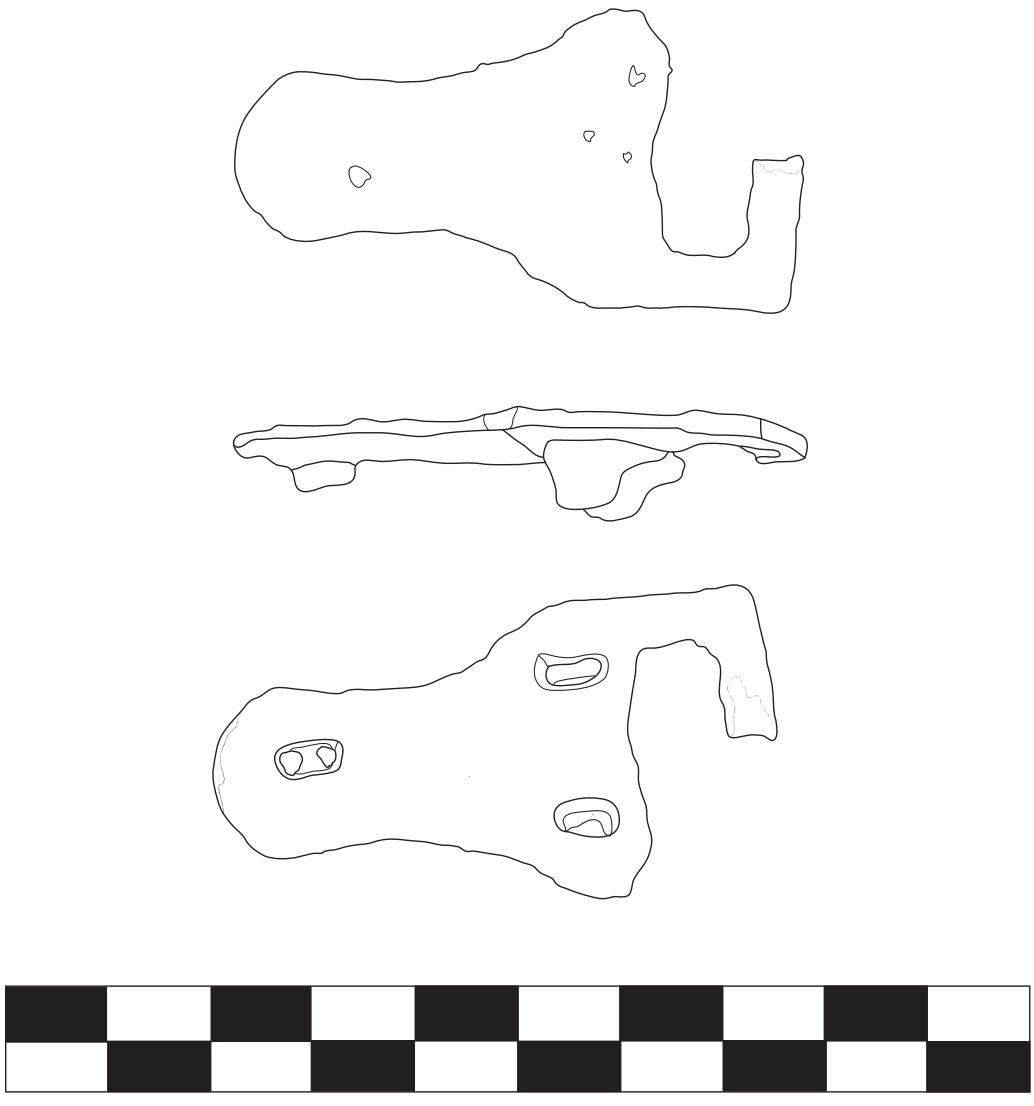


Fig. 24, nº 1, 2 e 3.



Fig. 25.



Fig. 26.

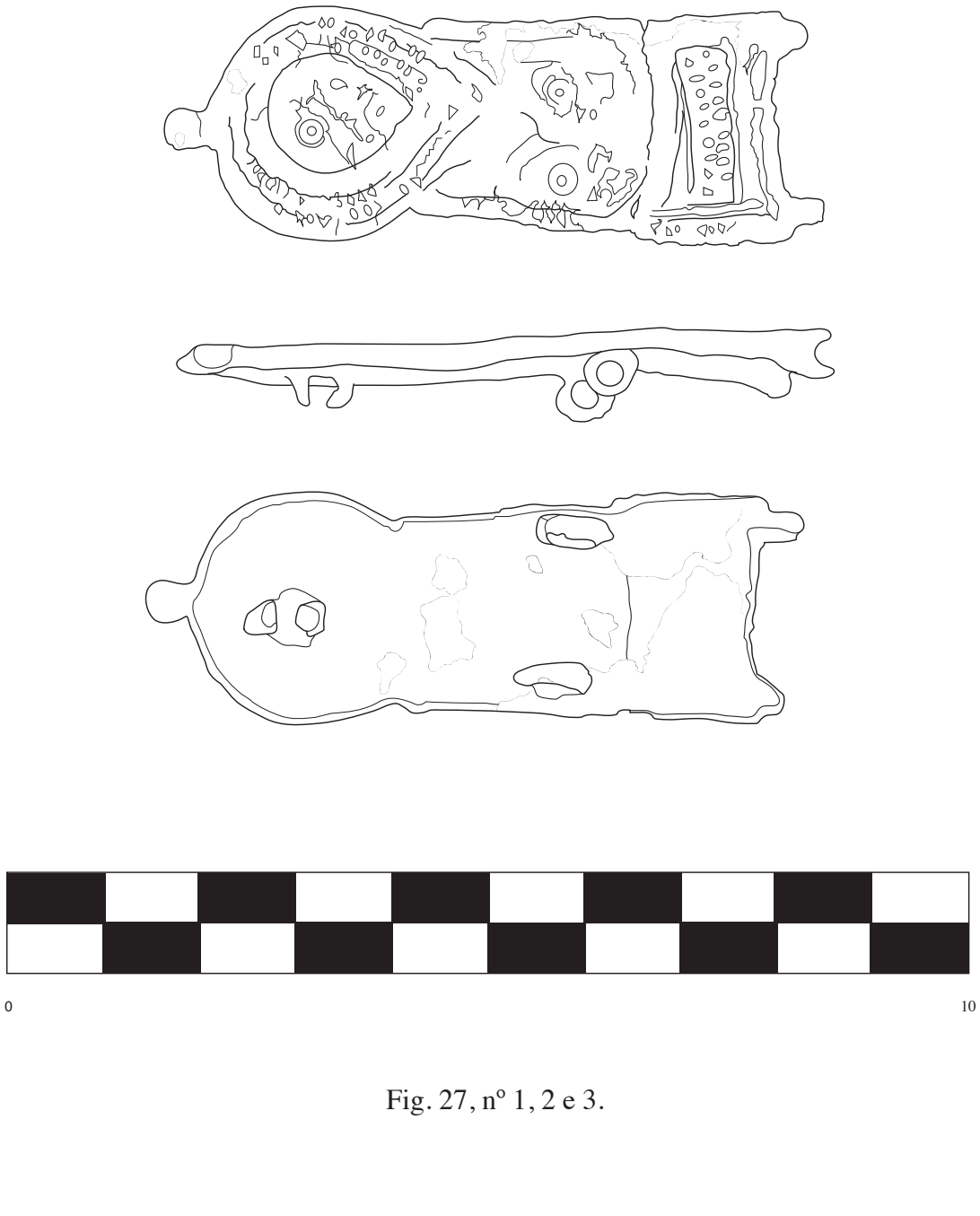


Fig. 27, nº 1, 2 e 3.



Fig. 28.



Fig. 29.

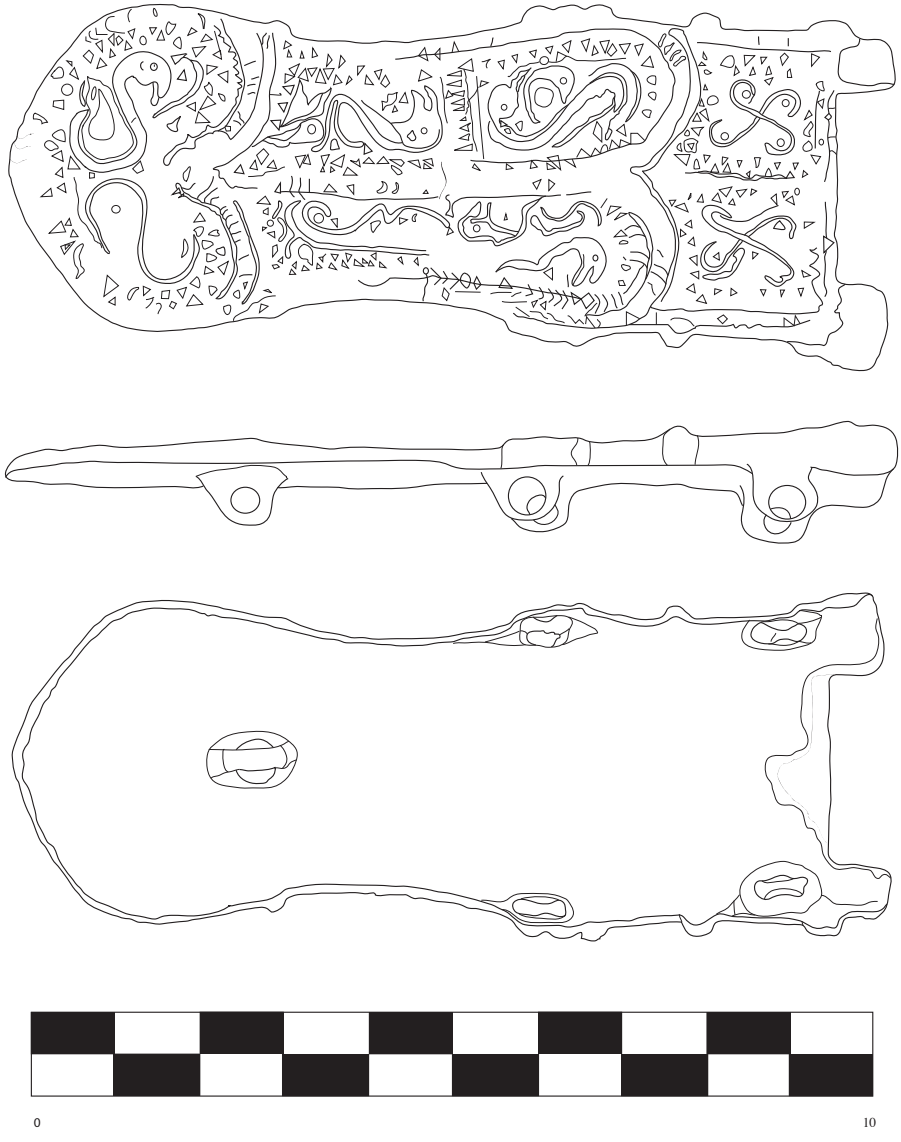


Fig. 30, nº 1, 2 e 3.



Fig. 31.



Fig. 32.

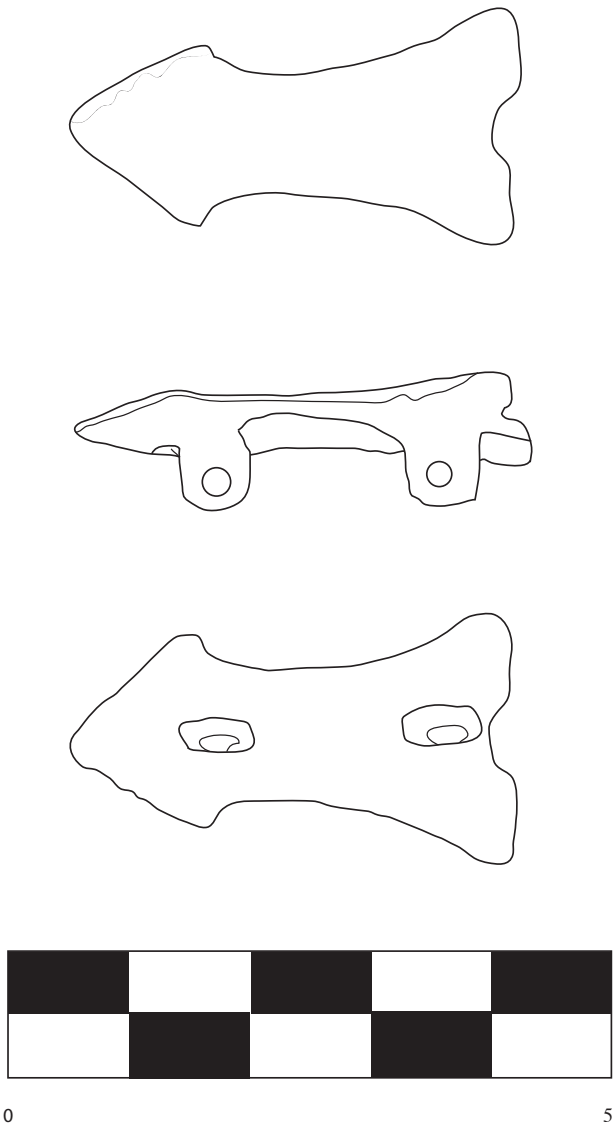


Fig. 33, nº 1, 2 e 3.



Fig. 34.



Fig. 35.

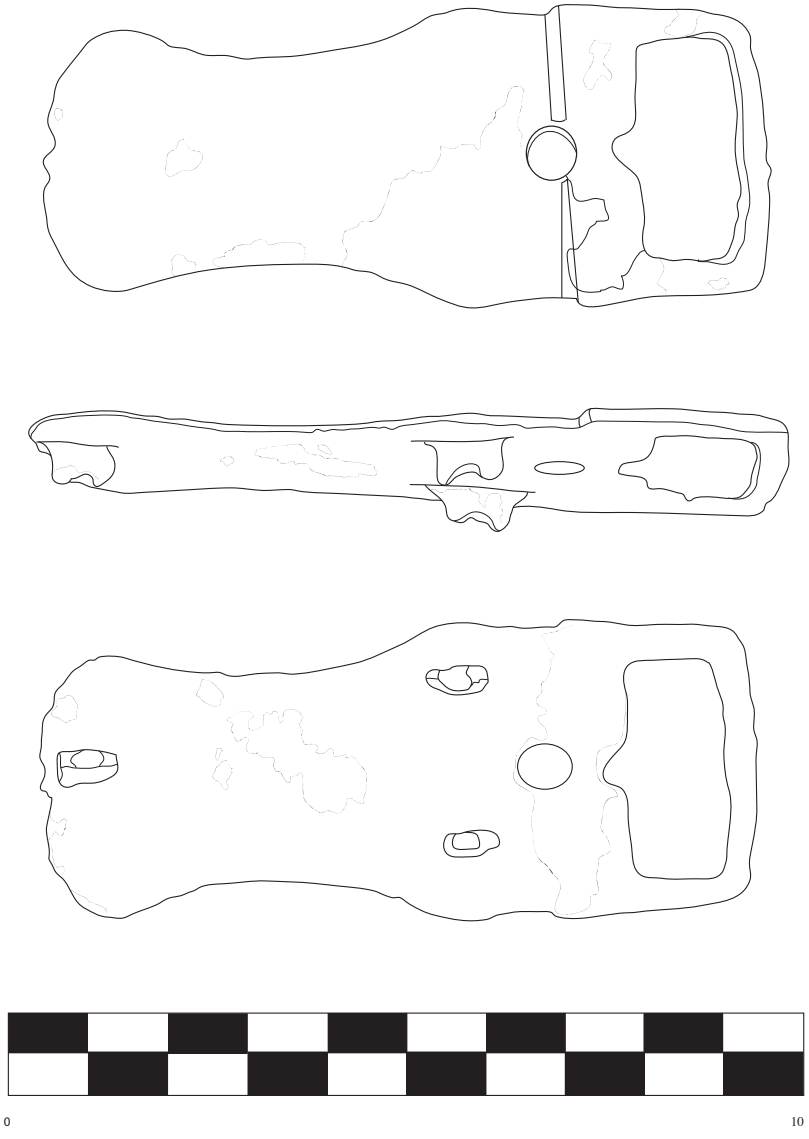


Fig. 36, nº 1, 2 e 3.



Fig. 37.



Fig. 38.

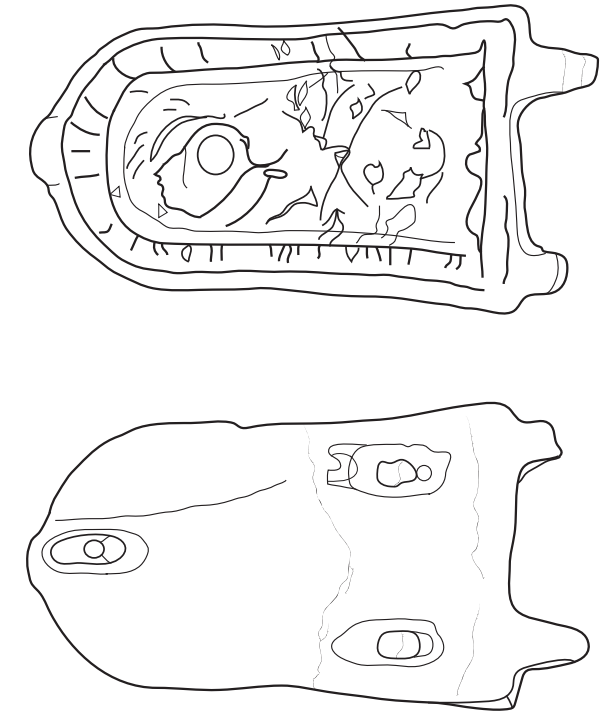


Fig. 39, nº 1 e 2.



Fig. 40.



Fig. 41.



Fig. 42, nº 1, 2 e 3.



Fig. 43.



Fig. 44.

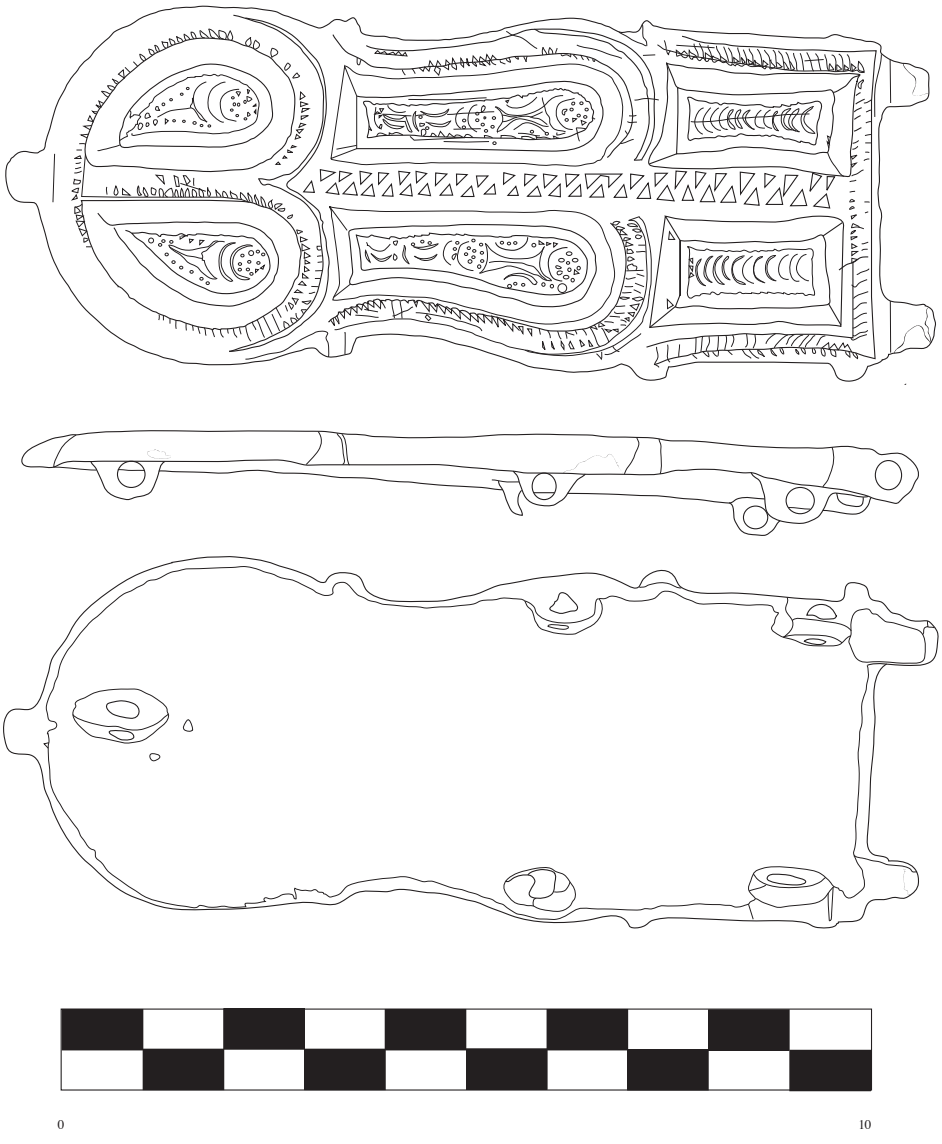


Fig. 45, nº 1, 2 e 3.



Fig. 46.



Fig. 47.

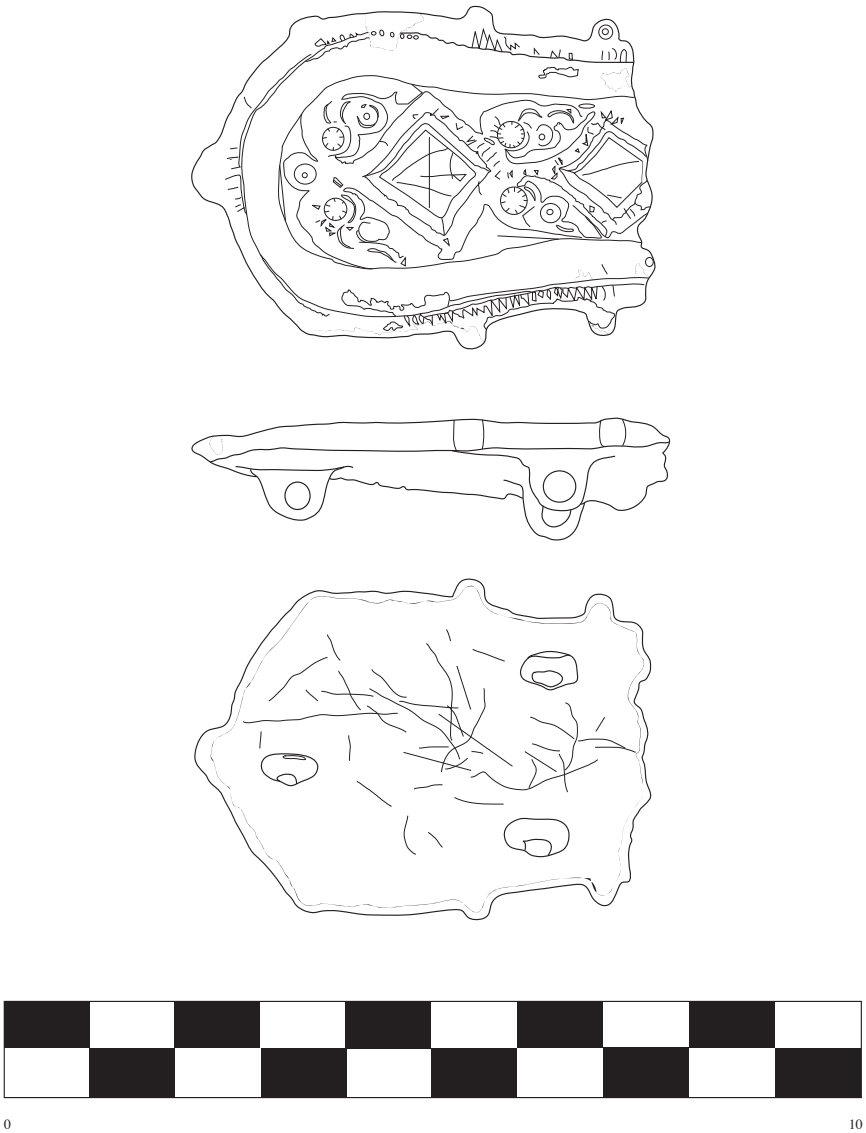


Fig. 48, nº 1, 2 e 3.



Fig. 49.



Fig. 50.

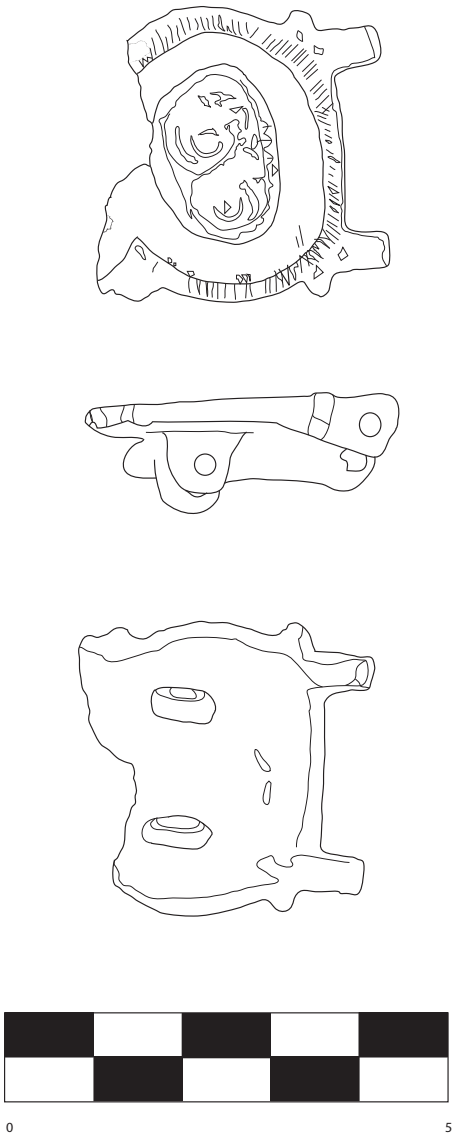


Fig. 51, nº 1, 2 e 3.



Fig. 52.



Fig. 53.

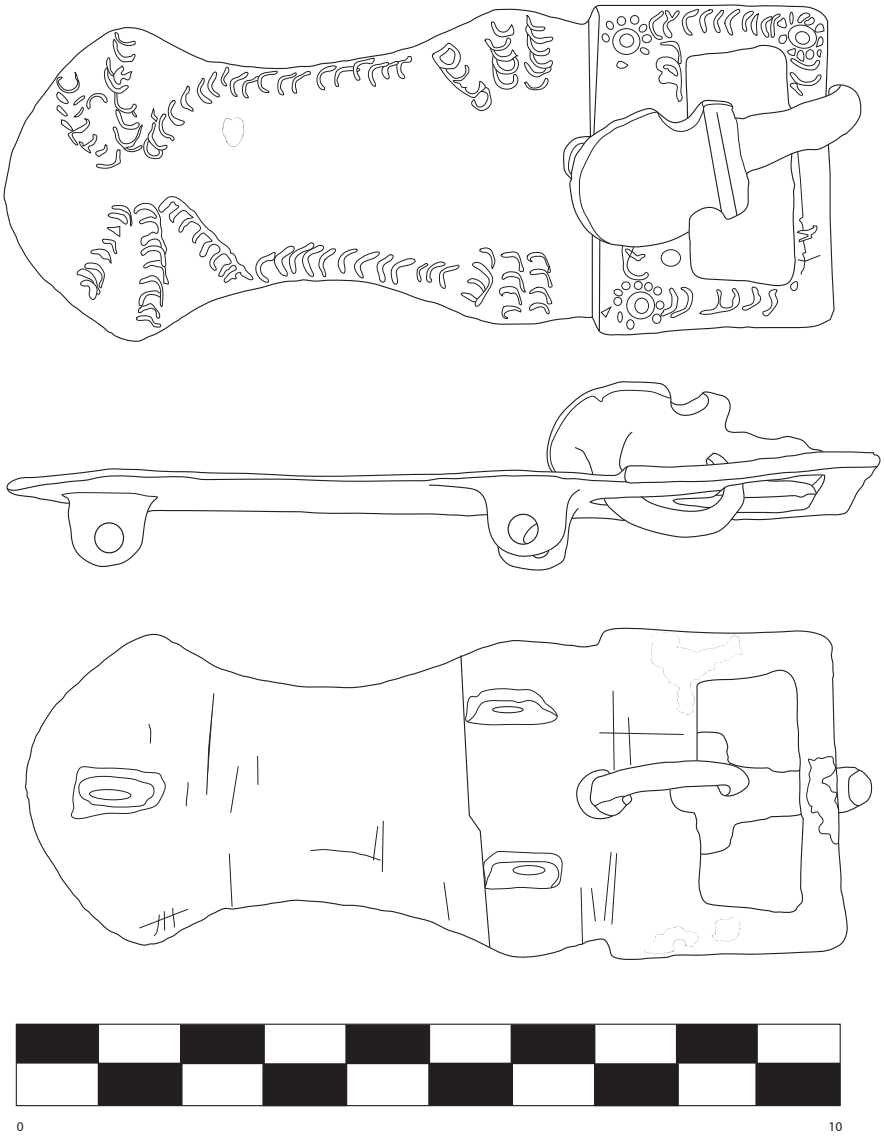


Fig. 54, nº 1, 2 e 3.

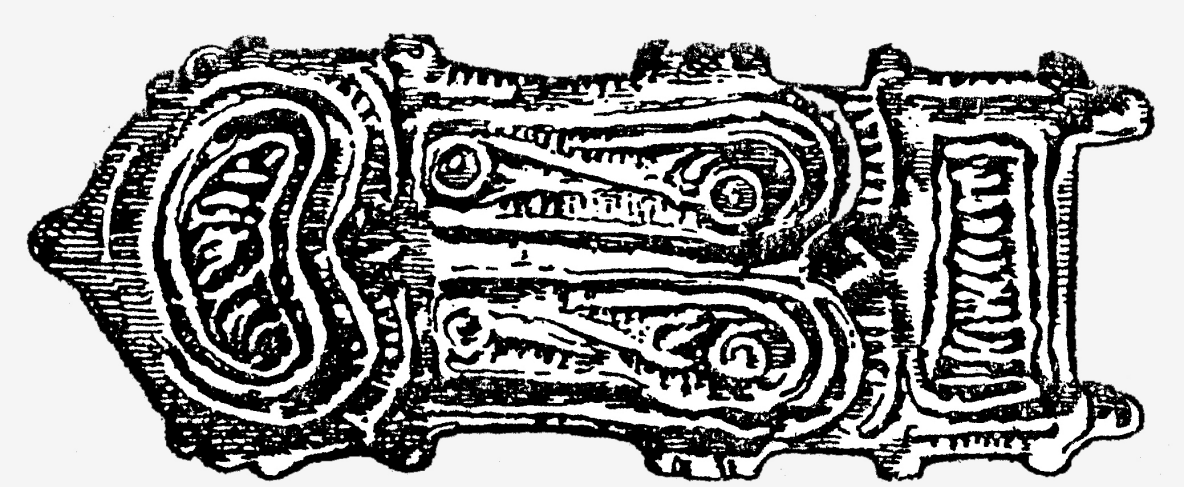


Fig. 55 (segundo Vasconcelos 1932-34: 5, fig. 6).



Fig. 56.



Fig. 57.



Fig. 58, nº 1 e 2.



Fig. 59.



Fig. 60.

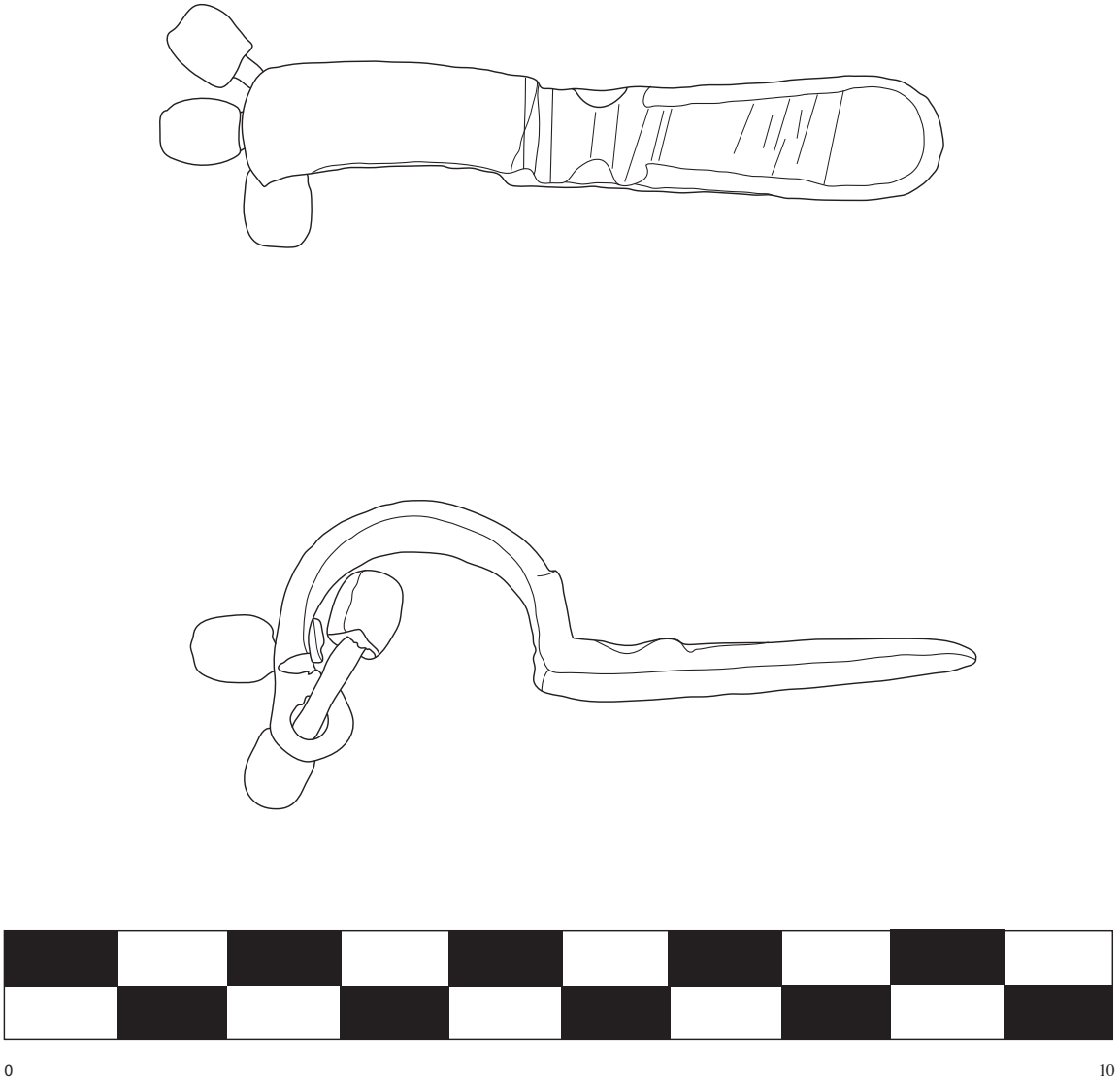


Fig. 61, nº 1 e 2.



Fig. 62.



Fig. 63.



Fig. 64, nº 1 e 2.

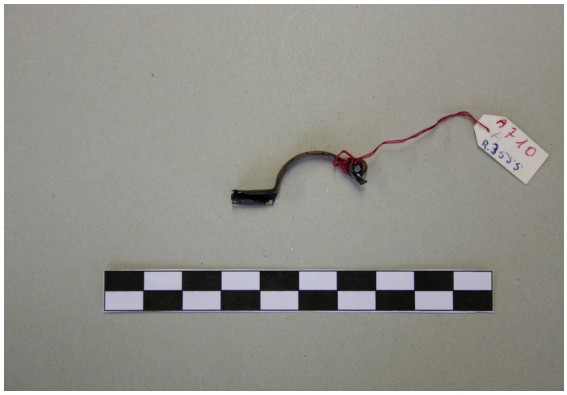


Fig. 65.

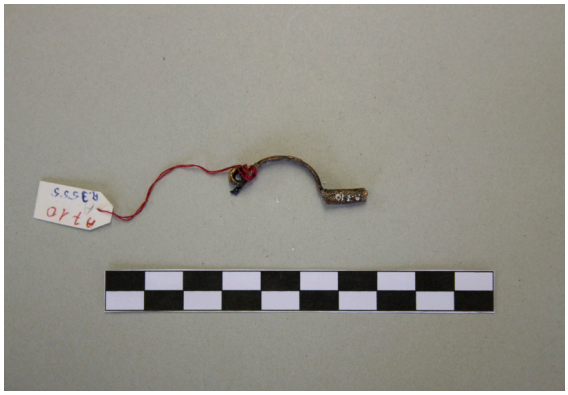
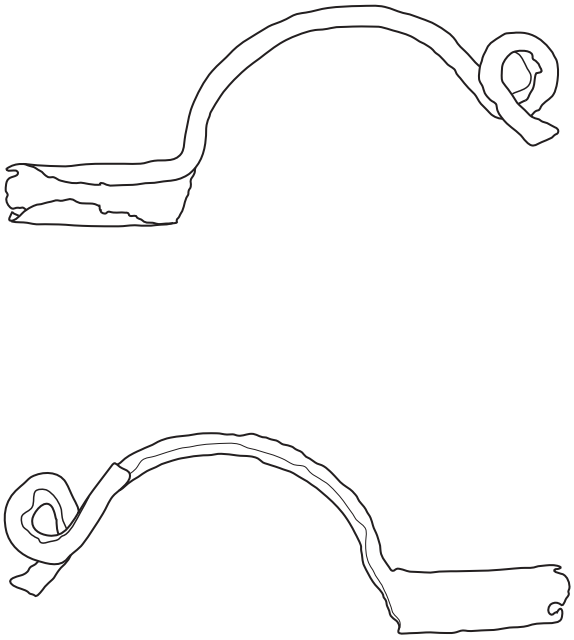


Fig. 66.



0 5

Fig. 67, nº 1 e 2.



Fig. 68.

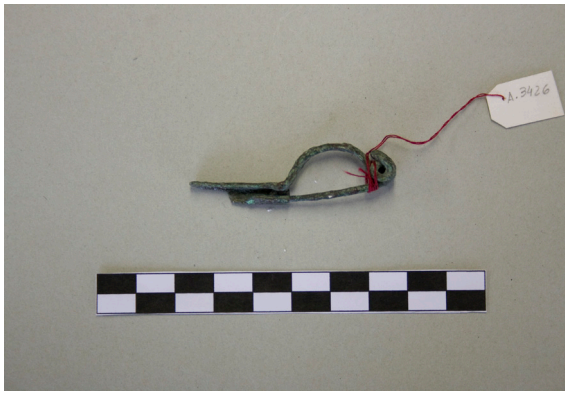


Fig. 69.

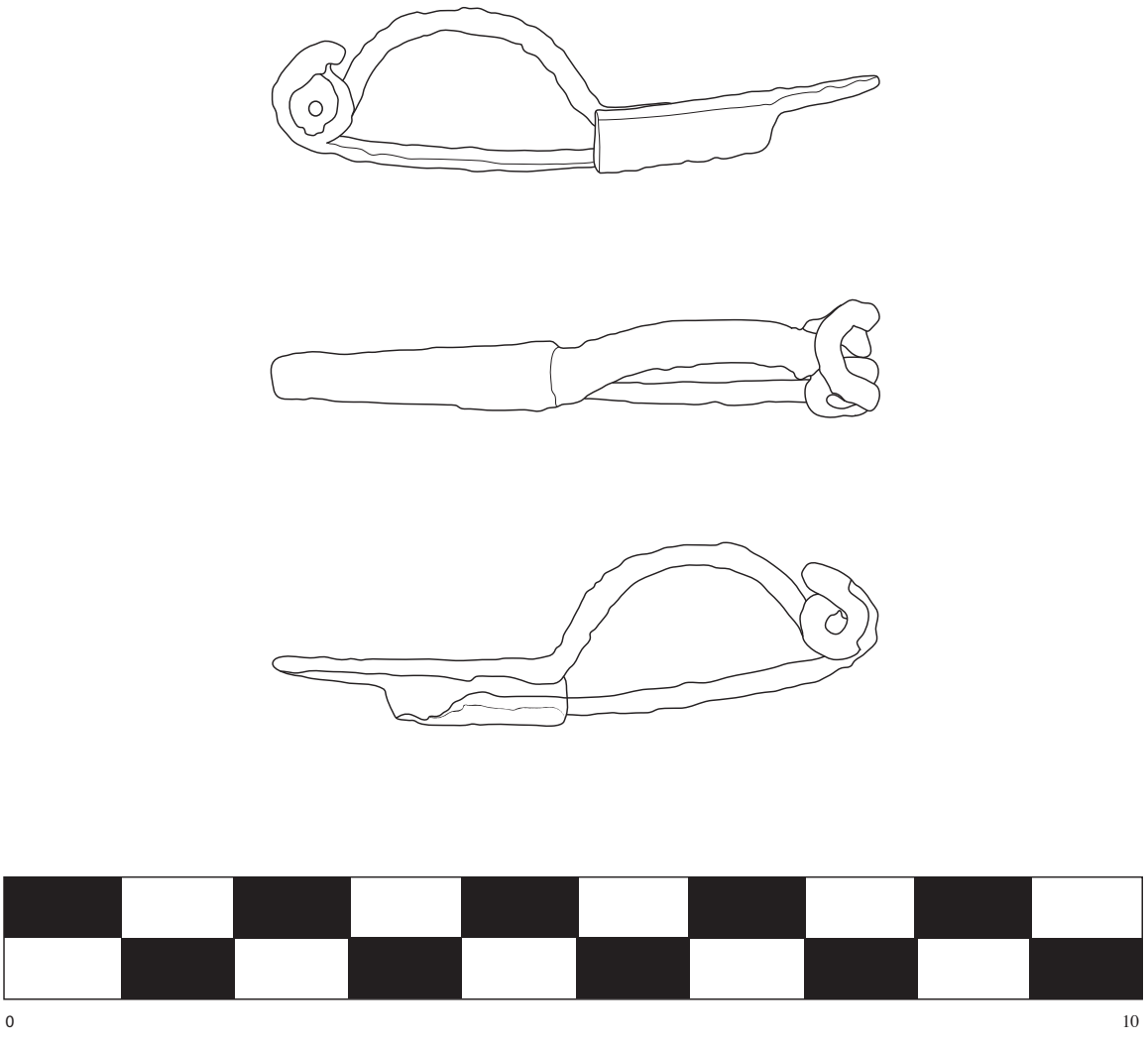


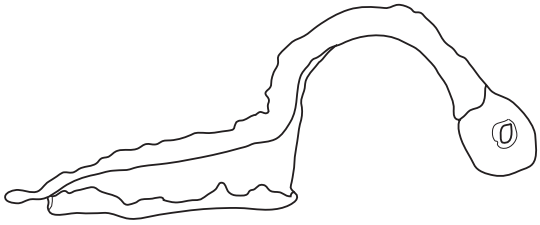
Fig. 70, nº 1 , 2 e 3.

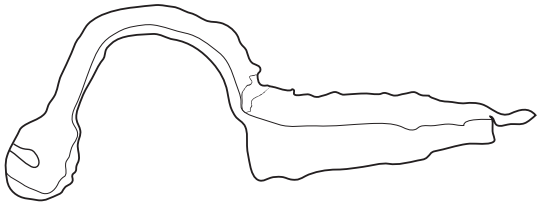


Fig. 71.



Fig. 72.





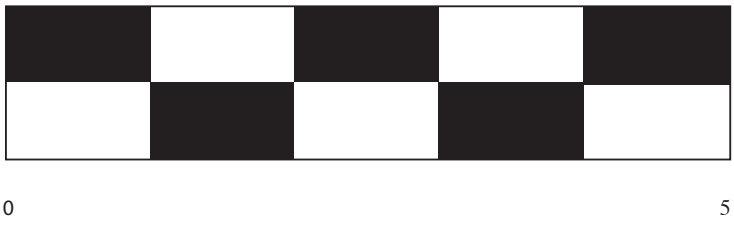


Fig. 73, nº 1 e 2.



Fig. 74.



Fig. 75.



Fig. 76, nº 1 e 2.



Fig. 77.



Fig. 78.

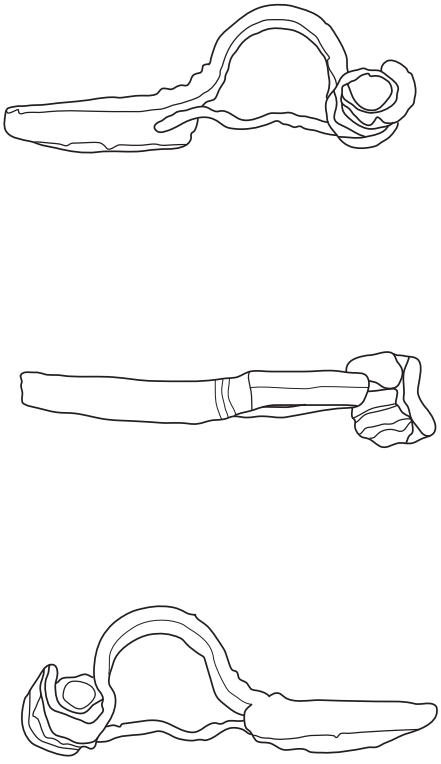


Fig. 79, nº 1, 2 e 3.



Fig. 80 (Fotografia cedida pelo MRADS, Braga).



Fig. 81.



Fig. 82.

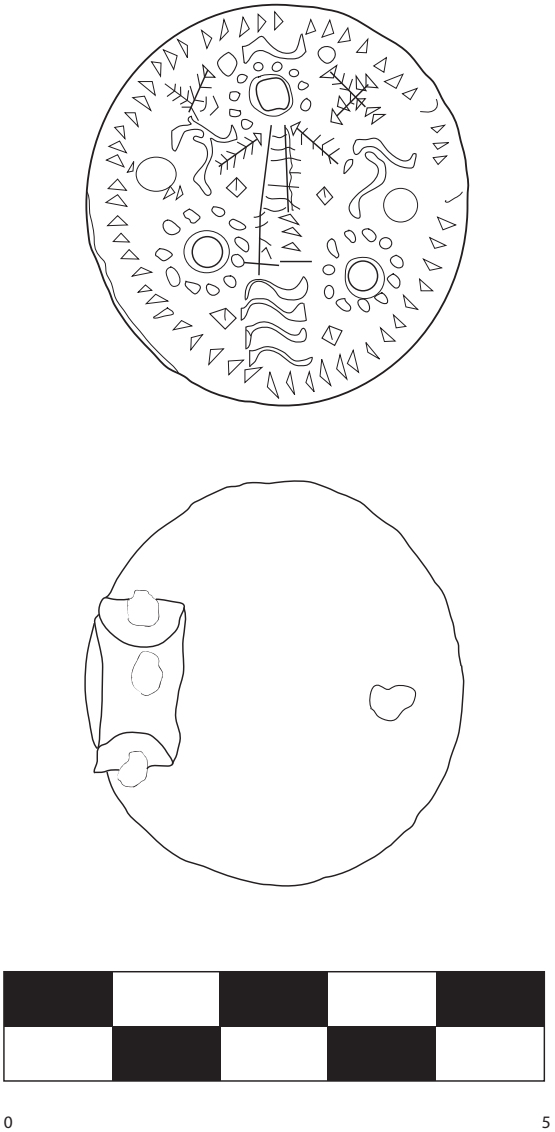


Fig. 83, nº 1 e 2.



Fig. 84.



Fig. 85.

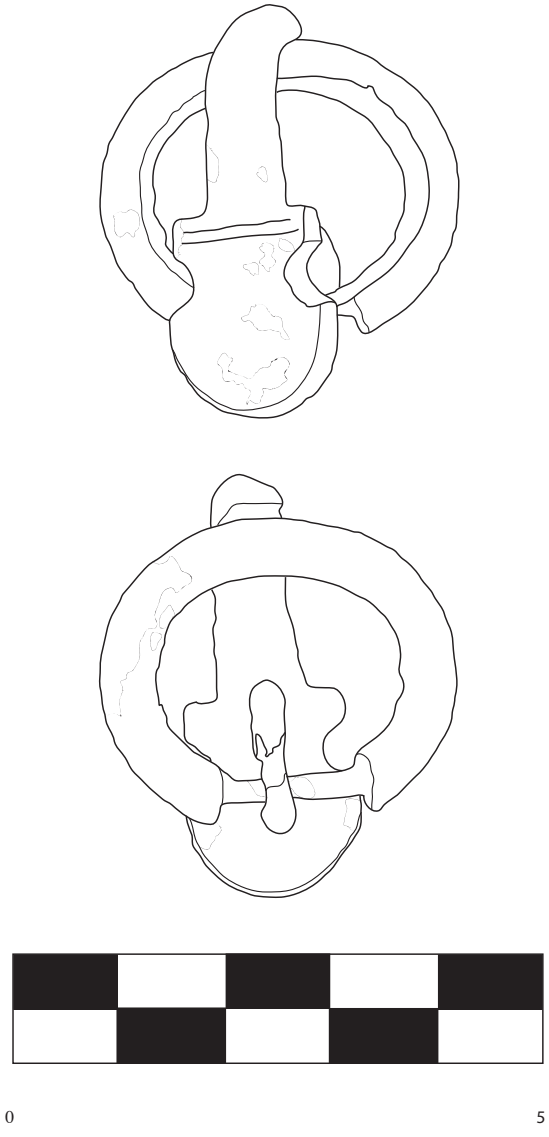


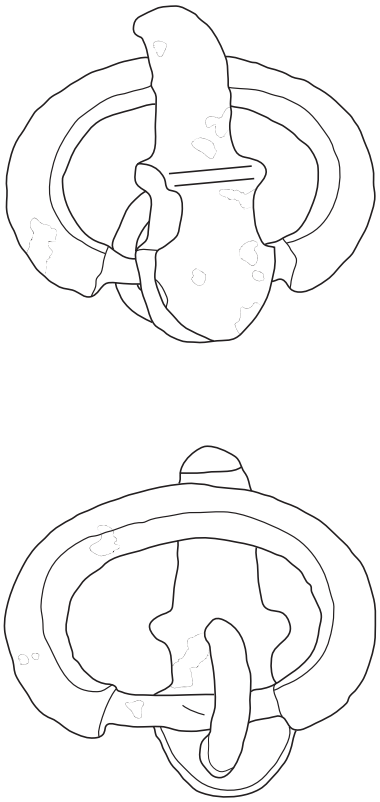
Fig. 86, nº 1 e 2.



Fig. 87.



Fig. 88.



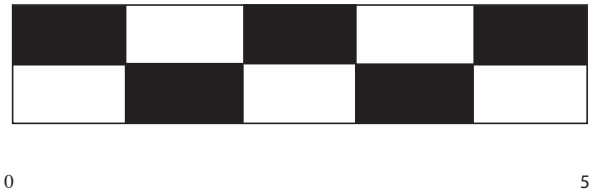


Fig. 89, nº 1 e 2.



Fig. 90.



Fig. 91.

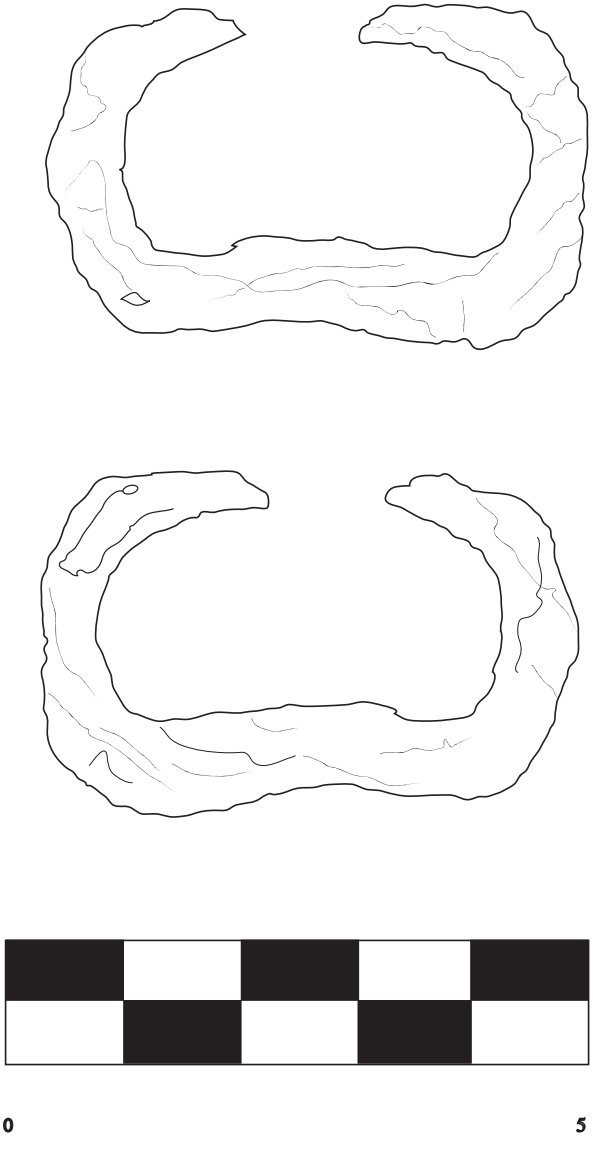


Fig. 92, nº 1 e 2.



Fig. 93.



Fig. 94.

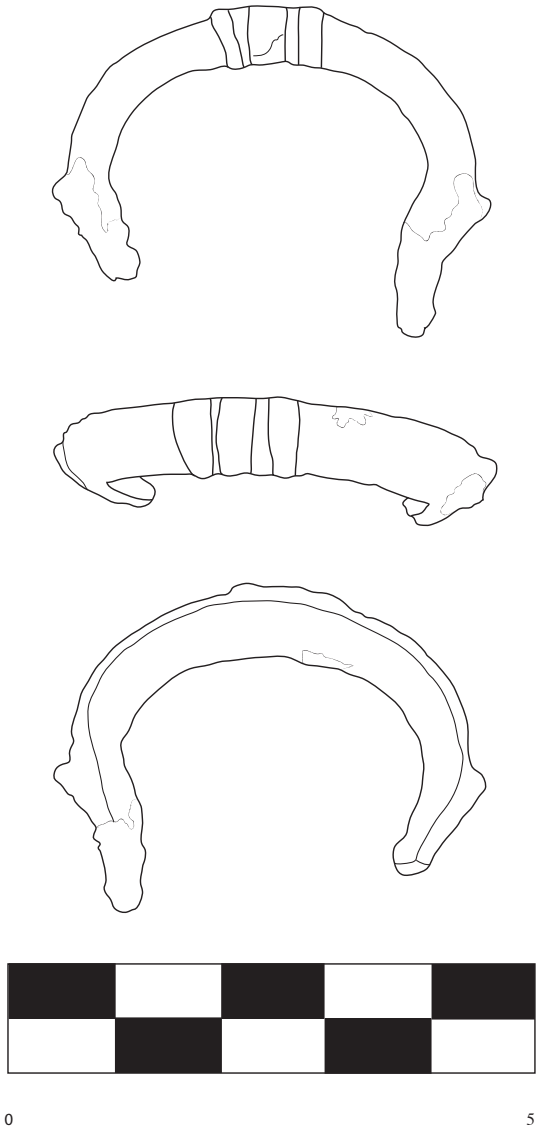


Fig. 95, nº 1, 2 e 3.



Fig. 96 (Fotografia cedida pelo MNA, Lisboa).

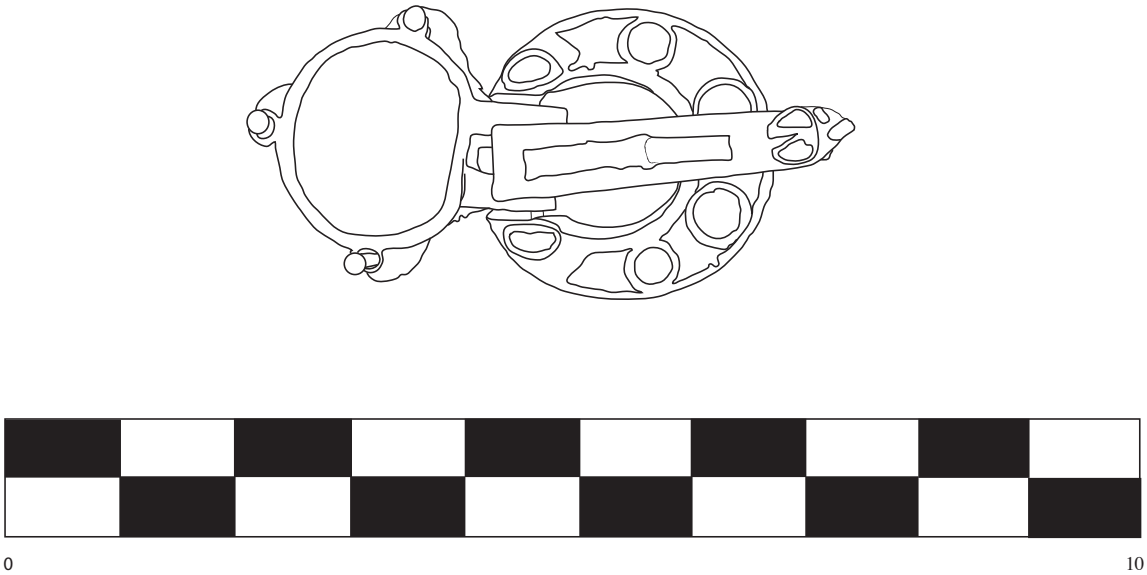


Fig. 97.

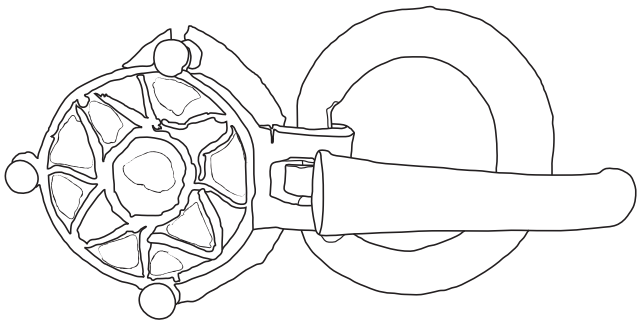


Fig. 98.



Fig. 99.

(Fotografias cedidas pelo MNA, Lisboa).



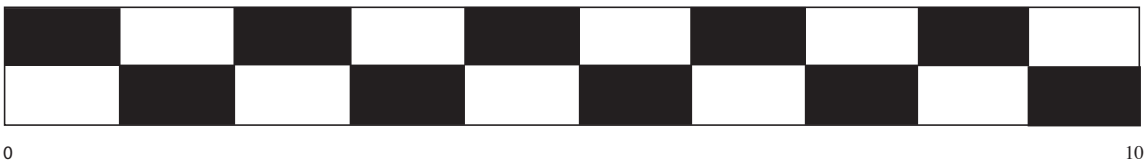


Fig. 100.



Fig. 101.



Fig. 102.

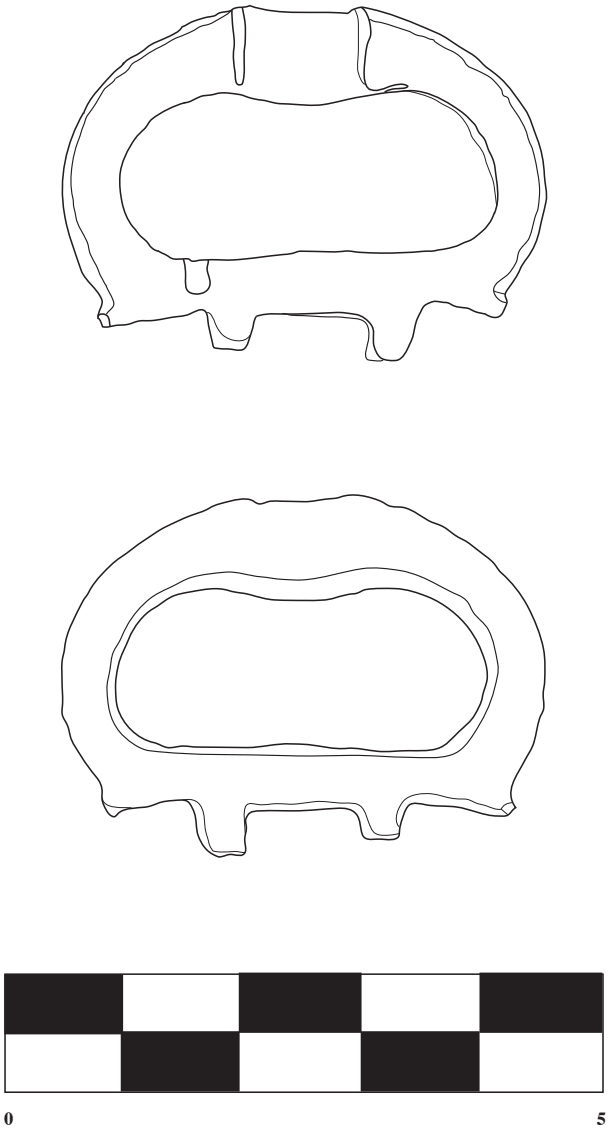


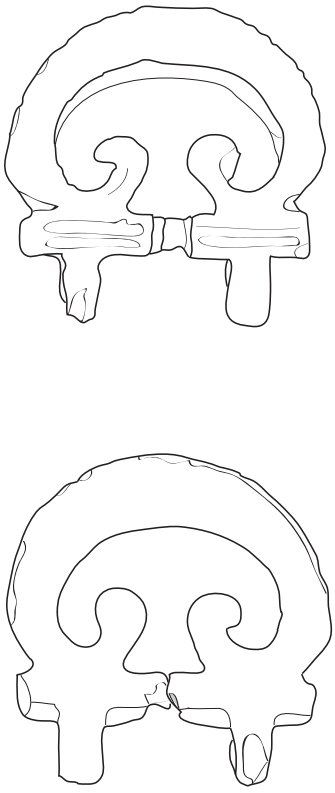
Fig. 103, nº 1 e 2.



Fig. 104.



Fig. 105.



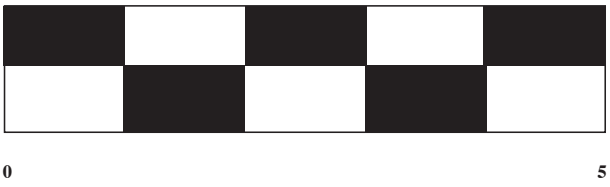


Fig. 106, nº 1 e 2.



Fig. 107.



Fig. 108.

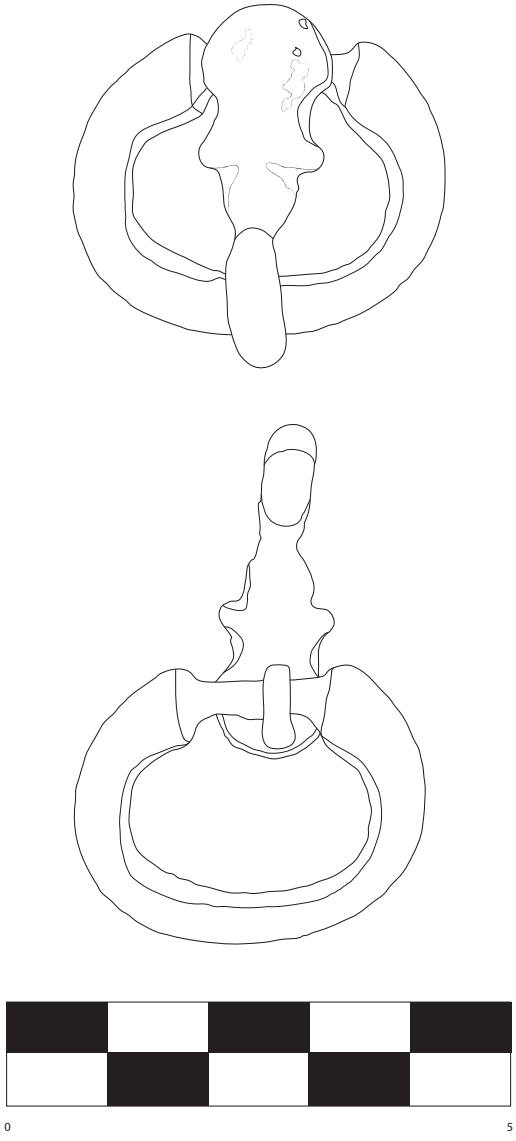


Fig. 109, nº 1 e 2.



Fig. 110.



Fig. 111.

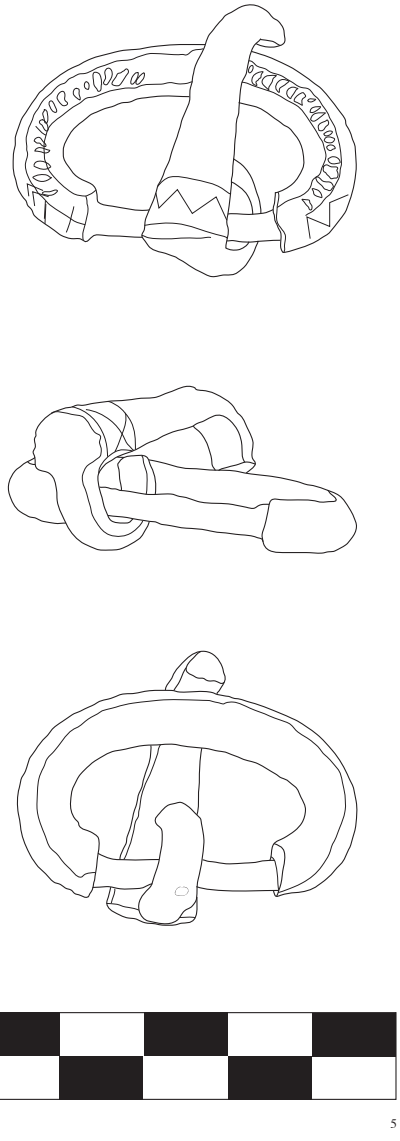


Fig. 112, nº 1, 2 e 3.



Fig. 113.



Fig. 114.

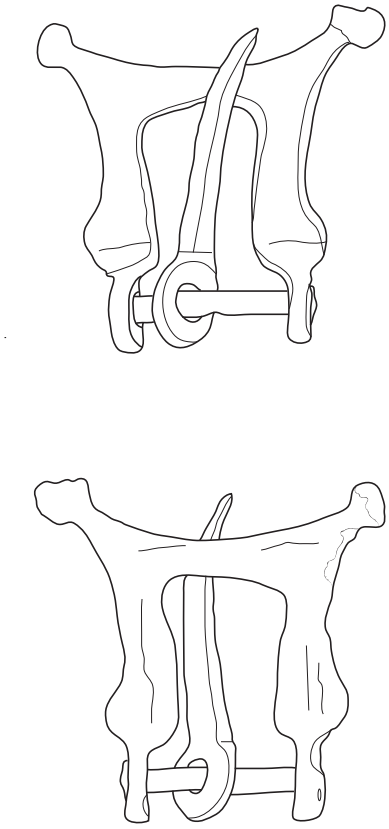


Fig. 115, nº 1 e 2



Fig. 116.



Fig. 117.

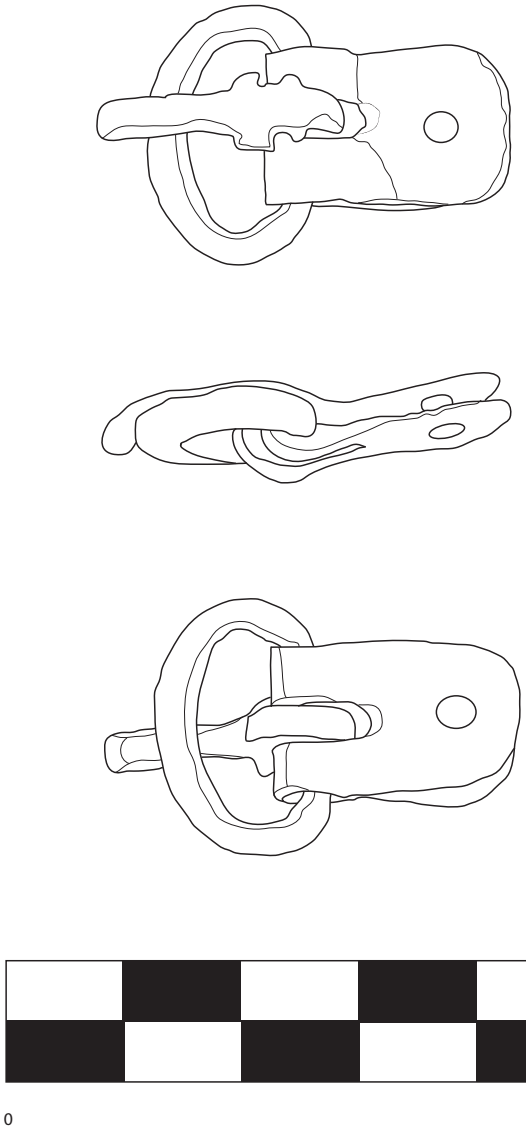


Fig. 118, nº 1, 2 e 3.



Fig. 119.



Fig. 120.

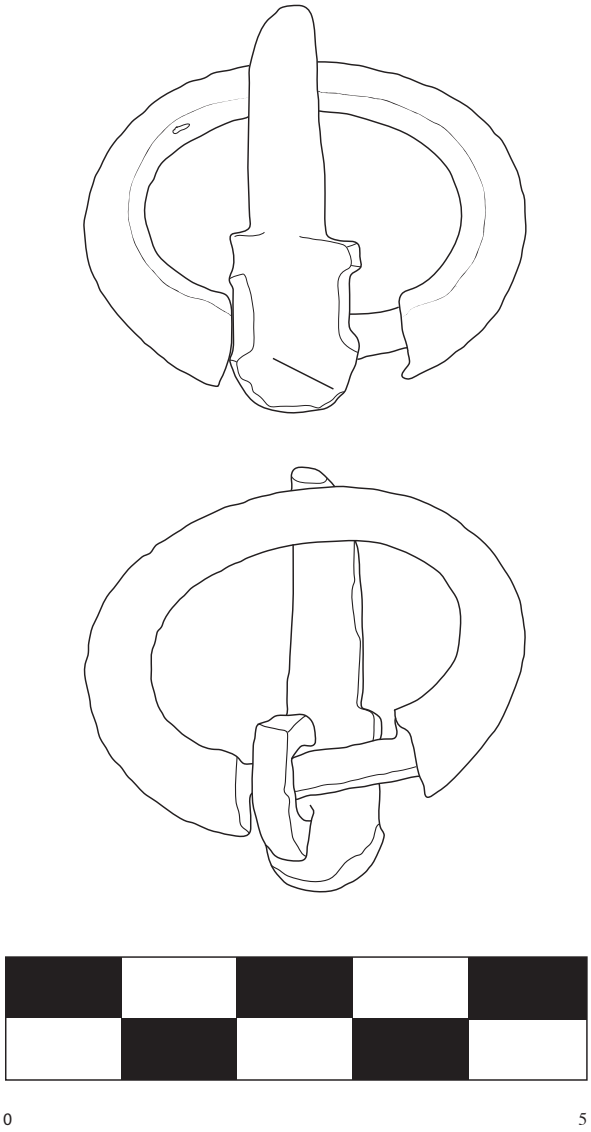


Fig. 121, nº 1 e 2.



Fig. 122.



Fig. 123.

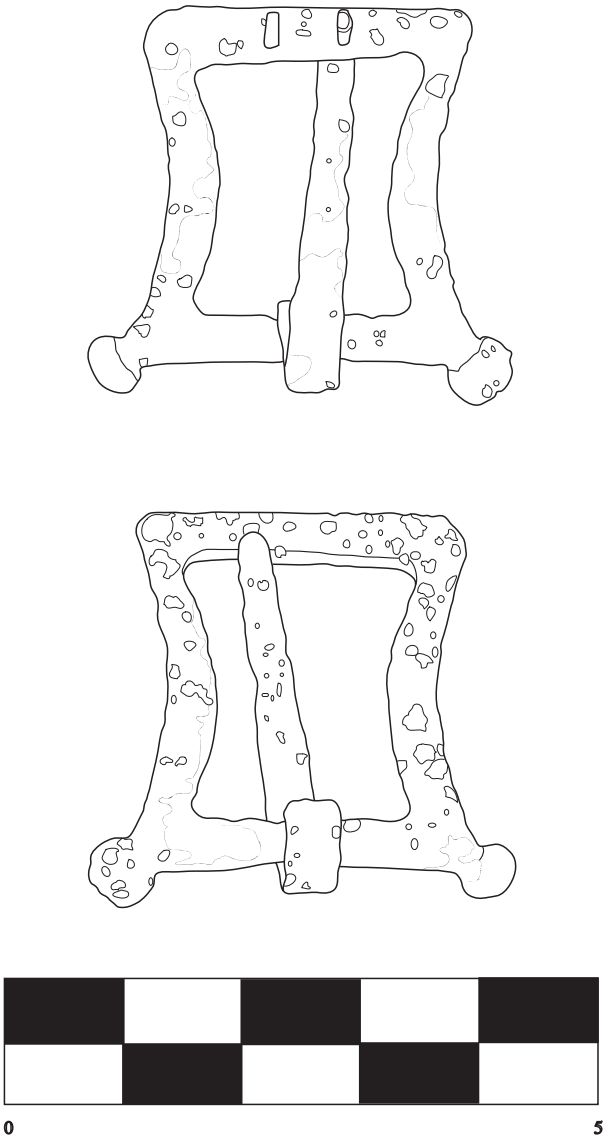


Fig. 124, nº 1 e 2.



Fig. 125.



Fig. 126.

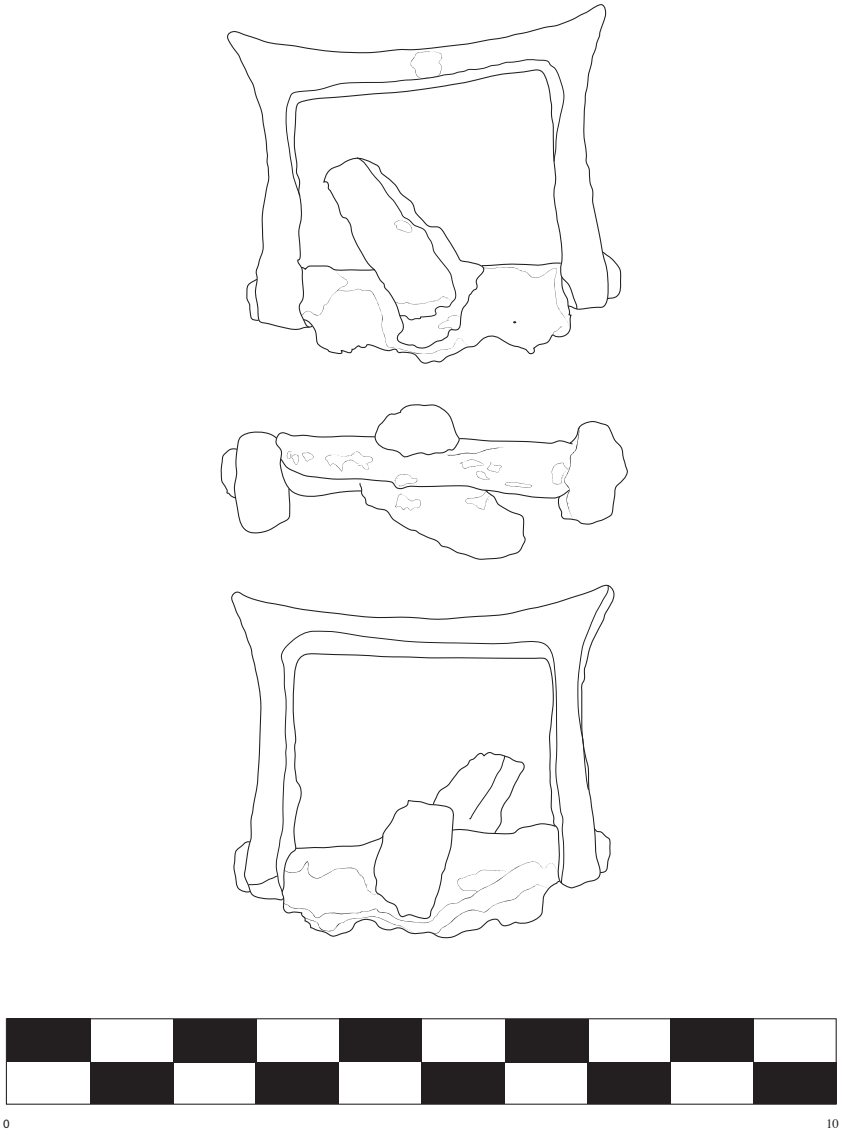


Fig. 127, nº 1, 2 e 3.



Fig. 128.



Fig. 129.

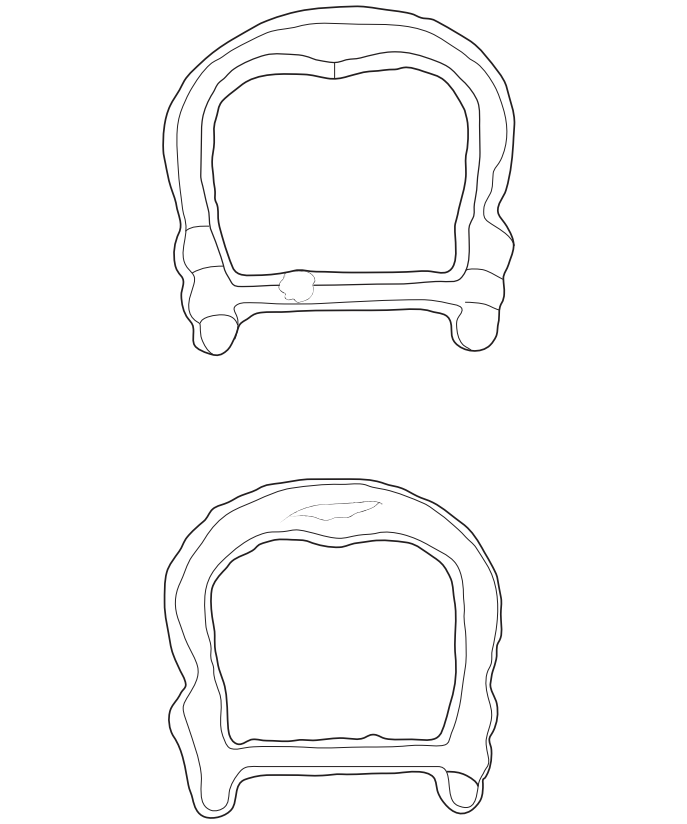


Fig. 130, nº 1 e 2.



Fig. 131.



Fig. 132.

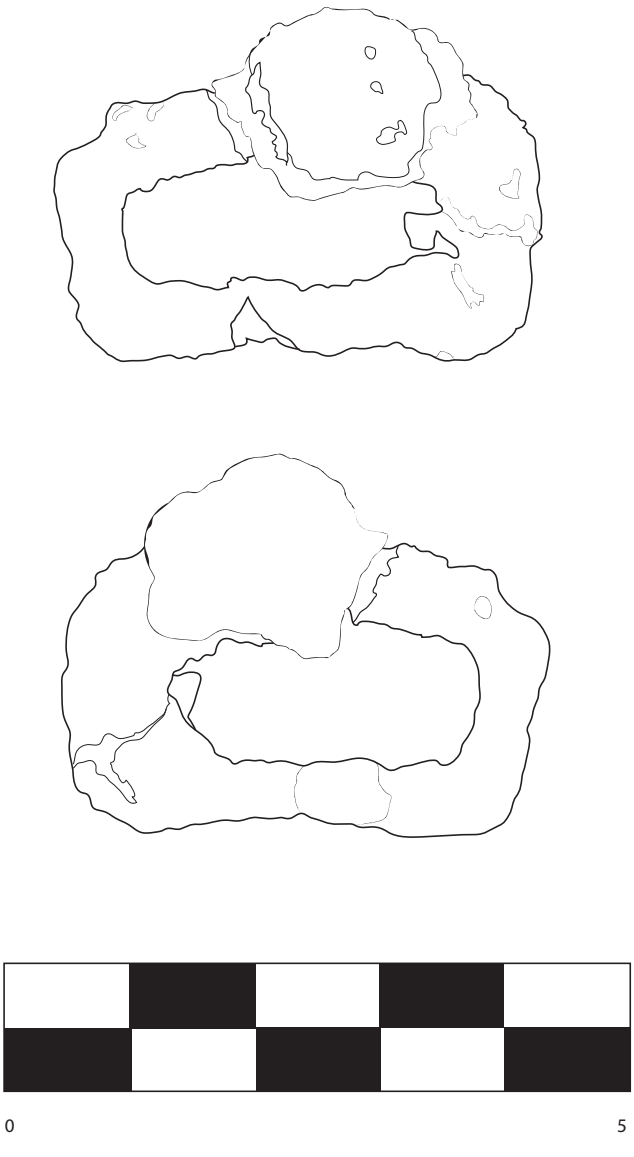


Fig. 133, nº 1 e 2.



Fig. 134.



Fig. 135.

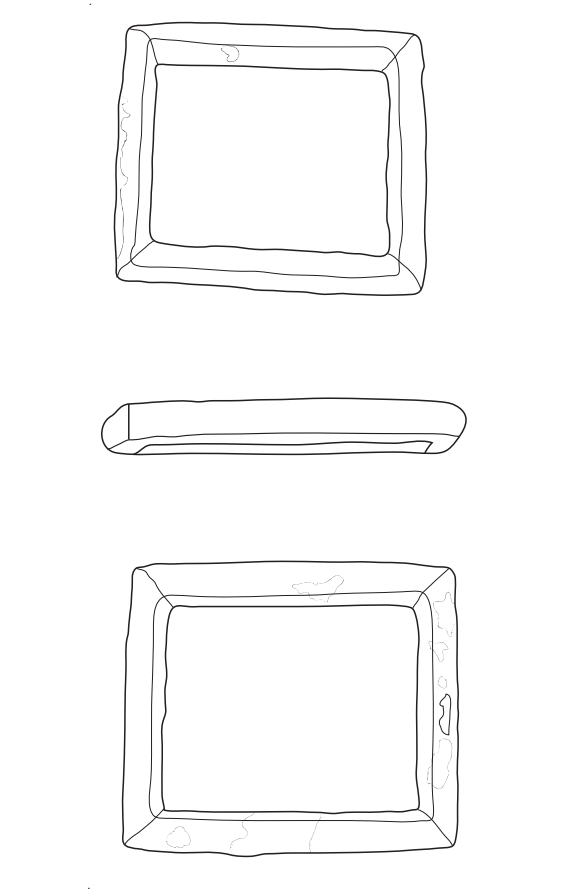


Fig. 136, nº 1, 2 e 3.



Fig. 137.



Fig. 138.

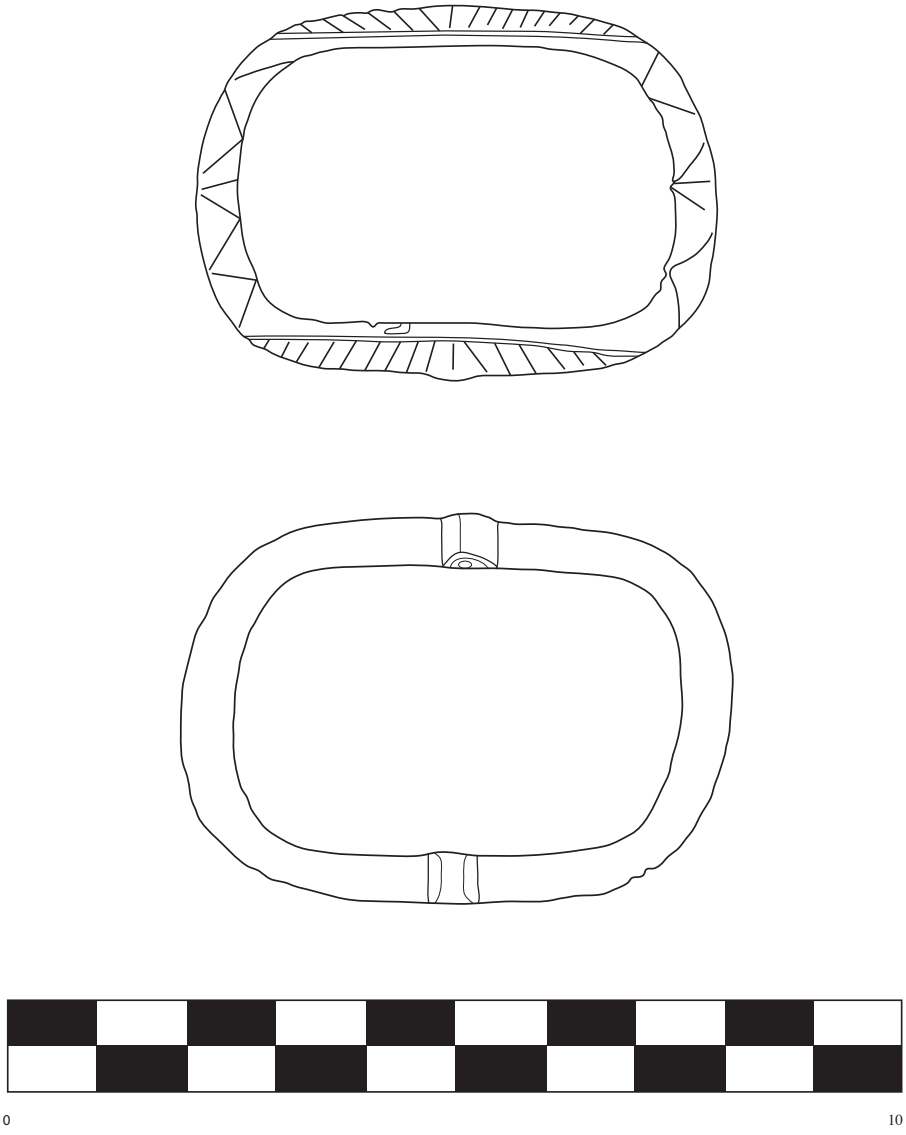


Fig. 139, nº 1 e 2.



Fig. 140.



Fig. 141.

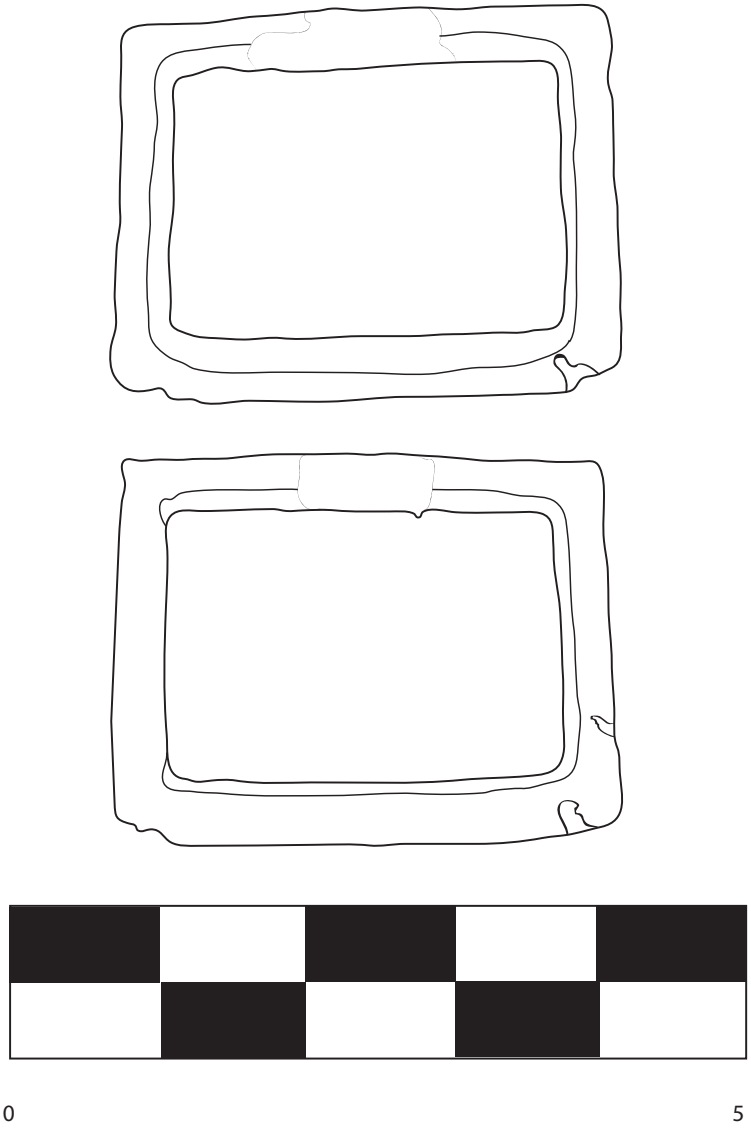


Fig. 142, nº 1 e 2.



Fig. 143.



Fig. 144.

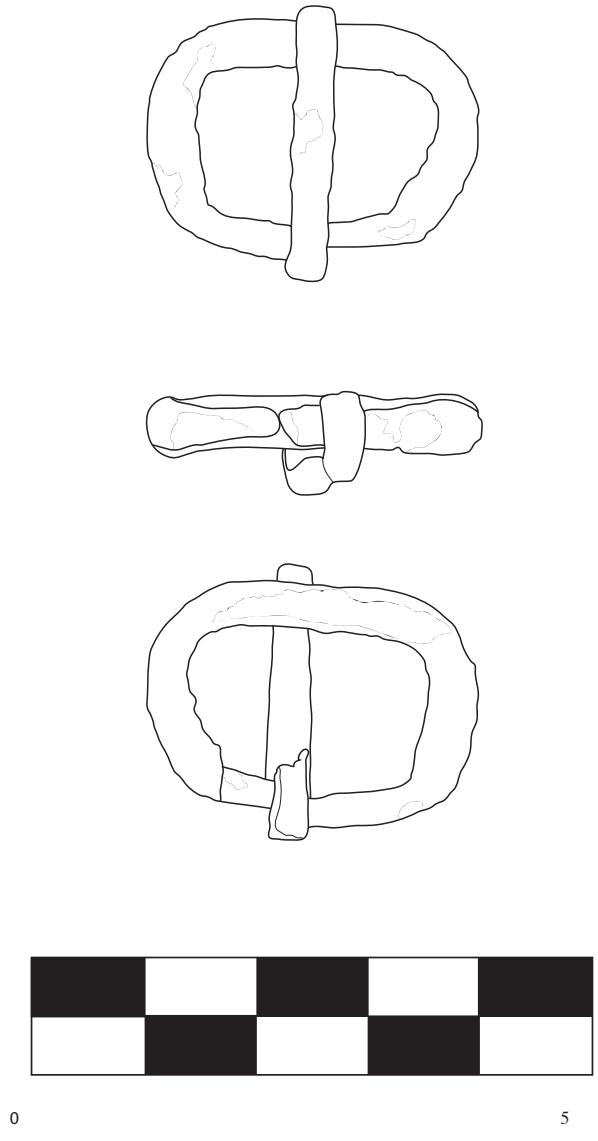


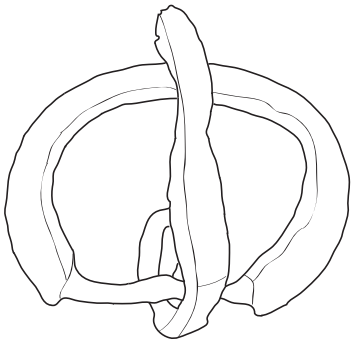
Fig. 145, nº 1, 2 e 3.

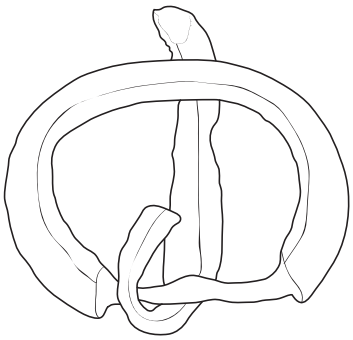


Fig. 146.



Fig. 147.





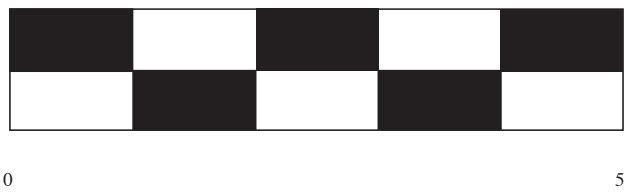


Fig. 148, nº 1 e 2..



Fig. 149.



Fig. 150.

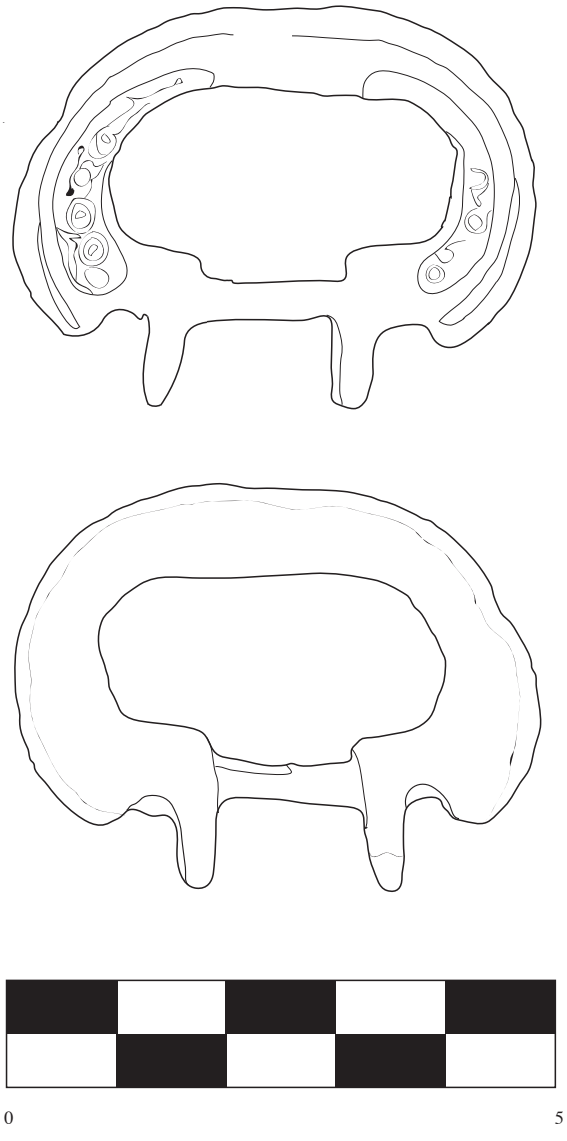


Fig. 151, nº 1 e 2.



Fig. 152.



Fig. 153.

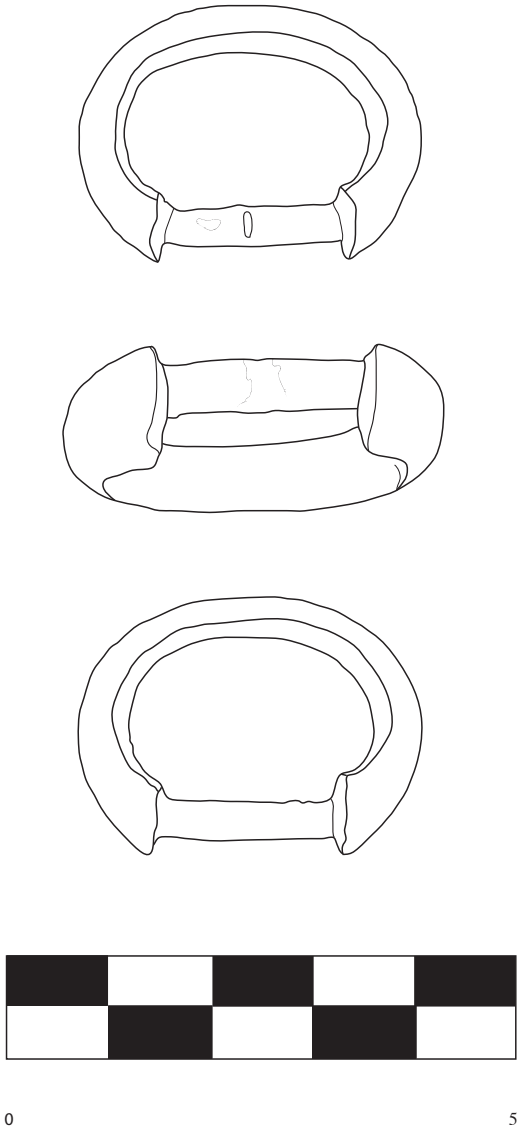


Fig. 154, nº 1, 2 e 3.



Fig. 155.



Fig. 156.

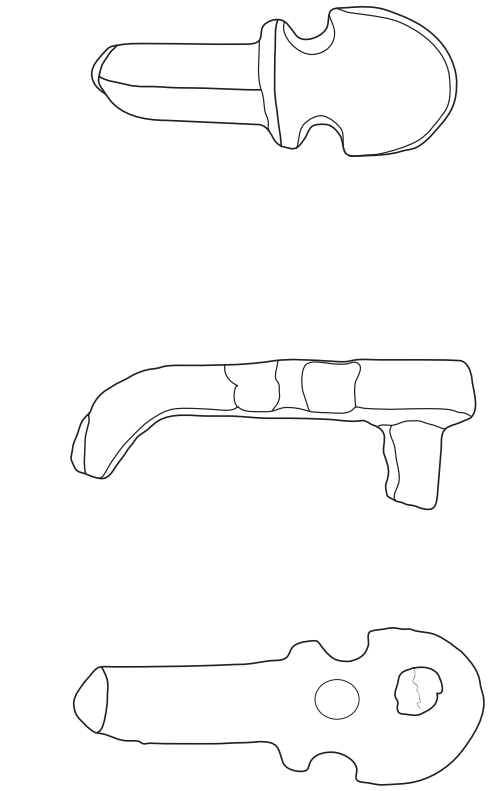


Fig. 157, nº 1, 2 e 3.



Fig. 158.



Fig. 159.

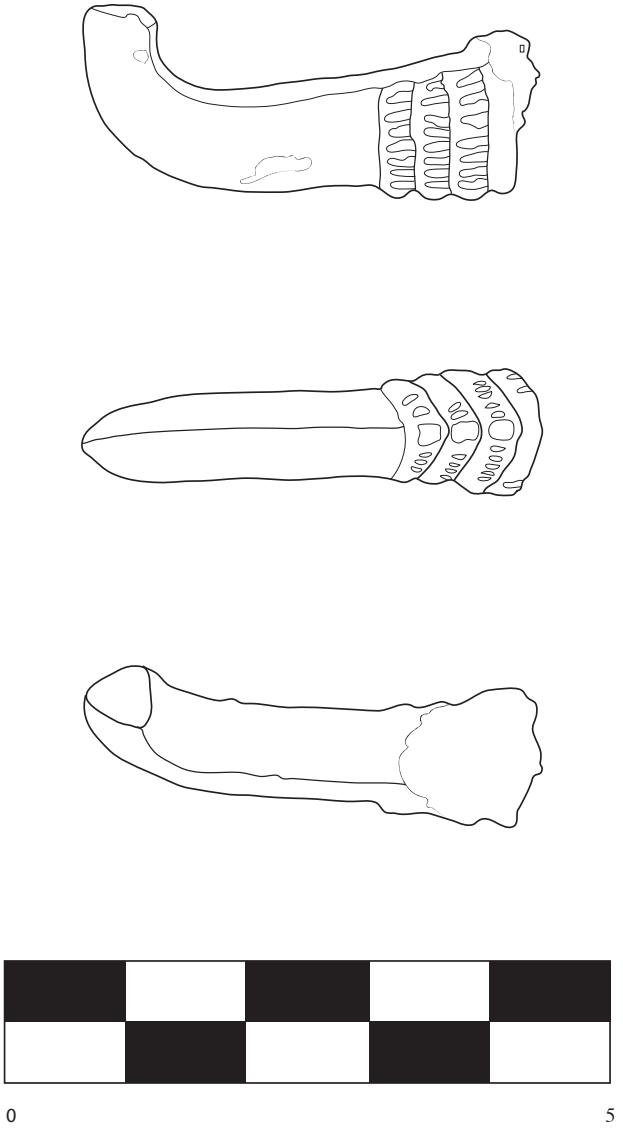


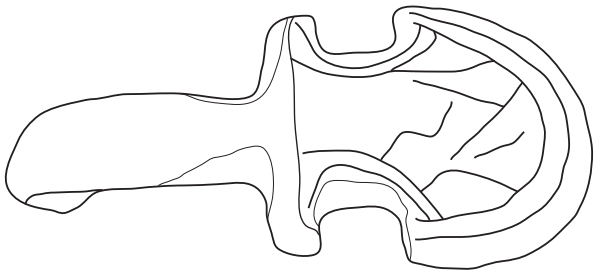
Fig. 160, nº 1, 2 e 3.



Fig. 161.



Fig. 162.



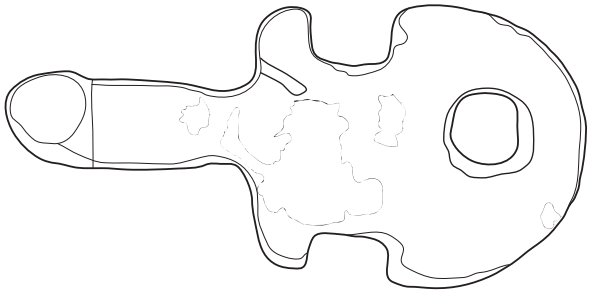




Fig. 163, nº 1 e 2.



Fig. 164.



Fig. 165.

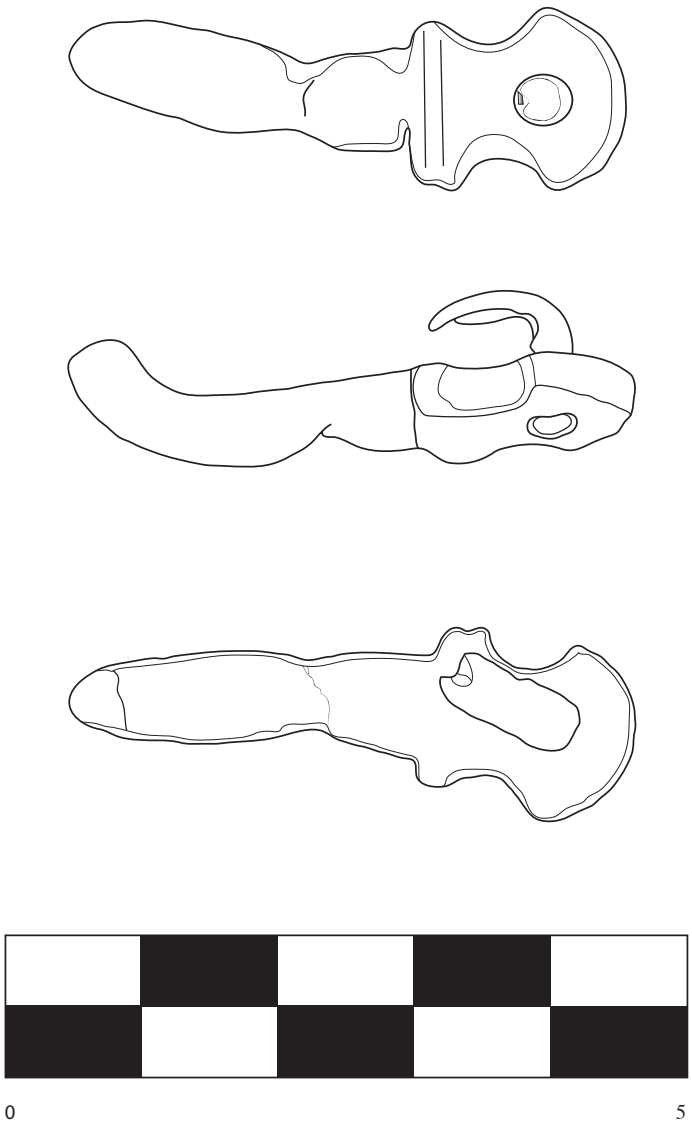


Fig. 166, nº 1, 2 e 3.



Fig. 167.



Fig. 168.

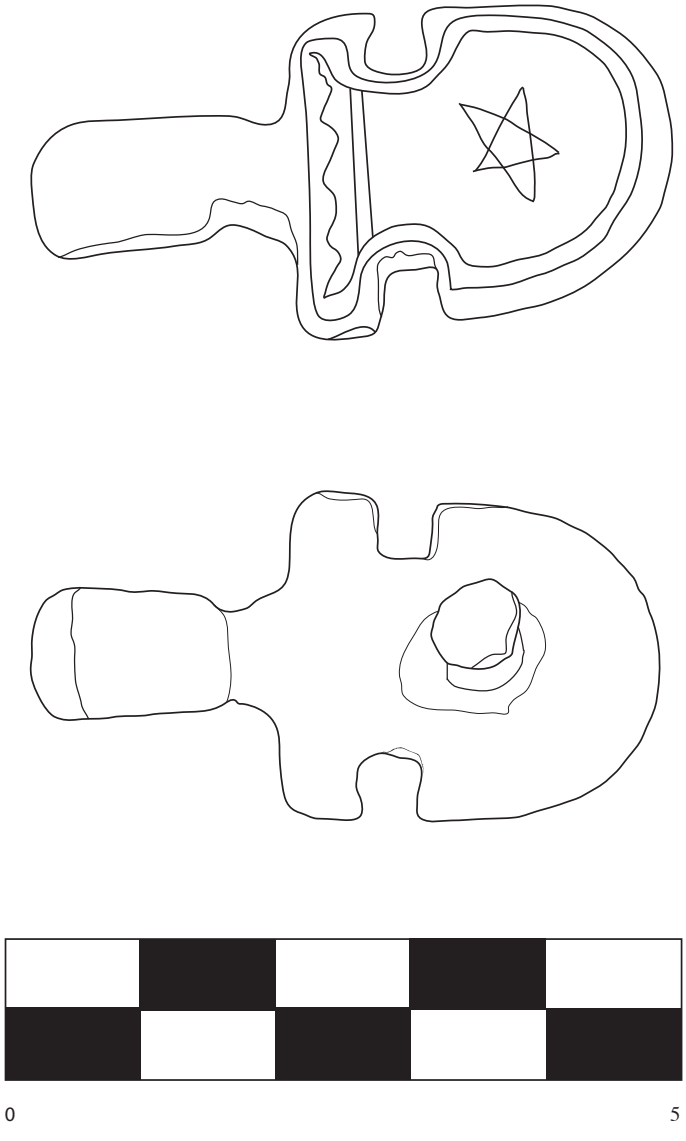


Fig. 169, nº 1 e 2.



Fig. 170.



Fig. 171.

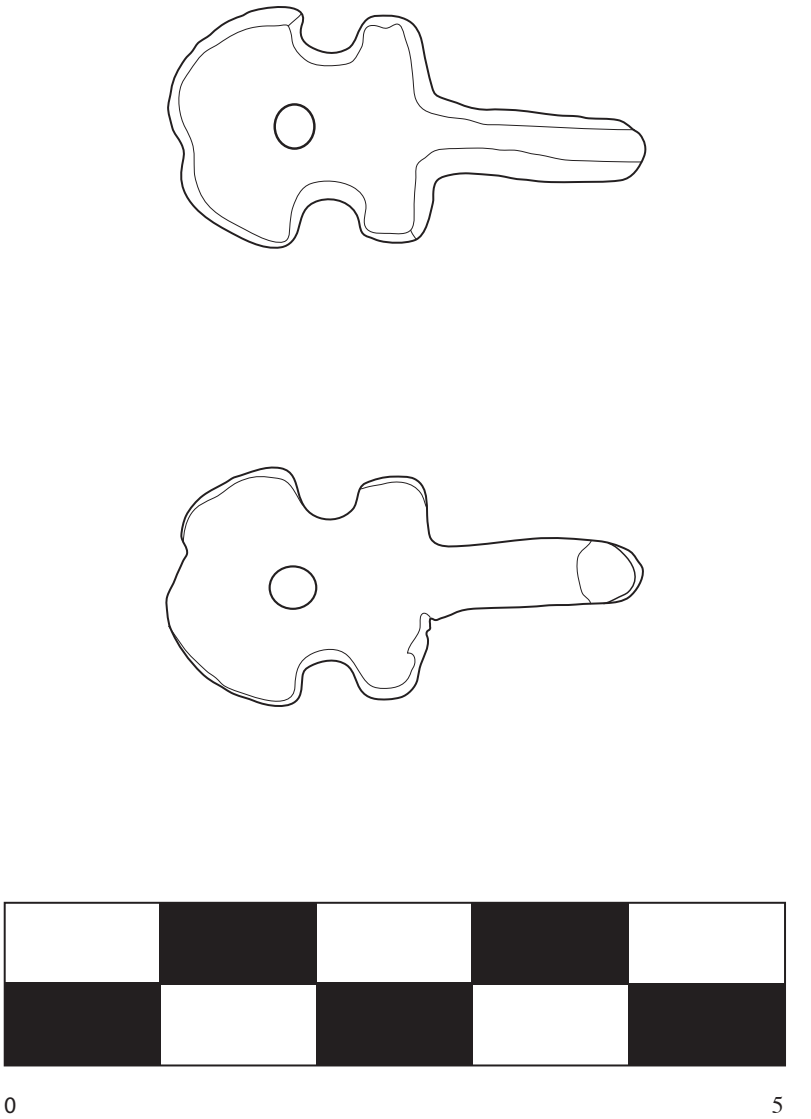


Fig. 172, nº 1 e 2.



Fig. 173.



Fig. 174.

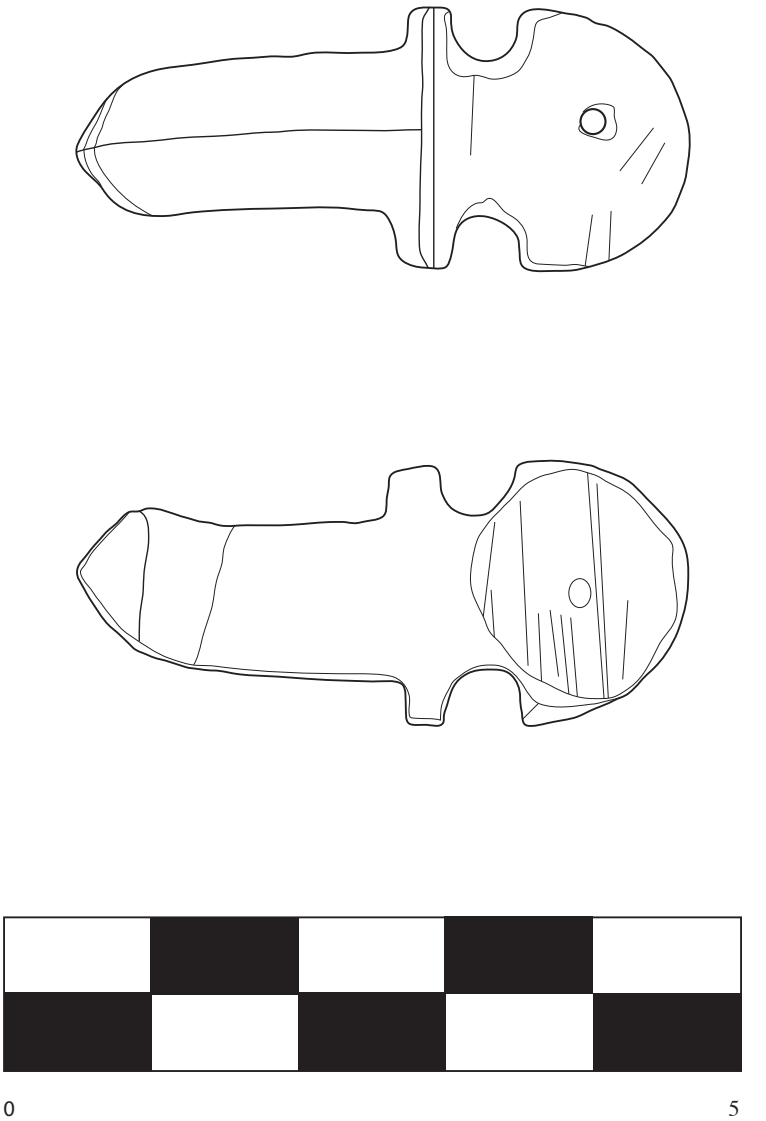


Fig. 175, nº 1 e 2.

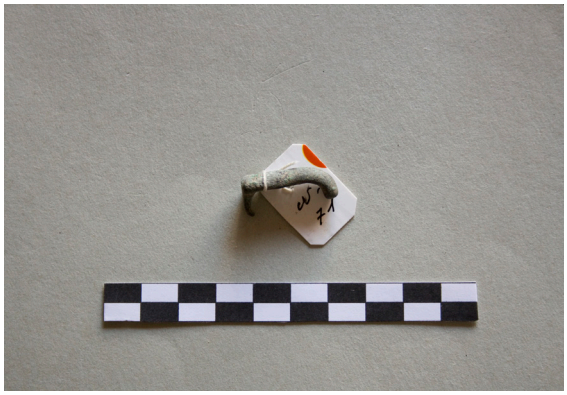
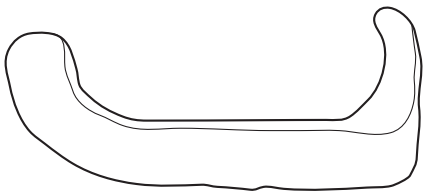


Fig. 176.



Fig. 177.





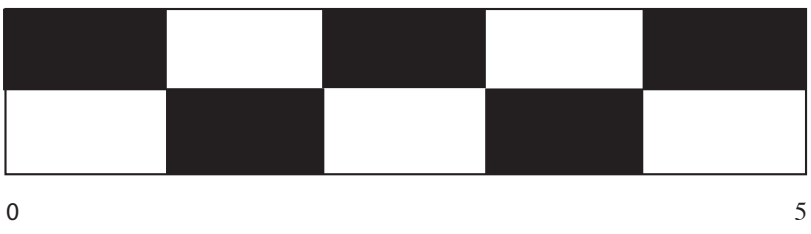


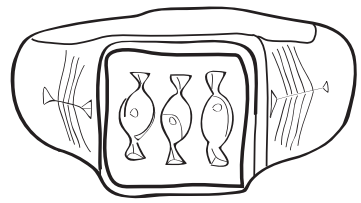
Fig. 178, nº 1 e 2..

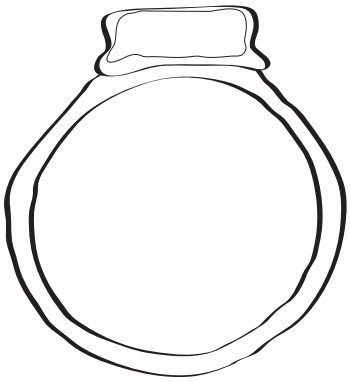


Fig. 179.



Fig. 180.





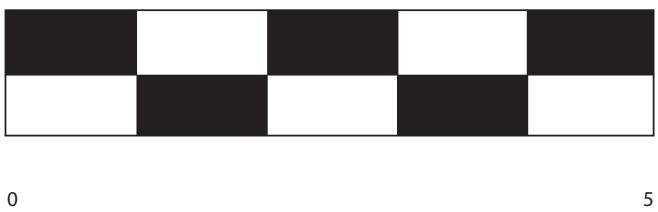


Fig. 181, nº 1 e 2.



Fig. 182.

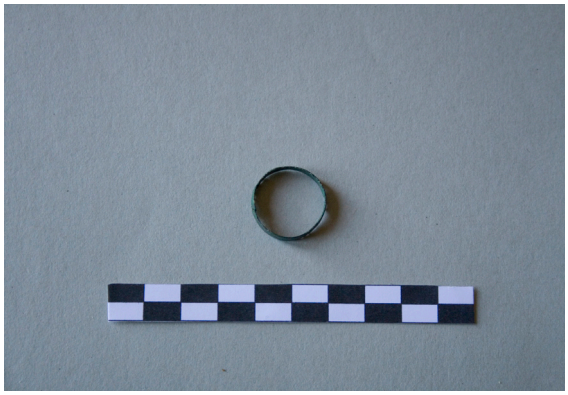
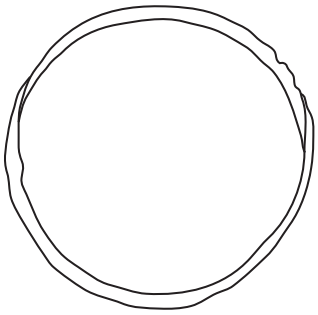


Fig. 183.





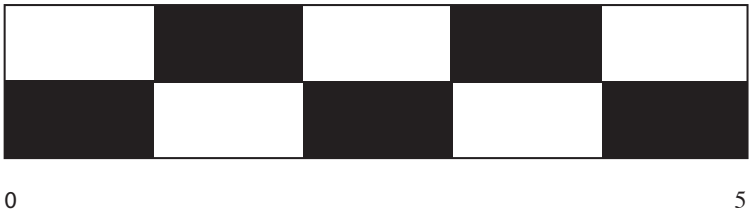


Fig. 184, nº 1 e 2.

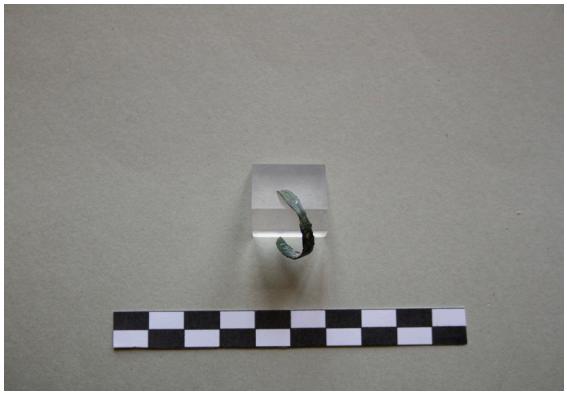


Fig. 185.



Fig. 186.

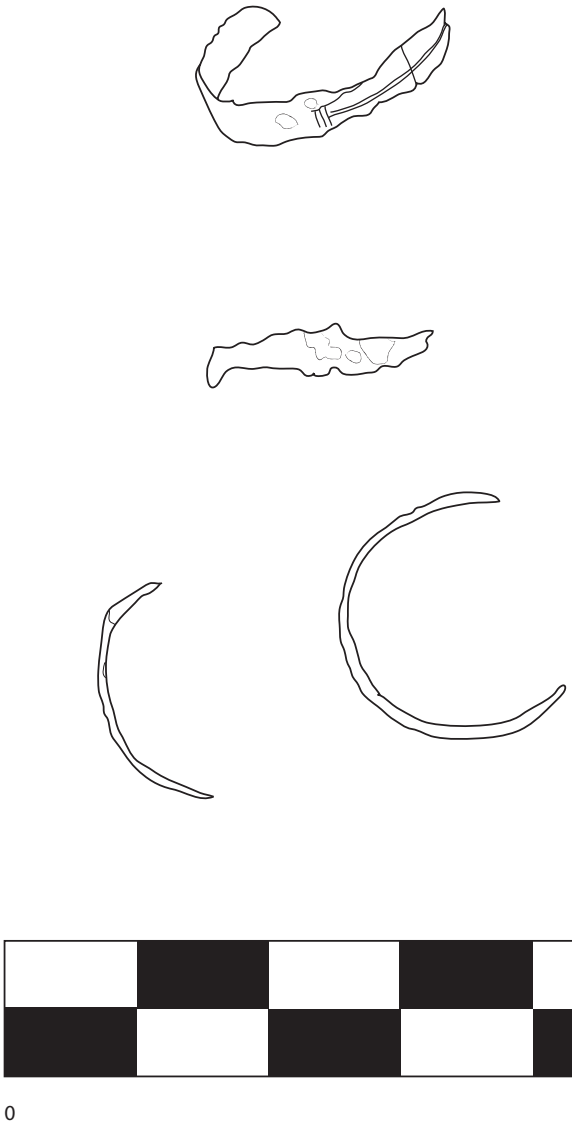


Fig. 187, nº 1, 2 e 3.

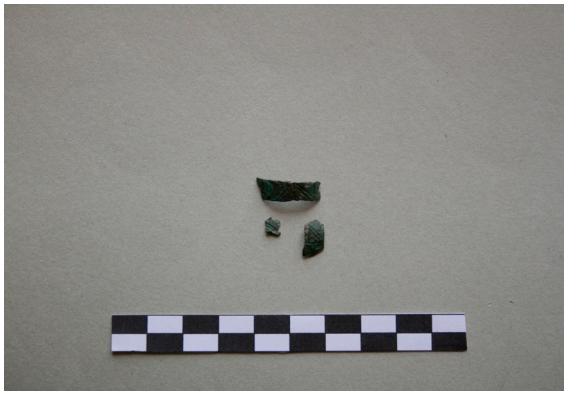


Fig. 188.



Fig. 189.

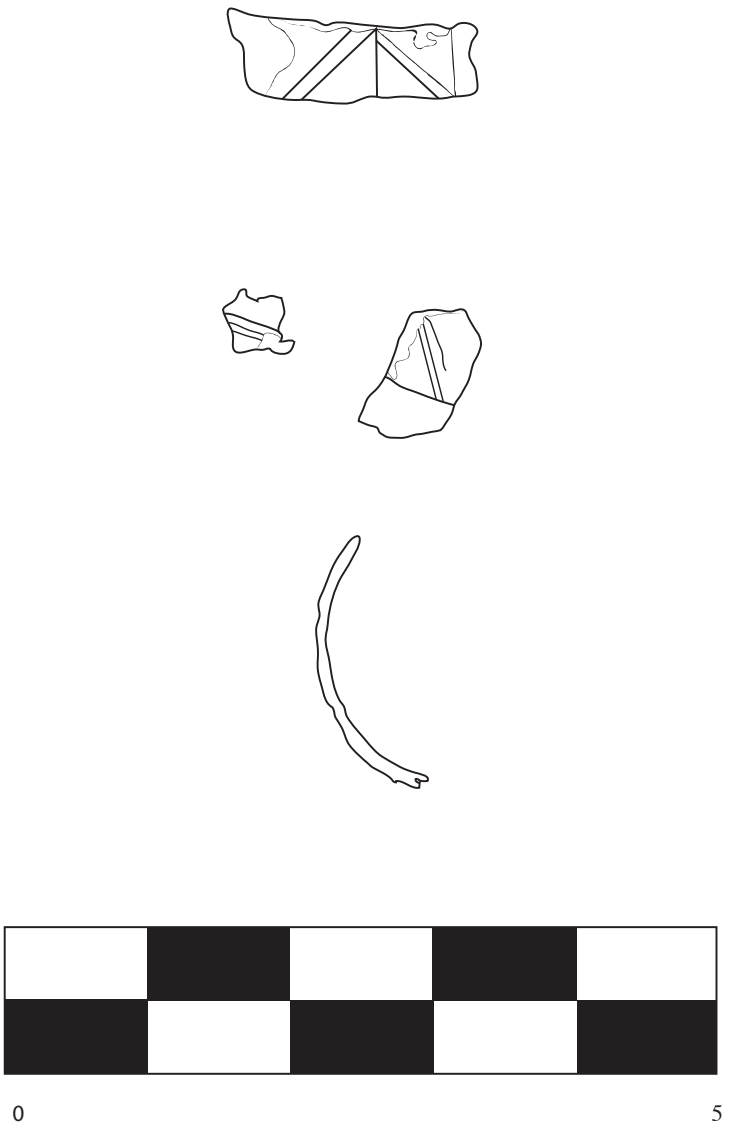


Fig. 190, nº 1, 2 e 3.



Fig. 191.

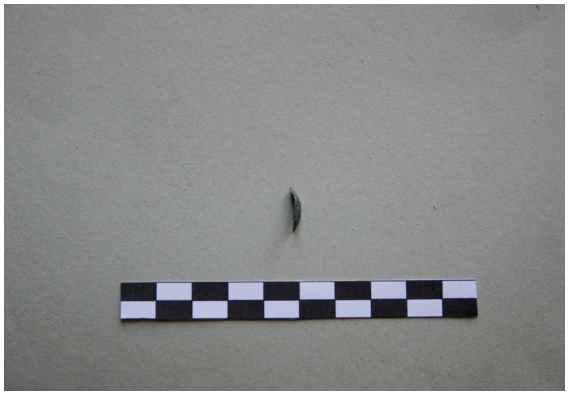
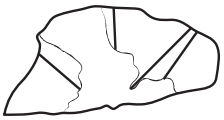


Fig. 192.





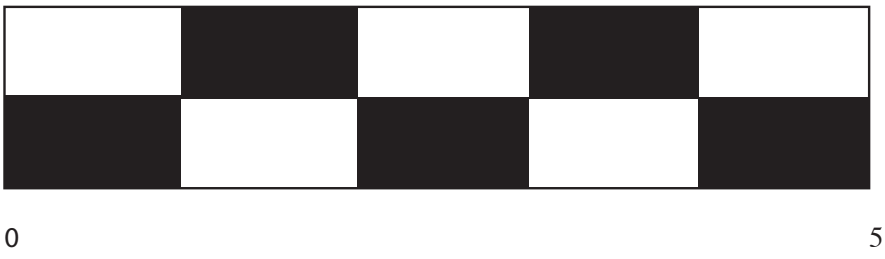


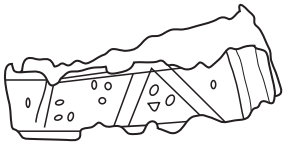
Fig. 193, nº 1 e 2.

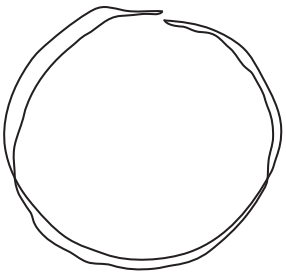


Fig. 194.



Fig. 195.





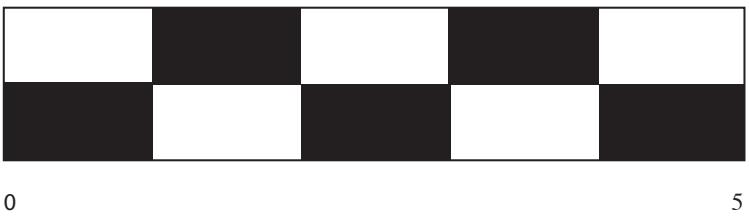


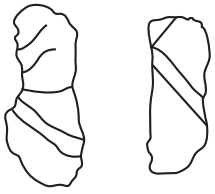
Fig. 196, nº 1 e 2.

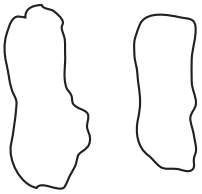


Fig. 197.



Fig. 198.





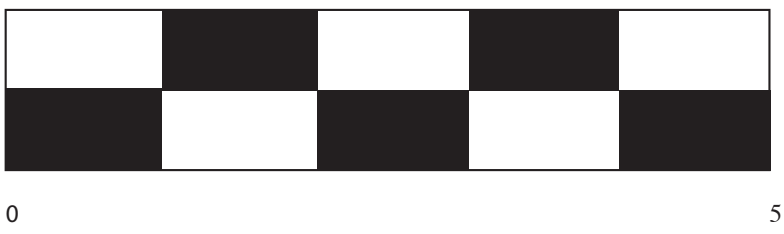


Fig. 199, nº 1 e 2.



Fig. 200.



Fig. 201.

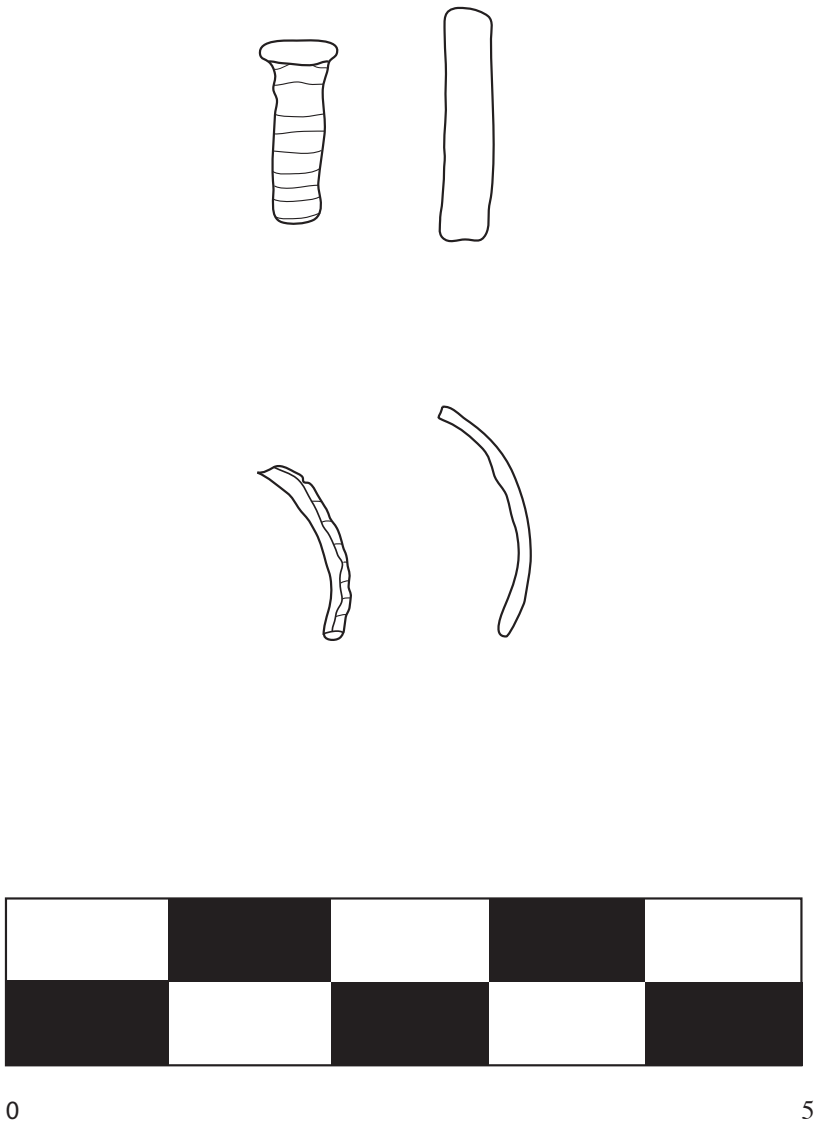


Fig. 202, nº 1 e 2.

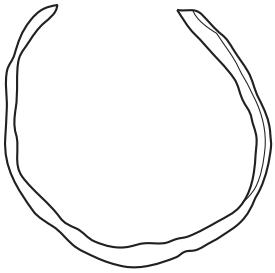


Fig. 203.



Fig. 204.





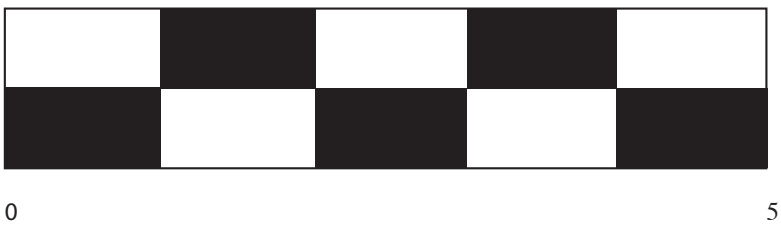


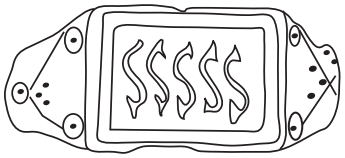
Fig. 205, nº 1 e 2.

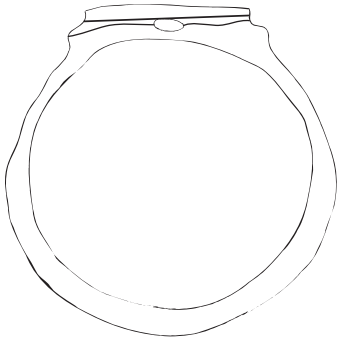


Fig. 206.



Fig. 207.





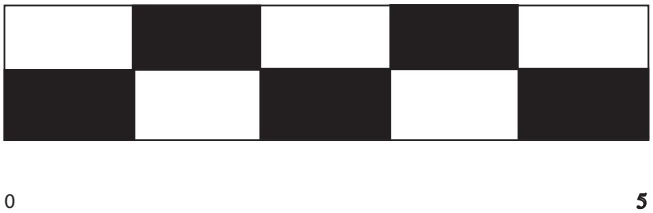


Fig. 208, nº 1 e 2.



Fig. 209 (segundo Sousa 1979: 301).



Fig. 210.



Fig. 211.

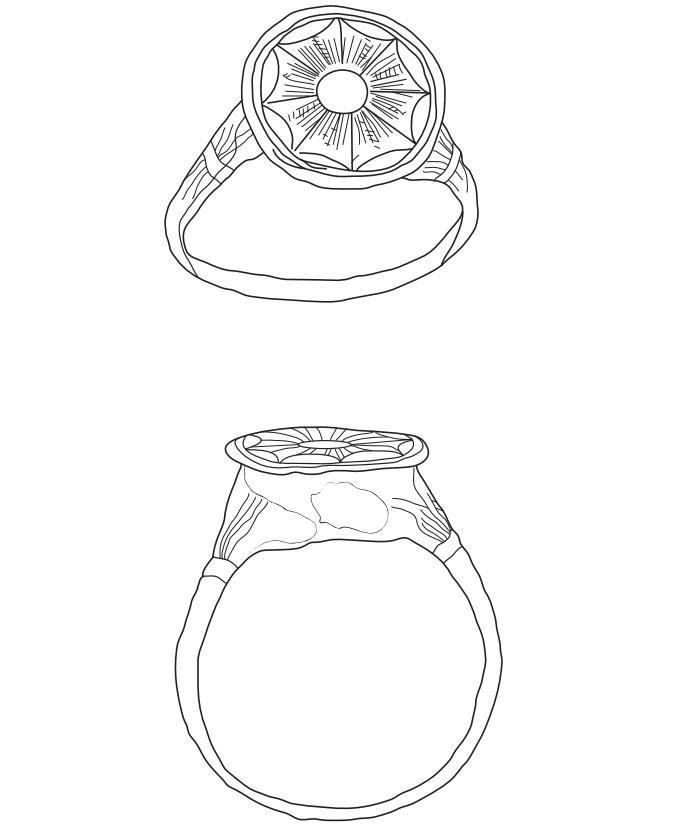


Fig. 212, nº 1 e 2.

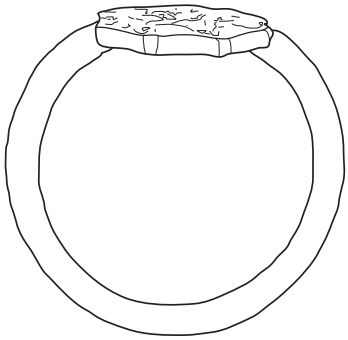


Fig. 213.



Fig. 214.





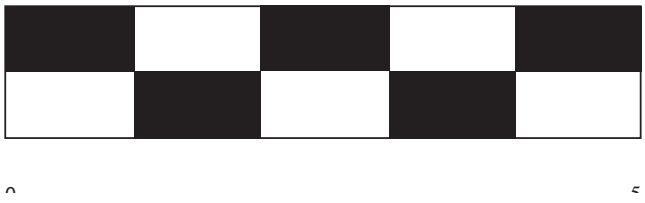


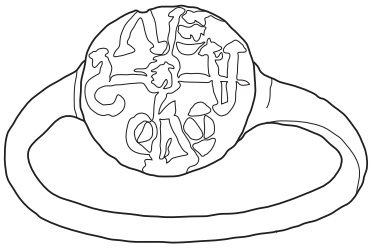
Fig. 215, nº 1 e 2.

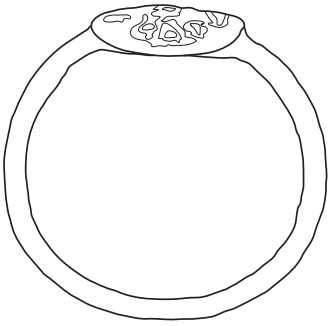


Fig. 216.



Fig. 217.





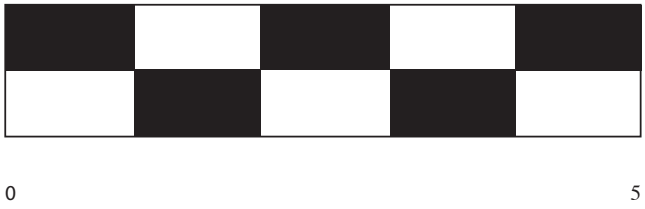


Fig. 218, nº 1 e 2.



Fig. 219.



Fig. 220.

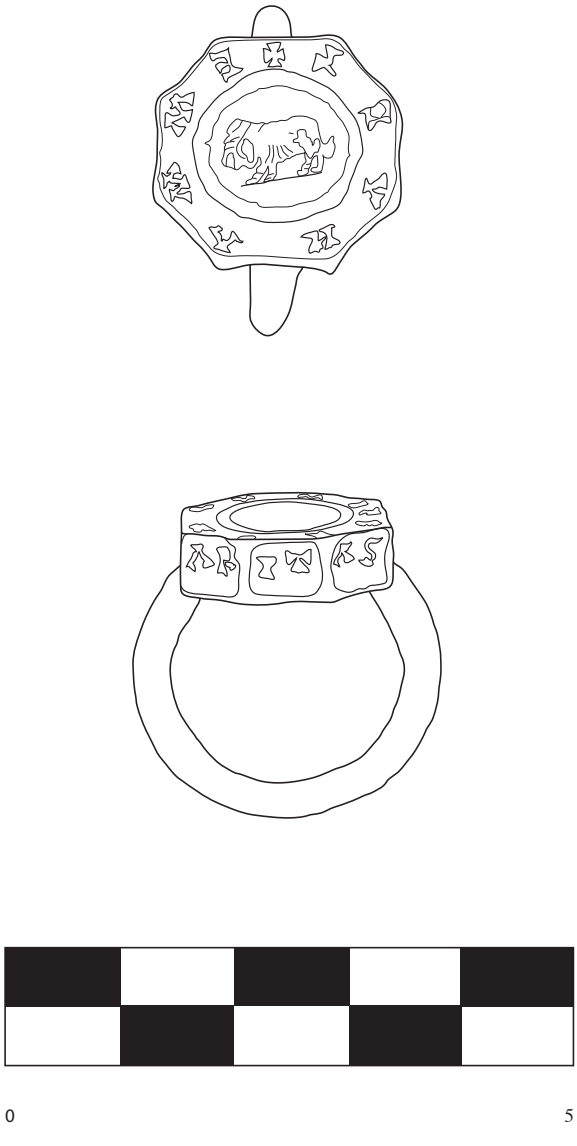


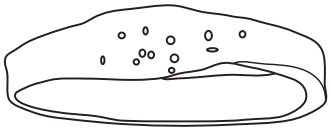
Fig. 221, nº 1 e 2.

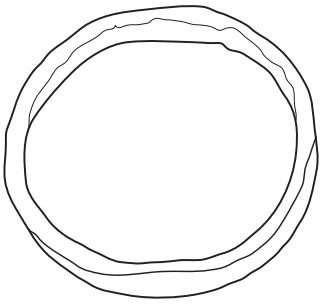


Fig. 222.



Fig. 223.





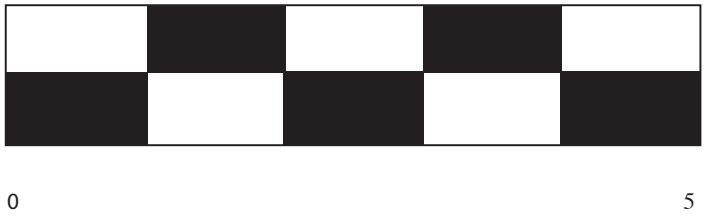


Fig. 224, nº 1 e 2.



Fig. 225.



Fig. 226.

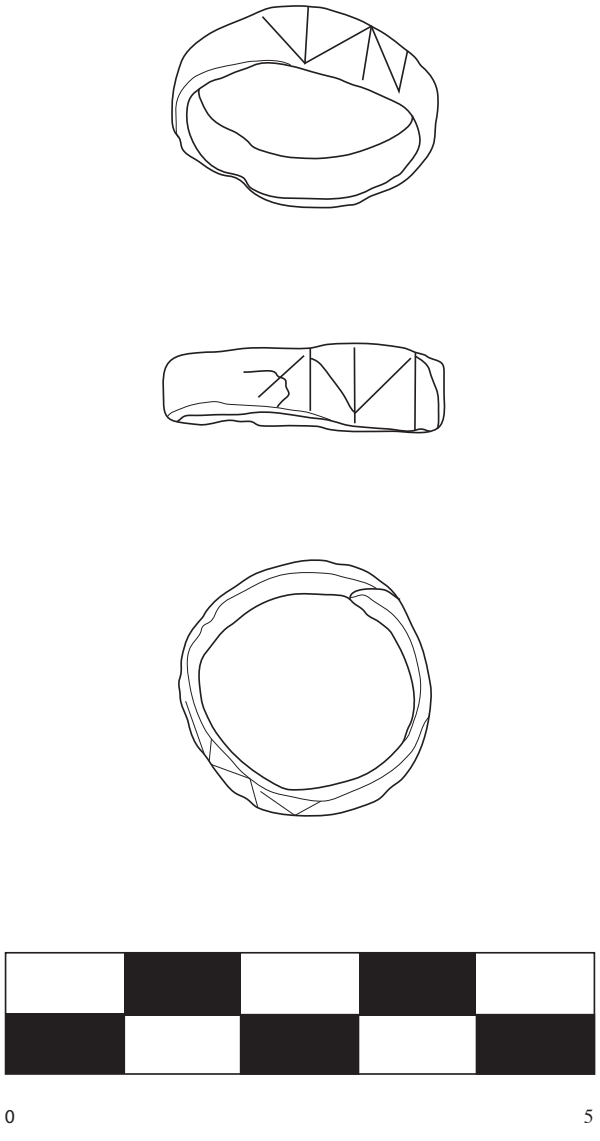


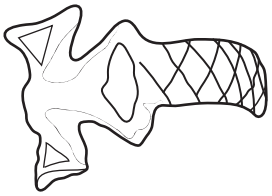
Fig. 227, nº 1, 2 e 3.

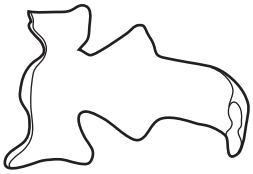


Fig. 228.



Fig. 229.





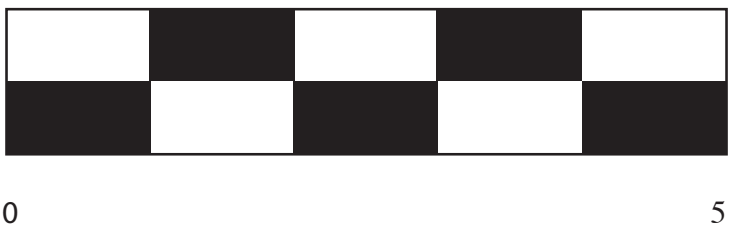


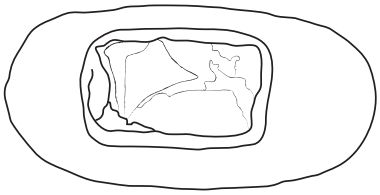
Fig. 230, nº 1 e 2.

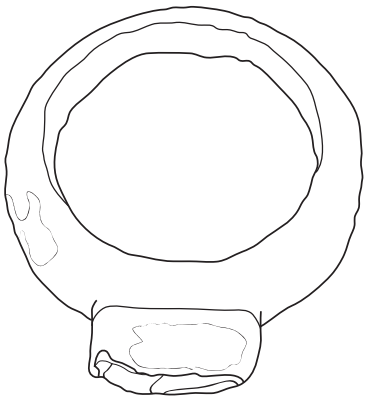


Fig. 231.



Fig. 232.





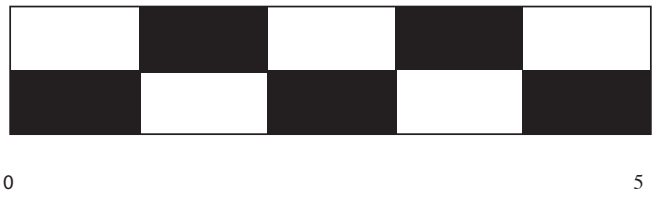


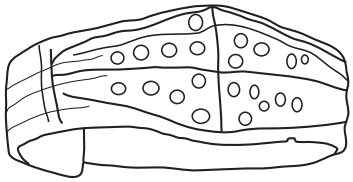
Fig. 233, nº 1 e 2.

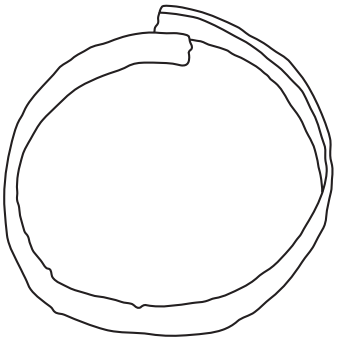


Fig. 234.



Fig. 235.





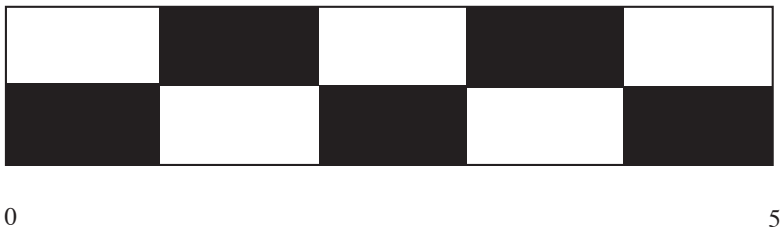


Fig. 236, nº 1 e 2.

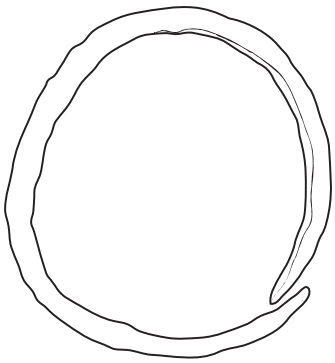


Fig. 237.



Fig. 238.





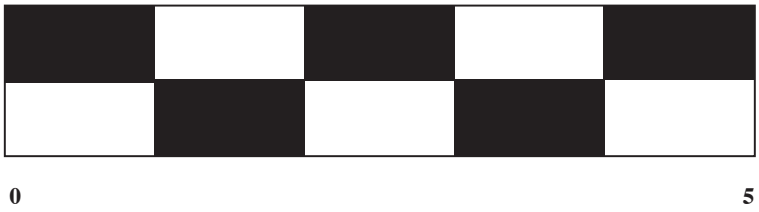


Fig. 239, nº 1 e 2.



Fig. 240.



Fig. 241.







0 5

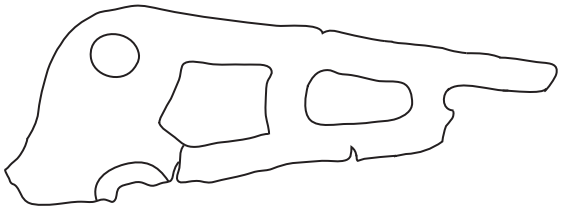
Fig. 242, nº 1 e 2.



Fig. 243.



Fig. 244.



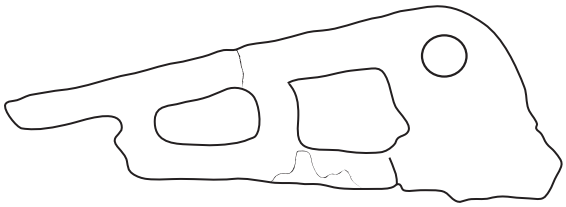




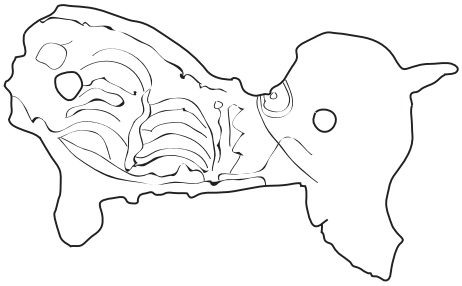
Fig. 245, nº 1 e 2.

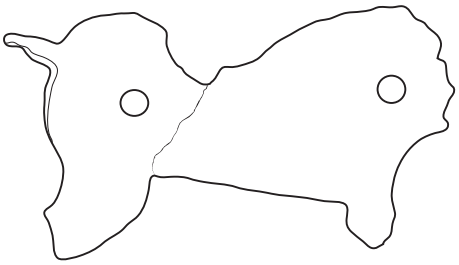


Fig. 246.



Fig. 247.





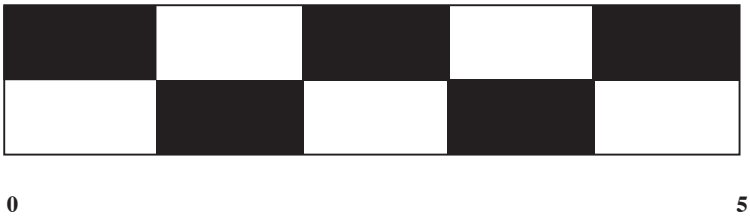


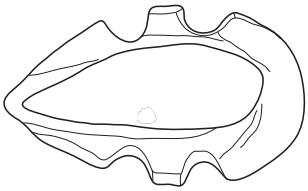
Fig. 248, nº 1 e 2.

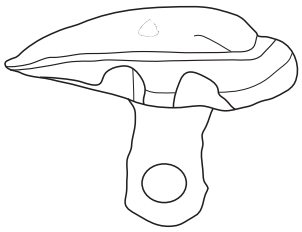


Fig. 249.



Fig. 250.





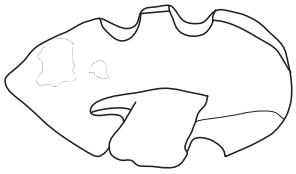




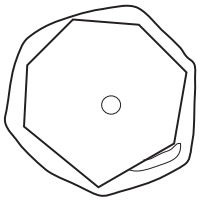
Fig. 251, nº 1, 2 e 3.

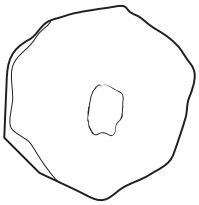


Fig. 252.



Fig. 253.





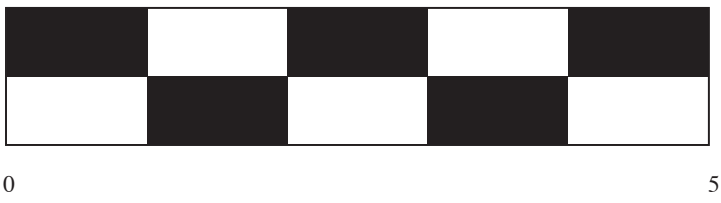


Fig. 254, nº 1 e 2.



Fig. 255.



Fig. 256.

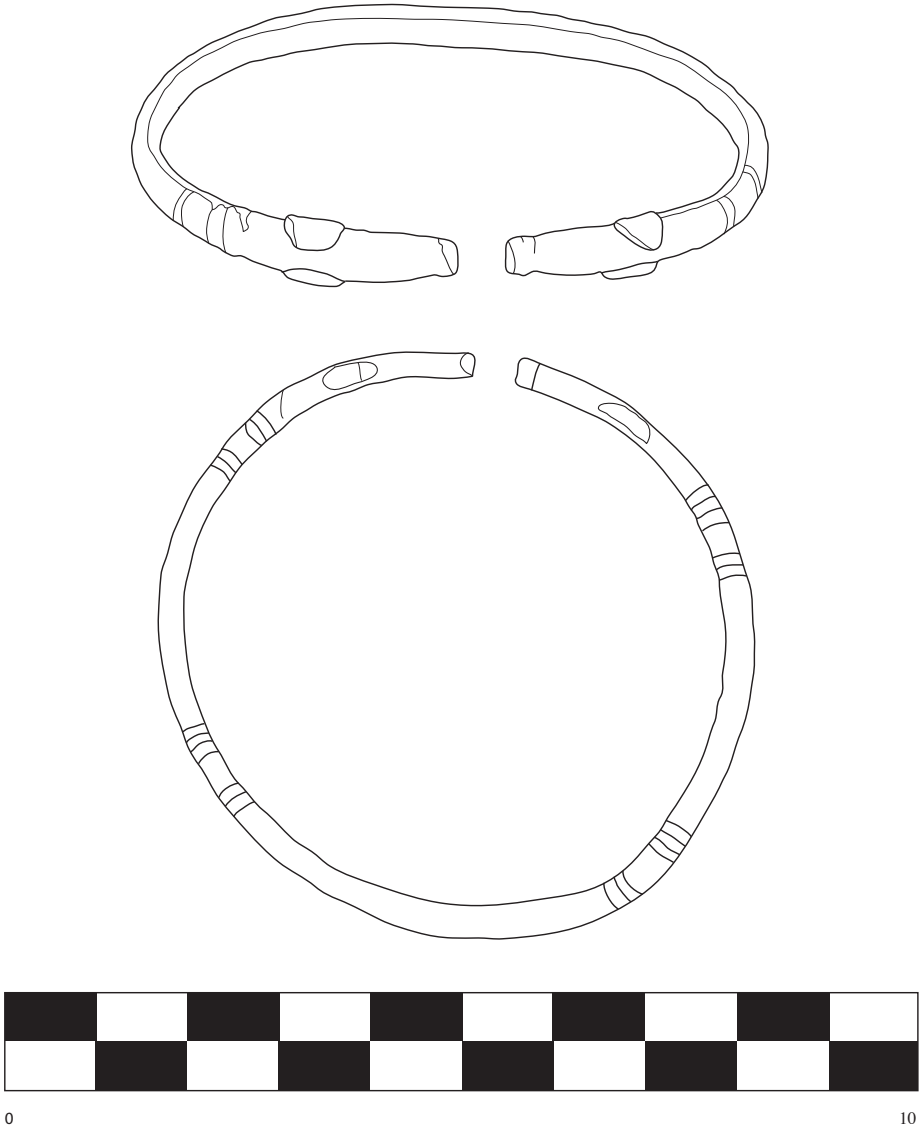


Fig. 257, nº 1 e 2.



Fig. 258.



Fig. 259.



Fig. 260, nº 1 e 2.



Fig. 261.



Fig. 262.



Fig. 263.



Fig. 264.



Fig. 265.

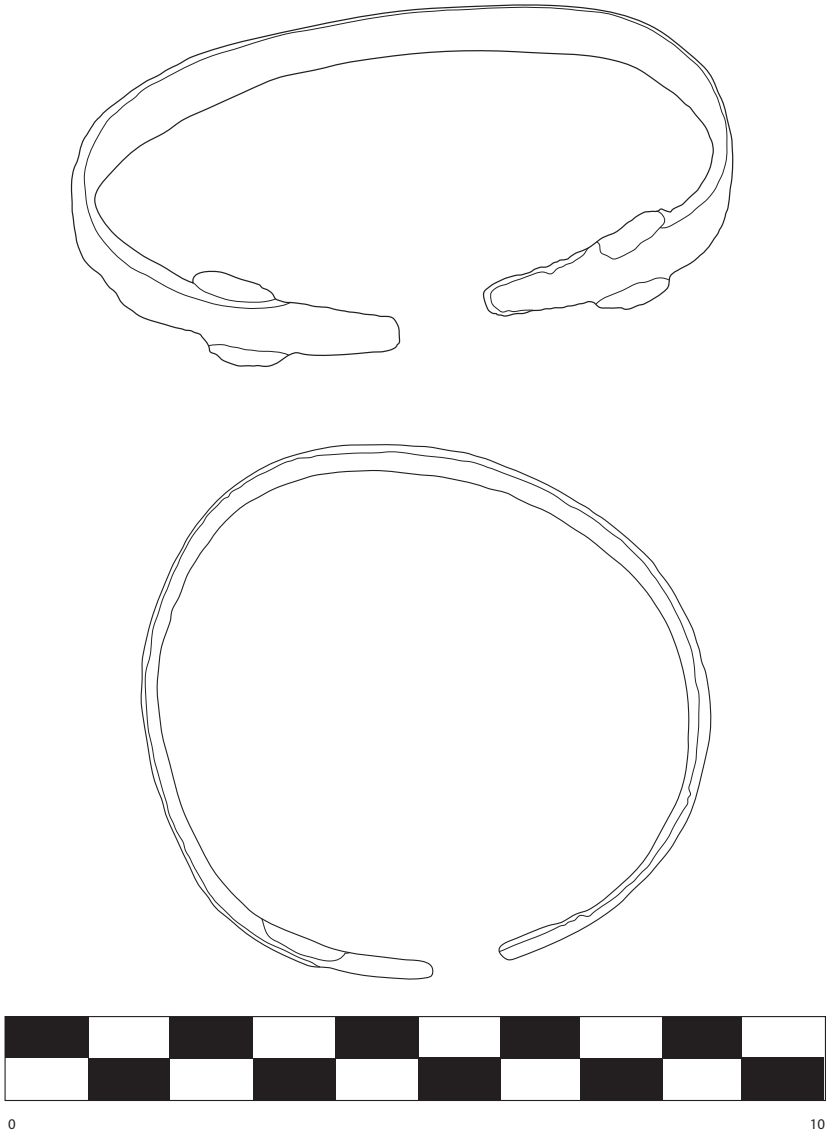


Fig. 266, nº 1 e 2.



Fig. 267.



Fig. 268.

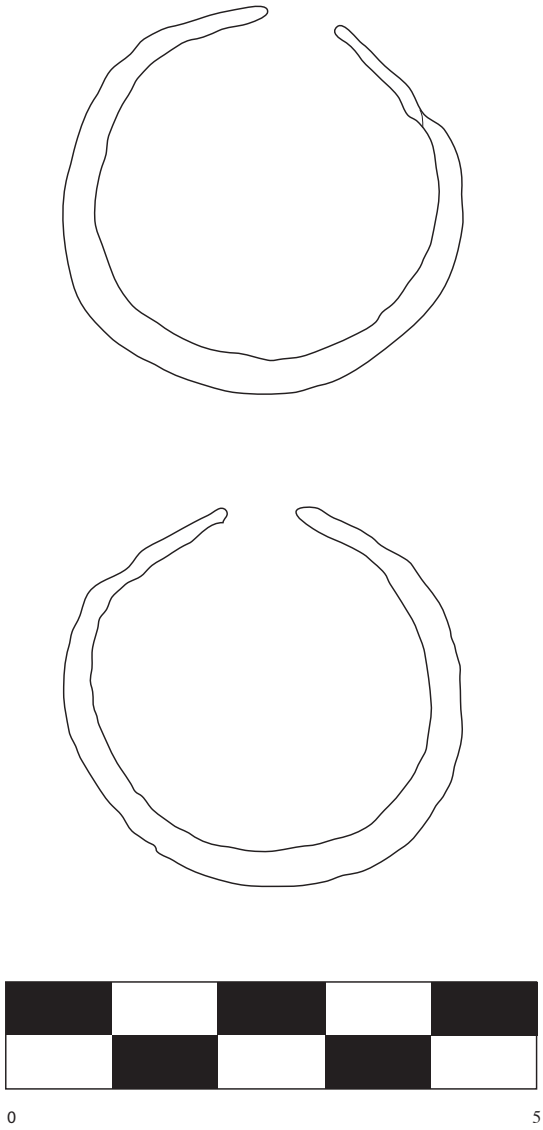


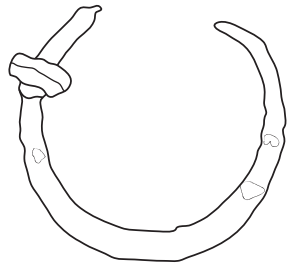
Fig. 269, nº 1 e 2.

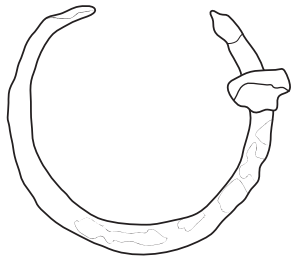


Fig. 270.



Fig. 271.





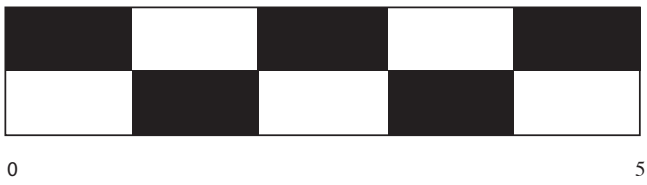


Fig. 272, nº 1 e 2.



Fig. 273.



Fig. 274.

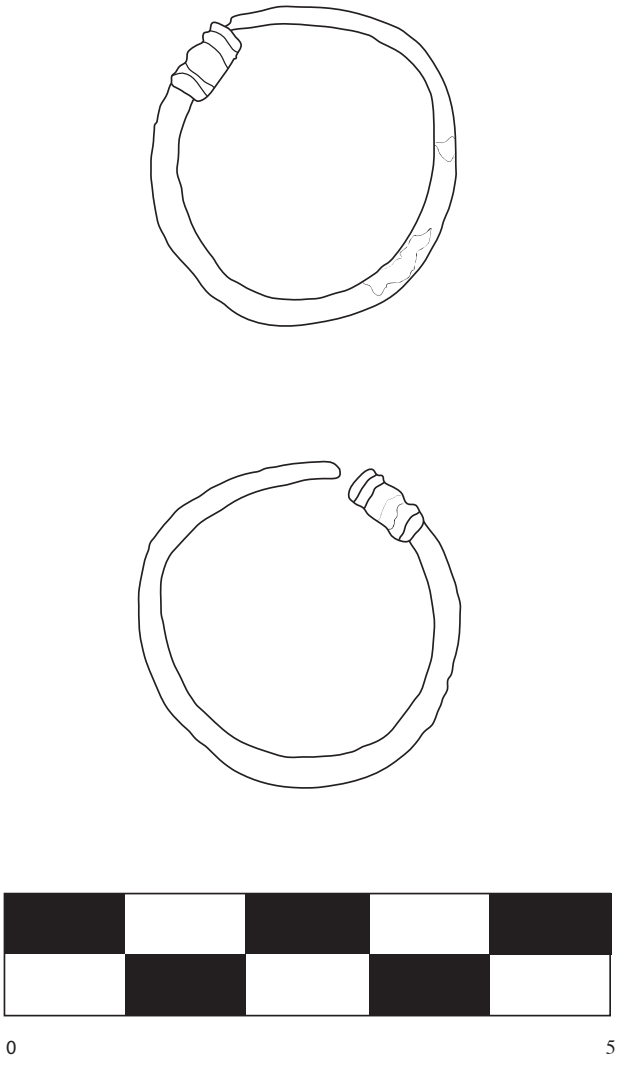


Fig. 275, nº 1 e 2.



Fig. 276.



Fig. 277.

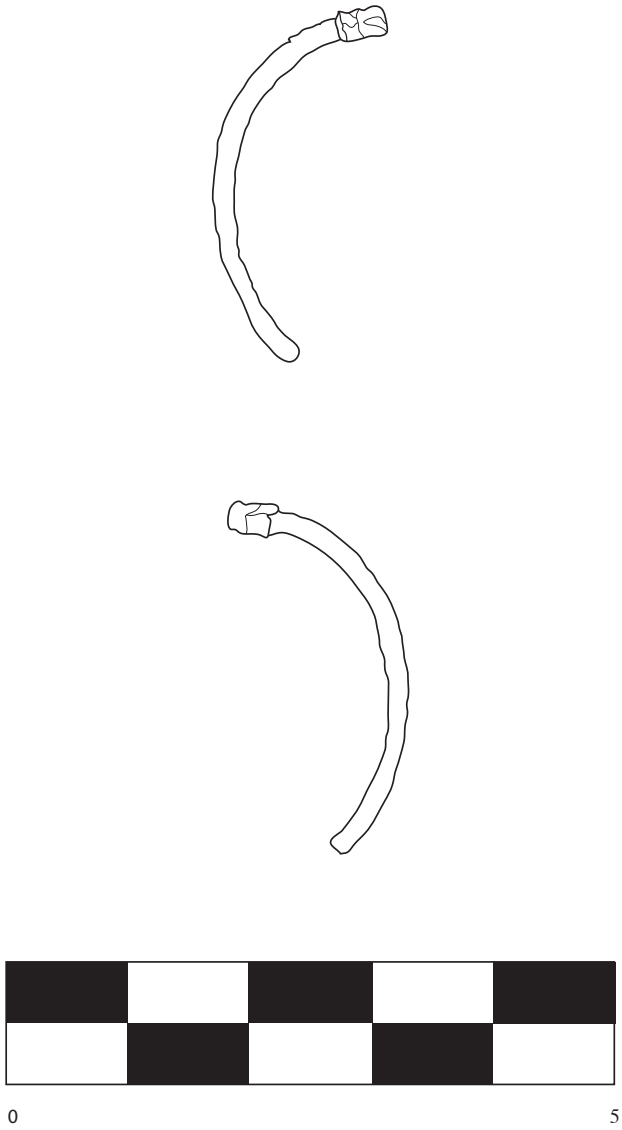


Fig. 278, nº 1 e 2.



Fig. 279.



Fig. 280.

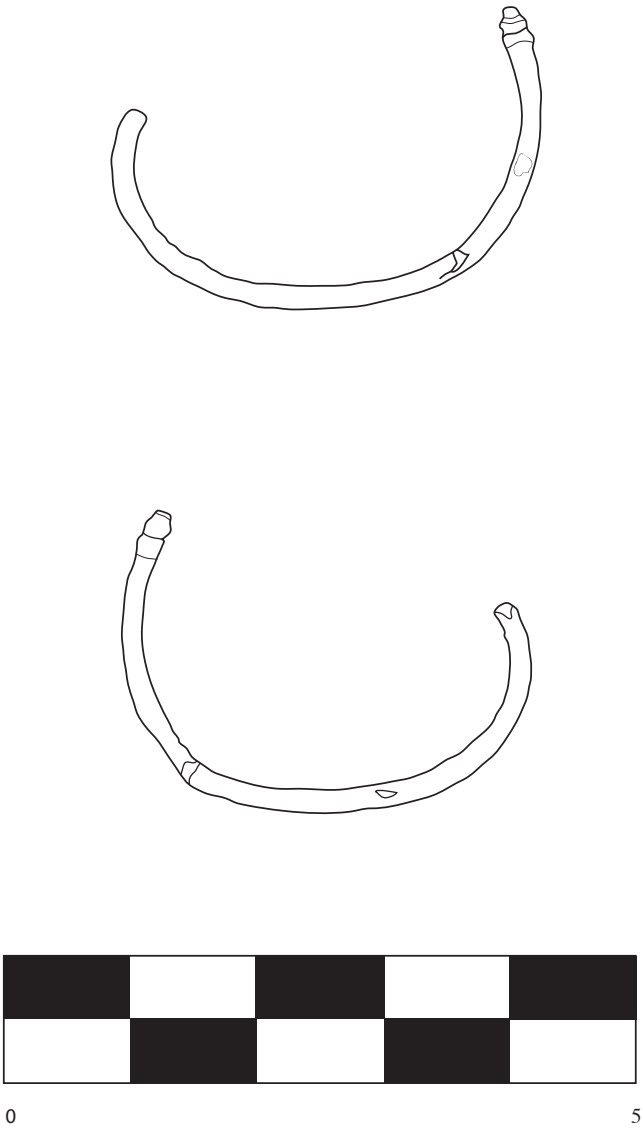


Fig. 281, nº 1 e 2.



Fig. 282.



Fig. 283.

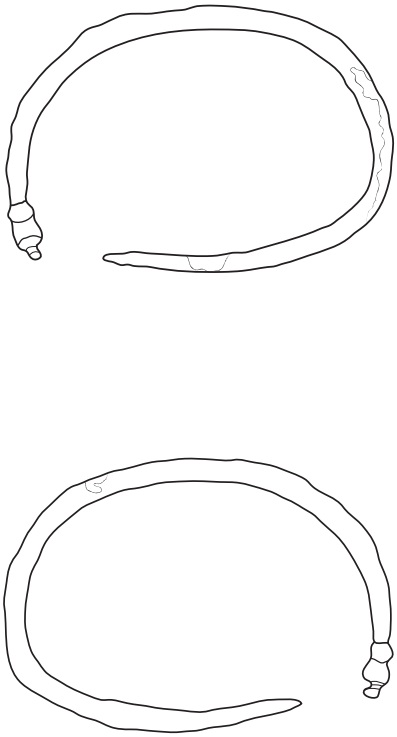


Fig. 284, nº 1 e 2.



Fig. 285.



Fig. 286.

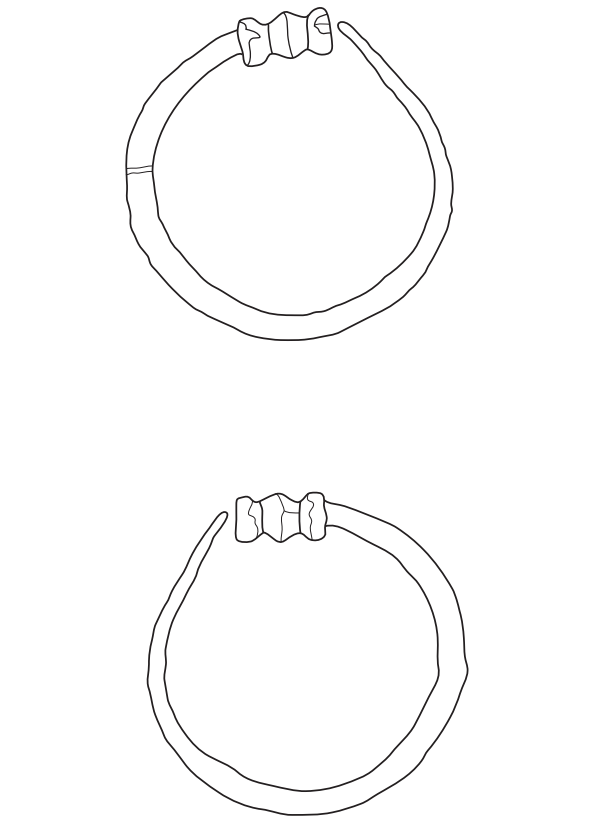


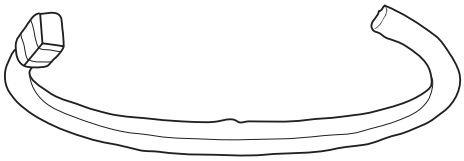
Fig. 287, nº 1 e 2.

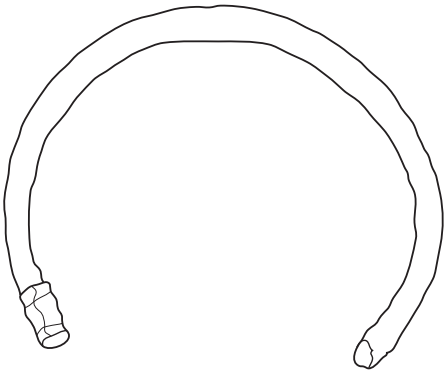


Fig. 288.



Fig. 289.





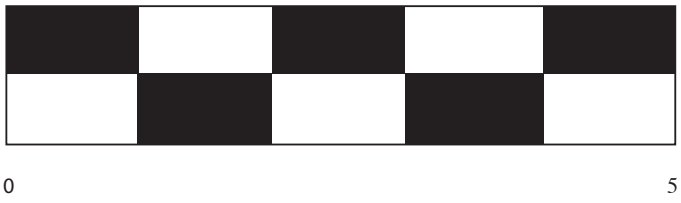


Fig. 290, nº 1 e 2.



Fig. 291.



Fig. 292.

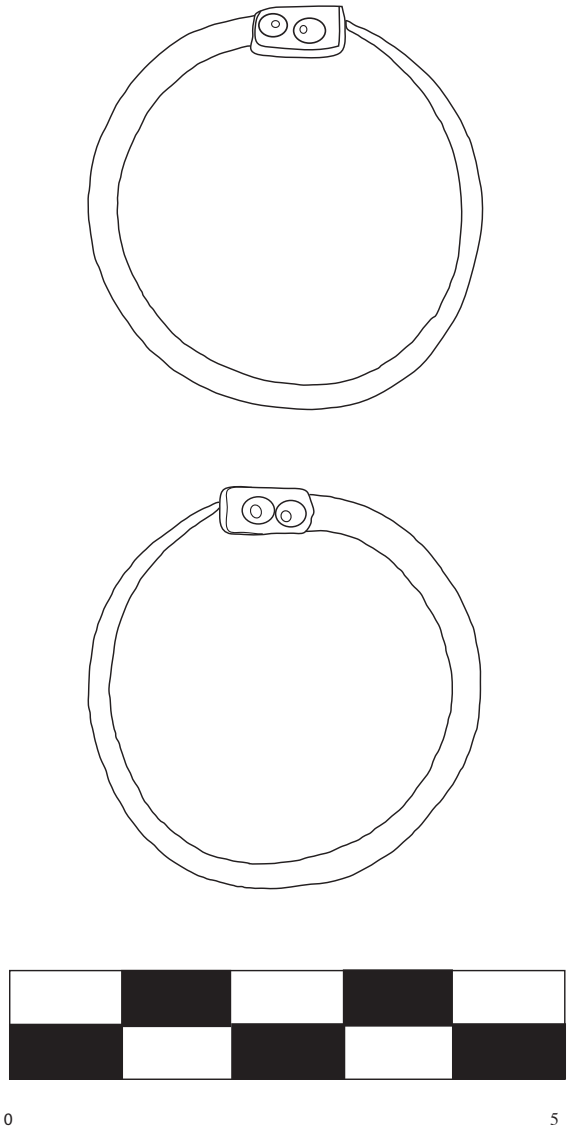


Fig. 293, nº 1 e 2.



Fig. 294.



Fig. 295.

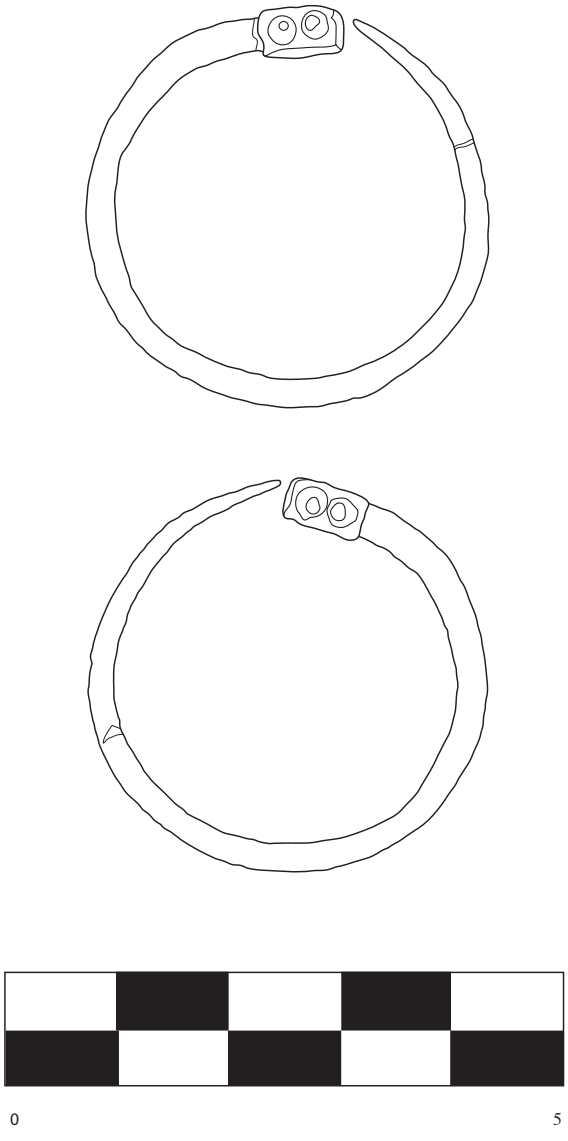


Fig. 296, nº 1 e 2.



Fig. 297.



Fig. 298.

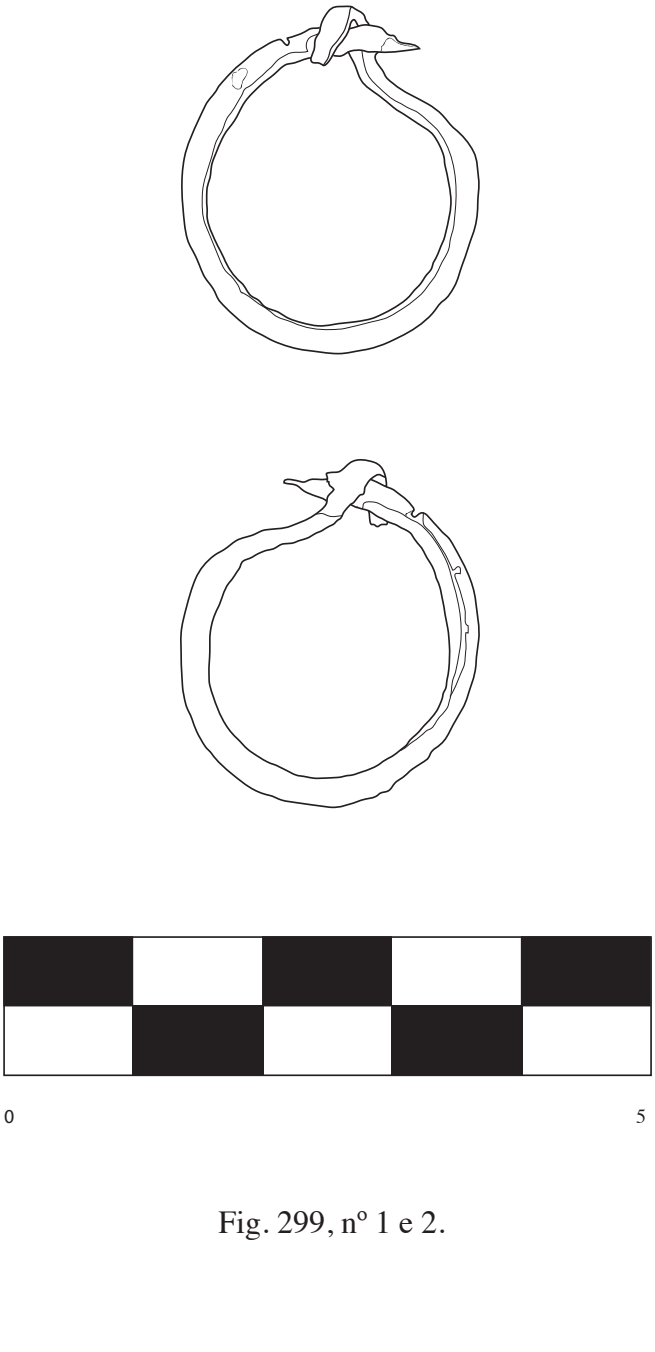


Fig. 299, nº 1 e 2.



Fig. 300.



Fig. 301.

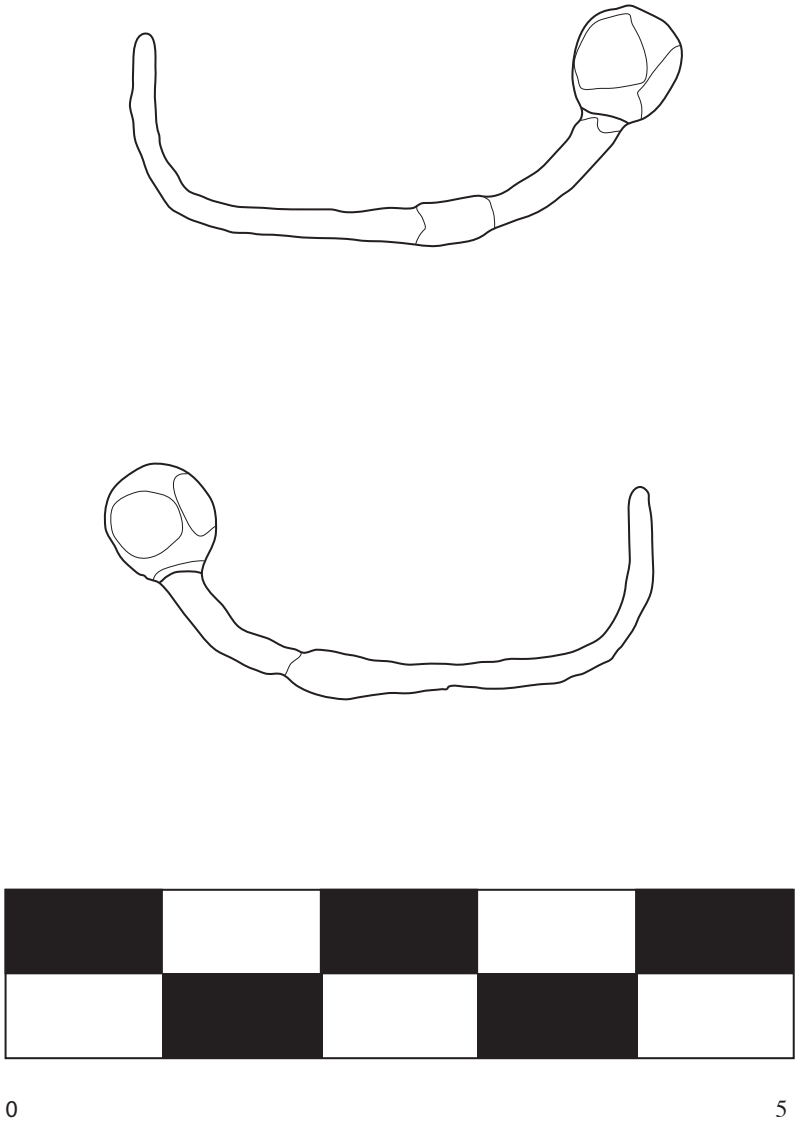


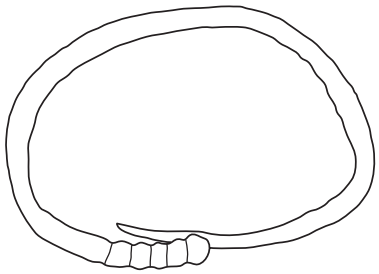
Fig. 302, nº 1 e 2.

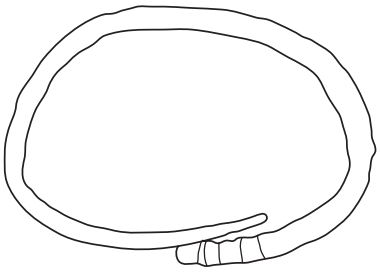


Fig. 303.



Fig. 304.





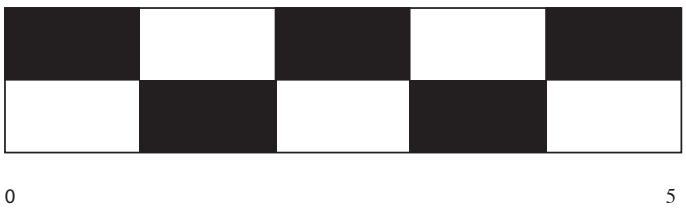


Fig. 305, nº 1 e 2.



Fig. 306.



Fig. 307.

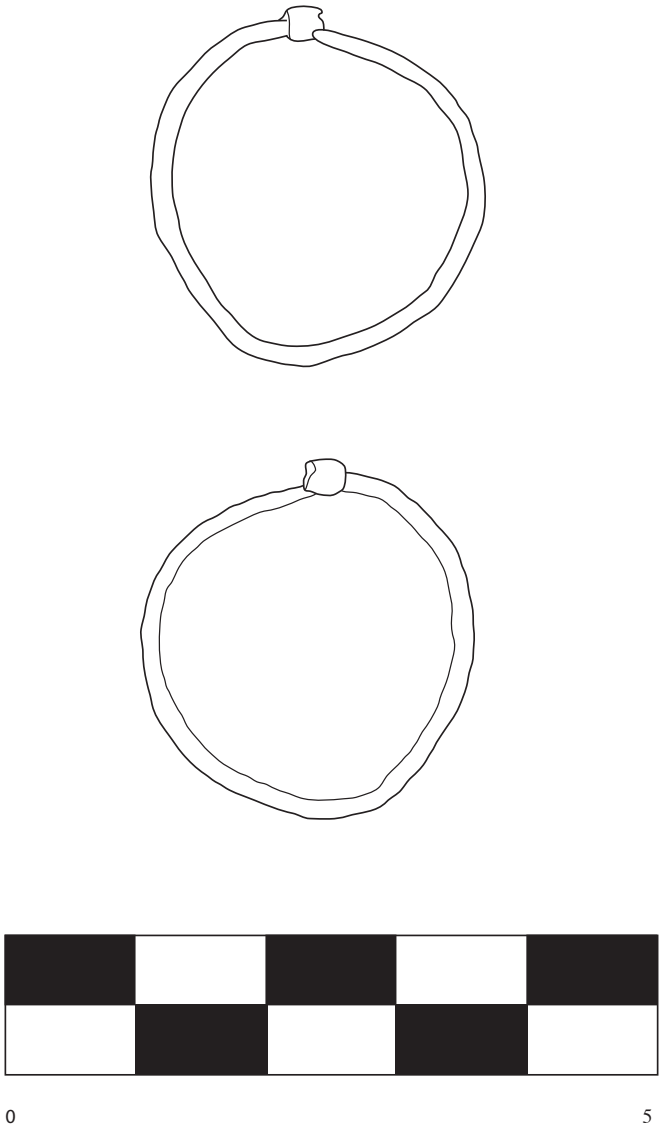


Fig. 308, nº 1 e 2.



Fig. 309.



Fig. 310.

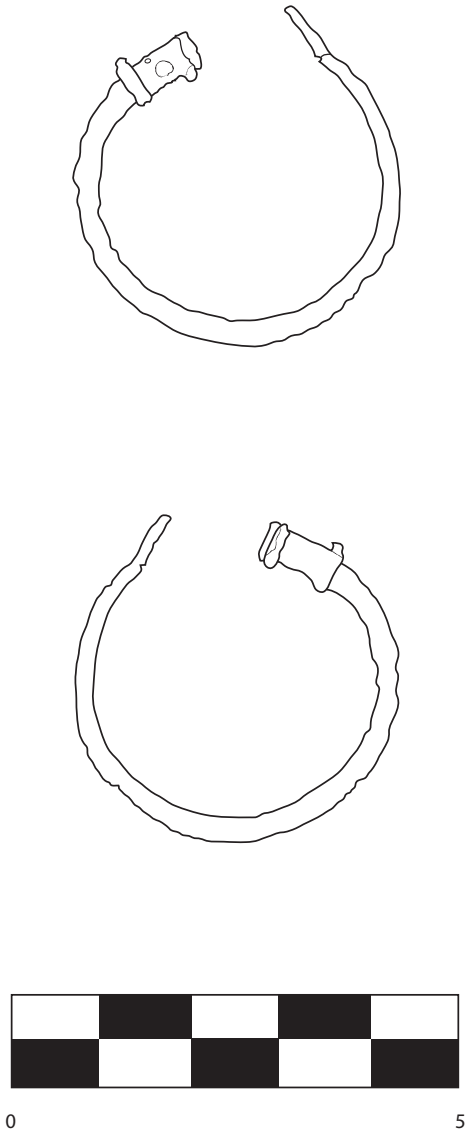


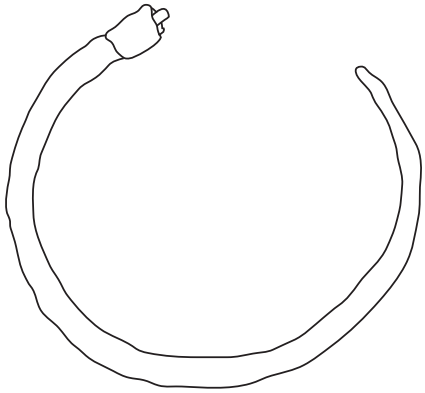
Fig. 311, nº 1 e 2.

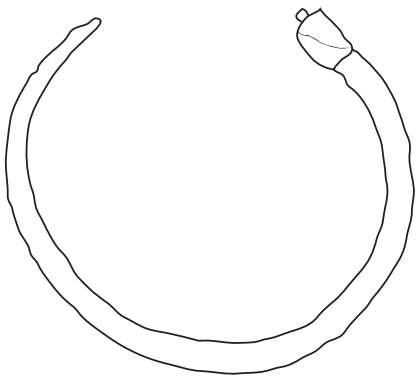


Fig. 312.



Fig. 313.







0 Fig. 314, nº 1 e 2. 5



Fig. 315.



Fig. 316.

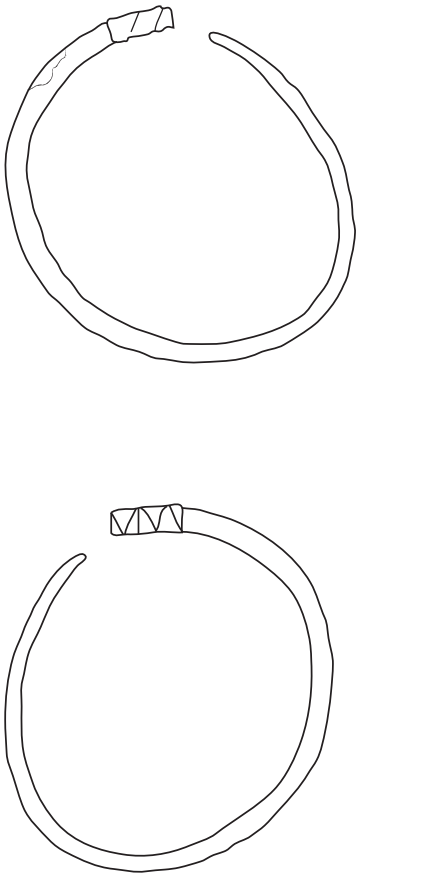


Fig. 317, nº 1 e 2.



Fig. 318.



Fig. 319.

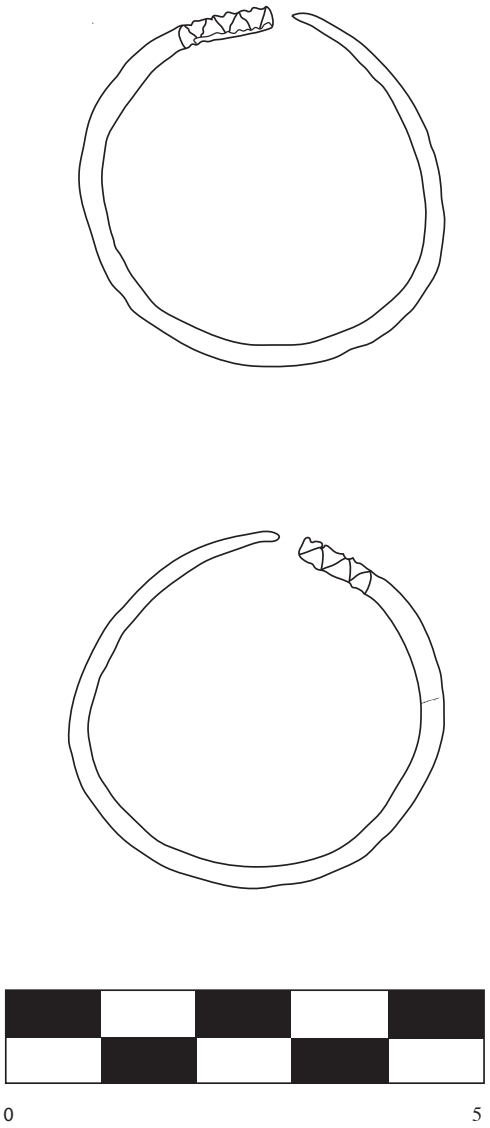


Fig. 320, nº 1 e 2.



Fig. 321.



Fig. 322.

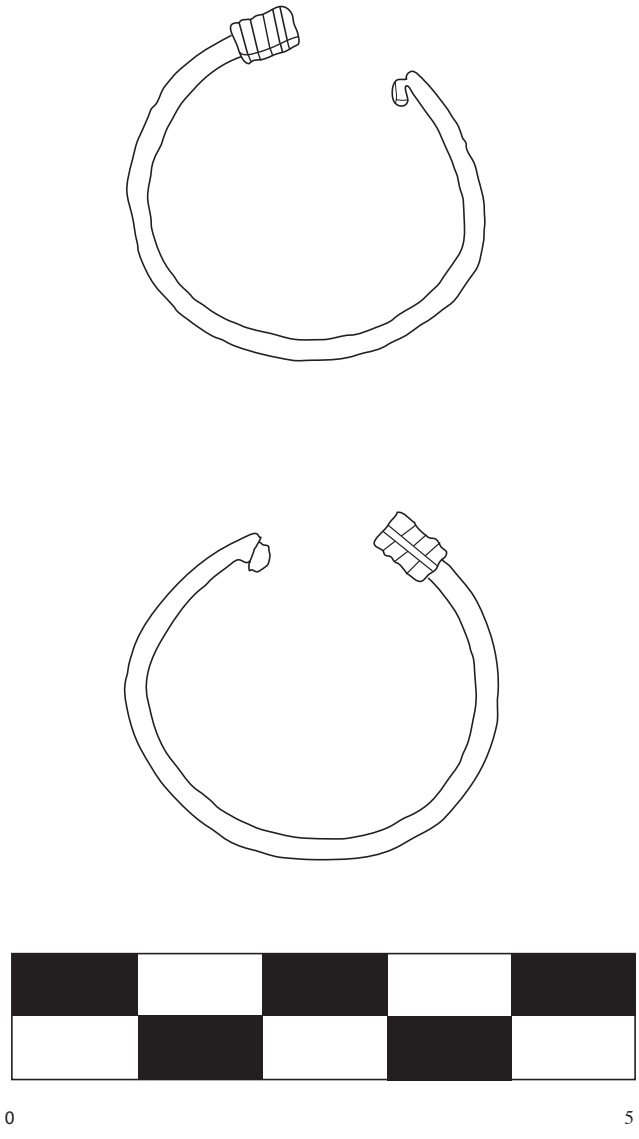


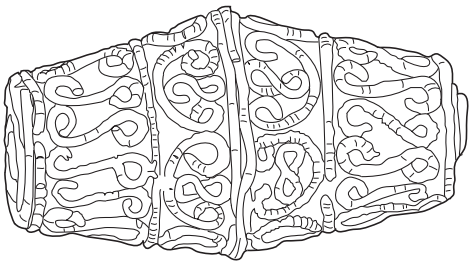
Fig. 323, nº 1 e 2.



Fig. 324.



Fig. 325.



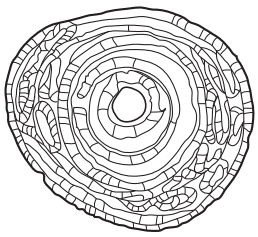




Fig. 326, nº 1 e 2.

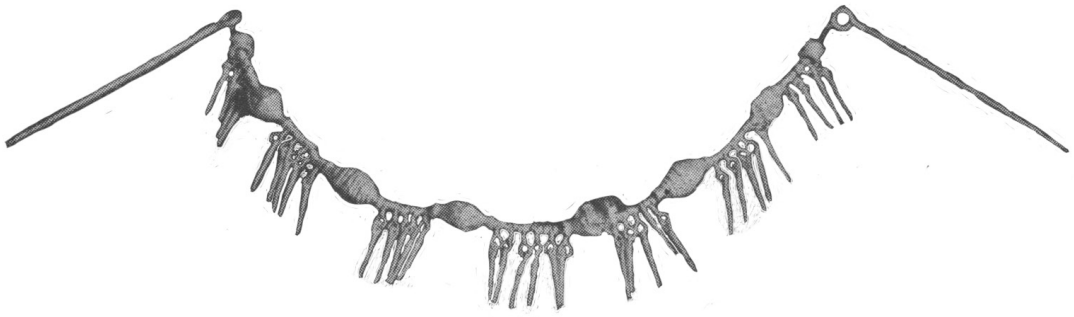


Fig. 327.



Fig. 328.

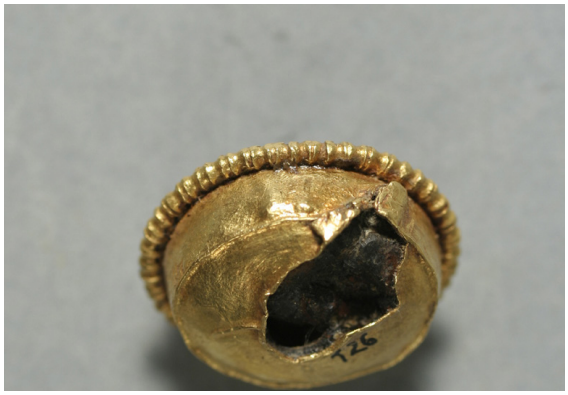
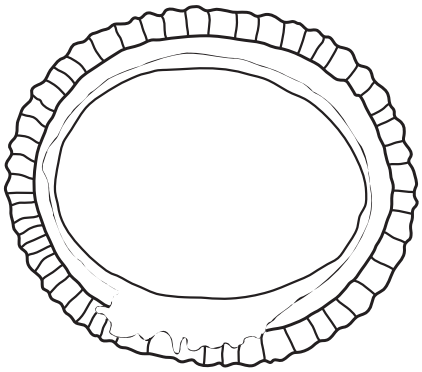
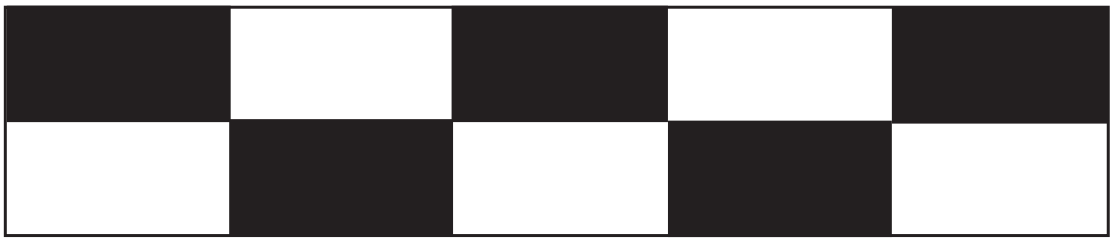


Fig. 329.





0 5

Fig. 330.

Alguns paralelos.



Fig. 330. Placa de cinturão liriforme procedente de Hinojar del Rey, Burgos (segundo Ripoll López 1998: 159, fig. 28).



Fig. 331. Fragmento de placa liriforme da Colecção Sevilhana (segundo Ripoll López 1998: lâmina XLII, nº 128).

Peças indicadas como paralelos para a placa oriunda de Bensafrim (Pl - 02, no Catálogo).

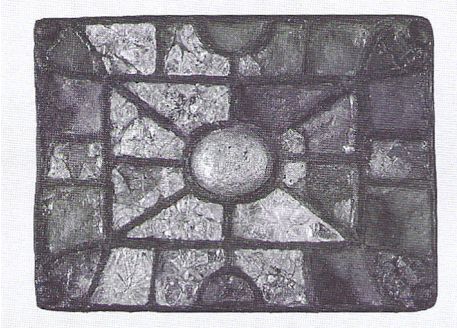


Fig. 332. Placa do broche de cinturão de Tinto Juan de la Cruz, Pinto (Madrid) (segundo Barroso Cabrera; Morín de Pablos 2006: 725, fig. 9).
Peça indicada como paralelo para a placa decorada com base na técnica do *cloisonné,* recolhida em Conimbriga (Pl - 06, no Catálogo).

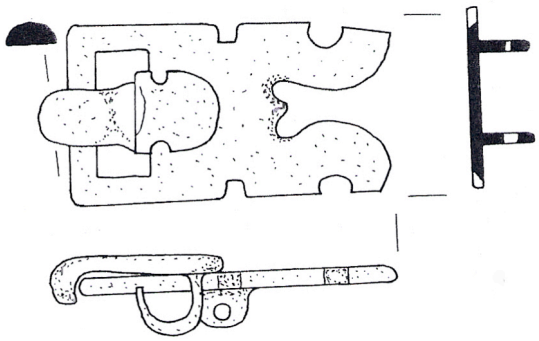


Fig. 333. Placa de cinturão recolhida na sepultura 105 da necrópole de Carpio de Tajo (segundo Ripoll López 1985: 87, fig. 19, nº 2; 88).

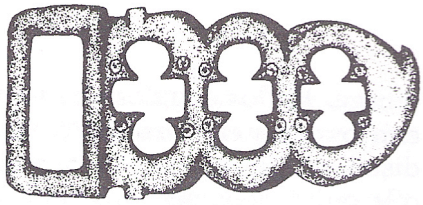


Fig. 334. Placa de cinturão nº 2 de El Juncal (Málaga) (Ripoll López 1998: 92-96; 99).



Fig. 335. Placa de cinturão nº 16 da Colecção Sevilhana (segundo Ripoll López 1998: lâmina III, nº 16).

Peças indicadas como paralelos para o fragmento de placa rígida vazada, presumivelmente oriundo de Conimbriga (Pl - 07, no Catálogo).

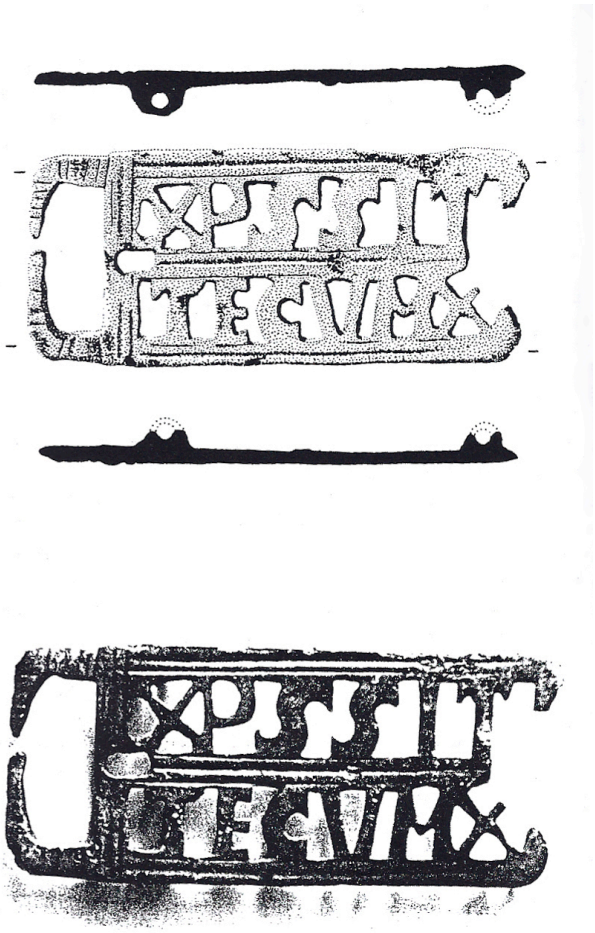


Fig. 336. Placa do Paço Velho da Facha (segundo Almeida 2003: 374, fig. 81).



Fig. 337. Placa de Ortigosa de Cameros, Logroño (segundo Ripoll López 1998: 97, fig. 12, nº 3).

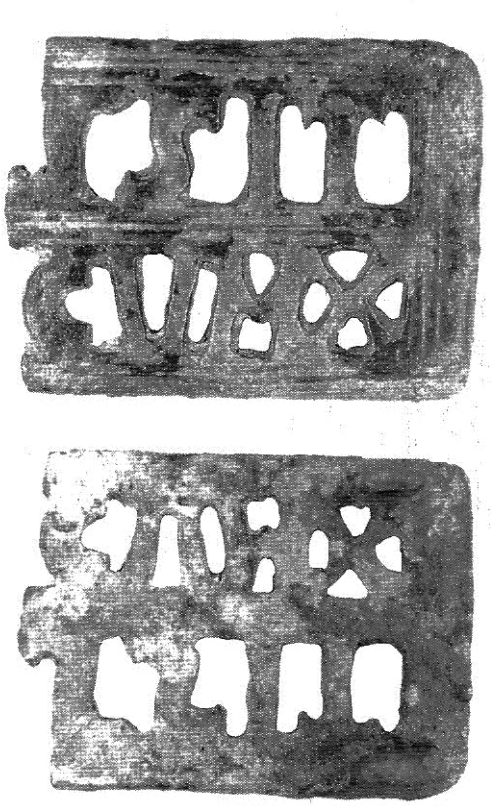


Fig. 338. Fragmento de placa epigráfica da Colecção Sevilhana (segundo Ripoll López 1998: lâmina IV, nº 17).



Fig. 339. Placa do sítio de Amoeiro (As Pedreiras, Ourense) (segundo Aboal Fernández; Cobas Fernández 1999: 112, fig. 8).

Peças indicadas como paralelos para a placa de cinturão epigráfica da Facha (Pl - 15, no Catálogo).

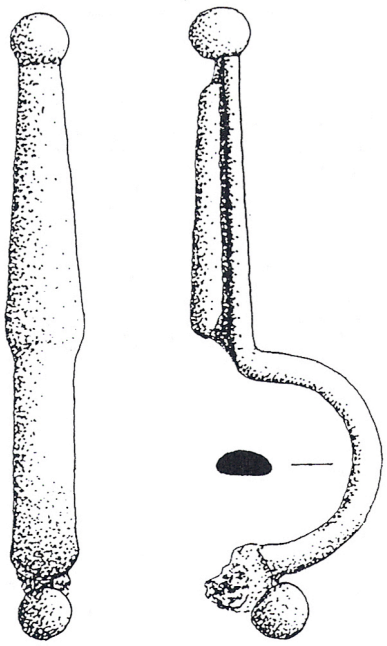


Fig. 340. Peça exumada no Cerro de San Juan, Briviesca (Burgos), tipo *Desana,* do grupo das *Bügelknopfibeln* (segundo Nuño González 1989: 184; 203, fig. VIII, nº 35).
Peça indicada como paralelo para a fíbula da Falperra, Braga (Fb - 09, no Catálogo).

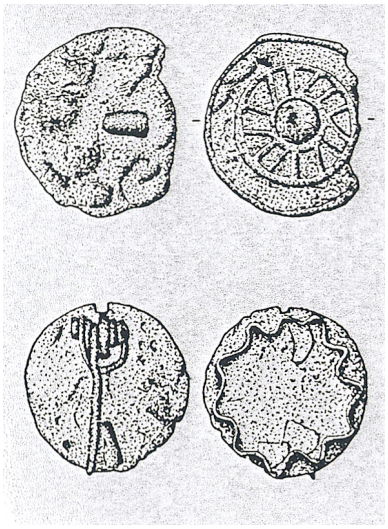


Fig. 341. Fíbulas nº 17 e 18 da necrópole de Camino de los Afligidos, Alcalá de Henares (segundo Mendez Madariaga; Rascon Marques 1989: 127).
Peças indicadas como paralelo para a fíbula discóide procedente de Quinta da Marim (Fb - 10, no Catálogo).

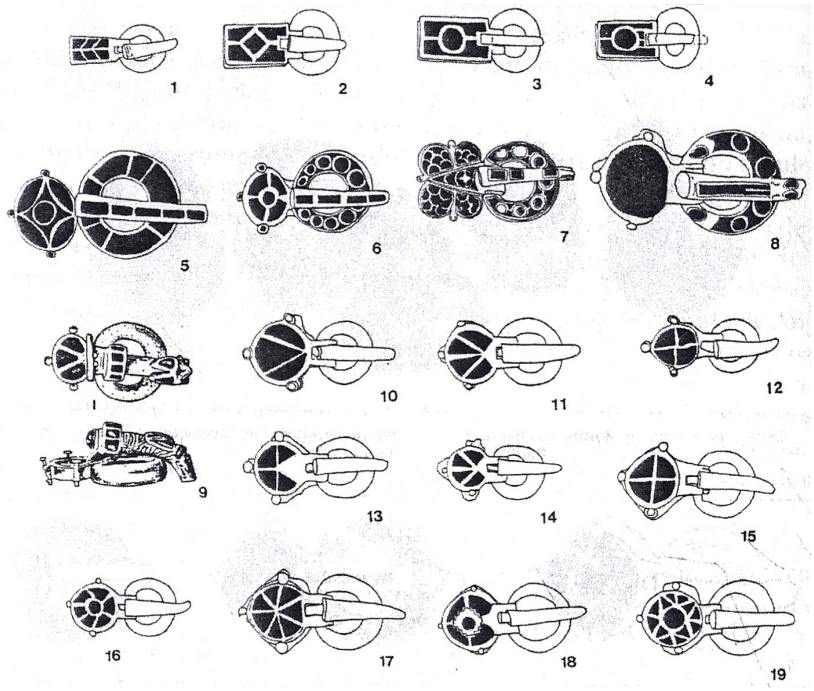


Fig. 342. Fivelas *cloisonnée* do horizonte *Untersiebenbrunn-Gospital'naja* (segundo Rodríguez Resino 2006: 126, citando Kazanski 1991).

Na imagem incluem-se os dois exemplares de Beja (nº 8 e 19), a par de objectos similares, fundamentalmente oriundos da Europa Central (nº 1 e 18: Wolfsheim, Alemanha; nº 2 a 6: Kertch, Crimeia; 7: Regöly, Hungria; nº 9: Kertch, Novikovskij sklep; nº 10: Lengyeltóti, Hungria; nº 11, 14 e 16: Lébény, Hungria; nº 12, 15 e 17: Fürst, Alemanha; nº 13: Untersiebenbrunn, Áustria).

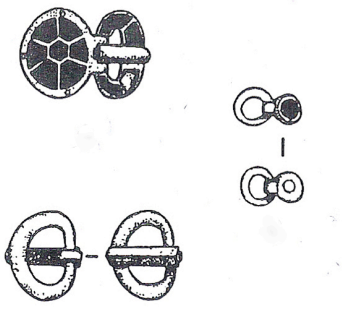


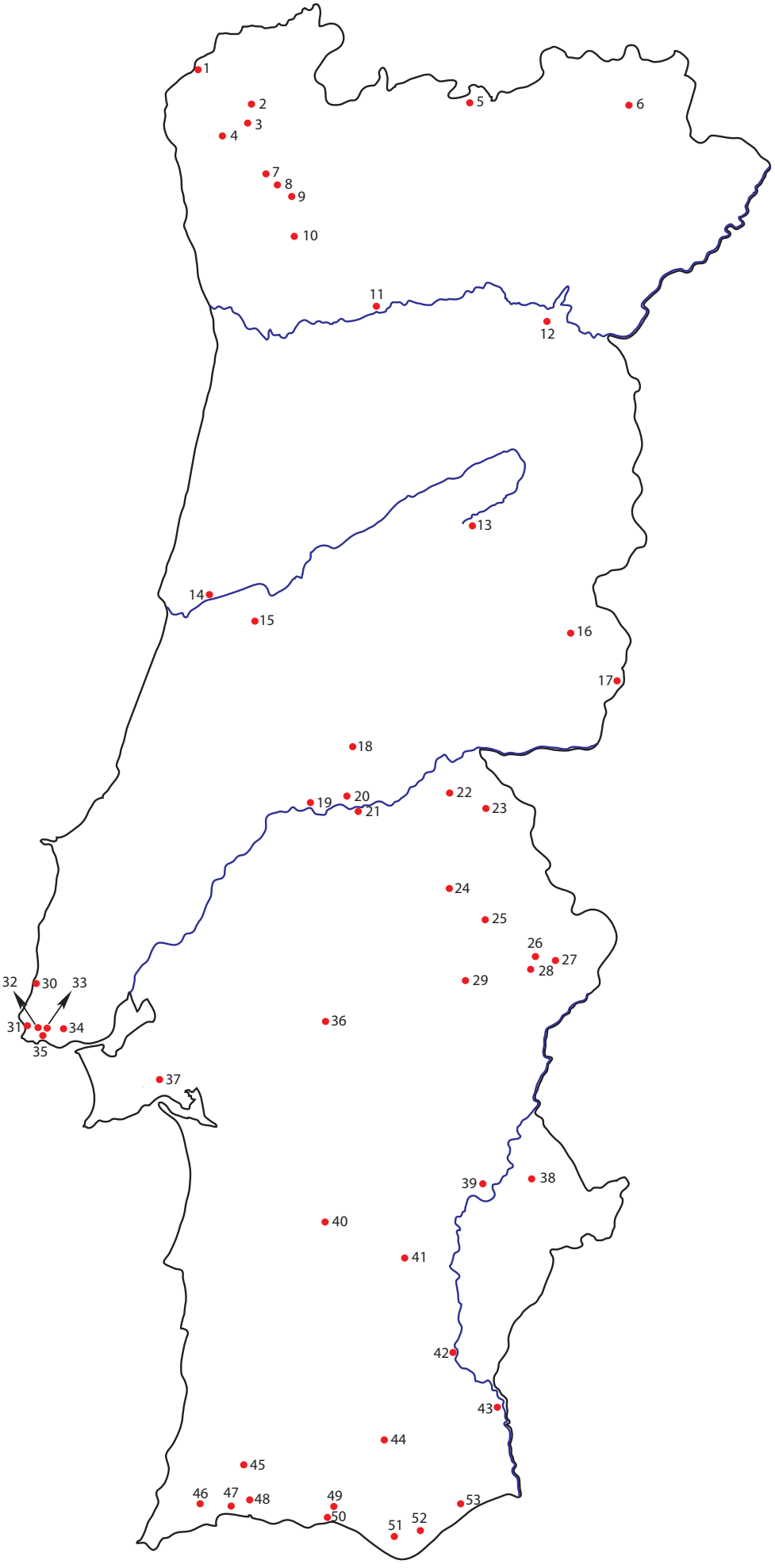
Fig. 343. Três exemplos de peças recolhidas na sepultura principesca de Pouan, Aube (segundo Kazanski e Périn 1997: 201-202, fig. 1, nº 3). A primeira é indicada como paralelo para uma das fivelas de Beja (Fv - 06, no Catálogo).

Anexo III -

Cartografias.

Mapa I:

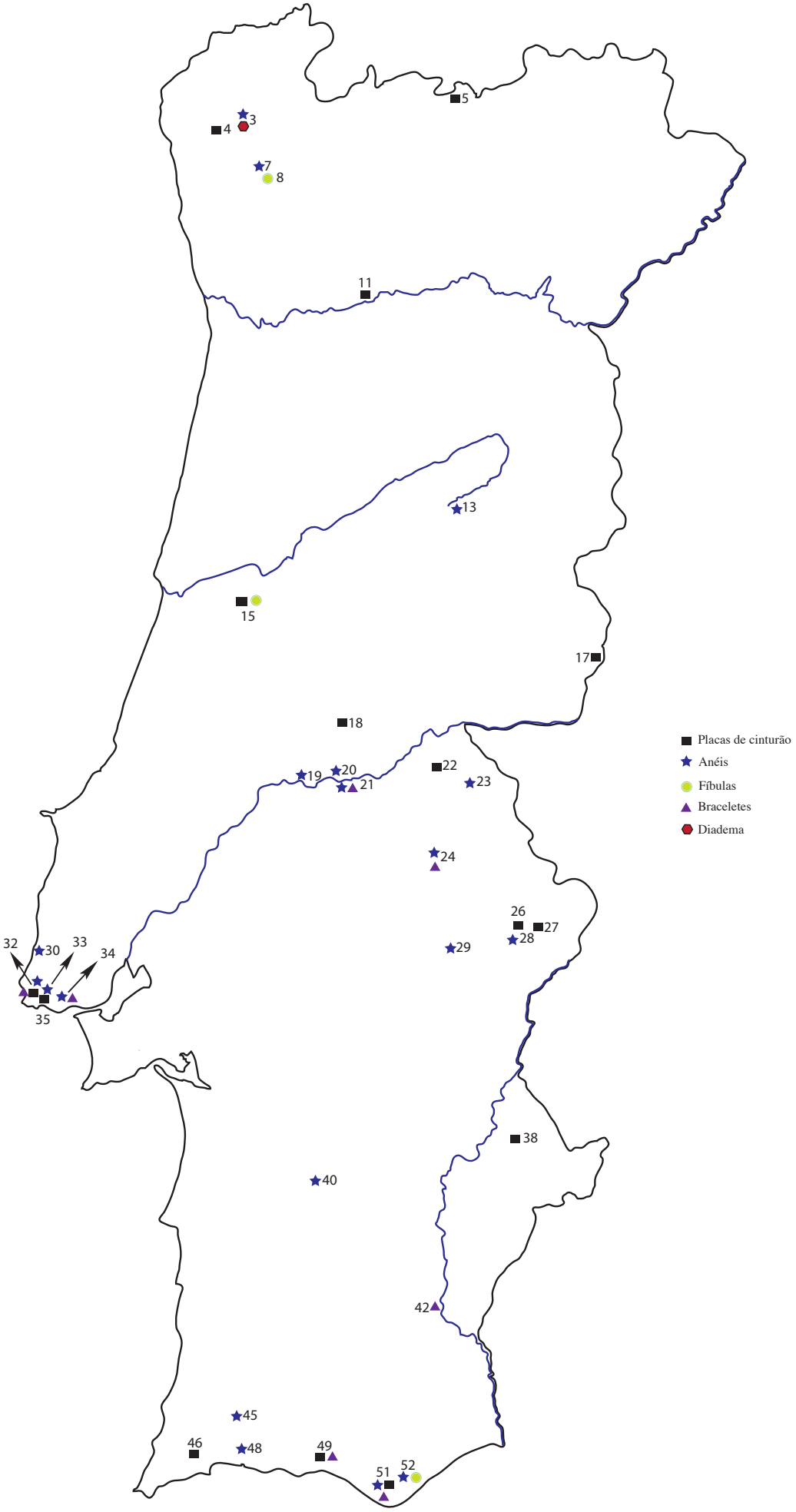
Estações portuguesas geradoras de materiais "germânicos".



1- Lovelhe (Vila Nova de Cerveira)
2 - Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez)
3 - Beiral do Lima (Ponte de Lima)
4 - Paço Velho da Facha (Facha, Ponte de Lima)
5 - S. Caetano (Couto de Ervededo, Chaves)
6 - Castro de Avelãs (Bragança)
7 - Palmeira (Braga)
8 - Santa Marta da Falperra (Braga)
9 - Briteiros (Guimarães)
10 - S. Miguel (Caldas de Vizela)
11 - Santa Marinha do Zêzere (Baião)
12 - Castelo Velho (Freixo de Numão)
13 - Manteigas
14 - Montemor-o-Velho
15 - Conimbriga (Condeixa-a-Velha)
16 - Monsanto
17 - Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova)
18 - Castro de S. Miguel (Amêndoa, Mação)
19 - Pedreira (Rio de Moinhos, Abrantes)
20 - Fonte do Sapo (Mouriscas, Abrantes)
21 - Quinta do Casal da Várzea (Alvega, Abrantes)
22 - Patalou (Nisa)
23 - Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide)
24 - Alter do Chão
25 - Torre de Palma (Vaiamonte)
26 - Herdade da Fontalva (Barbacena, Elvas)
27 - Vinagreira (Elvas)
28 - Herdade da Chaminé (Vila Fernando, Elvas)
29 - Silveirona (Santo Estevão, Estremoz)
30 - S. João de Lampas (Casal de Pianos, Sintra)
31 - Casais Velhos (Cascais)
32 - Abuxarda (Cascais)
33 - Alcoitão (Cascais)
34 - Talaíde (Cascais)
35 - Grutas do Poço Velho (Cascais)
36 - S. Geraldo (Montemor-o-Novo)
37 - Mercado Velho (Palmela)
38 - Póvoa de S. Miguel (Moura)
39 - Monte Musgos (Alqueva)
40 - Figueira de Cavaleiros (Ferreira do Alentejo)
41 - Santa Clara de Louredo (Beja)
42 - Mértola
43 - Alcoutim
44 - Ameixial (Loulé)
45 - Alcaria (Caldas de Monchique)
46 - Bensafrim (Lagos)
47 - Portimão
48 - Serro do Algarve, Mexilhoeira Grande (Portimão)
49 - Retorta (Boliqueime, Loulé)
50 - Vale de Carro (Olhos de Água)
51 - Milreu (Estói, Faro)
52 - Olhão
53 - Balsa (Tavira)

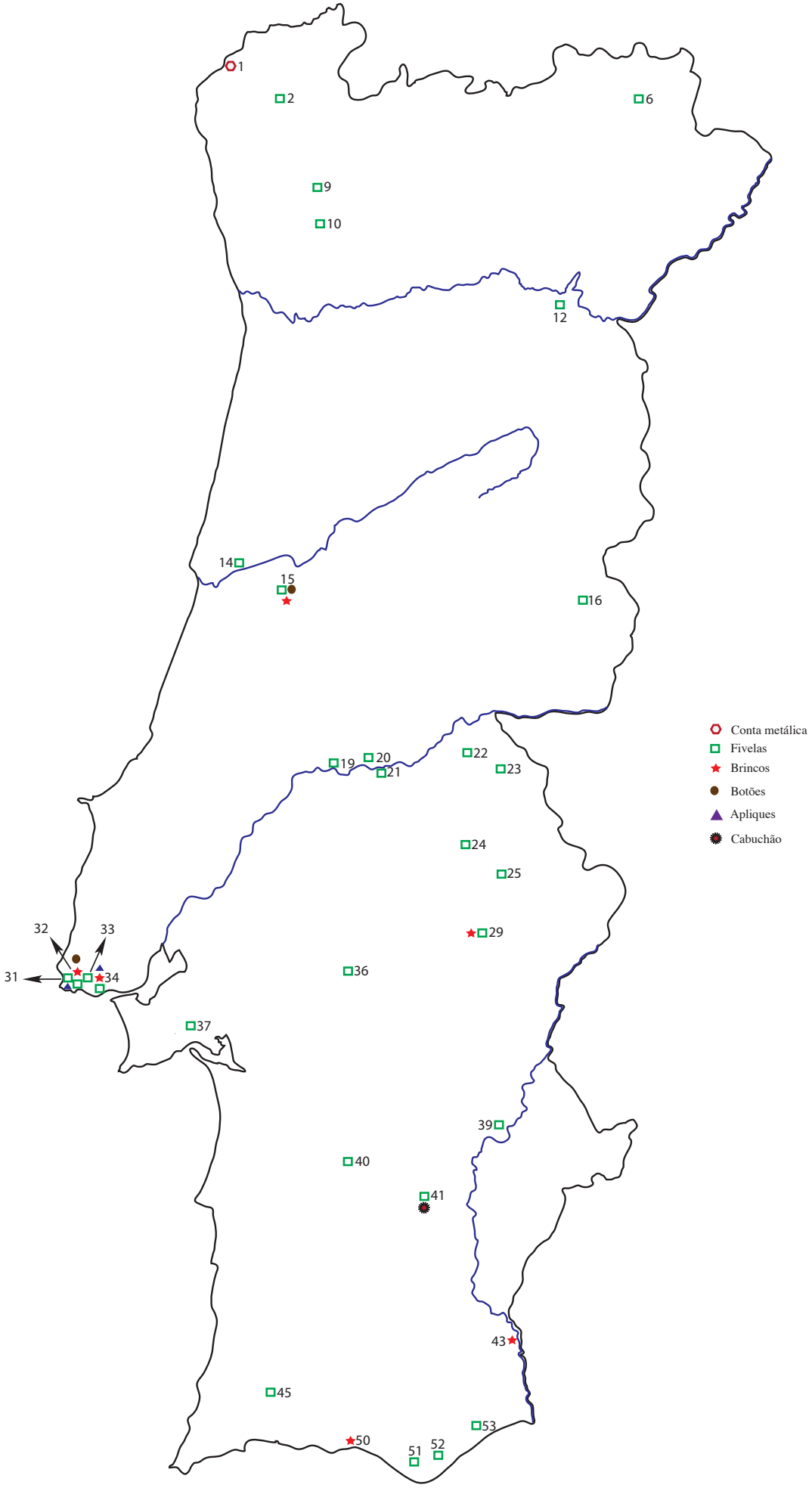
Mapa II:

Relação de alguns tipos de peça com as estações de origem.



Mapa III:

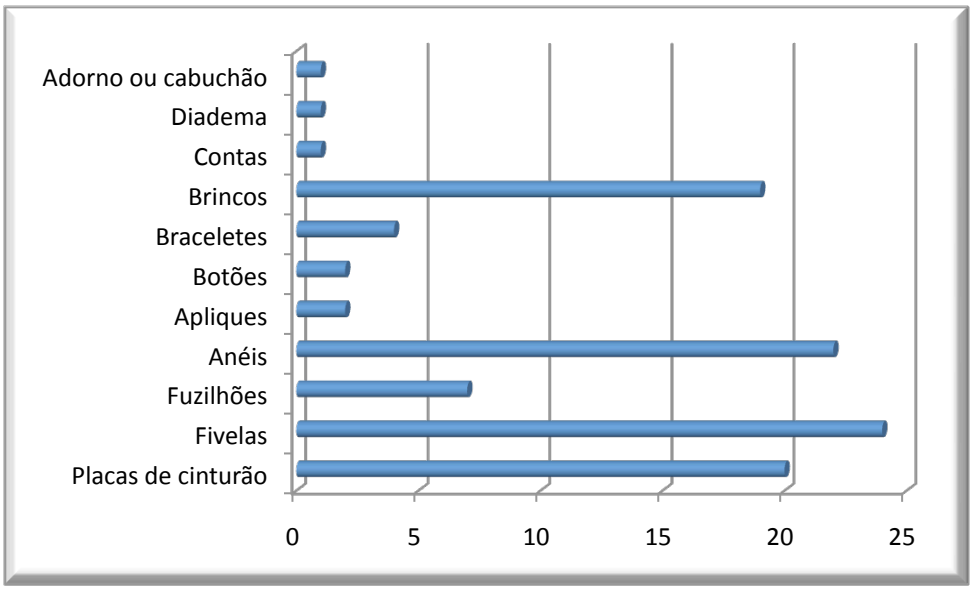
Relação de alguns tipos de peça com as estações de origem.



Anexo IV -

Gráfico.

Relação dos elementos metálicos estudados



Bibliografia citada.

ABÁSOLO ALVAREZ, J. A.; PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, F. (1995), "Arqueología Funeraria en Hispania durante el Bajo Imperio y la Época Visigoda". Em: Fábregas Valcarce, R.; Pérez Losada, F.; Fernandéz Ibáñez, C. (Eds.). *Arqueoloxía da Morte. Arqueoloxía da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievo.* Concello de Xinzo de Limia, 291-306

ABOAL FERNÁNDEZ, Roberto; COBAS FERNÁNDEZ (1999), "La Arqueología en la Gasificación de Galicia 10. Sondeos en el Yacimiento Romano-Medieval de As Pereiras". *Traballos en Arqueoloxia da Paisaxe (TAPA),*13, Santiago de Compostela

ALARCÃO, Adília (1994), *Museu Monográfico de Conimbriga. Colecções.* Instituto Português dos Museus

ALARCÃO, Jorge de (2001), "As paróquias suévicas do território actualmente português". Em: Villar, F. e Fernandéz Álvarez, M. P. (Eds.). Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania, *VIII Colóquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Peninsula Ibérica (Salamanca 1999)*, Salamanca, Ed. Universidad, 29-60

(2004), "Notas de Arqueologia, Epigrafia e Toponímia, II". *Revista Portuguesa de Arqueologia,* vol. 7, nº 2, 193-216

ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert; MOUTINHO ALARCÃO, Adília; PONTE, Salete da (1979), "Trouvailles diverses, conclusions générales". *Fouilles de Conimbriga,* VII, Paris

ALBERRO, M. (2004), "Los alanos en *Gallaecia* y su teórica identificación por Littleton and Malcor como los milesianos de Brigantia que según el *Lebor Gabhála* invadieron Irlanda". *GALLAECIA*, 23, Santiago de Compostela, 301-329

ALMAGRO BASCH, Martin, (1975), "La Necropolis Hispano-Visigoda de Segobriga, Saelices (Cuenca)". *Excavaciones Arqueológicas en España,* 84, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia

ALMEIDA, C. A. B. de (2006), *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

(2003), *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, vol. VII

ALMEIDA, C.A.B. de; RECAREY, M.A.F. (1985/86), "A conta visigótica do Forte de Lovelhe, Vila Nova de Cerveira". *Revista Portugalia,* Nova Série, vol. VI/VII, 123-126

(1988), "Uma conta em ouro, do Forte de Lobelhe, Vila Nova de Cerveira". *Actas do Colóquio Manuel Boaventura,* vol. II, Esposende, 199-205

ALMEIDA, C. A. F. de (1972), "Notas sobre a Alta Idade Média". *Revista da Faculdade de Letras,* Universidade do Porto, Série I, vol. 03, 113-136

(1979), "A propósito da Galícia Sueva de Casimiro Torres". *GALLAECIA,* 5, Santiago de Compostela, 305-316

(1986a), "Arte da época visigótica." *História da Arte em Portugal*. *Arte da Alta Idade Média,* Volume II, Lisboa, Publicações Alfa, 37-71

(1986b), "Arte paleocristã da época das invasões". *História da Arte em Portugal. Arte da Alta Idade Média*, II, Lisboa, Alfa, 9-36

ALMEIDA, D. Fernando de (1962), "Arte Visigótica em Portugal". *O Archeólogo Português.* Nova Série, IV, Lisboa, Museu Etnográfico Português, 5-278

ALMEIDA, Fernando de; CAVALEIRO PAIXÃO, Judite e A. (1982), "Cementerio Paleocristiano o Romano Tardio de Troia (Portugal)." *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica,* Barcelona, 259-265

ANTÓNIO, J.; REIS, M. P. (2008), "Necrópole Tardo-Antiga de Alter do Chão: resultados preliminares". *Hispania Romana. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular.* Universidade do Algarve, Promontoria Monografica, 10, 353-366

ARAGÃO, A. Teixeira de (1887), *Anneis.* Lisboa*,* Tipografia da Academia Real das Sciências, 22

AREZES, A. C. M. (2006) *Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Escavação na Paróquia de S. Miguel – Caldas de Vizela.* Texto policopiado.

ARGENTE OLIVIER, José Luís (1975), "La Necropolis Visigoda del Lugar La Varella-Castellar (Codo, Zaragoza)". *Excavaciones Arqueológicas en España,* 87, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia

ARRECOECHEA FERNÁNDEZ, Joaquín (1994), "Los botones de bronce en la *Hispania* romana". *Archivo Español de Arqueologia*, [67]:169/170, 157-178

ARRUDA, A. M. (1988-89), "Conímbriga: escavações de 1988-89. 1. Algumas precisões sobre o bairro indígena". *Revista Portugália,* Nova Série, vol. IX-X, 93-100

(1994), *Lisboa Subterrânea.* Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia, 234-235

AZEVEDO, Padre J. M. Semedo (1959), "Retorta. Antiga Carteia?". *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), II, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 113-124

BALMASEDA MUNCHARAZ, Luis J. (2006), "La orfebrería de época visigoda en la Comunidad de Madrid". Zona arqueológica, nº 8, 3 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 753-765

BARATA, M. Filomena (1997), "O *Promontorium Sacrum* e o Algarve entre os escritores da Antiguidade". *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar,* Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 117-133

BARROCA, Mário Jorge (1984), "Notas Sobre a Ocupação Medieval em Baião". *Arqueologia,* 10, GEAP, Porto, 116-136

(1987), *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Século V a XV),* Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto

BARROSO CABRERA, Rafael (2006), "Panorama da arqueologia visigoda en la provincia de Cuenca". *Zona Arqueológica,* nº 8, 1 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 120-137

BARROSO CABRERA, R. ; MORÍN DE PABLOS, J.; PENEDO COBO, E.; OÑATE BAZTAN, P.; SANGUINO VÁSQUEZ, J. (2006), "La necropolis visigoda de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid)". *Zona Arqueológica,* nº 8, 2 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 537-564

BARROSO CABRERA, Rafael; MORÍN DE PABLOS, Jorge (2006a), "Armas en la arqueología madrileña de la Antigüedad tardia". *Zona Arqueológica,* nº 8, 3 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 735-745

(2006b), "Arqueología funeraria de época visigoda en la Comunidad de Madrid: la toréutica". *Zona Arqueológica,* nº 8, 3 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 717-732

BATISTA, Álvaro; GASPAR, Filomena (2000), "A Necrópole Visigótica da Fonte Sapo". *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular,* 6, Porto, ADECAP, 633-640

BELTRÁN TORREIRA, Federico Mario (1986), "El concepto de Barbarie en la Hispania Visigoda". *Los Visigodos: Historia y Civilizacion. Antigüedad y Cristianismo. Monografias Historicas sobre la Antigüedad Tardia,* III, Universidad de Murcia, 53-60

BIERBRAUER, Volker (1997), "Les Wisigoths dans le royaume franc". *Antiquités Nationales,* 29, 167-200

BÖHNER, K (1958), *Die fränkischen Altertümer des Trier Landes,* Germanische Denkmäler der Völkerwanderungszeit, 1

(1978), "La chronologie des antiquités funéraires d'époque mérovingienne en Austrasie". Em: M. Fleury; P. Périn (eds.), *Problèmes de chronologie relative et absolue concernant les cimitières mérovingiens entre Loire et Rhin, Paris, 1973*, Paris, 7-12

BORGER, Hugo; HANSGERD, Hellenkemper (1979), *Tresórs romains - Trésors barbares. Industrie d'art à la fin de l' Antiquité et au début du Moyen Age.* Bruxelas

BOUCHER, François (1965), "Le costume en France sous les mérovingiens (481-572) et les carolingiens (752-987). " *Histoire du Costume en Occident, de l'Antiquité a nos jours*, Flammarion, 155-163

BROCHADO, C. R. L. (2004), *Povoamento Tardo-Romano e Altimedieval na Bacia Terminal do Rio Lima (século IV-XI).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia

apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Texto policopiado.

BROTÓNS YAGÜE, Francisco (1997), "La necropolis tardoantigua de Casa Noguera de Archivel (Caravaca de la Cruz, Murcia)". *Memorias de Arqueología,* 12, 397-408

BUGALHÃO, Jacinta (1998), "O povoamento rural no Alentejo: contribuição da arqueologia preventiva". *Revista Portuguesa de Arqueologia,* vol.1, nº 2, 123-136

(2004), "O abrigo tardo-romano da Vinagreira, Elvas - Arqueologia na Rede de Transporte de Gás: 10 anos de investigação". *Trabalhos de Arqueologia,* 39, 97-108

CABRÉ de MORÁN, Encarnación (1951), "La mas bella espada de tipo Alcacer do Sal de la necropolis de La Osera". *Revista de Guimarães,* 61, 3-4, 249-262

CABRÉ Y AGUILÓ, Juan (1937), "Broches de cinturón de bronce damasquinados con oro y plata". *Archivo de Arte y Arqueologia*, [13]:38, 93-126

CAMPOS, Manoel Joaquim de (1906), "Acquisições do Museu Ethnologico Português". *O Archeólogo Português,* XI, Lisboa, Imprensa Nacional, 284-295

CANDELAS COLODRÓN, César (2002), "Hidácio, obispo de Chaves? Iglesia, territorio y poder en el siglo V". *GALLAECIA*, 21, Santiago de Compostela, 287-294

CARDOSO, Guilherme (1991), *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais

CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José d'; TRINDADE, Lurdes (2001), "Cemitério Visigótico de Alcoitão". *al-madan*, II série, nº 10, 192

CARDOSO, João Luís; CARDOSO, Guilherme (1995), "A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar". *IV Reunió d' Arqueologia Cristiana Hispánica,* Barcelona, 407-414

CARDOSO, João Luís; CARDOSO, Guilherme; GUERRA, M. F. (1995), "A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico". *Estudos Arqueológicos de Oeiras,* 5, Câmara Municipal, 315-339

CARDOZO, Mário (1942), "Uma estação visigótica (?) no concelho de Chaves (S. Caetano – Freguesia de Couto de Ervededo)". *Revista de Guimarães,* 52, 237-256

(1961), "Citânia de Briteiros (29ª campanha arqueológica). *Revista de Guimarães,* 71, 451-454

(1967), "Elementos bibliográficos para o estudo da joalharia arcaica luso-espanhola". *Revista de Guimarães,* 77, 329-376

(1990), "Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso." *Revista de Guimarães,* 11ª ed., Sociedade Martins Sarmento, 8-57

CARNERO VÁSQUEZ, M. Ofelia (1995-96), "Los botones de bronce en el Museo Provincial de Lugo". *Boletín del Museo Provincial de Lugo,* VII, vol. 1, 171-179

CARREIRA, Júlio Roque (1990/92), "As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das Grutas do Poço Velho (Cascais)". *O Arqueólogo Português,* IV Série, VIII/X, Lisboa, Museu Etnográfico Português, 229-245

CARVALHO, António Rafael (2005), "Intervenção arqueológica no 'Mercado Velho' de Palmela. Primeiros resultados". *al-madan*, II série, nº 13, 3-18

CASAL GARCÍA, Raquel; PAZ LOBEIRAS, Rosa (1996), "Un collar de ámbar suévico enn Vigo". *GALLAECIA,* 16, Santiago de Compostela, 315-322

CORRADO, Margherita (2006), "La 'colomba' e il leone. Fortuna e persistenza di alcune immagini del bestiario altomedievale nelle fibbie da cintura dalla Calabria Bizantina". *IV Congresso Nazionale di Archeologia Medievale.* Siena, All' Insegna del Giglio, 431-435

CORREIA, Vergílio (1928), "Arte Visigótica". Em: Peres, Damião (dir.), *História de Portugal,* Edição Monumental da Portucalense Editora, Porto/Barcelos, 365-388

COSTA, P. Avelino Jesus da (1965), *Liber Fidei. Sanctae Bracarensis Ecclesiae.* Edição crítica, tomo I, Braga, Junta Distrital

(1997), *O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, 2ª edição, refundida e ampliada, vol. I, Braga

CRISTÓBAL RODRÍGUEZ, Rafael (1981), "Nuevo ajuar funerario de la necrópolis visigoda de Trillo". *W-al-H,* 425-429

CUNHA, Mélanie W. Espanha da (2004), *Silveirona: Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia sete décadas depois*, Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Texto policopiado.

(2008), "As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário à Antiguidade Tardia." *O Arqueólogo Português,* Suplemento 4, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

DANDRIDGE, Pete (2000), "Idiomatic and Mainstream: The Technical Vocabulary of a Late Roman Crossbow Fibula". *Metropolitan Museum Journal,* vol. 35, 71-86

DAVIDSON, Gladys R. (1943), "Jewelry from Visigothic Spain". *Record of the Museum of Historic Art,* Princeton University Art Museum, 13-15

DEPPERT-LIPPITZ, Barbara (2000), "A late antique crossbow fibula in the Metropolitan Museum of Art". *Metropolitan Museum Journal,* vol. 35, 39-70

DEUS, António Dias de; LOURO, P. Henrique da Silva; VIANA, Abel (1955), "Apontamento de Estações romanas e visigóticas da região de Elvas". *Separata de la Crónica,* Edición de la Sección de Arqueologia de la Instituición Fernando el Católico y la Secretaria General de los Congressos Nacionales, Zaragoza, 568-578

ESCRIVÁ TORRES, Vincent; SORIANO SÁNCHEZ, Rafaela (1992), "El área cementerial asociada a la Basílica de la Almoina". *Actas - III Congreso de Arqueología Medieval Española.* (Oviedo, 1989), 103-109

ESTACIO DA VEIGA, S. P. M. (1880), *Memórias das Antiguidades de Mértola,* Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Câmara Municipal de Mértola

FARIA, João Carlos (2002), "Ocupações romanas e tardo-romanas afectadas pelo regolfo de Alqueva. Bloco 11: do afluente do Álamo ao rio Degebe". *al-madan,* II série, nº 11, 139-144

FERNANDES, A. de Almeida (1997), *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas, A*rouca

FERNANDES, P. Almeida (2005), "Fragmento de placa de cinto". *Construindo a memória – As colecções do Museu Arqueológico do Carmo,* Lisboa, 286

FERNANDES, P. Almeida.; FERNANDES, C. Varela (2009), "Arte Medieval (séculos VI-XVI)". *Colecção António Olmos,* Cascais, 47-65

FERNANDEZ DEL CAMPO, M. del Cármen Priego (1971), "Nuevas Fíbulas Aquiliformes del Centro de España". *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia,* Ministério da Educação Nacional, Coimbra, 535-541

FERNANDEZ-GALIANO RUIZ, Dimas (1976), "Excavaciones en la necrópolis hispano-visigoda del Camino de los Afligidos". *Noticiario Arqueologico Hispanico,* 4, Madrid, 5-90

FERREIRA, Carlos J. Alves (1992), "A necrópole tardo-romana e visigótica da Pedreira. Rio de Moinhos – Abrantes". *Arqueologia Medieval,*1*,* 91-110

FERREIRO, Alberto (1986), "The omission of St. Martin of Braga in Jonh of Biclaro's Chronica and the Third Council of Toledo". *Los Visigodos: Historia y Civilizacion. Antigüedad y Cristianismo. Monografias Historicas sobre la Antigüedad Tardia,* III, Universidad de Murcia, 145-150

FIGUEIREDO, Fausto J. A. de; PAÇO, Afonso do (1974), "Placa de Cinturão Visigótica das Grutas de Cascais". *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropologia, Etnografia e Prehistoria*. Homenaje a Júlio Martinez Santa-Olalla, vol. II, tomo XXII, cuadernos 1-4, Madrid, 14-20

FONTES, Luís Oliveira (1993), "Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos do Concelho de Braga". *Mínia,* Braga, 3ª série, 1, 31-88

FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1953), *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique,* Instituto de Alta Cultura, Porto, Imprensa Portuguesa

GARAI-OLAUN, A. Azkarate (1994), "Algunas consideraciones sobre el siglo VII en el entorno circumpirenaico occidental". *1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Actas IV*. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 307-334

GASPAR, Filomena; BATISTA, Álvaro (2003), "O Sítio Arqueológico do Aneirão, Alvega". *Zahara,* nº 2, 33-36

GOMES, Mário Varela (2002), "A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves)". *Revista Portuguesa de Arqueologia,* vol. 5, nº 2, 339-391

GÓMEZ VILLA, Antonio (2003), "Una nueva «placa de cinturón» visigoda del Llano de la Consolación (Yecla, Murcia)". *Antigüedad y Cristianismo: Monografias Históricas sobre la Antigüedad Tardia,* nº 20, 465-468

GONÇALVES, Víctor S. (2008), *As ocupações Pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais),* Câmara Municipal de Cascais

GRAEN, Dennis (2007), "O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra*". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, nº 1, 275-288

HAUSCHILD, Theodor (1986), "Arte Visigótica." Em: Alarcão, Jorge de (dir. de) *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, volume I , Lisboa, Publicações Alfa, 149-169

(1997), "Milreu, Estói (Faro). *Villa* romana e santuário". *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar,* Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 407-413

HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix (2002), "Milreu - Ruínas". *Roteiros da Arqueologia Portuguesa,* Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico

HELENO, Manuel (1962), "A 'villa' romana de Torre de Palma (Monforte)". *O Archeólogo Português,* Nova Série, IV, Lisboa, Museu Etnográfico Português, 313-338

HENRIQUES, A. F. Xavier (1985), "Notícias archeologicas de Castro Marim". *O Archeólogo Português,* I Série, I, nº 5, Lisboa, Museu Etnográfico Português, 117-118

HERNÁNDEZ GARCÍA, Juan de Dios (1998), "La necrópolis tardorromana del Molino. Paganismo y Cristianismo en un mismo espacio cementerial (Águilas, Murcia)". *Memorias de Arqueología,* 13, Murcia, 171-210

HÜBENER, W. (1991), "Témoins archéologiques des Wisigoths en Espagne", *Gallo-Romains, Wisigoths et Francs en Aquitaine, Septimaine et Espagne, Actes des VIIe Journée internationales d'Archéologie mérovingienne, Toulouse, 1985,* Rouen, 133-139

INÁCIO, Isabel Maria B. (2005), *A necrópole de Vale de Condes, Alcoutim no contexto da Antiguidade Tardia do Algarve, D*issertação em Pré-História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Texto policopiado.

IZQUIERDO BENITO, Ricardo; IZQUIERDO BERTIZ, José M. (1977), "Excavationes en la necropolis altomedieval de Trillo (Guadalajara), 1972". *Noticiario Arqueologico Hispanico,* 5, Madrid, 402-406

IZQUIERDO BERTIZ, José M. (1992), "La transición del mundo antiguo al medieval en Vegas de Pedraza (Segovia)". *Actas - III Congreso de Arqueología Medieval Española.* (Oviedo, 1989), 89-95

JALHAY, Eugénio (1949), "O castro de S. Miguel (Amêndoa, Beira Baixa)". *Revista de Guimarães,* 59 (1-2), 137-148

JAMES, Edward (1989), "Burial and Status in the Early Medieval West". *Transactions of the Royal Historical Society,* 5th. Ser, vol. 39, 23-40

KAZANSKI, Michel (1991), *Les Goths (Ier-VIIe après J.-C).* Editions Errance, Paris

KAZANSKI, Michel; PÉRIN, Patrick (1997), "Les Barbares 'orientaux' dans l'armée romaine en Gaule". *Antiquités Nationales,* 29, 201-217

LANHAS, Fernando (1969), "O valioso espólio de Beiral integrado nas colecções do Museu de Etnografia e História". *Revista de Etnografia,* vol. XII, tomo 1, Porto 249-260

LEBEDYNSKY, Iaroslav (2001), *"Armes et guerriers barbares au temps des grandes invasions. IV au VI siècle après J.-C.".* Editions Errance

LEGUAY, Jean-Pierre (1993), "O Portugal Germânico". Em: Oliveira Marques, A. H. de (Coordenação de), *Nova História de Portugal. Das Invasões Germânicas à "Reconquista",* vol. II, Lisboa, Editorial Presença, 11-115

MACEDO, F. Newton (1928), "O Domínio Germânico". Em: Peres, Damião (dir. de), *História de Portugal,* Edição Monumental da Portucalense Editora, Porto/Barcelos, 291-361

MACIAS, Santiago (1996), *Mértola Islâmica. Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séculos XII-XIII)*, Campo Arqueológico de Mértola

MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio (1997), "Arqueologia Islâmica em Mértola". *Memórias Arabo-Islâmicas em Portugal,* Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 151-157

MACIEL, J. (2006), "A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711)". Em: Pereira, Paulo (dir. de) *História da Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Islão,* volume I, Círculo de Leitores, 101-147

MANTAS, Vasco Gil (1997), "As *Civitates*: esboço da geografia política e económica do Algarve romano". *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar,* Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 283-309

MARTíNEZ SANTA-OLALLA, J. (1934), "Notas para un ensayo de sistematización de la arqueología visigoda en España, Períodos Godo e Visigodo". *Archivo Español de Arte y Arqueologia*, [10]:29, 139-176

(1940), "Nuevas Fíbulas Aquiliformes Hispanovisigodas". *Archivo Español de Arqueologia***,** [14]:40, 33-54

MATTOSO, José (1992), "A Época Sueva e Visigótica". Em: Mattoso, J. (Coordenação de), *História de Portugal*. *Antes de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 302-359

MAYA GONZÁLEZ, José Luis (1985), "Necrópolis de Época Visigoda de Seca (Torrente de Sinca, Huesca)". *Bolskan: Revista de Arqueología del Instituto de Estudios Altoaragoneses,* nº 2, 173-186

MÉNDEZ MADARIAGA, A.; RASCÓN MARQUÉS, S. (1989), "Los Visigodos en Alcala de Henares". *Cuadernos del Juncal,* 1, Alcalá de Henares

(1992), "Complutum y el bajo Henares en época visigoda". *Actas - III Congreso de Arqueología Medieval Española.* (Oviedo, 1989), 96-102

MESQUÍRIZ DE CATALÁN, María Ángeles (1965), "Necrópolis visigoda de Pamplona". *Príncipe de Viana,* Pamplona, 43-90

MOLINERO PEREZ, Antonio (1948), "La Necropolis Visigoda de Duraton (Segovia). Excavaciones del Plan Nacional de 1942 y 1943", *Acta Arqueologica Hispanica*, IV, Madrid

MONTEIRO, Margarida (2003), *A necrópole romana de Casal de Pianos (S. João de Lampas, Sintra,* Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Texto policopiado.

MORILLO CERDÁN, Angel (1989), "Nueva aproximacion a los ajuares metalicos de la necropolis visigoda de Herrera de Pisuerga (Palencia)". *I Curso de Cultura Medieval. Actas,* Aguilar de Campoo, 233-251

MORÍN DE PABLOS, Jorge (2006), "Arqueología del poblamiento visigodo en el occidente de la Meseta Norte (Siglos V-VII)". *Zona Arqueológica,* nº 8, 1 (Exemplar

dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 175-215

MORÍN DE PABLOS, J.; BARROSO CABRERA, R.; LÓPEZ FRAILE, F. J.; LÓPEZ RECIO, M.; SÁNCHEZ HIDALGO, F. (2006), "Repertorio de yacimientos de época visigoda en la Comunidad de Madrid (ss. V al VIII d.C)". *Zona Arqueológica,* nº 8, 1. (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 55-91

MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS (1952), "Joias, pratas, relógios, miniaturas, esmaltes e diversos". *Catálogo-Guia,* Porto

NOLEN, Jeannette U. S. (1997), "*Balsa*, uma cidade romana no litoral algarvio". *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar,* Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 327-341

NUÑO GONZÁLEZ, Jaime (1989), "A proposito de dos fíbulas visigodas procedentes de Los Santos de La Humosa (Madrid)". *I Curso de Cultura Medieval. Actas,* Aguilar de Campoo, 177-217

OLIVEIRA, F. de P. e (1888-1892), "Antiquités pré-historiques et romaines des environs de Cascais". *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos,* II, Lisboa, 82-108

ORLANDIS, José (1981), "Del Mundo Antiguo al Medieval". *Historia Universal,* Tomo III, EUNSA, Pamplona

(2006), *Historia del Reino Visigodo Español.* Ediciones Rialp, Madrid

OSTOIA, Vera K. (1953), "A Ponto-Gothic Fibula." *The Metropolitan Museum of Art Bulletin,* New Series, vol. 11, nº 5, 146-152

PAÇO, Afonso (1960), "Vestígios de influência germânica no Concelho de Cascais". Separata de *Bracara Augusta,* 9, 1-15

PAÇO, Afonso do (1971), "As grutas do Poço Velho ou de Cascais". *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968),* vol. II, Lisboa, 79-126

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga (1951), "Antiguidades de Fontalva (Elvas). I. Fivela Visigótica". *Revista de Guimarães,* 61, 416-425

PAÇO, Afonso do; FIGUEIREDO, Fausto J. A. (1971), "Esboço arqueológico do concelho de Cascais". *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968)*, vol. II, Lisboa, 281-295

PAIVA, José Pedro (2000), "Geografia Eclesiástica. I. Época Medieval". Em: Azevedo, Carlos Moreira (Dir. de), *Dicionário de História Religiosa de Portugal,* C-I, Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 289-306

PALOL, Pedro de; RIPOLL, Gisela (1988), *Los Godos en el occidente europeo. Ostrogodos y Visigodos en les siglos V-VIII.* Ediciones Encuentro

PALOL SALELLAS, Pedro de (1950a), "Fibulas y Broches de Cinturón de Época Visigoda en Cataluña". *Archivo Español de Arqueologia***, [**23]:78, 73-98

(1950b), "Jarritos e Patenas Litúrgicos". *Bronces Hispanovisigodos de Origen Mediterráneo,* Barcelona

(1956), "Esencia del Arte Hispánico de Época Visigoda: Romanismo y Germanismo". *Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo. III, I Goti in occidente, problemi*, Spoleto, 65-126

(1966), "Demografia y Arqueologia Hispanicas de los siglos IV al VIII". *B.S.A.A.,* XXXII, 5-66

(1967), *"Arqueologia Cristiana de la España Romana. Siglos IV-V".* España Cristiana, Série Monográfica, Monumentos, vol. I, Instituto Enrique Flórez, Madrid-Valladolid

(1967), *L'art en Espagne: du royaume wisigoth a la fin de l'époque romane.* Flammarion, Madrid-Valladolid

(1969), "La necropolis de San Miguel del Arroyo y los Broches Hispanorromanos del siglo IV". *B.S.A.A.,* XXXIV-XXXV, 93-160

(1970), "Necropolis Hispanorromanas del Siglo IV en el Valle del Duero III. Los Vasos y Recipientes de Bonce". *B.S.A.A.,* XXXVI, 205-236

(1982), "Etat actual de la investigació de l'arqueologia paleocristiana hispànica". *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica,* Barcelona, 3-10

(1986), "Las excavaciones del conjunto de 'El Bovalar', Seros (Segria, Lerida) y el reino de Akhila". *Los Visigodos: Historia y Civilizacion. Antigüedad y Cristianismo.*

Monografias Historicas sobre la Antigüedad Tardia, III, Universidad de Murcia, 513-526

(1991), "Arte y Arqueologia". *España Visigoda – La Monarquia, La Cultura, Las Artes. Historia de España* (dir. Ramón Menéndez Pidal, dirigida por José María Jover Zamora), Tomo III, 2, Madrid, 269-428

PEIXOTO, Rocha (1902), *Guia do Museu Municipal do Porto.* Porto, Typographia Central

PEREIRA, Félix Alves (1908), "Novo material para o estudo da estatuaria e architetura dos castros do Alto-Minho". *O Archeólogo Português,* XIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 202-244

PEREIRA, Isabel Sousa (1997), "Santos Rocha e a Arqueologia do Algarve". *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar,* Ministério da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 45-57

PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando (1992), "Los cingulae militae tardorromanos de la Península Ibérica". *B.S.A.A,* LVIII, 239-261

(1996), "La cultura de Tchernjahov, la diaspora gotica e el peine de Cacabelos". , *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, LXII, 173-184

(1997), "Elementos de tipo bárbaro oriental y danubiano de época bajo-imperial en Hispânia". *Actas del Congreso Internacional "La Hispania de Teodósio",* 2, 629-647

PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando; VIÑÉ ESCARTÍN, Ana (1989), "Los 'cingula militiae' tardorromanos y el inicio de la presencia de tropas de origen germânico en 'Hispania' en los siglos IV y V". *I Curso de Cultura Medieval. Actas,* Aguilar de Campoo, 219-232

PÉREZ RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando; MONTES, M. A. Martin (1989), "De 'La Cañadilla' (Torre de Peñafiel, Valladolid) y la dualidad funeraria de epoca visigoda". *I Curso de Cultura Medieval. Actas,* Aguilar de Campoo, 161-176

PÉREZ TORRES, Carmen; TORO MOYANO, Isidro; RAYA DE CÁRDENAS, María A. (1992), "Necropolis hispanorromanas y visigodas en la provincia de Granada". *Actas - III Congreso de Arqueología Medieval Española.* (Oviedo, 1989), 121-127

PÉRIN, Patrick (1980), *La datation des tombes mérovingiennes. Historique, Méthodes, Applications*, Centre de Recherche d' Histoire et Philologie de la IVème Section de

l´École Pratique des Hautes Études, "Hautes Études Médiévales et Modernes", 39, Ginebra

(1998), "Possibilités et limites de l'interpretation sociale des cemitières mérovingiens". *Antiquités Nationales,* 30, 169-217

PIDAL PÉREZ, Silvia (2004), "El sector tardo-romano de la necrópolis de Segobriga (*Conventus Carthaginiensis,* Saelices, Cuenca)". *Iberia, Revista de la Antigüedad*, 7, 159-172

PINASA, Delphine (1992), *Costumes. Modes et manières d'être.* Tomo 1, Patrimoine Vivant, Rempart, Desclèe de Brouwer

PINHEIRO, José Henriques (1888), "Relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação do Castro de Avelãs, no mês de Fevereiro de 1887". *Revista de Guimarães,* 71-96

PIPONNIER, Françoise; MANE, Perrine (1995), *Se vêtir au Moyen Âge.* Adam Biro, Paris

PONTE, Salete da (2006), *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal.* Coimbra, Caleidoscópio

QUAST, Dieter (1999), "Garnitures de ceintures méditerranéennes à plaques cloisonnés des V et début VI siècles". *Antiquités Nationales,* 31, 233-250

QUIROGA, Jorge López; LOVELLE, Mónica R. (1999), "Topografía funeraria rural entre el Miño y el Duero durante la antiguedad tardia (s.V-VII); aproximacion a un marco cronológico y tipológico". *Madrider Mitteilungen,* Madrid, 40, 228-253

QUIROGA, Jorge López (2001), "Elementos 'foráneos' en las necrópolis tardorromanas de Beiral (Ponte de Lima, Portugal) y Vigo (Pontevedra, España): de nuevo la cuestión del siglo V d.C. en la Península Ibérica". *CuPAUAM,* 27, 115-124

(2004) *El Final de la Antiguedad en la Gallaecia, La Transformatión de las estructuras de Poblamiento entre Miño e Duero (séc. V al X).* Fundación Pedro Barrié de la Maza

RANDSBORG, Klavs (1992), "Barbarians, Classical Antiquity and the Rise of Western Europe: an Archaeological Essay". *Past and Present,* nº 37, The Cultural and Political Construction of Europe, 8-24

RAPOSO, Jorge; FREIRE, Patrícia (2001), "Sítios Arqueológicos Visitáveis em Portugal". al-madan, II série, nº 10, 100-157

REINHART, W. (1947), "Los anillos hispano-visigodos". *Archivo Español de Arqueologia*, [20]:68, 167-178

RIBEIRO, J. Cardim (1980-81), "A Plataforma de Pianos (S. João de Lampas). Notas Histórico-Toponímicas: Património Histórico-Cultural Concelhio (Notas Avulsas X). *Jornal de Sintra.* Sintra, nº 2409 a 2435 (17 de Outubro de 1980 a 24 de Abril de 1981)

RIGAUD DE SOUSA, J. J. (1968/70), "A Estação Arqueológica da Falperra. Notas para a sua história". Separata do *Arquivo de Beja,* vol. XXVI-XXVII, 1-10

(1973), "Subsídios para a Carta Arqueológica de Braga". *Studia Archaeologica,* 23

(1979), "Novas considerações sobre a necrópole do Beiral (Ponte de Lima)". *GALLAECIA,* 5, Santiago de Compostela, 293-304

RIPOLL LÓPEZ, Gisella (1985), *"La Necropolis Visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo)". Excavaciones Arqueológicas en España,* 142, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia

(1986), "Bronces Romanos, Visigodos y Medievales en el M.A.N.". *Boletín del Museo Arqueológico Nacional,* IV, Madrid, 55-82

(1989a), "Acerca de «Los visigodos en Alcalá de Henares»". *Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehistoria e Arqueología,* n º 2, 453-471

(1989b), "Características generales del poblamiento y la arqueología funeraria visigoda de *Hispania". Espacio, Tiempo y Forma, Serie I Prehistoria e Arqueología,* n º 2, 389-418

(1998), *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII D.C.).* Reial Academia de Bonnes Lletres, Barcelona

ROCHA, Hugo (1947), "O Porto e as suas colecções de relógios e objectos de ouro e prata". *Belora,* 12; 17

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1978), *Sepulturas Medievais no Concelho de Castelo de Vide.* Junta Distrital de Portalegre

RODRÍGUEZ MARTÍN, F.G.R.; QUIROGA, J.L. *et alli* (2000), "Fíbula aquiliforme tipo 'cloisonné' de la Villa Romana de Torre Águila, Barbaño (Badajoz). *Madrider Mitteilungen,* Madrid, 41, 395-409

RODRÍGUEZ RESINO, Álvaro (2003), "Aproximación á caracterización arqueolóxica da presencia xermánica na *Gallaecia* (S. V-VIII): os axuares funerarios". *GALLAECIA,* 22, Santiago de Compostela, 281-296

(2004), *Do Imperio Romano á Alta Idade Media. Arqueoloxía da Tardoantiguidade en Galicia (séculos V-VIII).* Serie Trivium, Editorial Toxoutos

SANDE LEMOS, Francisco (1987), "A Necrópole Medieval de S. Caetano, Chaves". *Cadernos de Arqueologia,* Série II, nº 4, Braga, 149-176

SANTOS, Ana Paula (2008), "Rome and the Barbarians. The bird of a new World". *Catálogo da Exposição,* Palazzo Grassi, Skira, 264-265; 681

SANTOS ROCHA, António dos Santos (1905). *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral: com indicação dos escriptos e desenhos que se têm publicado sobre muitos dos objectos catalogados.* Imprensa Lusitana, Figueira da Foz, 104

(1906), "Velho bronze dos arredores da Brenha". *Boletim da Sociedade Archaeologica Santos Rocha*, Tomo 1, nº 3, Imprensa Lusitana, Figueira da Foz, 99-100

SANTOS, H. Valente; ABRANCHES, P. Pereira (2002), "Ocupações do Período Medieval e Moderno nos Concelhos de Moura e Mourão". *al-madan*, II série, nº 11, 152-157

SASSE, B.; CASTELO RUANO, R.; RAMOS SÁINZ, M. L. (1995), "Las placas de cinturón "múltiple" hispanovisigodas. A propósito de la hallada en Saucedo, Talavera La Nueva (Toledo)". *Archivo Español de Arqueologia*, [68]:171/172; 165-187

SÉMAINVILLE, H. Gaillard de; VALLET, F. (1979), "Fibules et plaques-boucles mérovingiennes de la collection Febvre conservées au Musée des Antiquités Nacionales". *Antiquités Nationales,* n º 11, 57-77

SERRANO RAMOS, Encarnación; ALIJO HIDALGO, Francisco (1992), "Una necrópolis de época hispano-visigoda en las eras de Peñarrubia (Málaga)". *Actas - III Congreso de Arqueología Medieval Española.* (Oviedo, 1989), 110-120

SIDARUS, A.; TEICHNER, F. (1997), "Termas romanas no Gahrb Al-Ândaluz". *Arqueologia Medieval*, 5, 177-189

SILVA, Soledad de (1986), "La mas antigua iconografia medieval de los reys visigodos". *Los Visigodos – Historia y Civilizacion. Antigüedad y Cristianismo. Monografias Historicas sobre la Antigüedad Tardia,* Universidad de Murcia, 537-558

SIMPSON, C. J. (1976), "Belt-Buckles and Strap-Ends of the Later Roman Empire: a preliminary survey of several new groups". *Britannia,* 7, 192-223

SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA DA FIGUEIRA 1898-1910: Centenário. Figueira da Foz, Museu Municipal Dr. Santos Rocha (1999), 221

SUPIOT, J. (1934), "Papeletas sobre orfebrería bárbara". *B.S.A.A.,* IV, 43-59

THOMPSON, E. A. (1971), *Los Godos en España.* Alianza Editorial, Madrid

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1997), "A Islamização do Gharb al-Andus". *Memórias Arabo-Islâmicas em Portugal,* Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 29-45

TRANOY, A. (1974), *Hydace*: *Chronique*. *Tome I, Introduction, texte critique, traduction.* Paris, Les Éditions du Cerf, 29

(1981), *La Galice Romaine: recherches sur le nord-ouest de la peninsule ibérique dans l'Antiquité,* Diffusion de Boccard, Paris

VALDEZ, Joana; PINTO, Filipa; NISA, João (2008), *Carta Arqueológica do Concelho de Nisa. Fase II. Relatório Final*, 2 vol. Texto policopiado.

VALLALTA MARTíNEZ, Pilar (1988), "Dos objetos de bronce de epoca visigoda en el yacimiento de Begastri (Cehegin, Murcia). Estudio y restauracion". *Antigüedad y Cristianismo: Monografias Históricas sobre la Antigüedad Tardia,* nº 5, 303-314

VASCONCELOS, José Leite de (1913), *Religiões da Lusitânia,* vol. III, Lisboa, 577-589

(1915), *História do Museu Etnológico Português,* Lisboa, 33-34; 192-195

(1920), "Anel de Ouro de época visigótica". *O Archeólogo Português,* 1ª Série, XXIV, Lisboa, 275-276

(1932-34), "Antigualhas do Museu Etnológico". *Revista de Arqueologia,* vol. I, Lisboa 4-5

VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1949), "O conjunto visigótico de Alcaria (Caldas de Monchique)". Separata dos nº. 33-34 da *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares e Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, Lisboa, 1-7

VIANA, A. (1953), "A propósito de uma espada do Museu de Beja". *Revista de Guimarães,* 63, 183-191

(1955), "Apontamentos de Estações Romanas e Visigóticas da Região de Elvas (Portugal)". *Separata do III Congreso Arqueologico Nacional,* Galicia, 568-578

(1960), "Suevos e Visigodos no Baixo Alentejo". Separata de *Bracara Augusta,* vol. 9-10, 1-15

(1961), *Necrópole romano-suévica (?) de Beiral: Ponte de Lima - Viana do Castelo.* Câmara Municipal de Viana do Castelo

VIVES, José (1969), *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda.* Barcelona

YOUNG, Bailey (1977), "Paganisme, christianisation et rites funéraires mérovingiens". Archéologie Médiévale, Tome VII, Centre de Recherches Archéologiques Médiévales, 5-81